

Ratio Institutionis

da

Sociedade do Apostolado
Católico

Roma, 2004

© Sociedade do Apostolado Católico
Piazza San Vincenzo Pallotti, 204
00186 Roma
Itália

ÍNDICE

Carta do Reitor Geral
Abreviações
Introdução geral

***PRIMEIRA PARTE* – ESPIRITUALIDADE E IDENTIDADE PALOTINA**

CAPÍTULO I – A FORMAÇÃO PALOTINA NO PENSAMENTO E NA PRÁTICA

DO FUNDADOR

A pastoral vocacional
O Postulado
O Período Introdutório
A preparação para o ministério ordenado e para consagração perpétua
A formação permanente
S. Vicente Pallotti como Diretor Espiritual
Alguns critérios a serem considerados na formação palotina

CAPÍTULO II – AS CONSTANTES DA ESPIRITUALIDADE PALOTINA

O Deus em quem acreditamos
O Cristo que seguimos
O Espírito que nos impele
Maria que nos acompanha
A UAC: o nosso modo de ser Igreja
Servir o mundo no qual vivemos

CAPÍTULO III – A VISÃO INTEGRAL DA PESSOA

Concepção teológica da pessoa
A concepção da pessoa segundo Pallotti
A vocação cristã: um chamado e uma resposta
Os fatores psicossociais que incidem na caminhada vocacional
O desenvolvimento humano
A visão cultural da pessoa
Ao longo do percurso formativo
Conclusão

CAPÍTULO IV – A CONSAGRAÇÃO PALOTINA

O conteúdo teológico e jurídico da consagração
Um lance de olhos sobre a consagração palotina

O desenvolvimento do pensamento de S. Vicente Pallotti quanto à consagração
No sentido da caminhada formativa

SEGUNDA PARTE – AS ETAPAS DA FORMAÇÃO PALOTINA

CAPÍTULO V – O DISCERNIMENTO DA VOCAÇÃO

A PASTORAL VOCACIONAL

O objetivo e os desafios
O conceito, o conteúdo e a pedagogia da etapa
A pessoa chamada
Os formadores e o ambiente educativo
Os métodos e os meios

O POSTULADO

O objetivo e os desafios
O conceito, o conteúdo e a pedagogia da etapa
A pessoa chamada
Os formadores e o ambiente educativo
O método e os meios
Algumas aplicações práticas

CAPÍTULO VI – O PERÍODO INTRODUTÓRIO E A PREPARAÇÃO PARA A PRIMEIRA CONSAGRAÇÃO

O objetivo e os desafios
O conteúdo e a pedagogia
O conceito da etapa
A pessoa chamada
Os formadores e o ambiente educativo
Os métodos e os meios

A dimensão humana

A dimensão espiritual

A dimensão comunitária

A dimensão apostólica

A dimensão carismática

As aplicações práticas

CAPÍTULO VII – A PREPARAÇÃO PARA O MINISTÉRIO ORDENADO E PARA A CONSAGRAÇÃO PERPÉTUA

O objetivo e os desafios
O conceito, o conteúdo e a pedagogia da etapa
A pessoa chamada
Os formadores e o ambiente educativo

Os métodos e os meios
A dimensão humana
A dimensão espiritual
A dimensão intelectual
A dimensão apostólica
A dimensão comunitária
A dimensão carismática
Aplicações práticas

CAPÍTULO VIII – A FORMAÇÃO PERMANENTE

Introdução

OS PRIMEIROS ANOS

O objetivo e os desafios
O conteúdo, a pedagogia e o conceito da etapa
A pessoa chamada
Os formadores e o ambiente educativo
Os métodos e os meios

A MEIA-IDADE

O objetivo e os desafios
O conteúdo, a pedagogia e o conceito da etapa
A pessoa chamada
Os formadores e o ambiente educativo
Os métodos e os meios

A IDADE AVANÇADA

O objetivo e os desafios
O conteúdo, a pedagogia e o conceito da etapa
A pessoa chamada
Os formadores e o ambiente educativo
Os métodos e os meios

Documentos eclesiais e palotinos sobre a formação (bibliografia)

Índice Analítico

Societas Apostolatus Catholici

PALLOTTINI



Rector Generalis

A TODOS OS COIRMÃOS DA SOCIEDADE DO APOSTOLADO CATÓLICO

Caros coirmãos,

a 25 de março de 1996, há oito anos, foi publicado o documento pós-sinodal *Vita Consecrata*. No n. 68, os Padres Sinodais “*encarecidamente solicitaram a todos os Institutos de vida consagrada e às Sociedades de vida apostólica que elaborassem quanto antes uma **ratio institutionis**, isto é, um projeto de formação inspirado no carisma institucional, no qual se apresentasse de forma clara e dinâmica o caminho a seguir para assimilar plenamente a espiritualidade do próprio Instituto*”.

Há seis anos, em resposta à decisão da XVIII Assembléia Geral, o Conselho Geral instituiu o Secretariado Geral para a Formação e lhe confiou a tarefa de preparar uma *Ratio Institutionis*.

Há quatro meses, o Secretariado Geral para a Formação reuniu-se em Roma para efetuar a revisão final do texto da nossa *Ratio*, em conformidade com as sugestões e as solicitações do Conselho Geral.

A 25 de junho de 2004 o Conselho Geral aprovou o texto final em língua italiana para utilização imediata em todos os programas formativos da Sociedade, desde a formação inicial até a permanente. Cada membro deveria ter um exemplar desta *Ratio* para estudo e renovação pessoal nos elementos substanciais do nosso estilo de vida. Espera-se que a tradução nas outras línguas oficiais da Sociedade aconteça o mais depressa possível.

Qual é o sentido desta aprovação?

O Conselho Geral, consciente do contínuo desenvolvimento dos desafios formativos no mundo de hoje, dá-se conta da necessidade de atualizar os textos de formação e, por isso, está de parecer que se reveja periodicamente a *Ratio Institutionis da nossa Sociedade*. O texto atual permanecerá em uso por seis anos. Durante este período de tempo o Secretariado Geral para a Formação terá a possibilidade de individualizar

as modificações e os aperfeiçoamentos necessários, de forma que se possa publicar uma *Ratio* atualizada ao término da Assembléia Geral de 2010.

Valho-me da ocasião para agradecer aos membros do Secretariado Geral para a Formação por sua preciosíssima contribuição às necessidades e aos desafios da formação em nossa Sociedade. Os membros do Secretariado são os padres Jacob Nampudakam (Índia), Secretário Geral para a Formação; Jeremiah Murphy (Irlanda), Secretário; Paulo Rheinbay (Alemanha); Julio Endi Akamine (S. Paulo); Stanislaw Stavicki (Ruanda); e Josef Lasak (Polônia). Assessor da parte do Conselho Geral, Cazimierz Czulak. Em nome de todos expresso a eles um agradecimento sincero.

Rezamos por que esta *Ratio* torne cada membro capaz de redescobrir o caminho de um oferecimento de si a Deus sempre mais autêntico e generoso e de o fazer recair sobre os outros com maior serenidade, simplicidade e riqueza de graça (cfr. VC, 70). Rezamos também por que ela oriente todo coirmão na caminhada no sentido da santidade e do espírito missionário com o dom do Espírito Santo, herdado do nosso Fundador.

Maria, Rainha dos Apóstolos, nos leve à fidelidade criativa a tudo aquilo para que fomos chamados a ser nesta vida de Padres e Irmãos Palotinos.

Séamus Freeman, SAC
Reitor Geral

Jacob Nampudakam, SAC
Secretário Geral

Roma, 4 de julho de 2004

ABREVIACÕES

AA	<i>Apostolicam Actuositatem</i> – Concílio Vaticano II
ASAC	Acta Societatis Apostolatus Catholici (Revista oficial)
CG	SOCHA, H., <i>Commentario Giuridico</i> , Roma 2002
CIC	Código de Direito Canônico
DG	<i>Directive generali per la formazione nel Periodo Introduttorio SAC</i> , Roma 1987
DV	<i>Dei Verbum</i> – Concílio Vaticano II
GS	<i>Gaudium et spes</i> – Concílio Vaticano II
LG	<i>Lumen Gentium</i> – Concílio Vaticano II
LSAC	Lei da SAC, Roma 2001
NMI	<i>Novo Millenio ineunte – Carta Apostólica</i> , 2001
OCL	Opere Complete Lettere (Obras Completas Cartas) – S. Vicente Pallotti
OOCC	Opere Complete (Obras Completas) – S. Vicente Pallotti
OT	<i>Optatam Totius</i> – Concílio Vaticano II
PC	<i>Perfectae Caritatis</i> – Concílio Vaticano II
PDV	<i>Pastores Dabo Vobis</i> – Exortação apostólica pós-sinodal, 1992
PI	<i>Potissimum Institutioni</i> – Diretrizes sobre a formação nos Institutos religiosos, 1990
RC	<i>Renovationis causam</i> – Instrução para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, 1969
RD	<i>Redemptionis donum</i> – Exortação apostólica, 1984
RdC	<i>Partir de Cristo</i> – Instrução para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, 2002
SAC	Sociedade do Apostolado Católico
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i> – Concílio Vaticano II
UAC	União do Apostolado Católico
VC	<i>Vita Consecrata</i> – Exortação apostólica pós-sinodal, 1996

RATIO INSTITUTIONIS DA SOCIEDADE DO APOSTOLADO CATÓLICO

*“Os Padres sinodais solicitaram com insistência a todos os Institutos de vida consagrada e às Sociedades de vida apostólica que elaborassem, quanto antes, uma ratio institutionis, isto é, um projeto de formação inspirado no carisma institucional, no qual se apresentasse **de forma clara e dinâmica o roteiro a ser seguido a fim de assimilar em sua totalidade a espiritualidade do próprio Instituto.** A ratio hoje vem de encontro a uma verdadeira urgência: de uma parte ela indica o modo de transmitir o espírito do Instituto, para que ele seja vivido na sua genuinidade pelas novas gerações, na diversidade das culturas e das situações geográficas; de outra parte ela torna claros às pessoas consagradas, ao progredirem no sentido da plena maturidade da fé em Cristo Jesus, os meios para viverem o mesmo espírito, nas diversas fases da existência”.*

[Vita consacrata, nº 68]

“Uma vez que a formação se orienta no sentido da realização do desenvolvimento integral da pessoa humana, na sua dúplici essência natural e sobrenatural, assim também a nossa formação deve ter em vista o incremento total da pessoa religiosa na dedicação total ao ideal apostólico da nossa Sociedade. Três são os estádios sucessivos que podem distinguir-se em tal formação. Antes de tudo, os primeiros anos de tirocínio, durante o postulado e o noviciado, que preparam para a primeira consagração. Vem depois aquele desenvolvimento que se verifica nos anos da profissão temporária, para culminar na definitiva doação de si mesmo a Deus e à Sociedade na qualidade de padre ou de irmão. Temos, enfim, a formação posterior – a formação permanente - que, em nossa época, é de grandíssima importância para a vida religiosa e para o apostolado. Só quando tal programa de formação vier a **constituir um conjunto único harmonicamente integrado**, poderemos considerá-lo capaz de responder às exigências dos tempos modernos”

[“A nossa formação em geral”, n. 4, Documentos do XII Capítulo Geral Extraordinário]

INTRODUÇÃO GERAL

1. **[Caminho para a maturidade]** O processo de formação é viagem, êxodo, progresso, crescimento em direção à unidade e à integração. De um ponto de vista filosófico, a pessoa é um ser incompleto mas perfectível e pode sempre amadurecer num nível mais elevado. Como na vida física se progride da infância, através da adolescência, para a maturidade, assim também no reino do espírito pode-se e deve-se ir crescendo. Os grandes mestres do espírito, os profetas hebreus, os gurus e os ‘roshi’ orientais falam de caminhada, de viagem, de itinerário, de progresso, de etapas, de escalada e de desenvolvimento. Todos estes termos supõem e revelam tempo, história e duração. O amadurecimento humano portanto supõe tempo. Toda vida é uma caminhada constante em direção da maturidade, que, entretanto, não se alcança sem uma formação permanente¹.
2. **[Um começo permanente]** As seis dimensões da formação para a vida consagrada (humana, intelectual, espiritual, apostólica, comunitária e carismática) não são separadas, mas juntas constituem a formação **integral**. Desenvolvem-se ao mesmo tempo e todas são indispensáveis para a formação de um bom palotino². À integração, porém, não se chega de uma vez por todas. É um processo permanente. A dimensão humana, chamada também relacional afetiva, é a base da formação; a intelectual é seu instrumento; a espiritual é o coração e a pastoral é o objetivo³.

¹ Cf. VC, nº 69

² Durante uma das reuniões do Conselho do Instituto São Vicente Pallotti (em Roma) foi levantado o problema de qual seria o uso dos termos ‘palotino’ e ‘palotiano’. Após consulta a peritos e longa discussão, foi proposta a adoção do seguinte uso destes termos: ‘palotiano’, como adjetivo para tudo que se refira a Pallotti e aos palotinos; ‘palotino’ só para as pessoas, os palotinos e as palotinas. Foi observado que este problema diz respeito só as expressões em língua italiana, porque nas outras línguas se usa a mesma palavra (palotino). Cfr. *Apostolato Universale*, Revista semestral do Instituto S. Vicente Pallotti, nº 9, 2003, p. 87. *Nota do tradutor*: Para a língua portuguesa, de fato, não foi posta ainda a questão, por isso, será usado, nesta tradução, somente o termo ‘palotino’.

³ Cfr. VC, nº 65.

3. **[Um processo gradual]** Portanto a formação é um processo gradual e unitário que se desenrola ao interior da vocação à vida consagrada em sentido dinâmico-relacional e se torna princípio que unifica toda a pessoa, harmonizando todas as dimensões do ser, da biológica à psicológica e espiritual. A formação é um processo evolutivo, que permeia cada degrau da maturação pessoal, desde o psicológico e espiritual até o teológico e pastoral⁴; abrange toda a pessoa com o objetivo final da transformação de toda a pessoa⁵, que se configura e se desenvolve em união com Cristo⁶
4. **[Objetivo da formação]** Esses aspetos devem ser integrados na formação palotina como está previsto na Lei Fundamental: “A formação, na nossa Sociedade, tem como objetivo auxiliar os membros no desenvolvimento da própria personalidade e da própria vocação, a fim de que cada qual possa atingir a sua plena maturidade humana, progredir na imitação de Cristo, tornar-se apto para as obras da Sociedade e ser, desta maneira, um membro ativo da comunidade”⁷.
5. **[O ponto de integração]** Toda dimensão da formação palotina – humana, intelectual, espiritual, apostólica, comunitária e carismática – encontra seu ponto de integração em Cristo, Apóstolo do Eterno Pai. A formação palotina integrada confere pois ao candidato a possibilidade de adquirir uma auto-identidade positiva, consistente e realista como ser humano, como cristão e como palotino. O meio essencial para alcançar tal objetivo é a mais perfeita imitação de Jesus, Apóstolo do Eterno Pai, verdadeiro homem, verdadeiro Deus, do Homem-Deus acabado exemplar da perfeição cristã⁸.
6. **[História dos esforços no campo da formação]** Na história da nossa Sociedade a *ratio* atual é o segundo documento que abrange

4 Cfr. VC, n° 65

5 Cfr. VC, n° 65

6 Cfr. S. Bisignano, “Formazione alla vita religiosa” in T. Goffi, A Palazzini, *Dizionario teologico della vita consacrata*, Milano, Editrice Ancora, 1994, p. 767.

7 LSAC, n° 67.

8 Cfr. OCCC III, pp. 36-37.

todas as etapas da formação palotina. O primeiro foi impresso em 1963, em latim, sob o título *Ratio Educandi Societatis Apostolatus Catholici*. Em anos posteriores saíram os documentos: *Direttive Generali della Formazione nel Periodo Introduttorio* (1987), *Direttive per la Formazione Sacerdotale degli Studenti di Filosofia e Teologia* (1989) e *I Fratelli della Società dell'Apostolato Cattolico* (1995). De acordo com a resolução da XVIII Assembléia Geral da Sociedade⁹, o Conselho Geral constituiu o Secretariado para a Formação em 31 de março de 1999, nomeando para ele os seguintes confrades membros: Pe. Jacob Nampudakam (NA), Secretário Geral; Pe. Jeremiah Murphy (IR.AR.), Secretário; Pe. Paul Rheinbay (LM), Pe. Julio Endi Akamine (SP), Pe. Stanislaw Stawicki (RW) e Pe. Josef Lasak (WA). O agente de ligação entre o Conselho Geral e o Secretariado para a Formação foi o Pe. Kazimerz Czulak (PN), Consultor Geral. A XVIII Assembléia Geral deu-se conta da necessidade de renovar a formação em todos os níveis, como resposta à solicitação da Exortação Apostólica Pós-sinodal de João Paulo II *Vita Consacrata*, e que, por tal motivo, era necessário elaborar a *ratio institutionis* da Sociedade¹⁰. O Conselho Geral confiou esta tarefa específica ao Secretariado Geral para a formação, cujos membros se lançaram imediatamente ao trabalho e desenvolveram este texto, fruto da sua dedicação pelo espaço de cinco anos. O VII Congresso Consultivo dos Superiores Maiores, realizado em Konstancin na Polônia, de 1º a 10 de outubro de 2002, foi o evento recente na vida da Sociedade que deu um ulterior impulso à formação. Os participantes mais uma vez propuseram, como temas da XIX Assembléia Geral, diversificados aspectos da formação¹¹.

7. [Um perfil palotino] A XVIII Assembléia Geral insistiu também em que “se enriquecesse a formação palotina com a recíproca colaboração entre a SAC e as outras entidades da UAC¹²,

⁹ “O Conselho Geral institua junto do Generalato um Secretariado para a Formação”, *Documento Final da XVIII Assembléia Geral*, Roma, 1999, nº 6.2.1, p. 38.

¹⁰ Cfr. *Documento Finale della XVIII Assemblée Generale*, 7. 1. Vide também *VC*, nº 68.

¹¹ Cfr. *Documento Finale del VII Congresso Consultivo dei Superiori Maggiori*, Konstancin, Polônia, 1-10 de outubro de 2002, Roma 2002, p. 14.

¹² Lembremos que S. Vicente Pallotti deu à sua Fundação diversos nomes: ‘Pia União’, ‘Pia Sociedade’, ‘Pia Associação’, ‘Pia Instituição Apostólica’, ‘Pia Sociedade Secular (Leiga) de

procurando a maior compreensão e clareza possível da nossa identidade, do nosso carisma, da vida comunitária e da nossa missão. Atenção e ação especial deve ter-se pela formação dos Formadores”¹³, principalmente no espírito do nosso carisma palotino. No que se refere às diretivas da Assembléia Geral, o Secretariado para a Formação se aplicou vigorosamente para que um perfil tipicamente palotino fosse a característica especial de toda a *ratio institutionis*.

8 [Um princípio unificador] Os três temas de grande importância para toda a fundação palotina hoje são a União do Apostolado Católico, a identidade palotina e a formação. Nós somos solicitados a levar a visão originária de São Vicente Pallotti à realização plena e a torná-la atual. Porque, efetivamente, Pallotti se esforçou “... por interessar o maior número possível de fiéis no sentido de que uma quantidade de cristãos zelosos se unisse para formar uma pia União”¹⁴, a fim de procurar “... com o clero secular, com o clero regular e com os leigos de ambos os sexos ... a multiplicação dos meios espirituais e temporais necessários e oportunos para reavivar a fé e reacender a caridade entre os católicos e propagá-la em todo o mundo”¹⁵. Pallotti queria uma mobilização geral para a evangelização. Ele desejava ardentemente que, no *substancial constitutivo do verdadeiro espírito da mais perfeita caridade*, todos, em toda a parte, com todos os meios e em todas as necessidades, conforme a própria vocação, adquirissem disponibilidade total para todas as iniciativas do anúncio do evangelho de Jesus. O que Pallotti queria não era só um novo modelo operativo, mas um modo de ser *Igreja como casa e escola de comunhão*, um modo de ser do qual, porém, até o Concílio Vaticano II, faltavam as linhas teológicas e jurídicas. Esta visão profética de Pallotti foi reconhecida e afirmada finalmente em 14 de novembro

Fiéis’, ‘Clarim (‘tromba) Evangélico’, ou, ainda, ‘Corpo Auxiliar da Igreja’. Em 1971, a Assembléia Geral da SAC escolheu um só nome, o de ‘União do Apostolado Católico’; cfr. *Memória e Profecia da União do Apostolado Católico*, Roma, 1993, n° 25; Séamus Freeman, *In un Dinamismo di Fedeltà*, Roma, 1996, n° 25.

¹³ Documento *Finale della XVIII Assemblea Generale*, op. cit., n.7. 1, p. 41.

¹⁴ OOCC IV, p. 123.

¹⁵ OO CC VII, p. 3.

de 2003, quando o Pontifício Conselho para os Leigos decretou: **a)** a ereção da União do Apostolado Católico como associação pública internacional de fiéis de direito pontifício, com personalidade jurídica, de acordo com os cânones 298-320 e 327-329 do Código de Direito Canônico; **b)** a aprovação do Estatuto Geral por um período *ad experimentum* de cinco anos¹⁶.

9. **[SAC – parte integrante da União]** A escolha do tema da XIX Assembléia Geral – *A Sociedade do Apostolado Católico*: “...é parte integrante da União do Apostolado Católico”¹⁷ – é, por isso, realizada com a intenção de tratar estes assuntos fundamentais. Ao passo que a Lei da Sociedade do Apostolado Católico e o Estatuto da União do Apostolado Católico definem claramente a espiritualidade palotina, seu carisma e sua identidade, é tarefa da formação integral assegurar a interiorização dos valores palotinos essenciais. Por isso, um dos desafios fundamentais que devemos enfrentar é a formação adequada às diversas fases da vida, com especial atenção à natureza espiritual, antropológica e comunitária do nosso carisma¹⁸. A formação, como já dissemos, é uma viagem e um êxodo no sentido da unidade e da integração. Neste processo sem termo, a formação é responsabilidade tanto da Comunidade como de cada membro: “A formação dos membros é uma tarefa grave e contínua para toda a Sociedade, mas também os membros individualmente devem sentir-se pessoalmente responsáveis pela própria formação participando dela ativamente”¹⁹. A *ratio* atual é a resposta àquela “tarefa grave e contínua” que cabe à Sociedade de formar os seus membros. O êxito desta formação será determinado na medida em que cada candidato e os membros forem motivados para responder ao apelo “para aprofundar continuamente o amor e o compromisso para com a essência espiritual e apostólica da nossa realidade de vida”²⁰. Isto significa “viver plenamente a própria vocação na União, para melhor servir a Igreja e a humanidade

¹⁶ Cfr. *Statuto Generale dell'Unione dell'Apostolato Cattolico*, Roma, 2003, p. 11.

¹⁷ *LSAC*, n° 1.

¹⁸ Cfr. *Statuto Generale dell'Unione dell'Apostolato Cattolico*, ‘Premessa storica’, pp. 4-5.

¹⁹ *LSAC*, n° 70.

²⁰ Seamus Freeman, *In un dinamismo di Fedeltà*, Roma 1996, n° 2.

toda”²¹. Nutrímos a esperança de que a atual *ratio* seja fonte de inspiração e forneça elementos úteis para o crescimento.

10. **[Primeira parte]** O conteúdo desta *ratio institutionis* se divide em duas partes: a primeira parte apresenta a base para desenvolver uma pedagogia de formação integral palotina; a segunda trata das fases da formação. O Capítulo I começa com a análise de Pallotti como formador. O texto apresenta, de modo original, a sua concepção da formação dos membros de toda a fundação. Segue, no Capítulo II, um exame aprofundado dos aspetos fundamentais da espiritualidade e do carisma palotino, com o objetivo de definir a nossa identidade da maneira mais clara possível. A eficácia do projeto formativo dependerá em grande parte da clareza e da convicção desenvolvidas nos membros e nos candidatos sobre o nosso carisma e a nossa identidade. Ao mesmo tempo, é absolutamente fundamental a compreensão da pessoa que responde à chamada divina para seguir a Cristo de perto na nossa vida comunitária e que nela entra. O Capítulo III – a visão integral da pessoa – apresenta alguns elementos de antropologia cristã e palotina. Não quer ser um estudo exaustivo de tema tão importante. Especialmente relevante é que nos escritos do nosso Fundador podemos descobrir todos os elementos essenciais de uma completa e adequada antropologia. A primeira parte da *ratio* prossegue depois com o exame, no Capítulo IV, da consagração palotina, do seu significado e das suas implicações na formação. Ela termina com uma conclusão em que, à luz das precedentes considerações, sintetiza o objetivo da formação integral palotina.
11. **[Segunda parte]** A segunda parte da *ratio* divide-se da seguinte forma: **a.** o objetivo e os desafios que determinam o alvo da formação em cada fase; **b.** o conteúdo e a pedagogia que lhe descrevem em detalhe o conceito, as características da pessoa chamada, os formadores, as condições contextuais exigidas, os métodos e os meios para levar a efeito a formação; **c.** os instrumentos práticos para a formação. Os períodos considerados

²¹ Cfr. *Statuto Generale dell'Unione dell'Apostolato Cattolico*, Roma 2003, n° 36.

são: discernimento vocacional, postulado, período inicial e preparação para a consagração, período letivo e preparação para a consagração perpétua, formação permanente.

12. **[Uma *ratio universal*]** O desafio real na preparação de uma *ratio institutionis* para toda a Sociedade é que ela deve ser suficientemente universal e, ao mesmo tempo, de tal modo específica e pertinente, que possa ser útil às diferentes culturas e situações existentes nas diversas Províncias e Regiões da Sociedade. Nós esperamos que o seu conteúdo essencial e a sua adaptação pedagógica favoreçam a elaboração de eficazes projetos formativos, contextualizados nas nossas Províncias e Regiões²².

13. **[Garantia da unidade]** Ao se formularem os programas formativos das diversas Províncias e Regiões, conforme as “necessidades do apostolado, as condições de vida e as culturas locais”, a nossa lei estabelece que “as normas fundamentais da formação sejam as mesmas para toda a Sociedade”. A presente *ratio institutionis*, aprovada pelo Conselho Geral, oferece certamente as orientações gerais para uma formação palotina e garante a sua unidade para toda a Sociedade²³.

²² Cfr. *LSAC*, n° 72, 110, 303, Apêndice III cifra 7 e 52. “As Assembléias Provinciais ou o Conselho Provincial têm a tarefa de estabelecer, com o assessoramento de peritos, os programas de formação na Província e de mandá-los aprovar pelo Conselho Geral. Na sua elaboração as Províncias não só devem considerar as exigências do apostolado e as condições sócio-culturais da própria região mas também ater-se às diretivas da respectiva Conferência Episcopal” – Hubert Socha, *Commentario Giuridico alla Legge della Società dell’Apostolato Cattolico*, Roma, 2002, n° 830.

²³ Cfr. *LSAC*, n° 71.

PRIMEIRA PARTE

**ESPIRITUALIDADE E IDENTIDADE
PALOTINA**

CAPÍTULO I

A FORMAÇÃO PALOTINA NO PENSAMENTO E NA PRÁXIS DO FUNDADOR

14. **[A identidade palotina]** A Sociedade do Apostolado Católico se empenhou em cultivar a identidade palotina em toda a sua história e pretende cultivá-la ainda hoje¹. Ela a mantém e a desenvolve, prolongando o espírito e o projeto apostólico de S. Vicente Pallotti. A presente *ratio institutionis* situa-se nesta perspectiva.
15. **[História da formação palotina]** A formação na Sociedade do Apostolado Católico tem uma história², que confirma a continuidade entre experiência espiritual e pedagógica do Fundador e as novidades descobertas ao longo do caminho e assumidas em vista de um serviço mais consciente e eficaz.
16. **[A ação formadora de Pallotti]** A ação formativa de S. Vicente Pallotti era sem dúvida fruto de sua santidade e de sua formação pessoal³. É verdade que ela carrega as marcas do contexto histórico, mas tem também as características de uma longa paciência que lhe vem da leitura da própria experiência espiritual, das mudanças que se operavam e da docilidade às sugestões das autoridades eclesiásticas.

¹ “[...] é preciso que a identidade de cada instituto seja conservada com tal segurança, que se possa evitar o perigo de uma situação não suficientemente definida, pela qual os religiosos, sem a devida consideração pelo especial estilo de ação próprio de sua índole, venham a inserir-se na vida da Igreja de modo vago e ambíguo”, *Mutuae Relationes*, nº 11, *Enchiridion Vaticanum 6*, Documentos Oficiais da Santa Sé 1977-1979, EDB, 1980, p. 451.

² Cfr. Società dell’Apostolato Cattolico, “Direttive generali della formazione nel periodo introduttorio”. ASAC, vol. XII, pp. 442-444.

³ Uma das melhores inteligências italianas, Antônio Rosmini-Serbatì (1797-1855), fala da seguinte maneira sobre a formação pessoal de Vicente: “Grande perda foi certamente para Roma a do piússimo Abade Pallotta (sic), homem que fazia grande bem às almas, e que eu mesmo consultei para orientação de minha vida espiritual e obtive ótimos conselhos. São homens raros, que só Deus forma com sua graça, e envia como um dom para a terra para proveito de muitos. Deles está escrito *multitudo autem sapientium sanitas est orbis terrarum*, ‘a multidão dos sábios é a salvação do mundo’” (Sb 6,24); Antônio Rosmini-Serbatì, *Epistolario Completo*, volume X, p. 767.

Tudo isto contribuiu para propor um itinerário cristão significativo e original para as exigências que decorrem do processo de formação.

17. **[O trinômio palotino]** Promover inseparavelmente “a cultura espiritual, científica e ministerial”⁴, foi uma característica que unia intimamente todos os aspetos da formação proposta por Vicente Pallotti. O estudo devia ser sempre precedido pelo desejo de santidade e guiado pela cooperação para a glória de Deus e a salvação da humanidade. Através desta dinâmica os seus primeiros companheiros leigos e eclesiásticos experimentaram a originalidade deste projeto e os valores da sua vocação apostólica universal. De fato, Vicente Pallotti em seus escritos insiste continuamente sobre este trinômio: *crescimento espiritual – aplicação aos estudos – compromisso apostólico*. Ele devia constituir a base e o fundamento unitário da formação palotina. É importante que desde a primeira etapa da formação se estabeleça uma ligação íntima entre cultura espiritual, ciências eclesiásticas e experiências apostólicas⁵.
18. **[Modelo de formador]** O tipo de formação que o santo Fundador transmitia pela sua vida e através de seus escritos, através de sua prática, e também através de uma espécie de irradiação espiritual e apostólica em toda Roma, passou para a nossa tradição, conservou-se e desenvolveu-se de acordo com os seus desejos⁶. Vicente Pallotti é para nós não somente um “mestre na vida espiritual e na atividade

⁴ Cfr. OOCC I, pp. 152-189.

⁵ Cfr. OOCC I, pp.171-177. Como professor acadêmico na Faculdade de teologia dogmática da *Sapienza*, Pallotti consagrou uma grande parte do seu tempo à formação intelectual do clero jovem. Mas ele não a separou nunca da formação espiritual e pastoral. Rafael Mélia dirá a respeito dele mais tarde: “O que é notável, é que Vicente Pallotti conseguia dar aos jovens clérigos o leite da ciência pura misturado com o da verdadeira piedade. Uma mistura da qual ele era um exemplo vivo, tanto no que se refere à sua grande ciência, quanto ao que se refere à sua grande fé”; Walter Devetter, *Saint Vincent Pallotti, apôtre aux idées larges et généreuses*, Editions Marie-Médiatrice, Genval 1963, p. 29.

⁶ “[...] rogo agora e sempre, e entendo rogar também depois da minha morte (que a cada instante mais se aproxima) à vossa caridade e ao vosso zelo religioso, ó Padres e Irmãos caríssimos em N. S. J. C. Crucificado, que vos empenheis tanto pela estável Instituição, e pela mais rápida, e profícua propagação da Pia Sociedade como se vós todos fôsseis os Eleitos de N.S.J.C. para serdes os seus Fundadores, Propagadores e Conservadores nesta terra [...] e façais quanto puderdes por vos interessar dela como todos os SS. Fundadores e Fundadoras se interessaram pela Fundação, Propagação e Conservação dos seus respetivos institutos de toda espécie”: OOCC III, pp. 28-29.

apostólica”⁷, mas também um modelo e o primeiro interessado na tarefa da formação⁸

19. **[Formar de acordo com um projeto]** Tendo sido formador dos seus primeiros companheiros, Pallotti, conforme o testemunho deles mesmos⁹, orientava-se pelos próprios métodos e pelo próprio modo de agir. Ele agia de acordo com um programa de formação bem definido, concebido em Camaldoli, em 1839¹⁰, desenvolvido progressivamente com a experiência adquirida com os que foram chegando e, depois, codificado nas *Regras da Congregação dos padres e irmãos coadjutores do Apostolado Católico*¹¹. A estes dois escritos nós nos reportaremos, principalmente nestas referências históricas sobre Vicente Pallotti formador.

A PASTORAL VOCACIONAL

20. **[Vocação: dom de Deus]** Uma vez que a vocação é um dom de Deus à sua Igreja¹², Pallotti insistia muito sobre a oração pelas vocações. Segundo ele, todos os esforços humanos no sentido da formação dos candidatos à vida consagrada teriam sido inúteis, se tivesse faltado o dom de Deus. Não haverá nunca bons padres ou irmãos, isto é, padres e irmãos santos, instruídos e inteiramente comprometidos com o ministério apostólico, se Deus os não doar à sua Igreja. O primeiro empenho da pastoral vocacional há de ser pois

⁷ Cfr. LSAC, nº 17.

⁸ Sobre Pallotti como professor na *Sapienza* pode-se consultar a ótima pesquisa do Pe. Ansgario Faller, “O tomismo na *Sapienza* ilustrado pelo estudo e ensinamento de São Vicente Pallotti”, *Doctor Communis*, Revista da Academia Pontifícia de S Tomaz, n. 3, 1984, pp. 262-277.

⁹ Cfr. Bruno Bayer, *Paul de Geslin, compagnon de Saint Vincent Pallotti. Écrits et lettres*, Edition du Dialogue, Paris 1972 pp. 70-85.

¹⁰ Cfr. OCCC I, pp.152-189. Trata-se da procuradoria sob a proteção de S. Pedro, cuja missão consistia em promover a cultura espiritual, científica e ministerial do clero. Daí a insistência de Pallotti sobre a vocação sacerdotal, tema que voltará a aparecer no nosso texto.

¹¹ Cfr. OCCC VII, pp. 1-406.

¹² Cfr. OCCC I, p. 157.

a oração¹³. Pallotti considerou a oração um meio infalível para alcançar verdadeiras vocações¹⁴.

21. [Vocação: compromisso humano] Justamente por ser dom de Deus, toda vocação é também responsabilidade humana. S. Vicente dava a este compromisso diversos nomes. Gostava de falar em “corresponder à vocação”, pedindo a Deus perdão por sua pouquíssima correspondência à vocação”¹⁵. Falava também de *espírito de sacrifício*: “E como N.S.J.C. veio ao Mundo, viveu e morreu com o espírito de sacrifício, assim, com maior perfeição que os Leigos, devem entrar no Santuário os chamados e, com o espírito de sacrifício, devem ali viver e morrer. Por isso deve resplandecer em todos a mais perfeita mortificação das paixões”¹⁶. Observamos que Pallotti chamava os eclesiásticos, que não empregassem algum esforço por corresponder à própria vocação, de ‘padres sem espírito’. Eles, “por uma espécie de crueldade, fazem com que fiquem tantos próximos privados de todos aqueles tesouros de religião e de obras de misericórdia corporal e espiritual, que teriam podido ser promovidos”, motivo por que tais padres são uma desgraça para o povo de Deus¹⁷.

22. [Sinais da verdadeira vocação] Os responsáveis pelas vocações deveriam estar muito atentos e ser extremamente prudentes ante os sinais de verdadeira vocação dos jovens que vêm até nós. Seria preciso proceder de tal forma que tais jovens fizessem progresso em maturidade tanto nos estudos quanto no espírito, conforme as circunstâncias do tempo e do lugar. Dentre os sinais de verdadeira

¹³ Cfr. *RdC*, n° 16

¹⁴ Cfr. OOCC I, p. 153. Recordamos que, nesta intenção, Pallotti compôs orações muito bonitas pelas vocações. Veja, por exemplo, a ladainha “Mandai operários para a vossa messe” (OOCC XI, pp.400-410); ou outra, “Para alcançar operários evangélicos” (OOCC, IV, pp. 39-40).

¹⁵ Cfr. OOCC X, pp. 582-585. Naquilo que diz respeito à vocação sacerdotal, Pallotti escreve: “Para entrar no ministério eclesiástico é necessária a vocação de Deus. Rogarei ao Senhor, que não permita que eu ou outro entre no Ministério Eclesiástico sem ser chamado, e que aqueles que já estão nele se santifiquem e que aos não chamados os torne chamados, e que a todos santifique e faça com que correspondam à vocação os verdadeiramente chamados”: OOCC X, p. 562.

¹⁶ OOCC I, pp. 157-158. Trata-se de “Regulamento de vida a ser observado por aqueles que aspiram ao sacerdócio”.

¹⁷ Cfr. *Ibidem*, p.164.

vocação Pallotti enumerava o verdadeiro talento, a índole especialmente disposta pela graça, a inclinação para o sacro e todas as outras qualidades que dão fundada esperança de se poderem tornar ótimos operários evangélicos¹⁸.

23. **[Dispor-se]** Aos jovens que batiam à porta de uma casa de formação, Pallotti propunha alguns exercícios para se disporem à vida consagrada¹⁹ **a.** Ter uma íntima persuasão da própria indignidade de receber o dom da vocação, a graça para corresponder-lhe e para manter-se sempre fiel a ela. **b.** Impetrar de Deus humildemente tais dons, favores e graças. **c.** Não aspirar a outra coisa que ser padres só para a glória de Deus e para proveito das pessoas. **d.** Exercitar-se no domínio das paixões e no espírito de sacrifício.
24. **[Conduzir-se]** Aos mesmos jovens, Pallotti aconselha um certo estilo e higiene de vida adequados ao projeto deles. Eis uma lista de meios úteis a este fim²⁰: **a.** Assegurar uma vida de oração pessoal, fazendo a cada dia as mesmas orações que fazem todos os bons cristãos. **b.** Organizar o próprio dia de forma a vivê-lo como preparação e ação de graças contínuas. **c.** Cada dia ler um capítulo da Sagrada Escritura. **d.** Estudar com aplicação e com diligência, lembrando sempre que é necessário que o clero seja bem formado para sustentar a fé do povo com o exemplo e com os conselhos. **e.** Tomar parte na vida da igreja local, participando dos grupos e das associações apostólicas, cultivando o espírito, as ciências e o ministério evangélico. **f.** Recorrer a um acompanhamento espiritual pessoal, indispensável para todo discernimento vocacional, escolhendo um confessor e um diretor espiritual com o qual se entreterá ao menos uma vez por mês e sempre que a necessidade se apresente. **g.** Organizar-se para participar, uma vez por mês, de um retiro, com o objetivo de progredir sempre nas virtudes, principalmente no zelo e na caridade apostólica. **h.** Fazer, uma vez

¹⁸ Cfr. *Ibidem*, pp. 153-154.

¹⁹ Cfr. *Ibidem*, pp. 157-158.

²⁰ Cfr. *Ibidem*, pp. 158-162. Veja também: OOCX XI, pp.311-316. Em doze pontos, Pallotti apresenta um “Breve Regulamento de vida para dispor-se a abraçar o Estado Religioso”. Ele insiste muito sobre esta atitude de ‘dispor-se’.

por ano, oito dias dos Exercícios espirituais de Santo Inácio, orientados por um diretor experimentado. **i.** Viver, vestir-se com modéstia, sobriedade e simplicidade. **j.** Evitar o que não sirva ao projeto vocacional e, ao contrário, freqüentar aquilo que o favoreça e o edifique.

POSTULADO

25. **[Decidir-se a imitar Jesus Cristo]** Quando alguém, pouco importa qual seja a sua condição ou posição, faz o pedido de entrar na Congregação, o responsável do Postulado lhe fará tomar consciência de que a escolha principal não é o ministério ordenado e a vida consagrada, mas antes o seguimento de Jesus Cristo. Explicar-se-ão claramente a todos os postulantes os quatro pontos seguintes: **a.** A obrigação de imitar em tudo a Jesus Cristo. **b.** A impossibilidade de ser disso dispensados. **c.** A necessidade, para quantos queiram viver na Congregação, de ser, o quanto possível, perfeitos imitadores de Cristo. **d.** Uma verdadeira e generosa disposição do coração para imitá-lo, observando as Regras e as disposições dos superiores e dos diretores espirituais²¹
26. **[Ilusões e falsos sinais]** No discernimento vocacional, Pallotti punha em guarda contra alguns falsos sinais. Ele dizia que entre os postulantes havia os verdadeiramente dispostos a seguir em tudo a Jesus Cristo e havia os que não tinham nem verdadeira disposição nem vocação. S. Vicente convidava, assim, tanto os postulantes como os responsáveis, a tomar tempo para discernir. Quanto aos falsos sinais, ele voltava a chamar a atenção sobre os não chamados, principalmente quando houvesse impaciência deles e ausência de dotes. Quanto aos que tivessem verdadeira vocação, estes, ao contrário, poderiam ter sido tentados a remeter para mais tarde a sua resposta definitiva. Pallotti se esforçava por fazer compreender que o relacionamento com o Senhor, desde o começo da nossa vida, é vivido sempre como um apelo e uma resposta. E a resposta que se dá

²¹ Cfr. OCCC VII, pp. 10-12.

hoje, prepara e condiciona a que se deverá dar mais tarde. Pressionar seria uma grave ilusão²².

27. **[Discernimento e finalidade da Sociedade]** Durante o postulado, o responsável e o postulante se esforçarão por verificar bem se o caráter, as disposições e as qualidades deste último correspondam ao fim e ao desenvolvimento das obras da União do Apostolado Católico²³. Assim, Pallotti aconselha *recrutar* os candidatos em função da missão própria da Sociedade, pondo em relação, desde o começo, a formação e o apostolado.
28. **[Qualidade e não quantidade]** “Tenha-se, precisa S. Vicente, como princípio firme, que não devemos ter a preocupação de formar um grande número, mas antes, poucos e cheios de espírito, porquanto até um só cheio do espírito de Jesus Cristo fará muito. E, um que seja, que não tenha o espírito de Jesus Cristo, será de grande prejuízo, também no meio de muitos bons”²⁴. Portanto, antes de acolher qualquer candidato, é preciso verificar se ele tem realmente piedade e zelo; se é pacífico e quais sejam os seus dons naturais; se gosta mais de obedecer que de mandar; se sabe suportar a fadiga e se é capaz de assumir compromissos e perseverar neles²⁵.
29. **[Pontos de referência para o futuro]** Os obstáculos e as ilusões não são insuperáveis. Conhecê-los e precaver-se deles é já uma salvaguarda. Os pontos de referência úteis para um discernimento confiável passam também, positivamente, por estes pontos de referência negativos. Por isso S. Vicente escreve, para concluir: “Conhecido, em relação ao postulante, quanto seja necessário para o verdadeiro bem dele, da Congregação e das Obras da mesma, dar-se-á a aceitação e se determinará o dia e a hora do ingresso”²⁶.

²² Cfr. *Ibidem*, p.12.

²³ Cfr. *Ibidem*, p.13.

²⁴ OCCC III, p. 327.

²⁵ Cfr. *Ibidem*, p. 328.

²⁶ OCCC VII, p.14.

PERÍODO INTRODUTÓRIO

30. **[Acolhimento dos novos membros]** Todo candidato é um dom de Deus feito à nossa Sociedade. Acolhendo-o e dando-lhe a melhor formação possível, nós prestamos homenagem ao nosso Criador e honramos este dom. Como o nascimento de uma criança muda a vida de toda uma família, assim o acolhimento dos jovens também a nós nos submete a uma prova. Por este motivo Pallotti compara a chegada de um candidato ao nascimento de Cristo em Belém²⁷.
31. **[Iniciação à *seqüela Christi*]** Diante do fato de que a finalidade da vida cristã, inclusive a da vida palotina, consiste em configurar-se ao Senhor Jesus, começa aí a necessidade de pôr em ação uma caminhada de formação que permita a apropriação progressiva dos sentimentos de Cristo em relação a Deus Pai. São Vicente Pallotti estava convencido disto e por isso pedia que houvesse satisfação a cada ingresso de um candidato na Congregação, porque com ele chegava um imitador de Jesus Cristo²⁸. A iniciação à *seqüela Christi* devia ser a preocupação central de todo o itinerário formativo palotino e de toda a vida²⁹.
32. **[Iniciação à cooperação]** A inicial imitação de Jesus Cristo, para Pallotti, assinala o início da cooperação para a nossa salvação. A comunidade que acolhe o recém-chegado tinha que ser uma outra Belém, isto é, uma *Casa do Pão* – símbolo da nossa mínima Congregação – porque nela sobravam meios necessários para “a aquisição da mais sublime perfeição, a fim de cooperar sempre mais para a maior glória de Deus e para a salvação das almas”³⁰. Apesar disso, estes meios não teriam nenhuma utilidade, se faltasse “o mais vivo, generoso e perfeito desejo de *cooperar*, em tudo e sempre para a maior glória de Deus e para a salvação das almas”³¹.

²⁷ Cfr. OCCC VII, pp. 19-20; OCCC II, pp. 15-16.

²⁸ Cfr. *Ibidem*.

²⁹ Pensamos principalmente na *Memória prática quotidiana para imitar nosso Senhor Jesus Cristo* (OCCC III, pp. 34-39).

³⁰ OCCC II, pp. 15-16.

³¹ *Ibidem*.

33. **[Qual o apostolado, tal a formação]** No contexto da época, quando os retrocessos de identidade caracterizavam os diversos componentes da Igreja e da Sociedade, Vicente Pallotti insistiu sobre a importância de “trabalhar juntos”. Ele se deu conta de que o apelo que lhe era dirigido era o de tornar-se, no coração da Igreja, ‘como que um traço de união’³² entre todas as suas realidades. A União do Apostolado Católico, fundada por ele em 1835, propunha-se reunir todos os cristãos, para cooperarem no crescimento e na propagação da fé e na consolidação da unidade dos cristãos³³. Uma vez que a supradita pia União era vista como um espaço de cooperação no seio da Igreja – de acordo com Pallotti –, ela tinha como principal objetivo o apostolado universal³⁴, e a arte de cooperar com Deus e de cooperarem entre si os homens tornou-se um dos projetos essenciais da formação palotina.
34. **[Um prelúdio à cooperação contínua]** Falando da formação inicial da Comunidade masculina da União do Apostolado Católico, S. Vicente Pallotti enumerou alguns objetivos a serem alcançados: **a.** Provar a vocação daquele que quer fazer parte da Congregação. **b.** Formá-lo na prática do espírito da Regra da santa Instituição. **c.** Ajudá-lo a dispor-se para alcançar a mais sublime perfeição evangélica. **d.** Ajudá-lo a pôr-se, com discernimento, na mais perfeita imitação de Jesus Cristo, principalmente em sua vida humilde, pobre, laboriosa, benéfica e oculta. **e.** Enfim, como se quisesse lembrar que a formação dura toda a vida, Pallotti propôs-se “levar cada um a praticar a vida de perfeito e constante sacrifício até a Morte, a fim de *cooperar* da maneira mais ativa e perfeita para a maior glória de Deus e para a maior santificação própria e dos próximos”³⁵.
35. **[Fazer nascer a disponibilidade para deixar-se formar]** S. Vicente, pedagogo experiente e avisado, não afirmava que o noviço devesse adquirir a “mais sublime perfeição evangélica” durante a sua formação inicial mas antes que devia *dispor-se* para ela. Na verdade a

³² Cfr. OOCC III, p. 4 e p. 83.

³³ Cfr. OOCC IV, p. 130 e p. 315, OOCC VI, p. 130.

³⁴ Cfr. OOCC III, pp. 177-178.

³⁵ OOCC II, pp. 286-287.

formação inicial tem bom êxito somente se fizer surgir nos jovens a disponibilidade para deixarem-se formar por toda a vida. Em outras palavras, capacitar-se para a cooperação com Deus, com os outros e consigo mesmo não se liga a um tempo determinado. É uma disponibilidade e uma liberdade interior para continuar a capacitar-se, por toda a vida, em toda circunstância e da parte de cada pessoa. Pallotti fala disso sem equívocos: a cooperação deve ser ‘constante’³⁶, ‘universal’³⁷, ‘perseverante’³⁸, ‘livre’³⁹, e também ‘eterna’⁴⁰

PREPARAÇÃO PARA O MINISTÉRIO ORDENADO E PARA A CONSAGRAÇÃO PERPÉTUA

36. [Sempre mais] S. Vicente achava que não bastava entrar na Congregação com a disposição de levar uma vida de perfeito sacrifício, porque, muitas vezes, terminado o noviciado e feita a primeira consagração, alguém pode voltar atrás. Por isso, “para não voltar atrás e para viver sempre na mais perfeita imitação da Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, e para cooperar eficazmente nas obras da sua maior glória e da maior santificação das almas, é necessário que, ao longo de toda a vida, os candidatos se dediquem, seriamente e com todo o fervor possível, ao exercício mais perfeito de todas as Virtudes necessárias para a aquisição da mais sublime perfeição, de forma que a sua vida tenha entre as características distintivas a de ir *sempre adiante* e de crescer sempre na santidade e na perfeição evangélica, conforme as Regras e o espírito da Congregação”⁴¹.

³⁶ Cfr. OCCC I, p.2; OCCC V, pp. 307-308; OCCC VII, p.39. Veja também: RdC, n° 15: “[...] é a mesma vida consagrada que exige, por sua natureza, uma disponibilidade *constante* naqueles que a ela são chamados. [...] Será importante então que toda pessoa consagrada seja formada para a liberdade de aprender por toda a vida, em qualquer idade e situação, em todo ambiente e contexto humano, de toda pessoa e de toda cultura, para deixar-se ensinar por qualquer fragmento de verdade e de beleza que encontre em torno de si”.

³⁷ Cfr. OCCC XI, p. 327.

³⁸ Cfr. OCCC I, p. 94.

³⁹ Cfr. OCCC V, p. 73; OCCC IX, p. 414.

⁴⁰ Cfr. OCCC V, pp. 210-211; OCCC X, p.280.

⁴¹ Cfr. OCCC VII, pp. 63-64.

37. **[Pedagogia de Nazaré]** Nosso Fundador gostava de comentar as narrações da infância de Jesus em Lucas⁴². Estava convencido de que a pedagogia de Nazaré, era a única capaz de preparar verdadeiramente os candidatos ao ministério evangélico⁴³. Por isso dizia que a casa de Nazaré “devia ser considerada o modelo das Casas ou seja dos SS. Retiros da nossa mínima Congregação”⁴⁴, modelo principalmente das casas de formação. Seguindo esta pedagogia, os candidatos são levados a progredir, como Jesus, em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens e a “esperar uma idade madura para dedicar-se, e para dispor-se antes cuidadosamente”, ao ministério público⁴⁵.
38. **[Santidade, sabedoria, saúde]** Lendo a vida de S. João Berchmans, Vicente Pallotti, ainda seminarista, escreveu que três coisas o interessavam vivamente: “1º, grande santidade, 2º, grande erudição e 3º, muito vigor corporal. A primeira, de modo absoluto, as outras duas, se fossem para a glória de Deus”⁴⁶. Por isso não é mesmo uma surpresa que, propondo um itinerário formativo para os seus, S. Vicente procurasse estabelecer, em todos os níveis de formação, uma ligação estreita e íntima entre a cultura espiritual, as ciências eclesiais e as experiências apostólicas⁴⁷.
39. **[Uma espécie de noviciado]** Aos seminaristas diocesanos que se preparavam para as sagradas ordens, Pallotti propunha uma trajetória original que ele chamava de ‘Noviciado da Ordem eclesial’ e de ‘Noviciado do Sacerdócio’⁴⁸. Distinguindo-o claramente do noviciado dos religiosos, S. Vicente deixava claro que o seu objetivo era predispor o noviço eclesial à santidade no mundo, isto é, a “uma santidade experimentada na prova das tentações, madura e praticada por tempo suficiente”⁴⁹. Se o noviciado religioso preparava o candidato para a primeira profissão e se concluía naquele dia, o

⁴² Cfr. OOCC III, pp. 65-72; OOCC VII, pp.18-114.

⁴³ Cfr. OOCC III, p. 71.

⁴⁴ OOCC VII, p. 111.

⁴⁵ Cfr. Ibidem, p. 112.

⁴⁶ OOCC X, p. 537.

⁴⁷ Cfr. OOCC I, pp. 152-189.

⁴⁸ Cfr. Ibidem, p.167 e OOCC VII, pp. 261-262.

⁴⁹ OOCC I, p. 167.

‘noviciado secular’, terminava com a ordenação sacerdotal e tinha a finalidade de preparar os candidatos para a santidade no mundo⁵⁰.

40. **[Integrar o sofrimento]** No contexto da formação para a santidade no mundo, Vicente Pallotti convidava os seminaristas a ‘tomar a cruz’. Com efeito, ele insistia sobre a importância da integração do mistério de Cristo crucificado na vida dos padres, ensinando a eles, desta forma, a segui-lo nas provações e no sofrimento. Pallotti falava a respeito citando S. Paulo: “*Ora os que são de Cristo Jesus crucificaram a própria carne com as suas paixões e os seus desejos*” (Gl 5,24). E concluía Pallotti que a abnegação, o esforço e a ascese são indispensáveis para adquirirem santidade experimentada e madura, a fim de permanecerem fiéis à própria vocação e seguirem Jesus no caminho da Cruz⁵¹.
41. **[Os meios]** Vicente Pallotti queria levar a efeito os objetivos do “noviciado dos eclesiásticos” com encontros semanais. Os seminaristas se organizavam, então, em pequenos grupos sob a orientação de um padre responsável, para um tempo de formação *espiritual, intelectual e apostólica*. Para este fim, S. Vicente propunha todo um método de trabalho, insistindo muito sobre a unidade dos três âmbitos, sobre a participação ativa de cada um dos seminaristas e cultivando neles o espírito de síntese⁵².
42. **[A dimensão espiritual]** No que se refere à formação espiritual para o fim da formação, de acordo com Pallotti, tem importância só que os seminaristas conheçam e amem o Cristo, porque é na imitação dele que tem sentido a escolha deste tipo de vida. Todos os outros motivos não se sustentam por si mesmos. É por isso que, em cada encontro, se tratava de um aspeto da vida de Cristo insistindo-se, por exemplo, em alguns pontos determinados: a sua vida humilde, pobre, laboriosa, escondida, benfazeja, etc. Na verdade, S. Vicente observava que falar genericamente de Cristo significava tornar os encontros

⁵⁰ Cfr. OOCC VII, pp. 261-262.

⁵¹ Cfr. OOCC I, p. 169.

⁵² Cfr. *Ibidem*, pp.169-178. Para desenvolver o *espírito de síntese* e facilitar a interiorização e a integração das matérias, Pallotti pedia, por exemplo, que, no início de cada novo encontro, um dos seminaristas fizesse o resumo da conferência precedente.

“mais pobres de frutos”. Neste sentido, ele insistia em que, durante cada encontro, os seminaristas tivessem que trabalhar sobre um só aspecto da vida de Cristo e indicava os ensinamentos e os meios para tornar possível a imitação efetiva que daí decorria⁵³. Em alternância com o estudo da vida de Cristo, Pallotti propunha a leitura do catecismo romano, para facilitar a síntese da fé e individualizar com exatidão o papel do Magistério da Igreja⁵⁴.

43. **[A dimensão intelectual]** “Não basta que o Clero seja santo, escreveu Pallotti, deve ser também sábio”⁵⁵. Pessoalmente convencido da importância da dimensão intelectual, S. Vicente propunha aos seminaristas, após um tempo de formação espiritual, de reunirem-se, sempre em pequenos grupos, conforme a caminhada de cada um, “para fazer saborear à juventude estudantil o valor, a nobreza e o substancial da Literatura sagrada, escolhida na S. Escritura do Antigo e do Novo Testamento e nas obras mais luminosas dos SS. Padres e Doutores da Igreja”⁵⁶. Ao procurar infundir nos jovens o amor pelo estudo, S. Vicente fazia com que cada seminarista trabalhasse em pequenas dissertações de quinze minutos sobre um assunto escolhido, tanto filosófico como teológico⁵⁷.

44. **[A dimensão Apostólica]** Para evitar que, uma vez ordenados, os jovens padres não soubessem “sequer exercer as sagradas funções”, Pallotti sugeria organizar uma formação prática e introduzir esta formação apostólica desde os primeiros anos de seminário, porém, de acordo com uma ordem e um método. Os estudantes de teologia eram “adestrados na Pregação evangélica”: homilias, sermões e conferências. Os estudantes de filosofia e de ciências humanas aprendiam a “dar catecismo” aos jovens, às crianças, mas também aos doentes e encarcerados. Aos domingos, davam catecismo na paróquia⁵⁸.

⁵³ Cfr. OOCC I, pp. 170-171.

⁵⁴ Cfr. Ibidem, p. 175.

⁵⁵ Ibidem, p. 171.

⁵⁶ Ibidem, p. 173.

⁵⁷ Cfr. Ibidem, pp. 173-174.

⁵⁸ Cfr. Ibidem, pp. 175-177.

A FORMAÇÃO PERMANENTE

45. **[Instruir-se sem parar]** A formação, na nossa tradição, não é moldagem de um sujeito passivo, no sentido de modelar, para o dia da consagração perpétua, ‘um palotino’ sem originalidade. O palotino, ao contrário, nunca pode considerar-se ‘pronto’. Ele será alguém que vai se realizando sempre. S. Vicente Pallotti era muito sensível ao empenho pessoal de cada membro e à sua disponibilidade em crescer ao longo de todo o curso da vida. Portanto, comentando Lc 2,40.46⁵⁹, elabora na sua regra dois capítulos sobre a obrigação de se “fazer instruir”⁶⁰. O seu raciocínio é o seguinte: da mesma forma como Jesus crescia e se fortalecia, cheio de sabedoria, ouvindo e interrogando os mestres, mesmo sendo ele a própria Sabedoria, com maior razão nós devemos deixar-nos instruir e dirigir. Por amor a nosso Senhor, nós, portanto, “devemos gostar muito de receber as instruções e as devemos procurar com empenho, ávidos de revelar a outrem a nossa ignorância. Por este caminho humilde, Deus nos dará grande e salutar compreensão”⁶¹.
46. **[Formação para todos]** Ninguém se instrui somente para proveito próprio. O objetivo fundamental de toda a formação é descrito por Pallotti nestes termos: “para não voltar atrás e para viver sempre na mais perfeita imitação da Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo e, assim, cooperar eficazmente nas obras da sua maior glória e da maior santificação das Almas”⁶². Por isso que todos os cristãos, cada qual na sua condição e vocação, são obrigados à formação, assim, “na Congregação, não só devem ser plenamente e praticamente instruídos todos os sacerdotes, mas também os Irmãos Coadjuutores”⁶³. S. Vicente enumerava do seguinte modo os campos de estudo nos quais era necessário aplicar-se profundamente e continuamente: a Sagrada Escritura, a história da Igreja, a teologia dogmática e fundamental, a

⁵⁹ “Três dias depois, o encontraram no Templo sentado no meio dos doutores, ouvindo e fazendo perguntas” (Lc 2,46).

⁶⁰ Cfr. Na *Grande Regra* de 1839 (OOCC II, pp. 56-61 e pp. 81-86); na *Cópia Lambruschini* de 1846 (OOCC VII, pp. 63-68 e pp. 88-93); na *Piccola Regola (Pequena Regra)* de 1847 (OOCC III, pp. 47-48).

⁶¹ OOCC III, p. 48.

⁶² OOCC VII, pp. 63-64.

⁶³ *Ibidem*, pp. 90-91.

teologia dos sacramentos, a liturgia e a teologia moral. Ele precisava também que, para os mestres é importante conhecer os métodos e a catequese prática, a fim de “se fazerem entender plenamente também pelos mais ignorantes e menos inteligentes”⁶⁴.

47. **[Os meios]** Para atingir os objetivos da formação permanente, Pallotti propôs uma série de encontros, que ele chamou de ‘conferências espirituais’, ‘conferências de estudo’, ‘exercícios espirituais’, ‘assembléia mensal’, ‘colégio dos eruditos’. O que surpreende na metodologia proposta por Pallotti para estes diversos encontros é a dinâmica deles, a sua variedade e a sua simplicidade. Os seus argumentos tocavam tanto o coração como a inteligência. Todo eclesiástico era convidado a tomar parte neles ativamente. Objeto de atenção nestes encontros era a vida quotidiana, a leitura dos sinais dos tempos, as necessidades da Igreja e do mundo, o ministério apostólico. Eram grupos de manutenção e, ao mesmo tempo, de formação continuada. Pallotti insistiu em que todos estes encontros fossem abertos igualmente tanto para o clero secular como para o regular, “de vez que, reunida a força evangélica de um e de outro Clero, os resultados das santas empresas seriam mais eficazes e constantes, e maiores seriam as Bênçãos do Pai celeste para perpetuar os seus frutos”⁶⁵.

48. **[Conferências espirituais]** Uma vez por semana⁶⁶, ao menos por uma hora e meia, no dia mais oportuno, organizava-se uma conferência espiritual para os eclesiásticos. Tinha a finalidade de fazê-los crescer sempre mais na imitação de Jesus Cristo, de promover, quanto possível, a maior glória de Deus e a perfeição evangélica de si mesmos e dos outros e de dispô-los, assim, para o desempenho do ministério apostólico⁶⁷. Pallotti explica que o método destas conferências, para serem proveitosas, devia ser simples e tocar tanto o

⁶⁴ Ibidem, pp. 88-89.

⁶⁵ OOCC I, p. 186.

⁶⁶ Falando das conferências organizadas em Roma, na Igreja do *Espírito Santo dos Napolitanos*, Pallotti esclarecia que se tratava de conferências “da quinta-feira de cada semana”; por isso as conferências se chamaram habitualmente as ‘conferências da quinta-feira’ – Cfr. OOCC V, pp. 571-585.

⁶⁷ Cfr. Ibidem, pp. 572-574.

oração como a inteligência⁶⁸. Eis os componentes de cada encontro: lições de canto gregoriano, leitura e partilha de texto do Evangelho do domingo seguinte⁶⁹, progressiva leitura do Catecismo Romano com um comentário de um ou mais padres escolhidos, debate desenvolvido “na paz e na caridade” em torno de um caso de moral, escolhido na conferência precedente, mais a oração final para pedir a Deus operários para a messe⁷⁰.

49. **[Conferência de estudo]** As conferências de estudo eram organizadas segundo as necessidades e as possibilidades locais, em alternância com as conferências espirituais. Tinham o objetivo de cultivar sempre mais as ciências teológicas. Os temas, previstos para todo o ano, eram impressos, para que os padres pudessem preparar-se. Para cada tema a ser apresentado era designado um padre, que o exporia de acordo com uma metodologia comum: o tema, o seu estado atual, as razões, a posição do Magistério, a bibliografia e as pesquisas. Pallotti precisa que tudo isto devia levar-se a efeito no espírito daquela humildade que não procura inchar-se de orgulho mas edificar⁷¹.
50. **[Exercícios espirituais]** Para aumentar o fervor, a perfeição evangélica e o zelo do clero, era indispensável, segundo Pallotti, que, uma vez por ano, os padres se reunissem para um retiro espiritual de pelo menos dez dias. Como método, segundo o qual os exercícios espirituais deveriam desenvolver-se, Pallotti sugeria o de Inácio de Loyola⁷². O programa de cada dia era: dois tempos de oração, dois de

⁶⁸ Cfr. *Ibidem*, pp. 574-575.

⁶⁹ Quanto à partilha do Evangelho, Pallotti insistia em que, depois da leitura do texto em latim, se lesse também “a tradução vernácula com as Notas”. Cada participante era convidado a dizer não só o que o havia tocado, mas também aquilo que, diante do texto lido, teria querido fazer para seguir Jesus Cristo. Esta partilha tinha também a finalidade de enriquecer a pregação dominical. No final da partilha, distribuía-se a cada um pequeno bilhete no qual estava escrito um versículo da Sagrada Escritura. Cada qual lia-o em voz alta e comentava-o brevemente (OOCC I, p. 179).

⁷⁰ Cfr. OOCC I, pp. 178-180.

⁷¹ Cfr. *Ibidem*, pp. 180-182.

⁷² Repetimos que S. Vicente conhecia bem os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola e isto por dois motivos: porque participava deles e porque os pregava. Há textos que atestam este conhecimento. Alguns exemplos: “Regras a serem observadas pelo Diretor, parte das quais extraídas do Diretório dos Exercícios Espirituais de S. Inácio compiladas por ordem do R. Padre Prepósito

leitura espiritual e dois de conferências. À tarde, haveria a exposição do Santíssimo Sacramento. Para tirar o máximo de proveito, S. Vicente aconselhava retirar-se para uma casa adequada para esta espécie de exercícios e de fazê-los a ‘portas fechadas’⁷³. Além disso, ele aconselhava o silêncio total, o recolhimento, a solidão, o acompanhamento de diretor espiritual, a gratuidade do tempo e algumas mortificações exteriores, “que o Padre espiritual julgasse oportunas e necessárias ao proveito espiritual de cada qual”⁷⁴.

51. **[Diretório]** “Para não voltar atrás e para viver sempre na mais perfeita imitação da Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo”⁷⁵, Vicente propôs aos membros da sua Congregação o Diretório de um mês a cada cinco anos⁷⁶. Eis como Pallotti descreve o *espírito* desta formação: “Todos voltam ao Diretório, não por formalidade, mas com verdadeiro espírito de tirar proveito dele, sem presumir de ser perfeitos nos caminhos de Deus, considerando-se cada qual, ao contrário, como criança ou até menos que isto. Todos entrarão como últimos dos Postulantes e como últimos da Casa do Senhor. Todos, como crianças, se sujeitarão a todos os Regulamentos do Diretório. Todos, como se fossem os mais ignorantes, e os mais inexperientes, se farão instruir. Deus, porém, premiará a sua humildade, docilidade e dependência com abundância de luzes e de divinas ilustrações, com acréscimo de favores e de graças e com maior compreensão dos

Geral da Companhia de Jesus Claudio Acquaviva” (cfr. OCCC XI, pp. 826-829). Esses dez pontos de regulamento são escritos de próprio punho por Pallotti. Vicente os tinha em grande consideração. Os “Exercícios Espirituais feitos com toda precisão como são propostos por S. Inácio de Loyola, escreve Pallotti, são o meio conhecido mais oportuno e válido para reformar o homem e para revesti-lo do Homem Novo N.S.J.C., por isso é regra de não se dispensarem nunca nem no todo, nem em parte, nem em atenção a quem quer que seja, Leigo ou Clérigo, mesmo quando reconhecido de luminosa virtude” (OCCC II, p. 282). Assim ele insiste em que o noviciado comece com Exercícios de quatro semanas (cfr. OCCC II, p.282); os seminaristas e outros membros da Congregação os farão por dez dias por ano (cfr OCCC II, pp. 183-187). Os missionários os farão durante um mês antes de partir para o exterior (cfr.OCCC II, p. 253). Também a eleição do Reitor Geral será precedida por Exercícios Espirituais com a duração de uma dezena de dias (cfr. OCCC III, p. 17).

⁷³ Cfr. OCCC I, p. 184.

⁷⁴ Cfr. OCCC II, pp.184-187.

⁷⁵ OCCC VII, pp.63-64.

⁷⁶ Cfr. *Ibidem*, pp. 63-68. Os missionários deviam fazê-lo a cada três anos durante quinze dias e os que não pudessem viajar seguido, quando viessem, o fariam por três meses.

Sacrossantos Mistérios [...] Em tal estado e com tal correspondência e fidelidade eles têm a Deus tanto mais próximo de si quanto menos sintam suas suaves doçuras⁷⁷.

52. **[Formação cultural]** Aos responsáveis pela *Procuradoria de S. Pedro*, cuja missão consistia em promover a cultura espiritual, científica e pastoral do clero, Vicente Pallotti pediu a criação de ligações com pessoas cultas e eruditas, reunindo-as em um “colégio de homens cultos”⁷⁸. Desta forma S. Vicente certamente teve em vista isto que nós chamaremos hoje de formação cultural. Neste sentido basta evocar os ramos de saber que S. Vicente punha em evidência: a literatura religiosa, a Sagrada Escritura e os Padres da Igreja, as línguas orientais e ocidentais, a filosofia e as ciências religiosas⁷⁹. Pallotti queria estimular a caridade e o zelo de pessoas cultas, a fim de que cooperassem gratuitamente para as obras do Apostolado universal, que ele mesmo considerava ‘interessantíssimas’ e “de suma utilidade na Igreja católica”⁸⁰. A pia Sociedade tinha necessidade da cultura destas pessoas. Dela tiraria proveito de acordo com ‘os tempos e com as necessidades’. Ele queria também que se desse atenção ao ‘espírito religioso’ destas pessoas cultas e à cooperação delas com as outras procuradorias da SAC, que tinham também necessidade da competência e auxílio delas⁸¹.

⁷⁷ Ibidem, pp. 67-68.

⁷⁸ Cfr. OCCC I, pp. 187-189.

⁷⁹ Pallotti soube reunir em torno da *União do Apostolado Católico* um grande número de eruditos, pintores, músicos, jornalistas, advogados, professores universitários, etc. Lembremos somente Tomaz Alkusi (professor de línguas orientais), João Allemmand (biblista), Joaquim Ventura (filósofo e escritor), Francisca de Maistre (tradutora), Luis Maria Santambroggi (advogado), Pedro Paulo Azzocchi (médico), Caetano Morichini (arquiteto), Serafim Cesaretti (pintor), e tantos outros.

⁸⁰ Cfr. OCCC I, p. 187 e OCCC III, p.30.

⁸¹ Cfr. Ibidem, p. 189. Observamos que, com o sistema das treze *Procuradorias*, que hoje chamamos de ‘Conselhos de coordenação’, Pallotti queria sair de uma estrutura eclesial clássica demasiado limitada, para vencer usuais fronteiras de dioceses, paróquias, etc., que não correspondiam à estratégia fundamental da sua Fundação, isto é, a cooperação. Pensando, pois, a sua Pia União em termos de um conjunto organizado, no qual a cultura da cooperação tinha um papel central, Pallotti devia, ao mesmo tempo, introduzir o discernimento comunitário. “Leve-se em consideração principalmente, escrevia Vicente, a importância de realizar com todo o zelo e caridade possível tais Conselhos [semanais], porquanto da enérgica execução dos mesmos depende em grande parte tudo isto que diz respeito à multiplicação dos meios espirituais e temporais oportunos para reavivar a Fé e reacender a Caridade e propagá-la, o que constitui o objetivo substancial da pia Sociedade” (OCCC II, p.178).

53. **[Discernir juntos]** Vicente Pallotti falava ainda de outro meio, original e muito raro então, para incrementar a formação permanente. Era “a Discussão mensal sobre como promover os empreendimentos da Maior glória de Deus”⁸². Esta discussão poderia chamar-se hoje de uma discussão para “discernimento comunitário apostólico”⁸³. Com efeito, tratava-se de um encontro mensal dos responsáveis pelas Procuradorias com todos os seus cooperadores, “para exporem-se as necessidades da Igreja e do Povo”⁸⁴. S. Vicente era muito sensível aos sinais dos tempos e às suas exigências. Muito amiúdo ele falava da importância de considerar “atentamente o estado atual do Mundo”⁸⁵, de “perceber os tempos atuais e os seus desafios”⁸⁶, ou ainda de “estudar as necessidades da Igreja e do mundo”⁸⁷. Assim, Pallotti queria formar os apóstolos para que pudessem compreender os homens de hoje, para que se pusessem juntos a fim de buscar a vontade de Deus e de cooperar com Jesus Cristo e entre si, para a salvação da humanidade.
54. **[Os formadores]** Vicente Pallotti esperava de um formador que ele fosse, antes de mais nada, um ‘homem de Deus’ e que se doasse à missão ‘dia de noite’⁸⁸. Decididamente, ele era por uma formação bem ordenada e disciplinada e isto era também uma qualidade que ele

⁸² Cfr. OOCC I, p. 183.

⁸³ A *LSAC* não fala explicitamente do “discernimento comunitário”. Apesar disso existem alguns números que falam disso indiretamente. Por exemplo: ela diz que “deve haver uma troca de informações e de idéias sobre tudo que diga respeito à atividade dos membros e da comunidade” (nº 52). A questão do discernimento comunitário foi claramente evocada em uma carta do Reitor Geral M. Juritsch sobre “As eleições na nossa Sociedade” (19.03.1986), (*ACTA SAC*, vol. XII, pp. 227-243). Notamos que o mesmo Reitor Geral enviou a todos os Superiores Maiores da SAC a carta de Peter-Hans Kolvenbach, Superior Geral da Companhia de Jesus, sobre o “Discernimento apostólico em comum”, (cfr. Curia Praepositi Generalis Societatis Jesu, Roma 1986/23), com o pedido de “estudar a fundo este documento, porque nos pode dar muitos impulsos e estímulos para percorrer juntos e guiados pelo Espírito o caminho traçado para a nossa comunidade na Igreja e no mundo de hoje”. A carta é de 26.05.1987.

⁸⁴ Cfr. OOCC I, p. 183.

⁸⁵ Cfr. OOCC IV, pp. 387-388 e p. 254.

⁸⁶ Cfr. *ibidem*, pp. 139-140.

⁸⁷ Cfr. OOCC VII, p.3; OOCC X, p. 135.

⁸⁸ Cfr. OOCC I, pp. 155.

esperava do formador⁸⁹. Mas S Vicente exigia ao mesmo tempo do formador que assumisse a sua responsabilidade de maneira benévola para com todos, incluídos também aqueles que não tinham vocação⁹⁰, observando a conduta dos candidatos de forma caridosa, a fim de que eles aprendessem a viver no mundo sem ser do mundo⁹¹. Por isso S. Vicente pedia “aos reitores, aos confessores e aos diretores espirituais” das nossas casas de formação que orientassem os candidatos conforme o espírito de Jesus Cristo: doce, humilde, sereno, benevolente, acolhedor, forte e amável. E acrescentava que, de vez que S. Francisco de Sales estava cheio deste espírito, os formadores deveriam seguir o seu exemplo no que diz respeito à direção espiritual⁹². Enfim, Pallotti voltava a insistir que ninguém é dotado automaticamente do “dom de governar e dirigir os outros”, por isso sugeria que se pedisse este dom a Deus, deixando-se também governar e dirigir por Ele⁹³

S. VICENTE PALLOTTI COMO DIRETOR ESPIRITUAL⁹⁴

55. [Formador do clero] Vicente Pallotti compreendeu que a formação de um clero edificante e cheio de zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas era uma verdadeira necessidade dos tempos⁹⁵. Segundo ele, para reacender a fé e a verdadeira caridade é preciso que

⁸⁹ Pallotti pedia ao responsável pela formação que não esquecesse que “o inimigo das Almas não gosta de ver os Seminários postos em boa ordem e por isso contra eles arma a guerra mais maliciosa e mais perniciosa [...] e poderá acontecer que falte da parte do Homem a coragem e a confiança. Não faltará, entretanto, da parte de Deus, a graça para vencer todas as dificuldades”. OOCC I, p.155.

⁹⁰ Cfr. OOCC VII, p. 13.

⁹¹ Cfr. OOCC I, p. 156.

⁹² Cfr. OOCC VII, pp. 15-16.

⁹³ Pallotti está muito convencido disto: “Ninguém seja nomeado para o ofício de Reitor, de Padre espiritual e de Confessor dos SS. Retiros da Congregação se não for conhecido como exercitado, com grande perfeição, na vida de sacrifício e dotado do divino dom de governar e dirigir” (OOCC VII, p.17).

⁹⁴ Sobre este assunto podem consultar-se os excelentes artigos de Bruno Bayer, “Pallotti como diretor espiritual”, *Apostolado Universal*, n° 2, 1999, pp. 46-54; Bruno Bayer, “Herança dos escritos de Pallotti”, n° 7, 2002, pp. 51-68; Ansgar Faller, “São Vicente Pallotti e os mosteiros femininos romanos”, em *Rivista Diocesana di Roma*, n° 7/8, 1963, pp. 429-433.

⁹⁵ Cfr. OOCC III, p. 31. Assim fala Vicente no seu *Testamento espiritual*, precisando que “N.S.J.C. pôs na minha mente [...] outro objetivo próprio [da formação do clero] especial das circunstâncias dos tempos” OOCC III, p.27.

o clero “seja edificante pela doutrina e pela plenitude do espírito verdadeiramente evangélico e apostólico”⁹⁶. Ao mesmo tempo é preciso que seja “eliminado todo muro de separação entre clero secular e regular, para animar um e outro com o sagrado vínculo de competitiva caridade e zelo, a fim de empenhar sempre mais um e outro nas Obras do S. Ministério evangélico, com atualidade e com espírito de desprendimento e de verdadeira humildade, para a maior glória de Deus e para a salvação eterna das almas”⁹⁷. Eis por que Vicente aceitou o cargo de diretor espiritual em diversos seminários e colégios romanos⁹⁸, através dos quais experimentou a riqueza da Igreja universal. Ele gostava de aconselhar assim os seus seminaristas: “não tenham tanta pressa de chegar à S. Ordenação, porquanto tendes grande necessidade de adquirir santidade e doutrina”⁹⁹.

56. [Confessor de todos] Sem medo de errar, podemos afirmar que Vicente se consagrou com grande dedicação ao ministério da reconciliação, para o que foi requisitado por pessoas de toda condição¹⁰⁰. No seu *Diário espiritual* ele exprime “um grande desejo de instruir, iluminar, orientar, santificar, aperfeiçoar, converter [...] as almas”, e também “de viver ocupado na direção das almas pelo caminho da mais alta perfeição”¹⁰¹. No seu confessionário, portanto, Pallotti formou a maior parte dos seus colaboradores eclesiásticos e leigos¹⁰². Para suscitar o espírito apostólico e para criar, através das religiosas, um verdadeiro apostolado da oração, Vicente Pallotti estabeleceu relacionamento pessoal com muitíssimos conventos femininos de Roma¹⁰³. Ele estava convencido da importância da

⁹⁶ Cfr. *ibidem*.

⁹⁷ Cfr. OOCC VII, p.3.

⁹⁸ Cfr. Francesco Amoroso, *San Vincenzo Pallotti, Romano*, op. cit., pp. 55-63.

⁹⁹ Cfr. OCL IV, p.52; Bruno Bayer, “Pallotti als Erzieher”, art. cit., pp. 51-68.

¹⁰⁰ Cfr. Bruno Bayer, *Paul de Geslín compagnon de Saint Vincent Pallotti*, op. cit., pp. 39-41.

¹⁰¹ Cfr. OOCC X, p.23 e pp. 204-205.

¹⁰² Pensamos principalmente em Giovanni Allemand, Giuseppe Valle, Domenico Santucci, Francesco Virili, Tomaso Alkuscì, Luigi Nicoletti, Emilia Longhi, Francesca de Maistre, Luisa Maurizi, Elisabetta Sanna, Geltrude Costantini, o cardeal Lambruschini e tantos outros.

¹⁰³ Cfr. Ansgario Faller, “São Vicente Pallotti e os mosteiros femininos romanos”, art. cit. Notamos que Vicente agregou à *União do Apostolado Católico* 39 mosteiros femininos romanos e 30 de fora de Roma (cfr. *ibidem*, p. 429). Fábio Ciardi faz observar que “Pallotti mantinha contatos praticamente com

direção espiritual na vida das pessoas consagradas e sabia dirigi-las com amor, diligência e delicadeza. Francesca de Maistre dirá mais tarde sobre Pallotti: “Encontrei nele algo que não sei e que não encontrei em outros servos de Deus [...]. Encontrei uma expressão de bondade celeste, uma capacidade de acalmar e de colher o ponto certo da alma em poucas palavras medidas e eficazes”¹⁰⁴.

57. [Acompanhante acompanhado] Vicente Pallotti sabia que a melhor maneira de ajudar aos outros, na caminhada do crescimento espiritual, consistia em deixar-se ajudar pelos outros. Assim, indicava o caminho aos outros, procurando humildemente de pôr ele mesmo em prática quanto ensinava. Sendo embora um guia espiritual muito procurado, ele atribuía grande importância ao fazer-se acompanhar, fazer-se ajudar. Pensemos somente em seus três confessores Bernardino Fazzini, Salvatore Pascale e Padre Serafino. O primeiro o acompanhou por 30 anos¹⁰⁵. Mas Vicente vai além. Mesmo dirigindo Elisabetta Sanna por dezenove anos, pedia conselhos a ela, e convidava outros a fazerem a mesma coisa. Na verdade, esta pobre viúva sabia de tal forma dar conselhos oportunos e infundir o gosto de Deus, que podia ser considerada pela incipiente comunidade dos padres e irmãos a sua *mãe espiritual*¹⁰⁶. “A estimávamos tanto – dirá mais tarde a respeito de Sanna o Pe. Domenico Porazzo – que o nosso mestre de noviços costumava enviar-nos para junto dela para pedir conselhos”¹⁰⁷.

58. [Direção espiritual por cartas] Como faziam outros mestres espirituais, principalmente S. Francisco de Sales, Vicente servia-se

todas as comunidades femininas então existentes em Roma (92, em 1873; o seu número, em 1850, não era muito menor). Cfr. “Vicente Pallotti e os consagrados”, *Apostolado Universal*, n° 9, 2003, p. 41.

¹⁰⁴ OCL IV, pp. 389-390.

¹⁰⁵ Cfr. Bruno Bayer, “Pallotti como diretor espiritual”, art. cit., pp. 48-50. Veja também: Jan Kupka, “Vicente Pallotti e os seus primeiros colaboradores: padres, irmãos, irmãs e leigos”, *Apostolado Universal*, n° 7, 2002, p. 75; Johannes Hettenkofer, *Ven. Vincentius Pallotti in relatione cum beato Gaspare del Bufalo et parrocho Bernardo Fazzini*, in *Analecta PSM II*, Romae 1938, pp. 580-595.

¹⁰⁶ Cfr. Jan Korycki, “Vicente Pallotti e os seus amigos santos”, *Apostolado Universal*, n° 8, 2002, p. 108.

¹⁰⁷ Jan Koricki, “Elzbieta Sanna, pierwsza kobieta w pallotyńskim Zjednoczeniu Apostolstwa Katolickiego”, in *W służbie prawdziwej miłości, Powołanie do świętości i apostolstwa*, Pallottinum, Poznań, 1998, pp. 204-205.

também da correspondência para a direção espiritual¹⁰⁸. Graças às cartas nós descobrimos um Pallotti cheio de bondade paternal, de inteligência e de delicadeza psicológica; um mediador que respeitava o mistério de cada pessoa, um promotor exigente e determinado, a quem, entretanto, não faltava o senso de humor¹⁰⁹. Assim, a Felice Randanini, que, por nove anos, o afligiu com suas fobias, com seus escrúpulos e com suas inquietações, Pallotti uma vez respondeu: “Sois Feliz, demasiado feliz e vos tornais a vós mesmo infeliz. Ponde fim à infelicidade que vos arranjastes”¹¹⁰. Ao mesmo Randanini, que se recusava obstinadamente de aceitar a sua missão em Viena, Pallotti escreveu: “Vós pretendeis de viver numa terra em que não haja nem choro, nem luto. Mas seria bom ir ao Paraíso *ubi non est neque luctus neque clamor – onde não há nem luto nem lamento* (cf. Ap 21,4). Tranqüilizai-vos, dai fim às lamúrias de uma vez por todas, não vos lamenteis nunca mais de uma situação, que vos foi preparada pela divina Providência”¹¹¹. E ainda: “Não é mais tempo de pensar *ut parvulus – como criança*, e de falar e agir como tal, mas *ut vir in Domino – como homem no Senhor* (1Cor 13, 11)”¹¹².

59. [Da santidade desejada à pobreza ofertada] De sua experiência pessoal, Pallotti sabia que o progresso espiritual, como outros progressos humanos, acontece por etapas, passa por fases obrigatórias de purificação antes de abrir-se para uma disponibilidade cada vez mais ampla. Se a gente quisesse, de acordo com Pallotti, descrever numa fórmula a linha global do crescimento espiritual, poder-se-ia

¹⁰⁸ As duas pessoas às quais Pallotti endereçou o maior número de cartas são a Irmã Maria Geltrude Costantini (1780-1846), mestra de noviças e, depois, superiora da Ordem da Visitação em Roma (o Pe. Faller fala de 327 cartas e de pequenos bilhetes – cfr. “Vicente Pallotti e os mosteiros femininos”, art. cit., p.432), e o Pe. Felice Randanini (1810-1875), um jovem padre romano, amigo desde a infância, que por nove anos viveu em Viena como secretário da Nunciatura apostólica. Endereçadas a este, existem mais de 150 cartas de Pallotti

¹⁰⁹ Cfr. Wladyslaw Gajur, *Pallotti e i suoi principi nella formazione spirituale attraverso il rapporto con Felice Randanini*, Università Gregoriana, Roma, 1993.

¹¹⁰ OCL II, p. 155. Pallotti faz jogo de palavras: “Sois Felice – feliz [nome], demasiado feliz [adjetivo] e vos tornais infeliz por vós mesmo”. Esta maneira de orientá-lo verificou-se eficaz e proveitosa, porquanto, em 1848, Randanini foi nomeado diretor espiritual do seminário de Roma – cfr. OCL II, p. 326.

¹¹¹ OCL II, p. 153.

¹¹² *Ibidem*, p. 149.

dizer que ela vai “do nada ao tudo”, *da santidade desejada à pobreza ofertada*. Assim, para Elisabetta Cózoli, que, em Roma, e principalmente na *Pia Casa* da qual ela era a primeira superiora, se queixava das ausências de Pallotti, Vicente escreveu: “Para chegar à perfeita união em Deus e com Deus, devemos passar por freqüentes separações [...]. Buscai a Deus em todas as coisas e sempre o encontrareis”¹¹³. Em outro lugar, ele disse a Paul de Geslin, um de seus primeiros companheiros: “Na *Vida dos Santos*, falta sempre um capítulo, meu caro filho. – Qual? – Falta o mais longo, – respondeu ele. Falta o das suas imperfeições”¹¹⁴.

60. **[Formação para o discernimento espiritual]** Um dos papéis essenciais do acompanhamento espiritual consiste em ajudar a discernir aquilo que faz crescer na vida espiritual. Em outras palavras, o discernimento é o coração do acompanhamento espiritual. Era assim que Vicente acompanhava e dava ajuda aos seus. Não fazia as coisas em lugar deles, mas ajudava-os a discernir, a distinguir e identificar os caminhos do progresso espiritual. Assim, por exemplo, a um certo Agostino Wunder, jovem padre alemão que, numa carta lhe perguntava em que circunstâncias podia permitir-se de não rezar o breviário, Pallotti respondeu: “Quando possa deixar-se o Divino Ofício, qualquer bom moralista vo-lo dirá; tendes os livros, assim não me detenho em recordar-vos o que eles ensinam. Como norma, porém, tende como certo, que o Ministro evangélico tem suma necessidade da recitação do Ofício Divino; e que tanto mais será idôneo em promover a glória de Deus e a salvação das Almas quanto mais for exato, preciso e devoto na sua recitação. Recordai que S. Francisco Xavier, nas muitas obras do seu apostolado, não o omitiu nunca”¹¹⁵. A um outro de seus penitentes, Felice Randanini, Pallotti escreveu: “Lembre o que diz o Espírito Santo: *Familiares tibi sint mille, Consiliarius autem unus* – *Sejam mil os que te são familiares; conselheiro, porém, um só* (Eclo 6,6). Por isso, ouça-os todos, ‘ut familiares’, como quer o

¹¹³ OCL III, p. 42.

¹¹⁴ Bruno Bayer, *Paul de Geslin, compagnon de Saint Vincent Pallotti*, op. cit., p.62.

¹¹⁵ OCL II, pp.78-80. Sobre Wunder, ver também: OCL II, pp. 332-333.

Espírito Santo, entre todos, porém, escolha um só ‘ut consiliarius’, como conselheiro”¹¹⁶.

61. [Oração e cooperação] Vicente estava convencido de que a alma de toda cooperação tinha que ser a oração. Com efeito, a cooperação espiritual encontrava um lugar privilegiado na União do Apostolado Católico, desde a sua fundação. Os associados espirituais, que cooperavam para as obras apostólicas com as orações, eram considerados por Pallotti como os membros mais importantes e mais nobres da pia Sociedade¹¹⁷. Ao compor uma belíssima oração apostólica, baseada sobre as palavras de Jesus “A messe é grande, mas os operários são poucos” (Mt 9,38), Vicente queria que ela alimentasse em nós, todos os dias, “o mais vivo compromisso de cooperar e alcançar, com o meio infalível da oração, que nos foi ordenada por Jesus Cristo”¹¹⁸. Convencido de que o dom da cooperação para a salvação da humanidade se obteria principalmente por meio da cooperação com Deus, Pallotti encaminha quantos são dirigidos por ele no sentido dessa relação, de tal maneira que o encarregado da edição crítica das cartas afirma: “O principal ponto de apoio de toda a atividade formativa de Pallotti pode sintetizar-se por uma frase, que aparece muito freqüentemente nos seus escritos: “No que se refere aos vossos problemas, não tenho nada mais a dizer senão uma só palavra: Deus, Deus esteja convosco”¹¹⁹. Ele propôs também aspirar e respirar na cooperação “toda vez que ouvíssemos soar o relógio ou o sino”¹²⁰, explicando que é por meio do desejo e da oração contínua que se alcança este dom.

62. [Instrumento da divina Misericórdia] Na sua carta de 16 de agosto de 1839 a Francesco Virili, um de seus amigos e colaboradores, Pallotti suplica: “Rezai, rezai sem fim para alcançar todas as luzes e todo o espírito necessário para escrever como instrumento da divina

¹¹⁶ OCL V, n° 1122^a. Veja também Giovanni Hettenkofer, *Scritti del Ven. Vincenzo Pallotti, Supplemento e indice generale*, p.39.

¹¹⁷ Cfr. OCCC IV, pp. 151-154, pp.357-358.

¹¹⁸ OCCC XI, pp. 400-410; cfr. OCCC CII, 242.

¹¹⁹ Bruno Bayer, “Vinzenz Pallotti als Erzieher, art. cit. p. 68.

¹²⁰ OCCC VII, p. 77.

Misericórdia”¹²¹. Foi durante sua estada em Camaldoli, que Pallotti deu consigo “imerso num mar imenso de divinas Misericórdias”, e que Deus lhe revelou “a verdadeira idéia da natureza e das obras da pia Sociedade”¹²². Com efeito, Vicente considerou a sua fundação como “um dom e uma maravilha da Misericórdia infinita”¹²³. Mais ainda, ele reconhece que a Divina Misericórdia o constitui na Igreja “como um Prodígio novo de Misericórdia”¹²⁴. Por isso, em seu trabalho de diretor espiritual, Pallotti guia as pessoas que lhe são confiadas no sentido de fazerem a experiência de sentirem-se e reconhecerem-se, no seio da Igreja, instrumentos da divina Misericórdia.

ALGUNS CRITÉRIOS A SEREM CONSIDERADOS NA FORMAÇÃO PALOTINA

63. [Critério antropológico] Como psicólogo penetrante, Vicente descobre e revela muitas vezes as suas próprias fraquezas, fechamentos, malícias, numa palavra, todo o lado negativo de si mesmo¹²⁵. Estaria ele sendo levado exageradamente por um pessimismo antropológico? Nós achamos que não. Certamente Pallotti não se fazia ilusões sobre a natureza humana: “Somos todos filhos de Adão”, escreveu ele¹²⁶. Mas, a despeito da aparência de pessimismo antropológico, Vicente não desesperava nunca da humanidade: “Não quero desesperar: eis Jesus Cristo, Ele me conhece e me compreende perfeitissimamente”¹²⁷. E também em *Deus, amor infinito*, Pallotti escreveu: “Vós, Deus meu, me concedereis [...] de apreciar sempre e estimar a minha Alma e a de meus próximos”¹²⁸.

¹²¹ OCL III, p. 118.

¹²² OOCC III, pp. 26-27.

¹²³ OOCC X, pp. 196-199.

¹²⁴ Ibidem, p. 211.

¹²⁵ Pensemos, por exemplo, nas páginas escritas durante o retiro de 1842 (cfr. OOCC X, pp. 682-737), ou ainda no balanço de seus cinquenta e cinco anos de vida (cfr. OOCC X, pp. 276-282). É interessante notar que, neste seu balanço dos 55 anos de vida, Pallotti examina-se a si mesmo, antes como homem, depois como cristão e, finalmente, como padre.

¹²⁶ OOCC I, pp. 108-109.

¹²⁷ OOCC X, p. 701.

¹²⁸ OOCC XII, p. 64.

Segue-se, assim, que a formação palotina deveria educar cada qual para a estima de si mesmo e do outro.

64. **[Critério da imitação de Cristo]** Apaixonado pela infinita glória de Deus e pela salvação dos homens, Vicente Pallotti concebe a caminhada da formação como um aprendizado da imitação de *Cristo Apóstolo do Pai*, imitação que consiste em cooperar com Deus e com os irmãos, na medida do possível, para a salvação da humanidade¹²⁹. Por isso a capacidade de cooperar com Deus e com os outros, seguindo o exemplo de *Jesus enviado pelo Pai*, deveria ser considerada um dos critérios fundamentais do discernimento palotino e ‘o coração palpitante’ de toda a nossa formação.
65. **[Critério mariano]** Vicente Pallotti vê em Maria o modelo da doação total a Deus¹³⁰. Mas, antes de mais nada, vê nela a mãe capaz de modelar em si e em cada um de nós o seu próprio Filho. E, como Pallotti quer ser totalmente transformado em Jesus, pede a Maria, chamada por ele “mestra da vida espiritual”¹³¹, que lho obtenha. Na caminhada da formação palotina, Maria nos traz o conhecimento interior de Cristo, e nos introduz na intimidade familiar com a Santíssima Trindade, na qual o Espírito Santo se manifesta como “a comunicação eterna” do amor infinito do Pai e do Filho¹³².
66. **[Critério do amor]** Não é só uma a maneira de ser palotino mas o que nos une – permitindo-nos grande diversidade e flexibilidade – é o amor, como descrito por São Paulo, na carta aos Coríntios¹³³. Pallotti faz deste amor “a alma da Congregação”¹³⁴ e o movente de todo compromisso apostólico. Esta caridade apostólica a impele à

¹²⁹ Com efeito, Pallotti afirma que dentre todas as divinas perfeições, que Deus comunica às criaturas, a mais divina é o dom de cooperar na salvação das almas. Aqueles que tiram proveito de tal dom são os mais perfeitos imitadores de Jesus Cristo, que veio a esta terra para realizar a obra da redenção das almas, para a glória do Pai celeste – cfr. OOCC XI, p. 256.

¹³⁰ Cfr. OOCC XI, pp. 96-99. Pallotti compôs uma espécie de ladainha, atribuindo a Maria vários títulos. Ele a proclama, por exemplo, ‘toda em Deus’ e ‘toda de Deus’.

¹³¹ OOCC X, p. 159.

¹³² Cfr. OOCC X, 195-196.

¹³³ Cfr. 1Cor 13, 4-8.

¹³⁴ Cfr. OOCC III, pp. 109-111. Pallotti faz seu o mote Paulino, ‘*Caritas Christi urget nos – O amor de Cristo nos urge*’ (2Cor 5,14).

conquista das almas e ao serviço de todos os homens, dos mais humildes aos mais altamente situados. Assim, Pallotti socorre a juventude abandonada, os soldados, os doentes, os excluídos, os encarcerados, os cultos, a nobreza romana e os pobres campônios dos arredores de Roma. Ele teria querido também transformar-se em mil coisas para dar-se a quantos estão privados de tudo: “quisera tornar-me comida para saciar os famintos, vestuário para cobrir os nus, bebida para desalterar os sedentos, [...] remédio e saúde para curar a enfermidade dos doentes, [...] luz para iluminar os cegos espirituais e corporais”¹³⁵.

67. [Critério de amor pela Igreja] O amor profundo pela Igreja e a adesão ao Papa e ao Magistério¹³⁶, são outras características que devem distinguir o itinerário formativo palotino. Com efeito, Vicente amou apaixonadamente a Igreja. Mesmo batendo-se por uma eclesiologia viva e inventiva¹³⁷, quis, ao mesmo tempo, fazer tudo em sintonia com a Igreja católica, apostólica e romana. Ele sempre submeteu as suas intuições inovadoras ao discernimento eclesial. “Tudo submeto ao julgamento infalível da S. M. Igreja: creio tudo que crê e ensina a mesma S. Igreja: e reprovo tudo que reprova a S. M. Igreja agora e sempre e tudo creio, penso e digo, e entendo dizer de acordo com S. M. Igreja”¹³⁸.

68. [Critério do ‘Clarim evangélico’] Pallotti era um apóstolo com idéias avançadas e abertas. Considerou estranho e alheio todo sectarismo, a exclusão, a mentalidade fechada. Ele queria mobilizar todo homem no sentido da glória de Deus e da salvação da

¹³⁵ OOCC X, p. 115.

¹³⁶ Pallotti quer, por exemplo, que a Fundação do Apostolado Católico esteja “sob a dependência absoluta e imediata do Papa” (cfr. OOCC IV, p. 31; p. 161). Verificamos ainda que o jovem Pallotti, quando se preparava para o subdiaconato, fez um especial voto privado de crer em todos os artigos do *Credo* cristão (cfr. OOCC X, p. 521).

¹³⁷ “Sinto, ó meu Deus, que vos dignastes de formar e criar em mim um prodígio novo de misericórdia e me constituís na vossa Igreja como um Prodígio novo de Misericórdia”. OOCC X, p. 211. Não é difícil constatar que Vicente possuía consciência não só de ser constituído na Igreja “um prodígio da misericórdia”, mas também de sentir-se como “um prodígio novo”. É esta consciência da novidade que, além do mais, alimentará em Pallotti a criatividade e a coragem de enveredar por caminhos novos e desconhecidos de Igreja.

¹³⁸ OOCC X, p. 290.

humanidade, donde procede a sua abertura à diversidade de línguas, de ritos, de povos e de culturas. É precisamente para esta abertura e para esta cooperação com todos, leigos e eclesiásticos, homens e mulheres, ricos e pobres, doutos e ignorantes, que Vicente formava os seus seguidores, quando a eles comunicava que “esta pia Sociedade se chama *do Apostolado Católico* [...] para que ela se torne perpetuamente, na Igreja de Jesus Cristo, como um *clarim evangélico* capaz de convocar todos, capaz de despertar o zelo e a caridade de todos [...], a fim de que, na proporção das diversas necessidades da mesma Igreja de Jesus Cristo, em todos os tempos presentes e futuros, com zelo sempre crescente, todos cooperem eficaz e constantemente [...] em todas as empresas evangélicas de *Apostolado Católico*”¹³⁹. A formação palotina de todos os tempos, por isso, é chamada a formar nos seus membros a “mentalidade do ‘clarim evangélico’ no seio da Igreja”.

69. **[Critério do compromisso e do fervor]** Vicente Pallotti nos seus escritos critica muito o ócio dos eclesiásticos. “O ócio do Eclesiástico – escreveu – para o próprio Eclesiástico, para o próximo e para a honra de Deus é o mais pernicioso”¹⁴⁰. “O Eclesiástico ocioso no ministério do próprio estado torna-se o maior inimigo de Deus, o maior traidor da Igreja, o maior inimigo de si mesmo”¹⁴¹. Por isso, “somos obrigados a manter afastado tanto da comunidade como de todo indivíduo e de cada um de nós o mínimo grau de ociosidade”¹⁴². Neste contexto, Pallotti propõe-se estudar com ordem, isto é, unindo os estudos eclesiásticos com a oração, com o próprio compromisso, com o fervor e com o aprofundamento¹⁴³. Em outras palavras, ele quer fazer ‘todo o possível’, porque está persuadido de que “Deus dirigirá tudo quando nós fizermos tudo convencidos de que não podemos nada sem Deus”¹⁴⁴.

¹³⁹ OOCC I, pp. 4-5. Em outro lugar Pallotti diz a propósito desta cooperação com todos: “Mediante esta associação, portanto, não há ninguém que seja excluído de concorrer para o Apostolado Católico”. OOCC IV, p. 124.

¹⁴⁰ OOCC X, p. 567.

¹⁴¹ Ibidem, p. 575.

¹⁴² OOCC III, pp. 73-74.

¹⁴³ Cfr. OOCC X, p. 576 e p. 585.

¹⁴⁴ OCL, II, p. 56.

70. [Critério de universalidade dos métodos e dos meios] Em todo o itinerário formativo palotino é absolutamente necessário considerar a variedade dos meios que Pallotti emprega e propõe aos outros para formar no homem uma espécie de ‘canteiro de obras espiritual’¹⁴⁵. Com efeito, Vicente dá uma grande importância aos meios, porque o fato de utilizá-los ou não é o único poder do homem¹⁴⁶. Por isso que cada qual deve utilizá-los de acordo com a dinâmica própria deles¹⁴⁷, Pallotti elogia a universalidade dos métodos e dos meios. Na verdade a sua pedagogia não se liga com exclusividade a nenhuma escola espiritual, a nenhum método e a nenhuma fórmula. É uma pedagogia aberta, inclusiva e universal. A sua especificidade consiste em fazer com que cooperem todos os métodos, todas as escolas, todos os meios *necessários e oportunos*, capazes de formar candidatos para um “apostolado universal desenvolvido nas pegadas de Cristo Apóstolo”¹⁴⁸.

71. [Critério de paixão pela sinfonia] A paixão pela sinfonia se manifesta em Vicente através de uma de suas expressões

¹⁴⁵ Cfr. OOCC XII, p. 150. Este é um dos temas Paulinos que Pallotti desenvolve. Esta ‘construção espiritual’ tem como fundamento a fé; como paredes, a esperança; como teto, a caridade. Os meios ‘necessários e oportunos’ servirão como instrumentos desta construção. Eis alguns exemplos: orações jaculatórias (OOCC X, p. 354); relógio da paixão (OOCC V, pp. 539-540; OOCC VII, p. 314; OOCC X, p. 12; OOCC XI, pp. 73-80); leitura espiritual (OOCC X, p. 548); lectio divina (OOCC X, p. 552; OOCC XII, p. 454); direção espiritual (OOCC VII, pp. 82-87; OOCC XI, p. 900); confissão (OOCC VII, p. 75; OOCC X, p. 755 e pp. 789-791); diário espiritual (OOCC XI, p. 216; OOCC XIII, p.556); ofício divino (OOCC XIII, pp. 437-438); meditação (OOCC X, p. 560); exame de consciência (OOCC X, p. 548; OOCC XIII, p. 426); visita ao Santíssimo Sacramento (OOCC X, p. 128; OO CC XI, pp. 300-304); Eucaristia (OOCC XII, p.188; OOCC XIII, pp. 743-750); ‘santinhos’, isto é, imagens ou pequenos bilhetes para afixar ou para ler freqüentemente (OOCC IX, pp. 412-413; OOCC XI, pp. 830-831); via sacra (OOCC XIII, pp. 752-756); devoção ao Sagrado Coração (OOCC V, p. 542; OOCC XIII, pp.1367-1368), etc.

¹⁴⁶ Cfr. OOCC X, p. 279. Pallotti pede desculpas a Deus por não ter utilizado todos os meios que estavam à sua disposição.

¹⁴⁷ Pallotti tem grande estima “pelos meios que Deus nos sugere” (cfr. OOCC X, p. 605). Ao Pe.Francesco Virili aconselhará seguir Francisco de Sales como mestre de oração, mas acrescenta logo: “Como método de oração mental, poderia escolher-se aquele que o espírito considera o mais fácil e mais frutuoso” – cfr. OCLIII, p.78. Em outro lugar ele aconselhará seguir Filipe Neri e o espírito do Oratório (cfr. OOCCV, pp. 456-457), Pedro de Alcântara e Teresa de Ávila (cfr. OOCC X, pp. 217-219 e pp. 237-242), ou Inácio de Loyola (cfr. OOCC II, p. 282).

¹⁴⁸ *Memória e profecia*, n° 23. A formação em si não tem sentido, se não for orientada para a missão a ser cumprida. Por isso que o apostolado é universal, também a formação deve ser universal. Qual é o apostolado, tal deve ser a formação.

freqüentemente utilizadas no contexto da formação, isto é, “nem muitas, nem muito poucas”¹⁴⁹. É como se Pallotti quisesse dizer que nem uma situação de excessiva carência, nem um estado de excessiva satisfação favoreçam o desenvolvimento da pessoa. A melhor formação é aquela em que se experimentam os momentos de carência e de insatisfação e os de plenitude e de felicidade. Desenvolvendo a arte da cooperação, Pallotti privilegia também a variedade, a harmonia, a medida, isto é, o conjunto de carismas, métodos e meios que *concorram* para o mesmo efeito. Assim, por exemplo, totalmente ligado ao ambiente de piedade do seu tempo, Pallotti encoraja a participação nas numerosas confrarias e Ordens Terceiras, favorecendo o conhecimento mútuo e a *cooperação* entre elas¹⁵⁰. Pode-se dizer que Vicente praticava e levava a praticar, na Igreja do seu tempo, aquilo que o Papa João Paulo II chama hoje de ‘espiritualidade de comunhão’¹⁵¹.

72. [Critério das três promessas específicas] Há algumas qualidades da vocação palotina que Vicente, desde o início da fundação, codificou nas promessas. Trata-se da perseverança, da comunhão de bens e do espírito de serviço¹⁵². Elas especificam o nosso estilo de compromisso apostólico, a nossa fidelidade a Deus e a fidelidade de uns em relação aos outros. Isto significa que a nossa missão comum tem prioridade sobre nosso projeto pessoal e que nós não nos colocamos só um ao lado do outro, mas um graças ao outro¹⁵³. Vicente, portanto, quer ver-nos “viver uma vida comum perfeita”¹⁵⁴, pondo a serviço do apostolado, sem cansaço, tudo o que somos e temos. Enfim, assinalamos que, falando da perseverança, Pallotti insistia muito em sua dimensão de dom: “Deus meu, sou indigno de ter o dom da santa perseverança [...], mas vós mo concedeis pela

¹⁴⁹ Cfr. OOCC II, p. 159, OOCCIII, p. 16, OOCC X, p. 536.

¹⁵⁰ Pallotti inseriu-se na espiritualidade dos anos oitocentos inscrevendo-se em dezenove confrarias e em cinco Ordens Terceiras. Ele anotou todas estas inscrições (cfr OOCC X, pp. 497-503), convidando os outros a fazer a mesma coisa.

¹⁵¹ Cfr. *VC*, n° 46 e n° 50-51; *NMI* n° 41-45; *RdC*, n° 28-30.

¹⁵² Cfr. OOCC VIII, pp. 13-14 e pp. 24-28.

¹⁵³ Cfr. *LSAC*, n° 240 e n° 241.

¹⁵⁴ OOCC III, p. 41.

vossa misericórdia”¹⁵⁵. E depois acrescenta: “Vós mesmo, ó Deus meu, sois a minha Perseverança”¹⁵⁶.

73. **[Critério da gestão das tensões]** Toda vida fecunda cresce através de tensões. Vicente as experimentava na própria vida e ajudava outros a administrá-las. Trata-se das tensões entre ‘santidade e apostolado’, entre ‘universal e particular’, entre ‘quantidade e qualidade’, entre ‘necessário e oportuno’, entre ‘muito e muito pouco’, entre ‘compromisso individual e cooperação com todos’. Dependerá de nós que estas tensões sejam destrutivas ou fecundas. É a partir destas tensões que Pallotti constrói o seu itinerário formativo, administrando-as todas de maneira fecunda.
74. **[Critério da *docilidade*]** Pedagogo prático, Pallotti concebe a formação como o processo contínuo de querer aprender por toda a vida. Na verdade, Vicente não diz que durante a formação inicial o candidato deva adquirir “a mais sublime perfeição evangélica”, porém, sim, que deve “dispor-se para ela”¹⁵⁷. Os formadores “procurarão afeiçãoar os candidatos à forma de uma vida espiritual e metódica tal, que, *pouco a pouco*, se venha a formar neles, com plena maturidade, a prática da vida eclesiástica. Para dispô-los a isto empregarão toda a diligência”¹⁵⁸. Portanto, a primeira formação terá tido bom resultado somente quando tenha feito nascer no candidato a ‘*docilitas*’ a ‘*docilidade*’¹⁵⁹, isto é, a disponibilidade para deixar-se formar durante a vida inteira.

¹⁵⁵ OOCC X, p. 655.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 735.

¹⁵⁷ OOCC II, pp. 286-287.

¹⁵⁸ OOCC I, pp. 156-157.

¹⁵⁹ Amedeo Cencini explica que o termo *docilidade*, ‘*docilitas*’ literalmente deveria ser traduzido por ‘ensinabilidade’, ou então como disponibilidade do sujeito para deixar-se instruir-ensinar. Mas no contexto da pedagogia palotina, este conceito tem um significado mais ativo e empreendedor: ‘*Docibilitas*’, escreve Cencini, não é só ‘*docilitas*’, porque é aquela inteligência do espírito que amplia alguns fatores precisos além do acolhimento ‘dócil’, obediente e algo passivo; é, em verdade, o pleno *envolvimento ativo e responsável* da pessoa, primeira protagonista do processo educativo; uma atitude fundamentalmente *positiva* face à realidade de *reconciliação e gratidão* com a própria história e de confiança com os outros; a *liberdade interior* e o desejo inteligente de se deixar instruir por qualquer fragmento de verdade e de beleza em torno de si, sentindo-se feliz por aquilo que é verdadeiro e belo; a *capacidade de relação com a alteridade*, de interação fecunda, ativa e passiva com a realidade

75. **[Critério da alegria espiritual]** O espírito de alegria e o senso de humor permitem manter o equilíbrio na vida relacional e comunitária. Sem eles nós nos tornamos desagradáveis àqueles que desejamos servir e também a nós mesmos. Vicente Pallotti estava convencido disto e por isso escreveu: “A santa hilaridade e a alegria espiritual, como um dos preciosos frutos dos dons do Espírito Santo, é, pois, um dos caracteres distintivos dos verdadeiros Servos do Senhor [...]. Lembrem ainda, que, se lhes falta uma tal característica, poucas Almas levarão a Deus, já que, com este modo de tratar, poucos se animarão à seqüela de Jesus Cristo”¹⁶⁰. Assim, Pallotti quer ver resplandecer, nos semblantes de quantos estão na pia Sociedade ou venham a ela, a satisfação e a santa alegria¹⁶¹. Elas são o *termômetro* de uma sadia evolução na vida da seqüela de Cristo.
76. **[Critério da reciprocidade na comunidade]** A cooperação com o clero e com os leigos dão muito claramente a dimensão de nossas relações pessoais dentro de nossas comunidades locais. Em outras palavras, a cooperação e a reciprocidade ou começam em casa ou não começarão nunca. Por isso Vicente Pallotti fez da comunhão de bens uma promessa específica nas suas comunidades¹⁶². Trata-se de uma promessa sobre a cooperação dentro de nossas comunidades. Com efeito, mediante esta promessa nos comprometemos a trabalhar juntos e a pôr a serviço do apostolado tudo que somos e temos¹⁶³. Conseqüentemente, a formação palotina deve cuidar de formar não só experientes colaboradores externos, mas, antes de tudo, colaboradores ao interior da comunidade, porquanto “relaxada uma

objetiva, outra e diferente, em relação ao eu, até o ponto de se deixar formar” – cfr. *Il respiro della vita. La grazia della formazione permanente*, San Paolo, 2002, pp.34-35.

¹⁶⁰ OCCC II, pp. 162-164.

¹⁶¹ Cf. *ibidem*, p.163. Seria muito interessante ler, neste contexto, algumas cartas de Pallotti a Randanini. Pallotti aborda com muita delicadeza e compreensão os problemas que lhe são confiados. Os seus conselhos, porém, e pareceres não são isentos de alguma delicada esfumatura de jovialidade e de senso de humor. Sobre isto, veja Bruno Bayer, “Pallotti como diretor espiritual”, art. cit., p. 52; e do mesmo autor: “Herança dos escritos de Pallotti”, art. cit., pp.43-44.

¹⁶² Recordemos que, desde o início da fundação, os padres, os irmãos e as irmãs faziam esta promessa chamada pelo fundador “a vida comum perfeita” (cfr. OCCC III, p. 64 e OCCC II, p. 558).

¹⁶³ Cfr. LSAC, n° 37-39 e n° 242.

vez uma congregação, para reordená-la novamente seria necessário um grande milagre, que é bem raro”¹⁶⁴.

77. **[Critério da santa cooperação]** Desde a origem da nossa fundação, somos chamados a cooperar com Deus e entre nós: “Todas (as pessoas) devem estar de tal modo ligadas entre si, que uma esteja atenta à outra e em *movimento contínuo* com a outra, a fim de que em nenhuma aconteça arbítrio pessoal, diminuição de zelo ou cessação de obras”¹⁶⁵. Dito em outras palavras, não somos apóstolos sozinhos. O *cavaleiro solitário* é perigoso e estranho à identidade palotina. Vicente quis uma *União do Apostolado Católico*, isto é, uma *comunhão* de dons diferentes e de vocações diversas. Em consequência, o nosso tempo deveria ver-nos empenhados mais que nunca em valorizar e desenvolver os campos e os meios que contribuem para fazer da Igreja e da nossa União *casas de comunhão e escolas de cooperação*¹⁶⁶.

¹⁶⁴ OOCC II, p. 30 e OOCCVII, p. 38.

¹⁶⁵ OOCC III, pp. 156-157.

¹⁶⁶ Cfr. NMI, n° 43 e n° 44.

Capítulo II

AS CONSTANTES DA ESPIRITUALIDADE PALOTINA

O DEUS EM QUEM ACREDITAMOS

78. **[Buscar a Deus]** Vicente Pallotti pertencia ao tipo de homens de grandes desejos e de amplas perspectivas. A medida dos seus pensamentos, palavras e ações era a sede “do infinito”. O seu ser e agir mergulhavam na fonte da infinidade – realidade de DEUS: “Meu Deus, quem sois Vós e quem sou eu? Quem sou eu diante de Vós? Que coisa quisestes que eu fosse diante de Vós?”¹. Esta grande pergunta existencial do Fundador vinha acompanhada de um fervoroso desejo: “Procurai Deus e encontrareis Deus. Procurai Deus em tudo e o encontrareis em tudo. Procurai Deus sempre e o encontrareis sempre”².
79. **[Experiência mística de Deus]** “Omnia possum in eo qui me confortat”³ – Assim começa o Diário espiritual do nosso Fundador. “DEUS só, só, só, só, só, só, etc. & Deus meu só”⁴ – Eis uma das expressões de sua sede. O movente da vida, a santidade pessoal, o modo de compreender e viver a Igreja e os frutos do empenho deste Santo estavam radicados na sua experiência mística de Deus⁵. “Deus meu, não o intelecto, mas Deus... Deus em tudo e sempre”⁶. Este olhar se estende também aos outros: “Eu vos olho em Deus, trato convosco em Deus, abraço-vos e saúdo em Deus, amo-vos em Deus e em Deus encontro-me sempre convosco, unido em todas as vossas obras;

¹ OCCC X, p. 462.

² OCL II, p. 382.

³ OCCC X, p.5

⁴ Ibidem, p. 66

⁵ Cfr. *Dirctivas para a formação sacerdotal dos estudantes de filosofia e teologia*, nº 13, Roma 1989.

⁶ OCCC X, pp. 247-248.

para chegar a estarmos todos juntos, reunidos em Deus, no Reino dos céus, para cantar eternamente as divinas misericórdias”⁷.

80. [Na companhia da Santíssima Trindade] “*Venite omnes gentes – Vinde todos os povos...Vinde e admirai, pasmai, agradecei, abençoai, exaltai e glorificai o meu e vosso Deus Pai, Filho e Espírito...*”⁸. Esta imagem de Deus tem seu fundamento na Sagrada Escritura. Deus em Pallotti é a realidade pessoal, cheia do intercâmbio recíproco de vida, a realidade de sua natureza – podemos dizer – relacional. A sua infinita sede aspira a este Deus. “Ah meu Deus, então Vós sois o alimento da minha Alma! Assim, o Pai é o alimento da minha Alma, o Filho é o alimento da minha Alma, o Espírito Santo é o Alimento da minha Alma e DEUS todo é alimento da Alma... e todo Vós, meu Deus, eterno, infinito, imenso, incompreensível, sois o alimento da minha alma, e o sois sempre, de noite e de dia, a todo instante, e quereis que abramos sempre mais a boca da nossa Alma, para alimentar-nos sempre mais...”⁹ Esta experiência de Deus é radical: “Vivo eu, porém não mais eu; é a Santíssima Trindade que vive em mim!”¹⁰. É estupefaciente: “Lembraí que estais na presença de Deus e dizeis na fé – o Pai que me criou está aqui – o Filho, que me remiu está aqui – o Espírito Santo, que me santificou está aqui. Eu estou junto com as três Pessoas da Santíssima Trindade – Oh que companhia!”¹¹

81. [Deus, Amor Infinito e Misericordioso] O Deus Trinitário é um Deus cheio de Amor e de Misericórdia. “...Oh excesso de Amor incompreensível! Ah meu Deus, Amor infinito da minha Alma, Misericórdia inefável! Oh as divinas invenções do vosso Amor

⁷ OCL III, p. 245.

⁸ OCCC X, pp. 247-248.

⁹ OCCC XIII, p. 117.

¹⁰ *Ibidem*, p. 256. “*Vivo Ego jam non ego, vivit vero in me Beatissima Trinitas.* O Pe. Carlos Orlandi, que recebeu do Fundador a tarefa de aperfeiçoar a Regra, quis acrescentar às promessas da SAC uma sétima promessa: a devoção à Santíssima Trindade. Cfr. *Commentario Teologico Spirituale della legge della Società dell’Apostolato Cattolico* (texto manoscritto), p. 88.

¹¹ OCCC XI, p. 236.

infinitamente Misericordioso!”¹². Com verdadeiro agradecimento aceitamos esta mensagem do Fundador que exaltava as “amorosas invenções da divina Misericórdia!... Amor infinitamente misericordioso...”¹³; que sentia “que a mesma infinita Justiça de Deus é infinitamente misericordiosa”¹⁴ e que, vendo em Maria o “Prodígio da... Graça”, considerava-se a si mesmo como o “Prodígio¹⁵, Milagre, Abismo, Troféu da [...] Misericórdia”¹⁶. Verdadeiramente a “Justiça de Deus é infinitamente misericordiosa”¹⁷.

- 82. [...e infinitamente comunicável]** Vicente Pallotti compartilha conosco também uma outra descoberta: o Deus Infinito, o Deus Trinitário, o Deus Amor Misericordioso é “infinitamente difusivo”¹⁸. Ele “realiza a Obra da Criação para comunicar todo a si mesmo às suas Criaturas”¹⁹. Deus se comunica. O Santo Fundador pode exclamar: “Meu Deus, Misericórdia minha infinita. Eterno, Imenso, Incompreensível, só e único infinito, infinitamente Comunicável...”²⁰ Esta comunicabilidade divina constitui uma força explosiva na espiritualidade do Fundador.
- 83. [Ad Infinitam Dei Gloriam]** “Todo o bem que fizeram e farão todas as criaturas e tudo o que fiz, faço e farei eu pela maior glória do nosso Deus e Pai Celeste amorosíssimo, entendo que seja feito com infinita perfeição”²¹. Corajosamente vamos implantar esta experiência e a mística de Deus do Santo Fundador no contexto da nossa contemporaneidade na qual descobrimos uma grande sede

¹² OCCC XIII, p. 129.

¹³ OCCC X, p. 292.

¹⁴ Ibidem, p. 322.

¹⁵ Ibidem, p.303.

¹⁶ Ibidem, p. 356. Em 17 de julho de 1839 Pallotti escreve: “para confirmar-me na confiança [...] de ter sido feito prodígio, troféu e Abismo da Misericórdia, frente a Maria Santíssima, que é abismo de Graça, esta manhã, 17 de julho de 1839... a mesma infinita Misericórdia feita comida, alimento e nutrimento da minha Alma, fez-me sentir...” – OCCC X, p. 354.

¹⁷ Ibidem, p. 322.

¹⁸ OCCC XIII, p. 30.

¹⁹ Ibidem, p. 29.

²⁰ OCCC X, p. 513.

²¹ Ibidem, p. 57.

de valores espirituais e uma nostalgia de Deus²², mas na qual, de outra parte, e ao mesmo tempo, encontramos tantos que pensam e vivem “como se Deus não existisse”²³, e se movem na grande nebulosa²⁴ das suas pesquisas. Cada momento da existência e cada fibra da personalidade de Vicente estavam orientados para Deus. Assim ele dava glória infinita a Deus.

84. [No percurso formativo] À luz da “*Confessio Trinitatis*”²⁵ e da A.I.D.G. de S. Vicente Pallotti, assinalamos alguns pontos para a caminhada educativa dos membros da Sociedade do Apostolado Católico: “A UAC, da qual a SAC é parte integrante²⁶, contempla o Ícone da Santíssima Trindade”²⁷ e se “enxerta no processo dinâmico do amor misericordioso da SS. Trindade...”²⁸; o primado absoluto de Deus²⁹; o espírito de infinidade e a fé aberta à mística; o amor que faz de si mesmo um dom desinteressado³⁰; a espiritualidade de comunhão³¹; a imaginação da misericórdia³² que

²² Cfr. S. Agostinho: “Tu o (o homem) impeles [...], porque nos criaste para ti e o nosso coração vive sem paz até que não repouse em ti”, *Confissões*, n° 1.

²³ Esta constatação está presente muitas vezes nos pronunciamentos de João Paulo II.

²⁴ Cfr. Pontifício Conselho da Cultura e Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso, *Jesus Cristo portador da água viva. Uma reflexão cristã sobre a ‘New Age’*, Cidade do Vaticano, 2003.

²⁵ É este o título do 1º capítulo da Exortação *Vita Consacrata*. Este documento começa com as seguintes palavras: “*A vida consagrada, profundamente radicada nos exemplos e nos ensinamentos de Cristo Senhor, é um dom de Deus Pai à sua Igreja por meio do Espírito Santo*”.

²⁶ Cfr. LSAC, n° 1.

²⁷ Cfr. *Chamados pelo nome*, Manual de Formação da UAC, Roma 1989, pp. 45-51. De modo figurado este ritmo é mostrado pelo sinete da União do Apostolado Católico. “No espaço da forma circular se representam, no alto, as três Pessoas do augusto Mistério da Trindade sacrossanta...” “O sinete é de forma circular: representa as três Pessoas da SS. Trindade...”

²⁸ *Estatuto Geral da UAC*, n° 14.

²⁹ “Assim, a busca de novas formas de espiritualidade, que hoje emerge da sociedade, deve encontrar uma resposta no reconhecimento do primado absoluto de Deus, vivido pelos consagrados através da total doação de si...” - Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa* do Santo Padre João Paulo II, n° 38.

³⁰ Cfr. *GS*, 24.

³¹ Cfr. *NMI*, 43.

³² “Deus rico de misericórdia” (Ef 2,4) é aquele que Jesus Cristo nos revelou como Pai: justamente o seu Filho, em si mesmo, no-lo manifestou e tornou conhecido” (Jo 1,18; Hb 1,1). Assim começa a Carta Encíclica de João Paulo II, *Dives in misericordia – Rico de misericórdia*. Cfr. também João Paulo II, *NMI*, n° 38, 49 e 50 aí somos convidados a “*apostar na caridade*”, na “*fantasia da caridade*” (em outras línguas encontramos outras expressões: “*chamados à misericórdia*”; à “*imaginação da misericórdia*”).

se apresenta como a chave interpretativa da época³³. Na contemplação palotina do Vulto de Deus, podemos descobrir todas estas sensibilidades fundamentais de hoje, as quais se apresentam como sinais dos tempos. O grande apelo de S. Vicente Pallotti para “aumento, defesa e propagação da caridade, e da fé católica”³⁴, é, assim, ainda atual.

O CRISTO QUE SEGUIMOS

85. [O Apóstolo do Eterno Pai] “Deus amou tanto o mundo que entregou o Filho unigênito” (Jo 3,16). “Ora, a vida eterna consiste em que te conheçam a ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste (Jo 17,3). “Por isso... fixai bem o olhar em Jesus, o apóstolo...” (Hb 3,1). S. Vicente Pallotti, inspirando-se continuamente na Sagrada Escritura e evidenciando o primado da graça de Deus, fixava o seu olhar no Enviado do Divino Pai, isto é, no Apóstolo do Eterno Pai: “N. S. Jesus Cristo é o Apóstolo do Eterno divino Pai porque enviado por Ele [...] O Apostolado de Jesus Cristo é a sua obediência ao preceito do Pai celeste...”³⁵. O carisma do Fundador e a sua espiritualidade põem às claras a dimensão apostólica da vida e da morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. “Fonte, origem e mestre de todo apostolado para os membros da União é Jesus Cristo Apóstolo do Eterno Pai” (cfr. Hb 3,1)³⁶. Os membros da nossa Sociedade “seguem a Cristo, Apóstolo do Eterno Pai...de acordo com os conselhos do Evangelho”³⁷.

³³ Cfr. *NMI*, nº 50. “Compartilhamos também a convicção de que a mensagem da justificação nos orienta de modo especial para o próprio centro do testemunho que o Novo Testamento dá da ação salvífica de Deus em Cristo: ela nos diz que nós, enquanto pecadores, devemos a nossa vida nova somente à misericórdia de Deus que perdoa e faz novas todas as coisas, misericórdia que nós podemos receber somente como dom na fé, mas que não podemos merecer nunca e de nenhuma forma”, em *Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação entre a Igreja Católica e a Federação Luterana Mundial*, de 31 de outubro de 1999, nº 17, do Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos Cristãos.

³⁴ *OOCC I*, p. 5.

³⁵ *OOCC III*, p. 139.

³⁶ *Estatuto Geral da UAC*, nº 2.

³⁷ *LSAC*, nº 5.

86. **[“Cristo vive em mim”]** Vicente Pallotti quis ter e viver “os mesmos sentimentos que teve Cristo Jesus” (Fl 2,5) pelo que se mostra um seu grande imitador e seguidor³⁸. A grande Mãe da Misericórdia lhe fez “reconhecer o próprio divino Filho”³⁹. Portanto os sentimentos de Jesus se tornam o ritmo da vida do santo Fundador: “A vida de Jesus Cristo é a minha vida... A crucifixão de Jesus Cristo é a minha... A obediência de Jesus Cristo é a minha... A fortaleza de Jesus Cristo é a minha fortaleza⁴⁰... As obras de Jesus Cristo são as minhas obras... A pregação feita por Jesus Cristo aos pobres é a minha... A plenitude da força do Sacrifício de Jesus Cristo é a minha força⁴¹. Jesus Cristo é meu; as suas virtudes e méritos infinitos são os meus e as suas obras – e a terra é pequena demais para conter os livros necessários para narrá-las – é tudo, tudo coisa minha!”⁴² “Vivo eu, porém não eu, Cristo vive em mim”⁴³. Esta era a sua regra. É este também o programa dos membros da sua Fundação. “A regra fundamental da nossa mínima Congregação é a vida de N. S. Jesus Cristo, para imitá-lo com humildade e confiança, com toda a possível perfeição, em todas as Obras da Vida oculta e do público Ministério evangélico, para a maior glória de Deus Pai celeste, e para a maior santificação da nossa Alma e dos nossos próximos...”⁴⁴

87. **[“Modellum nostrum Christus est – nosso modelo é Cristo”]** Conhecer, amar e seguir o Apóstolo do Pai: eis a dinâmica da vida de S. Vicente Pallotti e a fundamental inspiração da sua espiritualidade. Neste contexto compreendemos melhor a convicção e a paixão interior de Vicente Pallotti, expressas nas

³⁸ “Imitar” e “imitação”, como também “seguir” e “seqüela” é linguagem que podemos encontrar nas *Obras Completas* e nas *Cartas* de S. Vicente Pallotti.

³⁹ Cfr. OOCC X, p. 195. Trata-se do *Matrimônio espiritual com Maria S.S. em 31 de dezembro de 1832*.

⁴⁰ *Ibidem*, pp. 161-162.

⁴¹ *Ibidem*, pp. 492-495.

⁴² OOCC XIII, p. 121.

⁴³ OOCC X, p. 256: “Vivo Ego jam non ego vivit vero in me Christus”.

⁴⁴ OOCC III, p. 40. É a ‘Regra dos 33 pontos’. “Os membros querem viver plenamente esta vocação; resolvem seguir Jesus Cristo na Sociedade, tornam regra fundamental das suas vidas a vida oculta e pública dele, a imolação na cruz, e esperam encontrar, na ressurreição com Ele, a última perfeição própria”, cfr. *LSAC*, n° 12.

palavras seguintes: “A cada qual mandou Deus cuidar da salvação eterna do seu próximo; e como ao executar tais preceitos devemos imitar Jesus Cristo que é o Apóstolo do Eterno Pai, por isso a vida de Jesus Cristo, que é o seu Apostolado, deve ser o modelo do Apostolado de cada qual; e como todos são chamados, e, mesmo, obrigados, a imitar Jesus Cristo, assim todos, na medida da sua condição e estado, são chamados ao Apostolado...”⁴⁵. Nesta óptica a Obra do Apostolado Universal, isto é, a União do Apostolado Católico se apresenta como a fundação por excelência. “A espiritualidade específica da União é o seguimento de Cristo, Apóstolo do eterno Pai. Na fé e na caridade, os que pertencem à União querem permanecer unidos a Cristo crucificado e ressuscitado, presente no meio deles (cf. Mt 18,20); esforçam-se por imitar-lhe o amor pelo Pai e por todos os homens; e desejam realizar hoje, da maneira mais acabada, o seu estilo de vida e de apostolado”⁴⁶.

- 88. [“Caritas Christi urget nos – Urge-nos o amor de Cristo”]** De acordo com nosso Fundador, a vida de Jesus e, principalmente, a sua morte tornaram-se a suprema cátedra da revelação de sua sede de almas. De tal maneira o despojamento divino, manifestada pelo Enviado do Pai, torna-se revelação daquilo que sustenta o universo: o amor de Deus. Este “fogo” de amor trouxe o Apóstolo do Eterno Pai à terra (cfr. Lc 12,49). “Vivem o seu espírito todos os membros da nossa Sociedade. Ele atinge sempre novo ardor a partir do amor que Cristo trouxe para a terra”⁴⁷. “Eles tomam como norma a caridade generosa que gosta de servir e não busca o próprio proveito (cfr. 1Cor 13). Esta caridade é fonte e força do nosso trabalho apostólico e da nossa vida comum. Nela a nossa operosidade pela salvação dos homens e a nossa vida espiritual encontram a própria unidade. A caridade dá estabilidade à nossa consagração e aos vínculos que nos unem à Sociedade e torna possível a nossa fidelidade”⁴⁸.

⁴⁵ Ibidem, p. 142.

⁴⁶ *Estatuto Geral da UAC*, nº 16.

⁴⁷ *LSAC*, nº 10.

⁴⁸ Ibidem, nº 13.

89. [A memória prática quotidiana] “Sendo a vida de N.S.J.C. a Regra fundamental da nossa mínima Congregação, antes de dar começo a qualquer obra, somos obrigados a considerar, nas diversas circunstâncias do dia, como pensaria, ou falaria, ou agiria N.S.J.C., e, em tudo e sempre, devemos esforçar-nos no sentido do que é mais perfeito”⁴⁹. Por isso, S. Vicente Pallotti propõe, primeiramente a nós, a *Memória prática quotidiana*⁵⁰. Devemos recordar sempre “a infinita misericórdia e o amor infinito de N.S.J.C., que, para continuar a sua vida santíssima em nós, dignou-se permanecer entre nós no SS. Sacramento da Eucaristia, e se comunica conosco na forma de comida e sustento da nossa Alma”⁵¹. Os frutos daquela *Memória* podemos admirar na vida do Santo Fundador. Trata-se, de modo especial, do espírito de Caridade, de humildade, de mansidão, de tranqüilidade, de paz, de sublime perfeição, de doçura, de compaixão, de paciência, de sacrifício e de habilidade⁵², qualidades todas que revelam o zelo do Enviado do Pai.

90. [No percurso formativo] O que pretendemos pôr às claras no processo de formação? A espiritualidade palotina é apostólica: imitamos e seguimos o incansável zelo do Apóstolo do Pai, a sua misteriosa sede da glória de Deus e da salvação do homem. A vida de N.S.J.C. é a nossa regra, nas diversas circunstâncias, dos pensamentos aos desejos, dos desejos ao amor, do amor à confiança seguimos a contemplação e a ação de Jesus Cristo. “Tornai-vos meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1Cor 11,1). Imitadores de S. Vicente Pallotti? Precisamente nesta seqüela e imitação descobrimos o mistério do zelo apostólico do

⁴⁹ OCCC III, p. 42: “Para imitar a N.S.J.C. temos principalmente necessidade de ter o seu espírito, ou seja, que todas as operações internas da nossa alma sejam semelhantes àquelas do mesmo N.S.J.C., a fim de que o imitemos sinceramente também nas obras externas, que devem ser as verazes expressões das internas...”, *ibidem*, p. 38.

⁵⁰ “Memória prática quotidiana para imitar a N.S.J.C., na observância das SS. Regras e Constituições”, OCCC III, pp. 34-39.

⁵¹ *Ibidem*, pp. 37-38. “Com efeito, na santíssima Eucaristia se encerra todo o bem espiritual da Igreja”. Cfr. *Eclesia de Eucaristia*, Carta Encíclica de João Paulo II, da Quinta-feira Santa do ano 2003, n° 1.

⁵² Cfr. *Ibidem*, pp. 38-39.

Fundador, que mereceu ser chamado o apóstolo de Roma⁵³. Juntos, caridade e apostolado põem a sua marca na vida e na atividade dos membros, como também na coordenação e no governo da Sociedade⁵⁴

O ESPÍRITO QUE NOS IMPELE

91. [“Eterna comunicação”] Há duas qualidades que Vicente Pallotti atribui ao seu *matrimônio espiritual* com Maria, celebrado “...no último dia do ano de 1832”⁵⁵. *A grande Mãe da Misericórdia* lhe fez “reconhecer o próprio divino Filho, e, sendo Ela Esposa do Espírito Santo [se empenhou], por que fosse ele todo transformado internamente no Espírito Santo”⁵⁶. Cheios de respeito diante da grandeza desta experiência mística e deste mistério, ousamos intuir que, graças ao dom do matrimônio espiritual, Pallotti pôde mergulhar mais profundamente no oceano da Santíssima Trindade⁵⁷, no mistério “das duas mãos de Deus” de que fala S. Irineu⁵⁸. O dom maior de “reconhecer o Filho” leva Vicente a rezar: “Onipotente e misericordioso Jesus, destruí toda a minha vida e fazei com que seja minha a vossa vida e a da Beatíssima Trindade, (...) eterna contemplação, eterna dileção, eterna comunicação do Espírito Santo”⁵⁹. De fato, o nosso Fundador descobre o Espírito Santo, como *ligação, ponte e cooperação* em Deus mesmo; como “eterna comunicação” de Deus “infinitamente

⁵³ Numerosos autores estão admirados dos muitos encargos e do grande dinamismo apostólico de Pallotti, que era ao mesmo tempo pastor e mestre, reitor e professor, confessor e padre espiritual, orador e pregador, benfeitor dos soldados, dos prisioneiros e dos enfermos, amigo dos pobres, hóspede de papas e cardeais, autor de livros e artigos, infatigável promotor de missões, sacerdote que corria para ajudar campônios, organizador de escolas noturnas para artesãos, diretor de fraternidades e presidente de sociedades, iniciador de uma sociedade de crédito e catequista pelas ruas, mediador entre padres e leigos, intérprete dos sinais dos tempos e fundador de comunidades religiosas.

⁵⁴ Cfr. *LSAC*, n° 8.

⁵⁵ *OOCC X*, p. 195.

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ “O Pai com seu infinito Poder, o Filho com sua infinita Sabedoria e o Espírito Santo com seu infinito Amor” – cfr. *OOCC XIII*, p. 187.

⁵⁸ Segundo S. Irineu, Deus se faz reconhecer através de seu Verbo (o Filho) e de sua Sabedoria (o Espírito). Cfr. *Adversus haereses*, II, 30, 9, 822b.

⁵⁹ *OOCC XI*, p. 24.

comunicável”⁶⁰. Ao mesmo tempo para Pallotti o Espírito Santo é a comunicação e a cooperação no coração da humanidade, entre os homens⁶¹. Este horizonte nos sensibiliza mais sobre a profundíssima convicção do nosso Fundador de que “dentre todas as divinas perfeições, que Deus comunica às suas criaturas, a mais divina é a de chamar a criatura a cooperar com o próprio Deus na salvação das Almas”⁶². Eis também o segredo de sua fecundidade apostólica. Nos seus escritos encontramos tantas expressões referentes ao espírito que, sob o influxo do Espírito Santo, deve avivar a família palotina⁶³. Do Espírito Santo, antes de tudo, se deve evidenciar que “transborda” de amor, santidade, unidade e alegria.

92. [O espírito de caridade] Em primeiro lugar sublinhamos o espírito de caridade que é o fundamento da Sociedade. É o Espírito Santo que derrama a caridade que “urge para o apostolado”⁶⁴. Participamos do Amor do Espírito Santo⁶⁵. Isto posto, Vicente, para os membros da *Congregação dos Padres e Irmãos*, exclui os votos. A renúncia dos congregados devia ser o triunfo do amor de Deus tornado vida da alma e salvaguarda do vigor apostólico da comunidade⁶⁶. A nossa consagração é a justa resposta àquela tomada de consciência do amor inefável e infinito de Deus, derramado em nós pelo Espírito Santo. Aceitando o enriquecimento da reflexão do Concílio Vaticano II⁶⁷, ponhamos às claras a permanente atualidade da motivação de Pallotti, que pôs em luz de primeiro plano o preceito do amor como fundamento

⁶⁰ Cfr. *Ibidem*. As interpretações de alguns ícones da Trindade, por exemplo como daquele de Rublëv, vêm, no centro do quadro, o Espírito Santo, como ‘síntese’ da Trindade.

⁶¹ Cfr. OCCC VIII, p. 9.

⁶² OCCC III, p. 322 e p. 403; OCCC XI, 234.

⁶³ Pallotti confia o seu segredo: “O Espírito Santo que me santificou é meu” – OCCC XIII, p. 1553. Veja também OCCC XI, pp. 288-292.

⁶⁴ OCCC XI, p. 7. “O Apóstolo do eterno Pai chama o homem a doar-se sem reserva a Deus e ao serviço do próximo e a cooperar na salvação do mundo” (*Ibidem*, p. 10).

⁶⁵ Cfr. OCCC IV, pp. 215-216.

⁶⁶ Cfr. OCCC IX, pp. 24-25. Veja também, “Renovação SAC 2000” [2], *Vida consagrada pallottina*, n° 2.

⁶⁷ De acordo com o Concílio Vaticano II, o compromisso apostólico encontra a sua razão de ser no sacramento do Batismo; cfr. *LG*, n° 33 e *AA*, n° 3, onde se trata especialmente do apostolado dos leigos, tão caros ao Santo Fundador.

do apostolado. Criados à imagem de Deus Amor, impelidos pelo perfeito amor para com Deus e o próximo, assumimos como norma a “caridade generosa” na qual têm encontro a nossa “operosidade pela salvação dos homens e a nossa vida espiritual”⁶⁸. A grande atualidade do compromisso apostólico, fundado no amor, é tornada evidente por outro fator. O homem moderno, numa época em que uma “ampla faixa de cristãos” em geral pensa, decide e vive “como se Cristo não existisse”⁶⁹, não consegue ter acesso fácil aos espaços clássicos do encontro com Ele (Sacramentos, palavra de Deus, oração...). A presença de Jesus, prometida àqueles que se amam com o Seu amor, não é destinada somente a quem tem uma grande preparação intelectual ou teológica, mas pode ser levada a todos os ambientes, também aos mais secularizados.

93. **[O espírito de santidade]** Os frutos da amorosa cooperação com os dons do Espírito Santo manifestaram-se na santidade de Vicente Pallotti, chamado o “Santo da Cidade”. Isto, a partir dos desejos dele: “Espero tornar-me santo como quer Deus”⁷⁰, e “quisera ter infinitas vontades e vidas, para sacrificar todas em Honra do nome de Deus”⁷¹. Encontramos estes desejos no *Protesto geral*. Depois, através de todas as etapas de sua vida, até à reflexão sobre a obrigação “de aperfeiçoar-nos a nós mesmos... enquanto somos viva imagem da Santidade e da Perfeição por essência”⁷², de que fala o livrinho *Deus, o Amor Infinito*, constatamos que estes pensamentos e concretas obras de santidade marcaram a vida de S. Vicente Pallotti⁷³. Descobrimos o segredo de sua fecundidade apostólica na sua santidade. Ele descobria uma relação direta e

⁶⁸ Cfr. *LSAC*, n° 13. Asseguramos assim “a eterna salvação da própria alma”; Cfr. *OOCC* III, p. 40.

⁶⁹ Cfr. Exortação Apostólica, *Ecclesia in Europa*, n° 26.

⁷⁰ *OOCC* X, p. 84.

⁷¹ *Ibidem*, p. 109.

⁷² *OOCC* XIII, p. 107. “...e assim me criou Deus, que se me não torno santo e perfeito quanto posso, em toda a minha vida, com a ajuda de sua graça, estou sempre e opero sempre mais ou menos em contradição comigo mesmo, porque sou uma viva imagem da Santidade e Perfeição por essência” – *ibidem*, p.108.

⁷³ É suficiente seguir o índice analítico das *Obras Completas* de S. V. Pallotti. A palavra *santificazione* aparece 400 vezes, *santità* 362 vezes e *santo*, 820 vezes.

substancial entre santidade e apostolado e queria uma comunidade de pessoas que, no caminho da perfeição, não dissessem nunca “basta”⁷⁴. “Ora todos aqueles que estão e estiverem na Congregação não é suficiente que tenham entrado com a disposição de praticar a Vida de perfeito Sacrifício [...], é necessário que [...] a sua vida tenha entre seus caracteres distintivos o de irem sempre avante e o de crescerem sempre na santidade e na perfeição evangélica”⁷⁵.

94. **[O espírito de unidade]** A unidade deve constituir a dimensão essencial da União e da Sociedade do Apostolado Católico. A União é chamada ao serviço da unidade. Alguns sacerdotes, bem como piedosos leigos seculares “propuseram unir-se pelo vínculo de competitiva Caridade cristã [...], aspirando juntos ver apressado aquele momento desejado por todos os bons e profetizado por Jesus Cristo, momento em que haverá um só Rebanho e um só Pastor”⁷⁶. No cumprimento do desejo de Jesus: “Que todos sejam um como nós’ (Jo 17,11.21), empreendemos iniciativas no campo do ecumenismo e procuramos dar o nosso apoio às atividades destinadas a alcançar a unidade entre os cristãos. O nosso trabalho, neste plano, deve inspirar-se no respeito à ação do Espírito Santo nas outras comunidades cristãs”⁷⁷.
95. **[O espírito de alegria]** Um dos frutos da pedagogia do Espírito Santo são a santa hilaridade e a alegria espiritual. Ela “é um dos preciosos frutos dos dons do Espírito Santo e, por isso, é um dos caracteres distintivos dos verdadeiros Servos do Senhor [...]. Por isso todos, com a perfeita observância das regras, procurando dispor-se a receber em grande abundância os dons do Espírito Santo e procurando da mesma forma de tirar proveito deles, os terão em abundância bem como os frutos preciosos de tais dons. Como, dentre os frutos indicados, um é o do Gáudio espiritual,

⁷⁴ “De vez que o amor não diz nunca ‘basta’, assim creio que ninguém poderá chamar de louco àquele que tais coisas deseja”, OCCC XI, p. 118.

⁷⁵ OCCC VII, pp. 63-64.

⁷⁶ OCCC IV, p. 2.

⁷⁷ LSAC, n° 206.

que produz nos Servos de Deus a santa hilaridade e alegria espiritual, assim deve ele resplandecer neles de um modo todo especial”⁷⁸. Os servos do Senhor “lembram ainda, que, se a eles faltar esta hilaridade e alegria, poucas Almas levarão a Deus, uma vez que pelo seu modo de tratar poucos se sentirão atraídos à seqüela de Jesus Cristo”⁷⁹.

96. **[Na pista da caminhada formativa]** No espírito que animava S. Vicente Pallotti e anima a Sociedade do Apostolado Católico, queremos que o Espírito Santo se revele como o mais importante Agente da formação e como o formador por excelência. Que o espírito de santidade do nosso Fundador, chamado o “Santo da Cidade”, nos provoque sempre de novo a uma “dimensão mais alta” que a vida cristã ordinária⁸⁰ e nos impulse a desenvolver uma “pedagogia da santidade”⁸¹. Que “aquele processo de verdadeira maturação em humanidade, na vida individual e na comunitária”⁸², se realize sob a ação do Espírito Santo. Que o caminho da caridade dê a possibilidade de tocar com a mão e de experimentar a presença viva de Deus. A abertura aos dons do Espírito Santo pertence ao tesouro da espiritualidade do Fundador. A pedagogia formativa deve pôr em evidência esta constante no pensar e no agir.

MARIA QUE NOS ACOMPANHA

97. **[Do Pai, Filha; do Filho, Mãe; do Espírito Santo, Esposa]** Maria, com a sua riqueza e beleza espiritual, apresenta-se como uma inesgotável fonte de contemplação e de ação para Vicente Pallotti, que partilha com os outros, através dos seus três *Meses de Maio* – para Religioso(a)s contemplativo(a)s⁸³, para Eclesiásticos⁸⁴ e

⁷⁸ OOCC II, pp. 162-163.

⁷⁹ Ibidem, p. 164.

⁸⁰ NMI, n° 30.

⁸¹ Ibidem.

⁸² Cfr. João Paulo II, Carta encíclica *Dominum et vivificantem*, n° 59.

⁸³ Cfr. OOCC XIII, pp. 185-353: a *Rainha dos Santos* fala aos religiosos e às religiosas contemplativos.

⁸⁴ Cfr. ibidem, pp. 355-537: a *Rainha dos Apóstolos* fala aos Eclesiásticos.

para Fiéis⁸⁵ – a abundância do seu espírito. O santo Fundador e a sua fundação resultam inspirados por “Maria SS. Filha do Eterno Pai, Mãe do Eterno Verbo Encarnado, Esposa do Espírito Santo”⁸⁶. Encontramo-nos assim no horizonte trinitário da espiritualidade mariana. Com efeito, S. Vicente põe na boca de Maria as seguintes palavras: “por último vos digo que imploro, com afeto materno, sobre todos, agora e sempre, a Bênção do Pai, de quem sou filha, para que vos dê força com seu poder; a Bênção do Filho, de quem sou Mãe, para que vos ilumine com sua sabedoria, a Bênção do Espírito Santo, de quem sou esposa, para que vos santifique com sua caridade; a fim de que, assim repletos dos dons celestes, sejais sempre mais corajosos em Deus e perseverantes em ocupar-vos de toda maneira possível”⁸⁷.

98. [O matrimônio espiritual com Maria SS.] O dom do *matrimônio espiritual* com Maria SS., que teve lugar a 31 de dezembro de 1832, é um “Milagre da Misericórdia” de Jesus “a favor de um ingrato”, da Misericórdia de Maria para com “o mais miserável que tenha existido e que possa existir”⁸⁸. Este acontecimento, que traz consigo o conhecimento de Jesus e a transformação no Espírito Santo, constitui a suprema exemplificação e o coroamento da união de Pallotti com Maria Santíssima. Ele se sente o esposo da Imaculada. De fato, a *Cheia de graça* “lhe dá em dote quanto possui”⁸⁹. A santidade dela constitui o modelo para a santidade do esposo Vicente. A iniciativa pertence à Grande Mãe da Misericórdia. Diante de tal dom compreende-se a exclamação de Pallotti: “Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor! Cantarei eternamente as misericórdias de Maria. Deus meu, meu tudo”⁹⁰.

⁸⁵ Cfr. *ibidem*, pp. 539-756: a *Mãe de Misericórdia* fala aos Fiéis.

⁸⁶ OCCC XI, p. 88 Oração a Maria SS.: estamos com a fé do Concílio Vaticano II, que, apresentando a Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja, descobre nela “a verdadeira Mãe de Deus e do Redentor... investida do sumo encargo e da dignidade de mãe do Filho de Deus e, por isso, [ela] é a filha predileta do Pai e o templo do Espírito Santo”, *LG* n° 53.

⁸⁷ OCCC IV, pp. 215-216.

⁸⁸ Cfr. OCCC X, pp. 195-196.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 195.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 196.

99. **[Maria em Belém]** Podemos em relevo o ícone mariano de Belém. À luz dele podemos ler a surpreendente constatação de Vicente Pallotti: “Logo que alguém [...] tenha feito o ingresso formal na Congregação da pia Sociedade, [...] poderia dizer-se [...] hoje nasceu para vós alguém que cooperará no sentido da vossa salvação, o qual, de algum modo, poderá chamar-se o vosso Salvador [...]. E nasceu na cidade de Davi, chamada Belém, que quer dizer *Casa do Pão*, símbolo também da nossa mínima *Congregação*, abundante de alimento espiritual e de meios necessários para a aquisição da mais sublime perfeição, a fim de sempre mais cooperar para a maior glória de Deus e para a salvação das Almas”⁹¹. Maria olhava e contemplava os acontecimentos de Belém, que pode ser chamada o berço do nosso carisma. Levando em conta a cooperação de Maria na obra da salvação, podemos imaginar que papel Ela desenvolve para o nascimento do carisma palotino na pessoa que entra na Sociedade.
100. **[Maria em Nazaré]** Podemos inspirar-nos também no ícone mariano de Nazaré, considerando-o o espaço da preparação interior para a vida na Sociedade. *A Regra fundamental da Congregação* dedica muito espaço à vida da Sagrada Família em Nazaré⁹², porque considera Nazaré o lugar em que se põe um sólido fundamento e se capta o “justo valor das coisas”⁹³. Em Nazaré Jesus “viveu na humildade e na pobreza, nas fadigas e no exercício perfeíssimo de todas as virtudes, todas com a Obediência ao Pai Celeste e com a sujeição perfeita a Maria SS., Mãe Virgem, e a S. José, Pai Putativo...”⁹⁴. Maria de Nazaré, que contemplava todas estas coisas, forma agora Cristo em nós. Com Ela e graças a Ela abrimo-nos aos relacionamentos interpessoais e às dimensões emocionais da nossa vida.

⁹¹ OCCC II, pp. 15-16.

⁹² Cfr. OCCC III, pp. 46-51. Trata-se da ‘Regola della Congregazione dei Preti e Fratelli Coadjutori dell’Apostolato Cattolico sotto la speciale protezione di Maria SS. Regina degli Apostoli’. Veja também OCCC VII, pp. 111-114.

⁹³ Cfr. OCCC VII, p. 112.

⁹⁴ OCCC XIII, p.129.

101. [Maria no Cenáculo] Maria Santíssima, presente, antes, no Calvário sob a cruz de Cristo, recebe, depois, no dia de Pentecostes, juntamente com os Apóstolos, o Espírito Santo. Vicente Pallotti atribui um papel de todo especial ao Cenáculo de Jerusalém. “Em qualquer lugar me encontre – escreve – entendo imaginar-me, e procurarei renovar muitas vezes este sentimento, de estar eu e todas as criaturas, no Cenáculo de Jerusalém, onde os Apóstolos estavam juntos com Maria SS. Assim também imaginarei de estar junto com a minha mais que enamoradíssima Mãe Maria e com o mais que diletíssimo Esposo Jesus, os quais tenho como certo que, como meus especialíssimos Advogados, farão descer sobre mim e sobre os outros a abundância do Espírito Santo”⁹⁵. Quanto ao Cenáculo, a gente pode inspirar-se em outro texto “clássico” do Fundador: “Tanto a Congregação como a pia Sociedade foram erigidas sob a especial proteção de Maria Santíssima Rainha dos Apóstolos [...], já que Ela, apesar de não ser sacerdote e Apóstolo, contudo se ocupou de tudo com tal perfeição e plenitude que mereceu glória acima dos SS. Apóstolos, pelo que a S Igreja, não por um simples título de honra, mas por motivo de plenitude de merecimentos, a saúda com o augusto título de Rainha dos Apóstolos. Com isto, todos, Sacerdotes e leigos, e todos, independentemente de sexo, estado, posição e condição, serão animados a imitar a nossa imaculada Mãe Maria Sma. em todos os empreendimentos da maior gloria de Deus, e em todas as Obras de misericórdia corporal e espiritual em favor dos próximos”⁹⁶.

102. [Via régia de Maria] Vicente Pallotti desejou profundamente que todos, leigos, sacerdotes, religiosos e pessoas consagradas tivessem em Maria santíssima, depois de Jesus Cristo, o mais perfeito modelo do verdadeiro zelo apostólico e da perfeita caridade⁹⁷. Na ordem do amor, da dedicação e do zelo apostólico, o ministério “mariano” supera o ministério “petrino”⁹⁸. O Santo Fundador,

⁹⁵ OOCC X, p. 86.

⁹⁶ OOCC VII, pp. 7-8.

⁹⁷ Cfr. OOCC I, pp. 6-7.

⁹⁸ Este pensamento é freqüente na reflexão teológica contemporânea.

com grande intuição, pressentia este *sacerdócio régio* de Maria, Rainha dos Apóstolos. Maria nos abre para a justa diversidade e para pluralidade das vocações dos cristãos. Estamos certos de que Vicente Pallotti, se vivesse hoje, teria aceitado com alegria a convicção de que Maria “projeta luz sobre a mulher como tal [...], de que a mulher, pondo os olhos em Maria, encontra nela o segredo para viver dignamente a sua feminilidade e pôr em ação a sua verdadeira promoção”⁹⁹. Podemos dizer que, em Maria, aparece plenamente aquele *gênio* da mulher, cuja manifestação os nossos dias esperam e do qual Cristo se promete a realização daquele “sacerdócio régio” (1Pd 2,9), que é a grande riqueza dada aos homens¹⁰⁰.

- 103. [Na pista do percurso formativo]** A espiritualidade palotina esconde uma rica e dinâmica dimensão mariana: o ícone de Maria em Belém – Postulado e Período Introdutório; o Ícone de Maria em Nazaré – Formação fundamental; o Ícone de Maria no Cenáculo – “Padroeira da Sociedade, como de toda a União, *Maria Rainha dos Apóstolos...* depois de Cristo, o modelo mais perfeito do nosso apostolado”¹⁰¹. Maria, Rainha dos Apóstolos, nos abre para a “mesma dignidade” dos fiéis de um e de outro sexo, de qualquer estado, posição e condição, dignidade que “se funda na comum semelhança com o Criador e no comum sacerdócio do Povo de Deus”¹⁰². O Cenáculo, junto com Maria Rainha dos Apóstolos, torna-se, assim, o “lugar” da comunhão universal para receber a plenitude do Espírito Santo, que é o movente para “ir e ensinar todas as nações” (Mt 28,19) e estar lá onde seja necessário.

A UAC: O NOSSO MODO DE SER IGREJA

- 104. [Um dom da misericórdia de Deus]** Sexta-feira, 9 de janeiro de 1835, depois da S. Missa “celebrada por especialíssimo gesto da

⁹⁹ Carta Encíclica de João Paulo II, *Redemptoris Mater*, n° 46.

¹⁰⁰ Cfr. Carta Apostólica de João Paulo II, *Mulieris dignitatem*, n° 30.

¹⁰¹ *LSAC*, n° 9.

¹⁰² Cfr. *Estatuto Geral da UAC*, n° 7.

divina Misericórdia”¹⁰³, Vicente Pallotti recebeu a inspiração de fundar o Apostolado Católico: “Deus meu, misericórdia minha, Vós, na vossa infinita misericórdia, me concedei de modo especial promover, estabelecer, propagar, aperfeiçoar [,] perpetuar, pelo menos com o mais vivo desejo, no vosso SS. Coração: **1.** uma pia instituição de Apostolado universal entre todos os Católicos, para propagar a fé e a Religião de J.C. junto de todos os Infieis, não Católicos. **2.** outro Apostolado oculto, para reavivar, conservar e aumentar a fé entre os Católicos. **3.** uma instituição de Caridade universal para o exercício de todas as obras de Misericórdia [...] Deus, Deus, Deus – Misericórdia, Misericórdia, Misericórdia – Graça – Deus”¹⁰⁴.

- 105. [Na Igreja e pela Igreja]** Conforme o Santo Fundador, “Esta pia Sociedade [União] se chama do *Apostolado Católico*, não por que pretenda ter em si o *Apostolado Católico*, mas para que ela seja perpetuamente, na Igreja de Jesus Cristo, como um Clarim evangélico, que convoque todos, que convide todos, que acorde o zelo e a caridade de todos os Fieis de todo estado, posição e condição”¹⁰⁵. Todos os católicos são chamados a fazer parte dela. “Eclesiásticos e seculares, homens e mulheres, doutos e ignorantes, pobres e ricos, nobres e plebeus, qualquer que seja o seu estado, a sua profissão e as suas posses... Não há ninguém que seja excluído de concorrer para o Apostolado Católico e de ter parte no mérito dele, nos seus empreendimentos e nas suas recompensas”¹⁰⁶. De fato, a União do Apostolado Católico, desde o começo, foi orientada no sentido do apostolado da Igreja e se apresenta “como um modo de ser Igreja”¹⁰⁷, um seu “corpo auxiliar”¹⁰⁸. As suas

¹⁰³ OOCC X, p. 196.

¹⁰⁴ Ibidem, pp. 198-199.

¹⁰⁵ OOCC I, pp. 4-5.

¹⁰⁶ OOCC IV, 124.

¹⁰⁷ Cfr. *Caminhar e servir juntos*, Documento final da XVI Assembléa Geral, nº 16.

¹⁰⁸ “A pia Sociedade [...] se instituiu sob a absoluta dependência do Sumo Pontífice [...] com o mais vivo desejo de cooperar eficazmente, constantemente, gratuitamente, sem ambição ou interesse temporal, para todas as obras da maior glória de Deus e da salvação das almas, em todas as necessidades ordinárias e extraordinárias da igreja, necessidades próximas e afastadas, em qualquer parte do Mundo... existindo como um *corpo auxiliar da Igreja* [...]. Desta forma a pia Sociedade [...] tem

atividades são determinadas pelas necessidades da própria Igreja, à qual Cristo confiou o apostolado e a cujo serviço S. Vicente Pallotti pôs, desde o começo, a sua Fundação¹⁰⁹.

106. [“Parábola da unidade apostólica”¹¹⁰] Vicente Pallotti amava a Igreja e, neste amor, podemos compreender melhor o seu desejo e a sua vontade de “reformá-la” e, principalmente, o seu grande anseio pela *unidade* dela. Ele experimentou esta necessidade como um sinal dos tempos e, por isso, inscreveu no coração de sua Fundação a primordial tarefa e o empenho pela *comunhão*. Não obstante as numerosas derrotas e desilusões, o mundo tende também hoje à unidade. Esta tendência constitui uma grande oportunidade para a Igreja, que se apresenta como “um povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo”¹¹¹ e tem a vocação de ser “sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”¹¹². Por isso, como membros SAC, no espírito do diálogo bem entendido¹¹³, reavivando a fé, reacendendo a caridade e propagando uma e outra em todo o mundo, nutrimos o desejo de um só rebanho e de um só pastor (Jo 10,16), e queremos “contribuir com todas as forças para a unidade de todos os cristãos e para o anúncio da mensagem da salvação aos não cristãos, para que a Igreja se manifeste sempre mais sinal de unidade e de salvação para o mundo inteiro”¹¹⁴.

107. [Projeto Palotino: uma eclesiologia de cooperação] A eclesiologia de Pallotti sublinha a necessidade da cooperação. De feito, Vicente escreveu: “[...] a razão e a experiência demonstram que ordinariamente o *bem*, que se faz isoladamente, é *escasso, incerto* e de *pouca duração*, e que os esforços os mais generosos dos indivíduos não podem ter êxito para nada de *grande*, também na

garantidos também as Bênçãos de Deus e os frutos das mesmas divinas Bênçãos” – OCCC I, pp. 5-6.

¹⁰⁹ LSAC, Preâmbulo, f.

¹¹⁰ Cfr. *Na União para evangelizar*, Documento final da XVII Assembléia Geral, n° 13.

¹¹¹ LG, n° 4. Trata-se de uma constatação de S. Cipriano, *De Orat. Dom.* 23: PL 4,553.

¹¹² Cfr. LG, n° 1.

¹¹³ Trata-se dos grupos de pertença à Igreja segundo a Constituição dogmática LG, nn. 14-16.

¹¹⁴ LSAC, n° 2.

ordem *moral e religiosa*, senão quando reunidos e ordenados para um objetivo comum. Assim a gente quis, suposta a necessária aprovação da autoridade Eclesiástica, que todos esses Cristãos zelosos fossem unidos de modo a formar uma pia sociedade”¹¹⁵. A argumentação do Fundador é bem conhecida “*Omnium divinarum divinissima extat perfectio cooperari Domino in salutem animarum ad suum Creatorem*”¹¹⁶ (Dentre todas as perfeições divinas a mais divina é a de cooperar com o Senhor na salvação das almas para o seu Criador). Este “dom de cooperar para a salvação das almas é uma daquelas perfeições que Deus comunica às suas criaturas, [...] porque aqueles que tiram proveito de tal dom [...] são os mais perfeitos imitadores de Jesus Cristo, [e] porque aquele que se aproveita dele meritoriamente aperfeiçoa em si a imagem da SS.Trindade, ou seja, torna-se mais semelhante a Deus”¹¹⁷. Cooperando “desde o começo”¹¹⁸, podemos realizar mais e melhor. Por isso é preciso que caminhemos e sirvamos juntos¹¹⁹, porque estamos realmente “juntos para evangelizar”¹²⁰. Tal cooperação requer respeito e uma forma de obediência recíproca. De acordo com o S. Fundador “precisamos viver com o espírito de obediência e submissão em relação a todos [...], em relação a pessoas de qualquer posição, estado e condição e em tudo que não se oponha à Lei de Deus e da Igreja”¹²¹. Tal afirmação permite-nos ler o carisma do Fundador no contexto contemporâneo: a escuta e a cooperação recíproca devem ser a base do nosso estilo de vida apostólica¹²².

¹¹⁵ OCCC IV, pp. 122-123.

¹¹⁶ Cfr. *ibidem*, p. 125. Um pequeno quadro, com este texto de Dionísio Areopagita, encontra-se no quarto do Fundador em Roma.

¹¹⁷ OCCC XI, pp. 256-257.

¹¹⁸ Cfr. Séamus Freeman, *Num dinamismo de fidelidade*, op. cit., n° 33.

¹¹⁹ Cfr. *Caminhar e servir juntos*, documento final da XVI Assembléia Geral, Roma 1990; *Na União para evangelizar*, Documento final da XVII Assembléia Geral, Roma 1992.

¹²⁰ O jubileu do Bicentenário do nascimento de S. V. Pallotti teve este lema. Veja também documento do Congresso Consultivo dos Superiores Maiores: *O carisma e o dom da colaboração*, Carranza, 1996.

¹²¹ OCCC III, p.50.

¹²² Cfr. Séamus Freeman, *Num dinamismo de fidelidade*, op. cit. n° 34. O *Preâmbulo à Lei da SAC* constata que “nos documentos do Concílio Vaticano II encontramos uma confirmação de quanto formou a convicção de S. Vicente Pallotti, isto é, que a eficiência apostólica da Igreja alcança o seu pleno desenvolvimento só se todos os fiéis são levados à consciência de dever colaborar para a sua missão, *Preâmbulo d.*

108. [Uma eclesiologia de comunhão] Estamos convencidos de que também o nosso Fundador, se tivesse vivido entre os nossos contemporâneos, se teria servido da expressão “eclesiologia de comunhão”. Ele teria também chamado a sua fundação de “A Com-União do Apostolado Católico”? De acordo com seu Estatuto Geral, a União do Apostolado Católico se apresenta na Igreja como uma “comunhão [*communio*] de fiéis que, segundo o carisma de S.Vicente Pallotti, promovem a co-responsabilidade de todos os batizados para reavivar a fé e reacender a caridade na Igreja e no mundo e levar todos para a unidade em Cristo”¹²³. Assim, a UAC, da qual a SAC é parte integrante¹²⁴, “quer viver o mistério da Igreja como comunhão de todos os fiéis na sua original dignidade”¹²⁵. Trata-se da comunhão caracterizada pela dimensão vertical com “Deus Uno e Trino”, e pela dimensão horizontal com os homens, incluída a sua fundamental igualdade e diversidade¹²⁶. Esta é a comunhão dos seguidores de Jesus Cristo, *Apóstolo do Eterno Pai*. Estamos convencidos de que Vicente Pallotti, envolvido de forma profunda na vida da Igreja, teria acolhido com gratidão esta proposta da *espiritualidade de comunhão*¹²⁷ como programa da sua Obra. O tema da “comunhão” alimenta sempre mais as reflexões e os projetos das comunidades palotinas. Fiéis ao nosso Fundador, seremos “Fiéis ao futuro”¹²⁸.

109. [Na pista do percurso formativo] Os aspetos fundamentais da *eclesiologia* que se devem sublinhar no processo educativo palotino são os seguintes: “A Sociedade do Apostolado Católico é parte integrante da União do Apostolado Católico: tem em comum com a inteira fundação de S. Vicente Pallotti a finalidade apostólica, é

¹²³ *Estatuto Geral da UAC*, nº 1.

¹²⁴ *LSAC*, Nº 1 e Nº 4.

¹²⁵ *Estatuto Geral da UAC*, nº 13.

¹²⁶ Esta espiritualidade “significa antes de tudo o olhar do coração dirigido ao mistério da Trindade [...]; além disso a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico; portanto, *como alguém que me pertence*. Espiritualidade de comunhão é também capacidade de ver antes de tudo o que há de positivo no outro [...], e, enfim, saber ‘abrir espaço’ para o irmão, carregando “os fardos uns dos outros” (Gl 6,2) e repelindo as tentações egoísticas. Assim se torna a Igreja “a casa e a escola da comunhão” – *NMI*, nº 43.

¹²⁷ Cfr. *VC*, nn. 46-51 e *RdC*, nn. 28-29.

¹²⁸ Cfr. Renovação SAC [1], *Mensagem do Jubileu 2000*, nº 1.

animada pelo mesmo espírito como esta, quer estar a serviço da missão apostólica da Igreja no mundo”¹²⁹. Ela, “ao buscar realizar a sua finalidade, se serve de todos os meios que possam ser úteis para propagar, para defender e para tornar mais profunda a vida cristã”¹³⁰. E o Estatuto Geral da UAC acrescenta: “S. Vicente Pallotti fundou a União para que servisse a Igreja, que continua a missão de Cristo aqui na terra e é sinal e instrumento da universal unidade que Deus levará a termo. Os membros da União, portanto, se empenham em permanecer em comunhão com o Papa e com os Bispos”¹³¹. A eclesiologia palotina se abre e promove assim a espiritualidade de comunhão, fazendo-a emergir como princípio educativo em todos os lugares. A Obra do Santo Fundador é, afinal, uma eloqüente expressão de “*sentire cum ecclesia*”. A União do Apostolado Católico está *na Igreja e para a Igreja* e, precisamente aqui, se revela a plenitude do carisma de Pallotti e da sua Fundação. Eis o mistério da grandeza do nosso Fundador, chamado o “precursor” do futuro.

SERVIR O MUNDO NO QUAL VIVEMOS

110. [Um olhar sobre o mundo] “O Filho do homem não veio para ser servido mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos” (Mc 10,45). O Filho de Deus, para tornar-se Salvador do mundo, despojou-se da sua divindade (cfr. Fl 2,7). Inspirado pelo exemplo que vem do alto, Vicente Pallotti abriu-se aos sinais do mundo. Os seus escritos contêm expressões, “olhar sobre o mundo”, “estado atual do mundo”, “todo o mundo”¹³². No *Escudo* e na *Medalha* da União do Apostolado Católico se insere também o mundo simbolizado por uma grande seara que aguarda os operários¹³³. De feito, o Apostolado Católico na Igreja está orientado para o mundo. “Logo que se dê, religiosa [...] e rapidamente, *uma olhada*

¹²⁹ LSAC, n° 1.

¹³⁰ Ibidem, n° 3.

¹³¹ *Estatuto Geral da UAC*, n° 18.

¹³² Nas OOCC podemos encontrar tantas vezes a expressão o ‘*mundo*’, freqüentemente escrito com ‘M’ maiúsculo. Veja, por exemplo, OOCC IV, p. 254, pp. 387-388. Veja também: Vicente Pallotti, *Cartas Latinas*, Francesco Moccia ed., Roma, 1998.

¹³³ Cfr. OOCC I, p. 7.

para o mundo do nosso século, não pode não se ver a inconcebível exigência, para que se reavive a Fé e reacenda a Caridade [...]. À vista de um espetáculo tão lamentável, quem haverá que não lembre os deveres de uma Caridade Cristã [...] que seja capaz de obter com a oração e de proporcionar com as obras quanto seja preciso às necessidades do mundo em matéria de Religião. Isto é como dizer “tornar todo o mundo feliz sobre esta terra na posse da paz”¹³⁴.

111. **[Abertura madura]** “Sabeis julgar os fenômenos da terra e do céu; então como não sabeis julgar o momento presente?”(Lc 12,56). Os desejos e os auspícios do Santo Fundador se dirigem, em espírito de compaixão, na direção das “presentes e futuras necessidades do mundo” que compreendem, pois não, a eterna, mas também a “temporal felicidade”¹³⁵. Admiramos a maturidade do olhar do Fundador. Ele está consciente de que existe também um verso da medalha. Vê, por um lado, os pequenos do mundo¹³⁶, os seus problemas¹³⁷ e as suas misérias¹³⁸ e, por outro, está convencido da necessidade do desprendimento do mundo¹³⁹, do desprezo deste mundo¹⁴⁰, cheio de tentações¹⁴¹. Precisamente este mundo tem necessidade de luz e de sal, este mundo tem necessidade de *santificação*¹⁴². Neste mundo deve ser reavivada a *fé* e reacendida a *caridade*. “A nossa imitação de Cristo nos impele à ação apostólica. Empenhamo-nos pela salvação e pelo bem-estar do próximo com todas as energias da nossa pessoa e nos queremos unir aos esforços comuns para criar um mundo mais humano para todos, para consolidar a paz na justiça e na caridade e para unir todos em

¹³⁴ OCCC IV, pp.220-221.

¹³⁵ Cfr. OCCC I, pp. 18 e 93; OCCC X, pp. 421-440; OCCC XI, p. 365.

¹³⁶ Cfr. OCCC II, p. 117 e 123.

¹³⁷ Cfr. OCCC III, p. 233.

¹³⁸ Cfr. OCCC IV, p. 153.

¹³⁹ Cfr. OCCC II, p. 54.

¹⁴⁰ Cfr. *ibidem*, p. 276.

¹⁴¹ Cfr. *ibidem*, p. 192.

¹⁴² Cfr. OCCC, I, p. 44 e p. 266.

Cristo. Assim estamos abertos a todas as solicitudes da Igreja e estamos dispostos a servir com fidelidade aos seus objetivos”¹⁴³.

112. [Apostolado universal] Nesta perspectiva nos damos conta também do projeto das *Procuradorias*¹⁴⁴, que ainda hoje conservam o caráter de um desafio apostólico. Elas são abertas aos âmbitos e às necessidades concretas do povo de Deus; à cultura espiritual, científica e pastoral do Clero, às missões e aos exercícios espirituais para o povo; às missões *ad gentes*, às obras pias, à educação religiosa, civil e literária da juventude, principalmente da juventude da classe pobre, sem diferença entre homens e mulheres; são abertas à educação e à cultura religiosa de quantos vivem no interior; abertas às obras de misericórdia corporal e espiritual para os detentos e condenados à morte; às obras de misericórdia corporal e espiritual em favor dos enfermos nos hospitais e dos que estão sós em casa; abertas à cultura religiosa e moral dos soldados; à pratica das devoções aprovadas pela Igreja; às obras de misericórdia e de ajuda aos estrangeiros de toda idade, sexo, estado e condição e, em especial, abertas aos órfãos, às jovens, às famílias¹⁴⁵. Vicente constata, com efeito: “Se alguém pensasse que tal aparato, [...] fosse demasiado grande ou pouco necessário, reflita que o objetivo da instituição da Procuradoria diz respeito a um objetivo sumo e do máximo interesse pelo homem, porque da maior glória de Deus e da maior santificação das Almas e também

¹⁴³ LSAC, nº 15.

¹⁴⁴ Assim escreve Vicente Pallotti sobre a necessidade e a utilidade da Instituição das Procuradorias, sobre o seu progresso, estabilidade e aumento. “A pia Sociedade, para prover às atuais e futuras necessidades do Mundo, em assunto de Religião, e por aquela influência que tem a Religião e o exercício ativo das obras da misericórdia para alcançar a possível felicidade temporal dos Povos e para procurar da maneira mais eficaz a salvação eterna de todos, promove a instituição das Procuradorias. Isto a fim de que todo aquele que tenha zelo e caridade seja animado a cooperar com elas e a fim de que todos aqueles que, por ofício, devem promover os progressos da Religião católica, a felicidade temporal e eterna dos Povos procurem eficazmente de ter fundado esta instituição em todos os setores da própria Jurisdição. Estes têm necessidade de conhecer as necessidades e a atualidade da instituição das Procuradorias, precisam saber de seus Progressos, estabilidade e dilatação. Tudo isto, porém, não poderão conhecer melhor do que ao vê-las no funcionamento da própria obra considerada atentamente em todas as partes que lhe digam respeito, como aqui agora se passa a expor” – cfr OOCC I, pp. 18-19.

¹⁴⁵ Cfr. OOCC I, pp. 1-397.

do mundo, a fim de procurar para as Populações também a possível felicidade temporal”¹⁴⁶.

113. **[A caridade na realidade social¹⁴⁷]** O exemplo do Apóstolo do Eterno Pai inspira a União e a Sociedade do Apostolado Católico no relacionamento recíproco e no serviço aos homens. A União “quer, em especial [...], juntamente com todas as pessoas de boa vontade [...], empenhar-se pela justiça, pela solidariedade, pela paz e pela salvaguarda da criação; [...] quer promover a realização da escolha preferencial pelos pobres e excluídos, combatendo as causas da pobreza¹⁴⁸. Na Lei da Sociedade podemos ler que ela “entende colaborar para a promoção da justiça social à luz do Evangelho, por isso, em suas atividades apostólicas, é aberta às exigências dos grupos socialmente marginalizados, como os pobres, os idosos, os doentes e aqueles que de qualquer maneira sejam objeto de discriminação social. Procura, ao mesmo tempo, formar os leigos para que assumam, como encargo específico, a renovação da organização social”¹⁴⁹. Observamos que esta visão une as coisas divinas às humanas e que ela é atual para todas as épocas e em cada canto do mundo.

114. **[No percurso formativo]** O processo formativo palotino deve pôr em evidência esta tarefa fundamental, isto é, este nosso serviço “frente ao mundo”. O *espírito de serviço* é o do verdadeiro apóstolo e devia ser a bandeira do Apostolado Católico¹⁵⁰. A Sociedade na União do Apostolado Católico está aberta às diversas culturas dos povos e se adapta às mutáveis circunstâncias dos tempos¹⁵¹. De fato, “é a hora de uma *nova fantasia da caridade*, que se desdobre não tanto e não só na eficácia dos socorros prestados, mas na

¹⁴⁶ Cfr. *ibidem*, p. 93.

¹⁴⁷ Cfr. OOCC XI, p.259; veja também:OOCC XIII, p. 490.

¹⁴⁸ *Estatuto Geral da UAC*, n° 13 c.

¹⁴⁹ *LSAC*, n° 209.

¹⁵⁰ Cfr. “Renovação SAC 2000” [2], *Vida consagrada palotina*, p. 9.

¹⁵¹ *Preâmbulo da LSAC*, e. f.

capacidade de tornarem-se vizinhos, solidários com quem sofre”¹⁵². Por isso a formação palotina sensibilizará os candidatos para se abrirem e saberem discernir os sinais dos tempos, tanto negativos como positivos, tanto presentes como futuros, a fim de responder a Deus diante do mundo com o “sim redentor”¹⁵³.

¹⁵² NMI, n° 50. A versão inglesa desta formulação é a seguinte: “Now is time for a *new creativity in Charity*”, a versão francesa: “C’est l’heure d’une *nouvelle imagination de la charité*”; e a versão polaca: “Potrzebna jest dziś *nowa wyobraźnia miłosierdzia*”

¹⁵³ cfr. Sociedade do Apostolado Católico, *Diretivas para a formação sacerdotal*, n° 5.

CAPITULO III

A VISÃO INTEGRAL DA PESSOA

115. **[Necessidade de uma antropologia cristã interdisciplinar]** Quem é chamado à vida consagrada na Sociedade do Apostolado Católico é uma pessoa única e cristã, possui uma especial personalidade e vive em um determinado ambiente cultural. O desenvolvimento dela é um mistério que toma forma em relação a Deus, aos outros, a si mesmo e às condições ambientais. Uma visão integral da pessoa é um requisito indispensável nos programas de formação; em outras palavras, uma adequada e completa antropologia interdisciplinar e cristã constitui a base fundamental da *Ratio Institutionis* (do Programa de Formação).

CONCEPÇÃO TEOLÓGICA DA PESSOA

116. **[Da Sagrada Escritura]** A pessoa foi criada à “imagem e semelhança de Deus”¹. É a única criatura da qual se pode dizer isto. Isto não significa que seja idêntica a Deus, mas que se refere à forte ligação de relação que existe entre uma criatura e o seu Criador. A sua própria existência significa relacionamento com Deus. Nesta entranhada capacidade racional pode ouvir e reagir positivamente, antes de tudo, à palavra de Deus. Nas duas narrações da criação da humanidade², a pessoa é o coroamento e o ponto focal do projeto divino. Os seres humanos foram criados homem e mulher individualmente³. Esta separação não constitui negação nem distância, mas evidencia a unicidade, a diversidade e a natureza recíproca das pessoas. A pessoa possui na sua própria natureza a dimensão social; deve procurar Deus e viver em relação com Ele e com as criaturas.

¹ Gn 1,26.

² Cfr. Gn 1,26.

³ Cfr. Gn 1,27.

117. [Os limites da pessoa] A pessoa tem limites desde o próprio ato da criação⁴; na realidade ela está dividida em si mesma e recebe proibições⁵, isto é, é deixada livre nas suas decisões espontâneas e no exercício dos poderes recebidos de Deus. Mas, no combate entre si e si, ela é impelida pelos próprios impulsos que lhe tornam desejável a coisa proibida⁶. A Sagrada Escritura apresenta, desta forma, a pessoa: um frágil vaso de terracota elevado à categoria de imagem de Deus, chamado a levar adiante na carne o projeto dele. O pecado ou os limites não cancelam a imagem divina; a graça eleva o homem à busca de Deus, para viver em união com Ele. Por isso ele deve despir-se do homem velho⁷, para re-vestir o homem novo, através da morte de Cristo⁸, o homem novo criado à imagem e semelhança de Deus como o foi o ser humano na origem⁹.

118. [A pessoa é para ser imagem de Deus] O Concílio Vaticano II, na Constituição pastoral sobre a *Igreja no Mundo de Hoje (Gaudium et Spes)*, apresenta a pessoa na sua dimensão relacional. Foi criada “à imagem de Deus”¹⁰; “capaz de conhecer e de amar o próprio Criador”¹¹, e, ao partilhar da inteligência divina, é chamada a buscar e a amar aquilo que é verdadeiro e bom¹². Ela tem uma lei inscrita no próprio coração¹³ e tem a liberdade de orientar-se no sentido do bem ou de rejeitá-lo, porquanto nela “a verdadeira liberdade [...] é [...] sinal altíssimo da imagem divina”¹⁴.

119. [A pessoa humana é chamada à comunhão com os outros] “Na verdade, o homem, por sua íntima natureza, é um ser social e não pode viver nem desenvolver seus dotes sem relacionar-se com os

⁴ Cfr. Gn 2, 16-17.

⁵ Cfr. Gn 2,16-17.

⁶ Cfr. Gn 3,6.

⁷ Cfr. Ef 4,22.

⁸ Cfr. Cl 3,9-10.

⁹ Cfr. Gn 1,26; Ef 4,24.

¹⁰ Cfr. GS, n° 12.

¹¹ Ibidem, n° 11.

¹² Cfr. ibidem, n° 15.

¹³ Cfr. ibidem, n° 16.

¹⁴ Ibidem, n° 17.

outros”¹⁵ Ele realiza a própria dignidade não no isolamento mas no dom total de si no amor. Há uma semelhança entre a união das Pessoas Divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade. “Esta semelhança revela que o homem, única criatura da terra que Deus quis por si mesma, não pode encontrar-se plenamente senão através da doação sincera de si mesma”¹⁶. Através do relacionamento com os outros, dos mútuos deveres, do colóquio com os irmãos desenvolvem-se tanto a pessoa quanto a sociedade¹⁷. Assim, “sendo imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de *pessoa*; não é somente *alguma coisa* mas *alguém*. É capaz de conhecer-se, de se possuir, de doar-se livremente e de entrar em comunhão com outras pessoas; é chamado, por graça, a uma aliança com o seu Criador, a dar-lhe uma resposta de fé e de amor que nenhum outro ser pode dar em lugar dele”¹⁸.

120. [A realidade do pecado] Na história do homem está presente também a realidade do pecado. Para compreender o que seja, deve-se, antes de tudo, reconhecer a *profunda ligação do homem com Deus*. O pecado não pode ser reconhecido claramente sem o conhecimento de Deus; somente conhecendo o desígnio de Deus sobre o homem, se compreende que o pecado é um abuso daquela liberdade que Deus doa às pessoas para que possam amá-lo e amar-se reciprocamente. Fora da relação entre Deus e o homem, o pecado é explicado freqüentemente como um defeito de crescimento, uma debilidade psicológica, um erro, uma inevitável conseqüência de estrutura social inadequada, etc.¹⁹. Cada pecado, ao contrário, é expressão da falta de confiança para com o Criador; é desobediência ao mandamento de Deus. Em cada pecado o homem *prefere* a si mesmo, faz uma escolha contra Deus, contra as exigências da própria condição de criatura e conseqüentemente contra o próprio verdadeiro bem²⁰. A pessoa herdou, pois, uma importante vocação mesclada de fraquezas, e

¹⁵ Ibidem, n° 12.

¹⁶ Ibidem, n° 24.

¹⁷ Cfr. ibidem, n° 25.

¹⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, Livraria Editora Vaticana, Cidade do Vaticano, 1992, n° 357.

¹⁹ Cfr. ibidem, n° 387.

²⁰ Cfr. ibidem, nn. 397 e 398.

realiza o significado da própria vida no relacionamento com Deus e com os outros. A pessoa tem fundamentais potencialidades de perseguir e amar aquilo que é bom, mas, muitas vezes, tende a fazer o contrário: ao mesmo tempo está dividida em si mesma²¹. Como diz S. Paulo: “Em mim está o desejo do bem, mas não está a capacidade de realizá-lo. Porque eu não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero. Ora se faço aquilo que não quero, não sou mais eu que faço, mas o pecado que está em mim. Quem me libertará?” – pergunta-se S. Paulo. E responde: “Sejam dadas graças a Deus por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor”²².

- 121. [Cristo, o homem Novo]** “Em verdade somente no mistério do Verbo encarnado encontra verdadeira luz o mistério do homem [...]. Cristo, que é o novo Adão, justamente revelando o mistério do Pai e do seu Amor, descobre também plenamente o homem ao homem e torna-lhe conhecida a sua altíssima vocação”²³. Jesus, “imagem do Deus invisível”²⁴, é o homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a semelhança com Deus, tornada disforme já logo no começo, por causa do pecado²⁵. Portanto, no mistério da encarnação, estão postas as bases para uma antropologia “que pode ir além dos próprios limites e das próprias contradições, movendo-se em direção ao próprio Deus, mais ainda, em direção à meta da *divinização*, com a inserção do homem redimido em Cristo, admitido à intimidade da vida trinitária [...]; só porque o Filho de Deus se tornou verdadeiramente homem, o homem pode, nele e por meio dele, tornar-se realmente filho de Deus”²⁶.

A CONCEPÇÃO DA PESSOA SEGUNDO PALLOTTI

- 122. [Uma visão integral]** A antropologia palotina segue a noção bíblica da pessoa qual “imagem e semelhança de Deus”. S.Vicente Pallotti

²¹ Cfr. *GS*, n° 13.

²² Rm 7, 24-25.

²³ *GS*, n° 22.

²⁴ Cl 1,15.

²⁵ Cfr. *GS*, n° 22.

²⁶ *NMI*, n° 23.

possuía uma concepção do ser humano completa e integral sob o aspecto ontológico, teológico e psicológico.

123. **[As perguntas existenciais]** Pallotti se colocou as seguintes perguntas, ao mesmo tempo místicas e existenciais: *Deus meu, quem sois vós, e quem sou eu? Quem sou eu diante de vós. Se me coloco diante de vós, que é que quereis de mim?*²⁷.
124. **[“Deus meu, quem sois vós?”]** Esta é uma pergunta sobre a própria natureza de Deus. A resposta profundamente teológica e existencial recebida por Pallotti é: *Deus é infinito amor e infinita misericórdia*²⁸.
125. **[Quem sou eu?]** Esta pergunta sobre a natureza da pessoa, para Pallotti, é incompleta sem o acréscimo: “Quem sou eu diante de vós?” e “Que quereis de mim se me ponho diante de vós?”. Isto significa que a compreensão da pessoa e a definição da sua vocação são possíveis somente em relação a Deus, seu Criador. As respostas às perguntas de Pallotti encontram-se nestas palavras: “Oh Misericórdia infinita, imensa, incompreensível, quem teria podido imaginar que um Deus eterno, infinito, imenso, incompreensível [...que] não tem necessidade do homem, e que, desde toda a Eternidade e sempre, previu todas as ingratidões do homem, todos os pecados, todos os sacrilégios, e que previu toda a minha infinita indignidade [...] e todas as continuadas resistências de toda a minha vida [...], que quis criar a nossa Alma à sua imagem e semelhança, ou seja, que quis a nossa Alma como uma imagem viva de si mesmo [...], uma Substância espiritual que tem por seu distintivo ser verdadeira e viva imagem de todo si mesmo [...]. Ó inefável invenção do Amor infinito! Oh, Amor não conhecido! Oh, Amor por mim não correspondido! Oh Amor por mim infinitamente ultrajado, vilipendiado, desprezado!”²⁹.

²⁷ OOCC X, p. 462 ss.

²⁸ Veja os nn. 78-84 desta *Ratio*.

²⁹ OOCC X, pp. 482-483.

126. **[Homem viador]** Peregrinar, para os crentes, é uma parábola da existência humana e pertence ao fundamento antropológico das religiões³⁰. Vicente Pallotti gosta de caracterizar a vida do homem como uma peregrinação. Para ele todo homem e todo cristão é viandante a caminho. Escreve, de feito, Vicente: “Meu Deus, [...] a vossa Misericórdia assegura-me que aceitais o sincero vivo desejo de trabalhar e sofrer por Vós, de Vos amar [...] como se eu estivesse sempre em *estado de Viador*”³¹. Em outro lugar ele escreve: “[...] A vida do *homem viador* é uma milícia, e todos deveriam conhecer a arte de guerrear para vencer. Entretanto poucos a conhecem, porque pouco ou nada aprendem de suas regras, por isso queria que tu as tomasses como objeto dos teus sagrados estudos e procurasses, na medida em que pudesses, ensinar aos *miseros Viadores* estes regulamentos”³².
127. **[Imagem vivente de Deus]** A primeira e mais significativa resposta que Pallotti recebe da pergunta “*Quem sou eu?*” é que Deus o criou pessoa, à sua imagem, numa escolha gratuita de amor. Ele escreve: “Ah, então, meu Deus, amor meu infinito, amor inefável, amor incompreensível: é de Fé que a minha alma foi criada à imagem e semelhança vossa, e não é uma imagem pintada em tela, nem uma imagem de madeira, de pedra, de metal, mas uma substância vivente, racional, espiritual, que tem nisto sua natural característica de criação, e que, por isso, assume o seu verdadeiro, real e substancial constitutivo no fato de ser criada, subsistente, que representa a Vós, ó meu Deus, e todo Vós na vossa essência [...]. Portanto é de fé que a minha alma, porque uma viva imagem de Vós, é uma viva imagem do Eterno, do Infinito, do Imenso, do Incompreensível”³³. E ele acrescenta em outro lugar: “Meu Deus, Vós, como amor infinito, vos dignastes de me criar à imagem e semelhança vossa e me concedestes o dom do livre arbítrio para valer-me disto a fim de aperfeiçoar, com mérito, a mim mesmo, enquanto sou viva imagem de todo Vós Pai,

³⁰ Para Gabriel Marcel, por exemplo, “Ser significa ‘ser’ a caminho”; *Homo Viator*, Association Présence de Gabriel Marcel, Paris 1998, p. 10.

³¹ OOCC X, p. 727. Veja também OOCC X, pp. 365-366.

³² OOCC XIII, p. 487.

³³ *Ibidem*, pp.60-61.

Filho e Espírito Santo”³⁴. Portanto, para Pallotti, o amor infinito de Deus tornou-se manifesto inicialmente na criação do mundo, mas atingiu seu ponto mais alto na criação do homem à sua imagem e semelhança, porque a este conferiu os dons da natureza e da graça, que lhe permitem ser um *reflexo da perfeição divina*. Esta é a vocação da pessoa humana.

128. [Nada e pecado] Se a primeira realidade antropológica é o ser humano à imagem e semelhança de Deus, a segunda é a sua condição de ser limitado e pecador: ele é ‘nada e pecado’. Mas o que é o pecado?. O pecado pode compreender-se somente se confrontado com a luminosidade do amor infinito de Deus, revelado na obra da criação do homem com a meta final de ele tomar parte na vida do próprio Deus. Pallotti escreve: “Iluminado pela S. Fé devo lembrar que Deus, com Amor infinito e com a sua infinita Misericórdia, nos criou à sua imagem e semelhança para chegarmos a ser semelhantes a Ele na glória por toda a eternidade. Pois, tão logo viu que Adão pecara e que, pelo pecado deste nosso primeiro Pai, todos, de todo o gênero humano, nos tínhamos tornado massa de perdição e Filhos do Inferno, movido pela mesma infinita amorosíssima Misericórdia, chamou o desobediente Adão, admoestou-o piedosamente, [...] e lhe prometeu o Redentor”³⁵. Desta forma, para Pallotti, o pecado aparece como a mais negra ingratidão e a rejeição do amor de Deus. Pallotti se sente profundamente participante do pecado do mundo. Nele encontramos não só o ódio declarado em relação ao pecado (*Ad destruendum peccatum*), mas também a aplicação a si de humilhações, porque se considera ‘nada e pecado’ (*Nihil et peccatum*).

129. [“Não sei amar-vos”] O modo de Pallotti saber-se um pecador poderia também parecer exagerado, irracional e psicologicamente falso. Possível que ele tivesse uma imagem de si mesmo tão baixa ou que sofresse de algum sentimento de culpa ou de escrúpulos neuróticos? A verdade é que encontrar-se diante do Onipotente, do Deus infinitamente Perfeito e cheio de Amor, como os profetas Isaías

³⁴ OOCC X, p. 749.

³⁵ OOCC XIII, pp. 121-122.

e Jeremias³⁶, é coisa tão grande que Pallotti não pode esconder as suas imperfeições e a sua nulidade. Assim, então, avalia a incapacidade de amar a Deus, como, de sua parte, teria querido e devido, o maior dos pecadores. “[...] estou desesperado, não sei amar-vos quanto devo. Não pode viver, Jesus meu, quem não ama”³⁷.

130. [Senso de pecado e desejo de perfeição] A demonstração certa da genuinidade do sentimento de Pallotti é que ele não se sente esmagado espiritualmente ou psicologicamente por tal estado de ânimo, mas cresce ainda mais a sua confiança na infinita misericórdia de Deus. Nele não se origina qualquer depressão, mas cresce a motivação para amar a Deus com perfeição sempre maior. Escreve: “Portanto não quero desesperar: eis Jesus Cristo; Ele me conhece e me compreende perfeitissimamente a mim que sou *Homo Peccati*: Ele por mim se perturbou, por mim se humilhou, por mim se encheu de dores até agonizar e suar sangue no Horto de Getsêmani [...] Nele e com ele tudo vos ofereço: e, destruído eu que sou *Homo peccati*, e, destruído eu em tudo, sempre reparais a vossa honra em Jesus Cristo, e voltais sempre a contemplar Jesus Cristo em mim, após inteiramente destruído o *eu* que sou *Homo peccati*”³⁸.

131. [Jesus, milagre do amor infinito e misericordioso] O pecado deturpou a imagem divina na pessoa humana, mas o amor infinito e misericordioso de Deus mostrou ainda uma vez a sua eficácia: superou os efeitos perniciosos do pecado, com o milagre ainda maior da sua misericórdia. Deus decidiu redimir o homem e reconduzi-lo à sua destinação original, enviando o Filho como Redentor. Escreve Pallotti: “Deus, impelido por seu Amor Infinito e pela sua infinita Misericórdia, se fez Homem para ensinar-nos, na sua SS. Humanidade, como devemos viver para aperfeiçoar a nossa Alma enquanto viva imagem de Deus”³⁹. “E o mesmo Apóstolo Paulo, escrevendo aos primeiros fiéis de Roma disse: ‘Os que de antemão conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem de

³⁶ Cfr. Is 6; Jr 1.

³⁷ OCCC X, p. 226.

³⁸ Ibidem, p. 701.

³⁹ OCCC XIII, p. 127.

seu Filho, para que este fosse o primogênito de muitos irmãos' (Rm 8,29), para indicar que Deus nos [...] deu o seu divino Filho para que o imitássemos e nos tornássemos, quanto possível, semelhantes a Ele”⁴⁰.

132. **[Jesus imagem do Deus invisível]** Jesus, pois, restitui à pessoa a imagem divina distorcida pelo pecado. Pallotti antecipa assim a idéia moderna expressa na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Na sua humanidade e através do mistério de sua vida, o Verbo Encarnado revela plenamente o homem ao homem e lhe torna conhecida a sua altíssima vocação. Além disso, através do Filho, perfeita *imagem do Deus invisível* e perfeito homem, Deus Pai restitui ao ser humano a *semelhança consigo*, tornada deforme logo nos começos por causa do pecado⁴¹.
133. **[Jesus Cristo modelo divino de perfeição]** Cerca de dois meses antes de morrer, a 25 de novembro de 1849, Pallotti se interrogou: “Vicente [...], que proveito tiraste do Amor infinito de Deus com o qual Ele te criou à sua imagem e semelhança?”⁴². Ele quer “ser perfeito como é perfeito o Pai celeste”⁴³, e por isso tem necessidade do Amor infinito e da infinita Misericórdia do Pai. E por que Jesus é a mais perfeita encarnação do infinito amor e da infinita misericórdia do Pai, a sua própria imagem, Pallotti compreende que a perfeição humana consiste em conformar-se a Cristo. No *Mês de maio para os fiéis* de 1832 escreve: “Queres um exemplar perfeito da perfeição do Pai celeste? Tens-no em Jesus. Ele se fez homem também para ensinar aos homens como devem conduzir a própria vida para serem santos e perfeitos como o Pai Celeste. Por isso, na fé, olha para teu divino exemplar Jesus Cristo: vale-te dos tesouros de graça, que te mereceu com sua Vida santíssima, e serás santo e perfeito como o Pai Celeste”⁴⁴.

⁴⁰ Ibidem, pp. 127-128.

⁴¹ Cfr. GS, n° 22.

⁴² OCCC X, p. 752.

⁴³ Mt 5,48.

⁴⁴ OCCC XIII, p. 697. Veja também no capítulo I desta *Ratio* o n° 63.

- 134. [Jesus, o primogênito entre muitos irmãos]** S. Vicente acha que a pessoa humana é predestinada a atingir a sua realização na conformação com Cristo, porque Ele é o *primogênito entre muitos irmãos* e a imagem do Pai⁴⁵. Ao constatar que o destino e a salvação do homem consistem naquela conformação com Cristo, a vida, para Pallotti, se torna, desde esse momento, um compromisso incessante no sentido de transformar-se em outro Cristo. “[...] Então, pela vossa infinita misericórdia, pela força infinita dos méritos de N.S.J.C. destruí em mim a minha inconcebível indignidade e os infinitos impedimentos, que há em mim para receber as infinitas comunicações de todos os vossos infinitos Atributos; e creio firmemente [...] que Vós, ó meu Deus, misericórdia minha infinita, [...] comunicais-me todos os méritos e todas as Virtudes e todas as Obras de toda a Vida de N.S.J.C., de forma que, transformando-me todo em todo Vós e no meu Primogênito Irmão Jesus Cristo, resulta glorificada a vossa infinita misericórdia”⁴⁶.
- 135. [Total transformação em Cristo]** A 11 de novembro de 1827, Pallotti exprime o seu desejo de total transformação em Cristo com estas expressões vigorosas: “Destrua-se toda a minha vida e toda a vida do Senhor nosso Jesus Cristo seja a minha vida [...]. A vida do Senhor nosso Jesus Cristo seja o perfeito critério, a ciência e a oração [...]. A vida de Cristo em mim seja o decoro da Igreja [...]. A vida do Senhor nosso Jesus Cristo é a minha meditação [...]. A caridade de Cristo é a minha caridade [...]. O amor de Cristo para com a SS. Virgem Mãe Maria seja o meu amor”⁴⁷.
- 136. [Fogo de amor]** Identificar-se com o modelo divino de Cristo é a perfeição na caridade, porque Jesus, movido pelo amor por nossa redenção, fez tudo por amor ao Pai e por amor à humanidade. Ele se propôs acender o fogo do amor para com Deus nos corações das pessoas: “O Redentor do gênero humano claramente protestou que veio para dilatar o divino fogo da sua Caridade sobre toda a terra e outra coisa ele não quer senão que, por toda a parte se acenda, pelo

⁴⁵ Cfr. Rm 8,29.

⁴⁶ OOCC X, pp. 364-366.

⁴⁷ Ibidem, pp. 618-625.

que tanto fez e tanto desejava que em todos os corações se acendesse o fogo da caridade, em vista do amor infinito com que veio nos redimir à custa de ser obediente até a Morte na Cruz”⁴⁸.

137. **[O ser humano, à imagem e semelhança da caridade]** A pessoa humana torna-se mais autenticamente e plenamente imagem de Deus quando reflete a suprema perfeição divina, isto é, o amor. Afirma-o o próprio Pallotti: “Deus é caridade por essência. O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Por isso, o Homem, de acordo com a essência de sua criação, é uma imagem e semelhança da Caridade por essência”⁴⁹. E acrescenta Vicente: “Vós sois a própria Caridade por essência e por isso nos obrigastes por natureza de criação a aperfeiçoar a nós mesmos enquanto somos vivas imagens de Vós caridade por essência”⁵⁰.
138. **[*Caritas Christi urget nos – Urge-nos a caridade de Cristo*]** A inteira vida e as obras de Pallotti são geradas pelo amor de Cristo, donde o seu lema *Caritas Christi urget nos – urge-nos a Caridade de Cristo – urge-nos o amor de Cristo*⁵¹. Ele queria que toda a sua fundação, e cada membro, fossem constitucionalmente motivados pelo espírito de perfeitíssima caridade. “Como a pia Sociedade foi fundada e instituída na Caridade e para promover em todos os fiéis de todo estado, qualidade, posição, sexo e condição o mais perfeito e acabado exercício das obras da caridade e da misericórdia para a maior glória de Deus e da sua SS. Mãe Imaculada, e para a maior santificação dos povos, assim todos devem estar sempre animados pelo verdadeiro espírito da mais perfeita caridade”⁵².
139. **[Chamados a participar na missão redentora]** No modelo antropológico palotino o ser humano é essencialmente um ‘enviado’, ou seja, alguém que recebeu uma missão. A transformação em Jesus conduz necessariamente a participar da sua missão redentora. Escreve

⁴⁸ OOCC III, p. 175.

⁴⁹ Ibidem, p. 151.

⁵⁰ Ibidem, p. 218.

⁵¹ Cfr. 2Cor 5,14. OOCC III, pp. 109-110.

⁵² OOCC I, pp. 105-106.

Pallotti: “A cada um mandou Deus procurar a salvação eterna do próximo; e por que na execução de tais preceitos temos que imitar Jesus Cristo, que é o Apóstolo do eterno Pai, por isso a vida de Jesus Cristo, que é o seu Apostolado, deve ser o modelo do Apostolado de cada qual; e como todos são chamados, antes, são obrigados a imitar Jesus Cristo, assim todos, no plano da sua condição e estado, são chamados ao Apostolado”⁵³.

140. **[Esvaziamento de si (*kenosis*) como dinâmica espiritual]**
Podemos sintetizar a essência da dinâmica espiritual de Pallotti em um processo de auto-esvaziamento (*kenosis*) expresso com estas palavras: “Senhor, destruí a minha vida e fazei com que a vossa vida seja a minha vida”⁵⁴. O processo de auto-esvaziamento toma origem do amor, é motivado e tende à aquisição do amor, considerado a perfeição. Sem dúvida Pallotti praticou todos os exercícios de piedade tradicionais, da oração à meditação, da leitura espiritual ao jejum, além de ter-se empenhado nas mais rigorosas práticas ascéticas, conforme o espírito do tempo. Mas tudo isto teve e tem sentido somente no contexto da sua experiência do amor infinito e misericordioso de Deus. Esta segurança espiritual e psicológica interior, que lhe provinha da confiança imutável no amor infinito e misericordioso de Deus, permitiu-lhe destruir espiritualmente e psicologicamente o próprio *homem velho* de modo sadio, a fim de ser ele plenamente enchido de Cristo e ser assim transformado em Cristo. De fato, o inteiro processo do crescimento espiritual está baseado e modelado no mistério pascal, no qual o *homem velho* se torna crucificado com Cristo e o *homem novo* vem à luz com a ressurreição. O resultado desta experiência redentora é a transformação em Cristo. A essência deste processo de morte e ressurreição (*kenosis*) está sintetizado no novo mandamento do amor: “Que vos ameis uns aos outros, como eu vos tenho amado”⁵⁵. A chave, pois, para a perfeição palotina e cristã é a dinâmica do novo mandamento, expresso e vivido de modo inigualável no mistério pascal.

⁵³ OOCC III, p. 142.

⁵⁴ OOCC X, p. 618.

⁵⁵ Jo 15,12.

A VOCAÇÃO CRISTÃ: UM CHAMADO E UMA RESPOSTA

141. **[Chamado]** Procurar entender uma pessoa sem uma oportuna reflexão sobre a sua vocação divina pode resultar limitante, porquanto, na própria origem da vocação cristã, há um chamado de Deus. De fato, a vocação é um dom gratuito, que nasce do amor e está ligado à própria origem e destino de cada qual. O chamado é pessoal e único: “Então Jesus, fixando-o, amou-o”⁵⁶ e lhe disse: “Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me”⁵⁷. A vocação cristã e religiosa é, pois, um apelo que envolve a pessoa na sua totalidade, reivindicando um direito sobre toda a existência.
142. **[Resposta]** O chamado de Cristo, como expressão do amor que redime, exige um ‘sim’ por parte de quem é chamado. A graça divina radica-se na natureza humana, aperfeiçoa-a e requer, por isso, uma participação ativa da pessoa. A graça respeita a liberdade humana e age através dela. Com efeito, a liberdade é a condição da ação da graça. Por isso, o papel representado pela pessoa no diálogo vocacional se inicia com a opção fundamental da escolha, expressa na motivação de comprometer-se totalmente com Deus.
143. **[Liberdade de amar]** A pessoa que, no diálogo vocacional, realiza a escolha fundamental de Deus, doa-se a si mesma na alegria e na liberdade. É o amor que chama e leva a responder, e é ele o objetivo fundamental do chamado. Por isso, é acertado dizer que a vocação é chamado à liberdade para o amor teocêntrico⁵⁸, ou seja, para amar como Jesus amou⁵⁹.
144. **[Impulso no sentido da autotranscendência]** Como a vocação do cristão é precisamente chamado para a liberdade pelo amor teocêntrico, assim o ser humano, na própria orientação ontológica, é também caracterizado por um impulso ativo para a

⁵⁶ Mc 10,21.

⁵⁷ Mt 19,21.

⁵⁸ Cfr. Gl 5, 13-14.

⁵⁹ Cfr. Jo 15, 12.

autotranscendência. É a experiência existencial acertadamente expressa por S. Agostinho: “Fizeste-nos para ti, ó Senhor, e o nosso coração está inquieto até que não repouse em ti”⁶⁰.

145. **[Autotranscendência teocêntrica: objetivo final]** O objetivo final da autotranscendência humana não pode ser nem a autoperfeição nem a perfeição da comunidade, mas Deus. Na vida cristã, e em especial naquela de consagração, o objetivo último da vida requer que o processo motivacional humano leve a viver *a união com Deus* e *a imitação de Cristo* como valores fundamentais. A busca da própria perfeição ou da perfeição da comunidade deve ser subordinada ao objetivo final da autotranscendência teocêntrica, que responde ao questionamento último da pessoa.

OS FATORES PSICOSSOCIAIS QUE INCIDEM NA CAMINHADA VOCACIONAL

146. **[Limitações da liberdade]** A liberdade é o fundamento para a autotranscendência através do amor, e as limitações da liberdade podem obstaculizar o processo. A autotranscendência teocêntrica é o fruto da interiorização dos valores de Cristo. A falta de liberdade interior influencia a capacidade da pessoa, e a incapacidade, por sua vez, condicionará de forma negativa o próprio crescimento vocacional e a eficácia apostólica. Uma grande variedade de fatores pode limitar a liberdade e especialmente significativa é a influência dos fatores psicossociais, conscientes e inconscientes, sobre o próprio sistema motivacional.
147. **[Influência negativa do inconsciente]** Consciente e subconsciente são dois elementos indispensáveis da pessoa⁶¹, e, por isso, é necessário examinar os dois para compreender a pessoa na sua inteireza. O

⁶⁰ Cfr. S. Agostinho, *Confissões*, IV cap., n° 4.

⁶¹ Ao passo que o consciente se refere à consciência da pessoa e é imanente nas ações de ver, sentir, imaginar, discernir, etc., o subconsciente é formado pelo pré-consciente e pelo inconsciente. O pré-consciente pode ser chamado à consciência através da reflexão, da meditação ou do exame de consciência; o conteúdo psíquico inconsciente pode ser trazido ao consciente só com uma ajuda profissional.

inconsciente existe como forças psicogenéticas e é fortemente ativo na vida das pessoas normais, de todas indistintamente e permeia muitas das suas ações; além disso a sua influência é persistente e mostra uma notável resistência à mutação. Existe também o inconsciente afetivo, caracterizado pela inacessibilidade: não pode ser chamado ao estado de consciência com a evocação voluntária. No inconsciente afetivo a pessoa está normalmente consciente dos sentimentos mas não o está a respeito dos processos e da origem das emoções relacionadas com a experiência passada e presente. Na realidade, quanto mais as emoções são inconscientes, maior é o seu efeito em tornar seletivas a memória e a imaginação. Tal seletividade limita ou condiciona o nosso conhecimento, as decisões e o comportamento em relação às informações, aos valores, às pessoas e aos eventos considerados, etc. Além disso a atuação dos valores incide sobre a vocação cristã e sobre o relacionamento com Deus. As forças do subconsciente, por isso, influenciam fortemente a vida consciente e os valores vocacionais.

148. **[Distinguir os sinais de uma verdadeira vocação]** Todo homem possui sempre, com “a ajuda de Deus”⁶², a força intrínseca para mudar e crescer, de fato, porém, esta força é muitas vezes ineficaz. Apesar da proclamação dos valores vocacionais, aquilo que muitas vezes nos guia são as nossas necessidades e os nossos medos. Muitas vezes os valores não são amados por aquilo que são em si mesmos, mas por aquilo que podem alcançar ou que ajudam a esconder. Aqui se fala de consistência ou de inconsistência vocacional. Todo valor vocacional pode ser vivido como pseudovalor: a obediência por medo da responsabilidade pessoal; a perseverança na vida consagrada por medo de enfrentar a vida secular; o celibato por medo de depender e de adaptar-se aos outros, etc. O inconsciente e as necessidades psicológicas vocacionalmente inconsistentes influenciam diretamente a própria capacidade de interiorizar os valores de Cristo. As disposições psicológicas não tocam, porém, a santidade, mas certamente a eficiência apostólica.

⁶² “Tudo posso naquele que me conforta” (Fl 4,13). Esta frase aparece muitas vezes no diário espiritual de Pallotti (*i Lumi*). Veja, por exemplo, OCCC X, p. 5, p. 115, p. 122, p. 423, p. 657.

149. **[Descobrimto das forças conscientes e inconscientes]** Quanto menos os conflitos inconscientes concordem com os valores de Cristo, maior será a dificuldade de viver a total doação de si a Deus e ao próximo. As necessidades e os conflitos inconscientes não somente põem obstáculo à capacidade pessoal de interiorizar os valores de Cristo, mas também põem limites ao compromisso vocacional e à eficácia apostólica. Por exemplo, na própria atividade apostólica, uma pessoa com uma forte carência afetiva pode procurar inconscientemente as relações que satisfazem em vez da doação de si ao serviço de Deus e do próximo, ou então, quem foi carente de relações seguras, vive na dúvida e na suspeita e assim terá dificuldade de construir relações com outros. Uma vez que os componentes conscientes e inconscientes coexistem desde a infância como elementos normais da pessoa, é necessário ir descobrindo as forças conscientes e inconscientes. Quanto maior for o conhecimento das próprias forças psíquicas, maior será a possibilidade de adaptar-se a estilos de vida novos e maduros.

O DESENVOLVIMENTO HUMANO

150. **[Tensão entre polaridades]** O desenvolvimento humano comporta uma tensão associada a determinadas polaridades – por exemplo, entre *organismo* e *ambiente*, entre *passado* e *futuro*, entre *estrutura* e *processo* – influi sobre o nível psicológico e constitui uma das bases antropológicas da pessoa. A tensão decorre das realidades contrapostas, como transcendência e imanência, auto-realização e abnegação, movimento de subida e de descida, perfeição e fraqueza, etc. O desenvolvimento leva à aquisição de novas estruturas e à mudança de uma estrutura por outra. A aquisição e a mudança ativa-se em resposta à tensão que irrompe das transformações, que provocam uma contínua diferenciação e integração. O desenvolvimento humano é caracterizado pela estabilidade e pela mudança⁶³.

⁶³ Veja também o n° 73 desta *Ratio*.

151. **[O mistério que toma forma nas relações]** O desenvolvimento humano é uma viagem da infância à maturidade através do encontro com outros, num processo educativo e formativo a vários níveis. As pessoas que alcançam o estágio integrado são muito poucas, desde que cada estágio tem as suas fraquezas, os seus problemas e os seus paradoxos, que estabelecem tanto o potencial para a incapacidade de adaptação como aquele para o crescimento. Crescer significa continuar a renunciar de ser centrado em si de modo realístico. A desadaptação acontece quando uma pessoa se acomoda a um nível inferior⁶⁴.
152. **[Objetivo do desenvolvimento humano]** O objetivo do desenvolvimento, em poucas palavras, é renunciar ao mundo do narcisismo e da onipotência para uma realística compreensão de si, da realidade das coisas e das pessoas. Neste processo há renúncia e perda das percepções parciais e erradas de si, para conquistar uma crescente e madura identidade. O movimento é do ser centrado sobre si para a autotranscendência.
153. **[Processo de desenvolvimento]** Uma criança nascida numa específica matriz familiar, numa cultura, numa determinada situação econômica, com uma sexualidade definida, etc. forma-se em relação com os outros. A família constitui um sistema social razoavelmente uniforme que protege e forma a pessoa ainda não madura. As recíprocas interações constantes na família permitem à criança desenvolver as suas expectativas e construir modelos de comportamento mais ou menos coerentes. No processo de crescimento, os modelos assimilados de relações interpessoais, os modos reconhecidos de satisfação das necessidades fundamentais, as atitudes sociais ou culturais, os valores religiosos, etc. formam o fundamento das percepções diante das pessoas significativas e o modo de relacionar-se com elas. Muitos problemas ou conflitos na vida pessoal e interpessoal têm raízes ou se entretecem no processo de desenvolvimento humano. Enquanto, nas situações maduras ou relativamente ótimas, a criança cresce na direção de um

⁶⁴ Cfr. *ibidem*, o n.º 59.

comportamento coerente, o ambiente conflituoso, ambíguo e patológico deixa no indivíduo muitos problemas não resolvidos.

154. [Situações evolutivas e maturidade] As experiências da primeira infância desempenham um papel vital na formação das psicodinâmicas do indivíduo. Apesar de o não podermos afirmar com matemática certeza, é evidente que um ambiente de conflitos e traumas, sem afetos e sem seguranças, pode incidir negativamente sobre a formação da criança de várias maneiras. O primeiro contato com os outros da parte da criança acontece com os seus pais e com outros membros da família, e ao interior deste refúgio se organiza a sua personalidade. Os importantes e novos condicionamentos sucessivos terão como base as estruturas que já se organizaram ao interior da família. Portanto a capacidade de agir em situações novas e o modo de utilizar as coisas que venham a acontecer depende da segurança emotiva e da base intelectual adquiridas em relação aos outros.

155. [Progresso/Regressão] As experiências iniciais fundamentais de ansiedade, medo, rancor ou confiança, esperança e afeto, influenciam a orientação da pessoa. O indivíduo, que passa através de estádios evolutivos, constrói as estruturas internas sobre a base das precedentes. As boas condições oferecem oportunidades de desenvolvimento, crescimento e descobrimento mas, quando falham, levam a fixações e imaturidades. Ao passo que o desequilíbrio leva a regressão e a declínio, a boa harmonia leva a progresso e a redenção. O desenvolvimento não é nunca tranquilo, porém caracteriza-se por desequilíbrio, instabilidade e insegurança⁶⁵. Temos que observar também que a maturidade não está necessariamente em correlação com a idade ou a experiência. É verdade que alguns aspetos pessoais podem ser determinados pela própria história ou pelas próprias vivências, mas, ao mesmo tempo, a pessoa tem a capacidade de decidir sobre o que queira tornar-se e de que maneira. Às feridas psicológicas acrescenta-se também a capacidade, dada por Deus, de crescer e de transformar as próprias situações de dor em escolhas

⁶⁵ Veja também o n° 71 desta *Ratio*.

responsáveis, cheias de significação para a vida, naturalmente com a ajuda da graça divina e dos outros. Isto comporta o abandono do pólo de calor que nos sustenta e tornar-nos nós aquele pólo, ao nos doarmos aos outros. Adequar-nos a comportamentos maduros, como *aceitar o passado*, viver a *responsabilidade* ligada ao *futuro* e o *chamado no presente*, comporta uma aprofundada descoberta e aceitação da história pessoal do indivíduo. Ao mesmo tempo deve-se recordar que a economia do desenvolvimento humano implica a da redenção, pela qual encontrar-se significa perder-se a si mesmo. Assim o processo do desenvolvimento humano não pode restringir-se a um simples processo psíquico. O amor que se autotranscende é o caminho que leva a pessoa humana à realização das aspirações mais profundas, até o Outro infinito. O mistério cristão prevê para a pessoa a possibilidade de uma transformação, desde que se responda ao convite do apóstolo Paulo: “Tende em vós os mesmos sentimentos que Cristo Jesus teve”⁶⁶.

A VISÃO CULTURAL DA PESSOA

156. **[A pessoa e a sua relação com a cultura]** A pessoa está profundamente radicada na cultura em que vive e assim toda tentativa de compreendê-la é eficaz e significativa só quando a interpreta no contexto da totalidade de seus antecedentes culturais. É difícil falar de um cenário cultural universal, porquanto as culturas, os usos e os costumes no mundo são muito numerosos. Pela mesma razão esta *Ratio institutionis - Programa de formação*, elaborado em nível geral, deve ser aplicado na especial situação cultural de cada Província/Região. Contudo, podemos sintetizar algumas crescentes tendências culturais universais.
157. **[Necessidade de uma formação inculturada]** Uma formação integrada palotina deve ser sempre inculturada, ou seja, deve ser pertinente e radicada na situação cultural, social, política e econômica local. Conseqüentemente o programa de formação deveria ser tal que ajudasse os candidatos a responder aos desafios postos pelas

⁶⁶ Fl 2,5.

complexas realidades sócio-econômicas, políticas e culturais do lugar e do tempo. “Especial atenção deve merecer, depois, uma formação cultural à altura dos tempos, em diálogo com as buscas de sentido do homem de hoje. Por isso, requerem-se uma preparação maior no campo filosófico, teológico, psicopedagógico e uma orientação mais profunda para a vida espiritual; exigem-se modelos mais adequados diante das culturas em que nascem as novas vocações, itinerários bem definidos para a formação permanente e, sobretudo, insiste-se em que sejam destinadas à formação as melhores forças, mesmo que isto comporte grandes sacrifícios⁶⁷.

- 158. [Alegrias e sofrimentos no atual cenário cultural]** No mundo contemporâneo, com suas “alegrias e as suas esperanças, a tristeza e os tormentos das pessoas”⁶⁸, podemos descobrir fenômenos positivos e negativos. Hoje, na cultura moderna globalizada, diz João Paulo II: “não se globalizaram somente tecnologia e economia, mas também insegurança e medo, criminalidade e violência, injustiças e guerras”⁶⁹.
- 159. [Sinais positivos]** Entre os sinais positivos encontramos a crescente sensibilidade das pessoas para com a dignidade humana e os seus direitos; a exigência de maior maturidade pessoal e humana; a convicção da interdependência entre as pessoas, a necessidade de solidariedade e de comunhão e os progressos extraordinários da ciência e da tecnologia⁷⁰. Na esfera religiosa notamos também a sede de Deus, principalmente entre os jovens.
- 160. [Sinais negativos]** Entre os sinais negativos, que terão influência determinante em proporcionar uma equilibrada formação, encontramos diferentes violações da dignidade, da liberdade e dos direitos da pessoa para fins políticos e econômicos; encontramos a indiferença e o relativismo moral; os efeitos desumanizadores da globalização; os comportamentos materialísticos de secularismo crescentes; o individualismo e o subjetivismo; o abalo de estruturas

⁶⁷ *RdC*, n° 18.

⁶⁸ Cfr. *GS*, n° 1.

⁶⁹ Cfr. *RdC*, n° 1.

⁷⁰ Cfr. João Paulo II, *Sollicitudo rei socialis*, n° 26.

sociais, como a família, o matrimônio que desemboca num número crescente de divórcios. As famílias separadas e monoparentais; a cultura da gratificação imediata; a depreciação da sexualidade e os seus desvios e a erotização das relações. Hoje os candidatos que se aproximam da vida religiosa, provêm da atual cultura, em que a atividade sexual despersonalizada, a coabitação ou os divórcios fáceis parecem ser a norma. O estilo de vida do celibato é quase uma atitude contracorrente. Ele é posto sob inquirição e desacreditado pela cultura ocidental contemporânea. Revelações sobre atitudes de pedofilia por parte do clero e de religiosos evidenciam uma disfunção no ministério eclesial. Este escândalo público, juntamente com as declarações da parte de alguns eclesiásticos de sua homossexualidade, levantam uma série de perguntas, inclusive dúvidas sobre a eficácia da formação para o celibato dos padres e dos religiosos na Igreja. Esta situação levou bispos e superiores de congregações religiosas a reavaliar a formação religiosa e sacerdotal⁷¹. Vivemos numa época em que se acentua a satisfação pessoal e se encoraja a libertação de contratos, de compromissos, se percebidos como limitações para a realização de si mesmo. A nossa pode definir-se como a *geração do eu* e uma cultura narcisista, em que a pessoa percebe como realidade total somente o próprio corpo e as suas necessidades, os seus sentimentos, os seus pensamentos, etc., enquanto se desinteressa de tudo o mais.

- 161. [Enfraquecimento dos valores religiosos]** No ambiente religioso encontramos um enfraquecimento generalizado dos valores religiosos, mas, ao mesmo tempo, em alguns países, descobrimos também um despertar deles. A religiosidade apoucada entre a gente é uma conseqüência, em larga escala, das tendências de ateísmo, de secularismo e de materialismo, que, por sua vez, reduzem a sensibilidade ético-moral da pessoa e por isso levam ao consumismo, ao hedonismo e às desigualdades sociais e econômicas. A força dos

⁷¹ Cfr. por exemplo: *Tercero Congreso Continental sobre Vocaciones al Ministerio Ordenado e à Vida Consagrada na América do Norte*, em: *Seminarium*, Nova Series Anno XLII N° 1, Januarii-Martii 2002, principalmente o artigo de Germain Grisez, “Le condizioni per assumere rettamente l’impegno del celibato”, pp. 269-308. Veja também: Congregação para a Doutrina da Fé, “Considerazioni circa i progetti di riconoscimento legale delle unioni tra persone omosessuali”, de 3 de junho de 2003.

valores cristãos hoje está em baixa, enquanto em alta está a das necessidades psicológicas, não sempre em harmonia com os valores do seguimento de Cristo. Como sustenta João Paulo II: “Nas nações ricas existem desigualdades sociais de miséria” e “em países menos desenvolvidos, podemos, não raramente, ver manifestações de egoísmo e exibições de opulência decididamente desconcertantes e escandalosas”⁷².

- 162. [Formação palotina em resposta às necessidades dos tempos]** A estas realidades a Igreja deve anunciar o mistério da salvação e a Sociedade do Apostolado Católico deve oferecer o seu serviço, no espírito de S. Vicente Pallotti. Em consequência, a formação deveria ser tal que tornasse os candidatos sensíveis às realidades existentes e desse a eles a possibilidade de discernir os sinais dos tempos presentes e futuros⁷³, do crescimento do Reino de Deus, sejam eles positivos ou negativos. Percebemos, às vezes, nos jovens da sociedade contemporânea, sinais de fragilidade e uma tendência para o pessimismo. O Jubileu dos Jovens, pelo contrário, como declarou João Paulo II, assinalou “a mensagem de uma juventude que expressa um anseio profundo, não obstante possíveis ambigüidades, no sentido daqueles valores autênticos que têm em Cristo a sua plenitude. Não é Cristo talvez o segredo da verdadeira liberdade e da alegria profunda do coração? Não é Cristo o amigo supremo e, ao mesmo tempo, o educador de toda autêntica amizade? Se Cristo é apresentado aos jovens com seu verdadeiro vulto, eles o sentem como uma resposta convincente e são capazes de acolher a sua mensagem, mesmo que exigente e marcada pela cruz”⁷⁴. É preciso ajudá-los a fazer uma escolha radical de fé e de vida.

AO LONGO DO PERCURSO FORMATIVO

- 163. [A dimensão humana como fundamento]** Toda a formação palotina ficaria desprovida da sua base fundamental se faltasse a sua dimensão humana. *A dimensão humana e fraterna* exige o conhecimento

⁷² João Paulo II, *Sollicitudo rei socialis*, n° 26.

⁷³ Cfr. o n° 53 desta *Ratio*.

⁷⁴ *NMI*, n° 9.

de si e das próprias limitações, para tirar disso oportuno estímulo e apoio no caminho da total libertação. Especialmente importantes, no contexto atual, são a liberdade interior da pessoa consagrada, a sua integração afetiva, a capacidade de comunicar-se com todos, principalmente na própria comunidade, a serenidade de espírito, a sensibilidade em relação a quem sofre, o amor pela verdade, a coerência linear entre as palavras e os atos⁷⁵. O Sínodo quis sublinhar que o modelo de perfeição humana é Jesus Cristo, o Verbo Encarnado feito homem, sem pecado. Jesus, além disso, é o modelo da nossa vida e do nosso apostolado. Assim, aquilo que um palotino deve dizer ou fazer é aquilo que Jesus ensinou e empreendeu por todos os seres humanos. Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, permanece o modelo supremo da formação humana, também segundo a antropologia palotina, como nos lembra o Fundador: “Por isso, contempla na fé o teu divino exemplar Jesus Cristo; tira proveito dos tesouros de graça, que, com sua Vida santíssima, te alcançou, e serás santo e perfeito como o Pai Celeste”⁷⁶. Com efeito, o caminho, que a vida consagrada é chamada a empreender no começo do novo milênio, orienta-se “pela contemplação de Cristo”⁷⁷, pelo olhar, “posto mais que nunca, no rosto do Senhor”⁷⁸.

- 164. [Auto-realização através da autotranscendência]** A formação humana é aquele processo dinâmico pelo qual uma pessoa é levada ao descobrimento das próprias qualidades positivas e ao desenvolvimento delas no sentido de realizar-se. Em linha geral tal processo, que muda de uma fase para outra, tem o objetivo de ajudar o candidato a desenvolver progressivamente uma personalidade integrada do ponto de vista psicológico, social, cultural e religioso. Importante é recordar aqui que a auto-realização não é fruto de oportunismo ou de autocomplacência, mas de autotranscendência através da doação de si, “até atingirmos o estado de homens feitos, de acordo com a idade madura da plenitude de Cristo”⁷⁹.

⁷⁵ Cfr. *Vita Consacrata*, nº 71.

⁷⁶ OCCC XIII, p. 697.

⁷⁷ Cfr. *RdC*, nº 23.

⁷⁸ Cfr. *NMI*, nº 16.

⁷⁹ Ef 4,13.

- 165. [Maturidade humana]** O objetivo principal da formação humana não é outro senão o de alcançar a maturidade daquele processo complexo que requer, de forma harmônica e equilibrada, o desenvolvimento pleno de todas as faculdades humanas⁸⁰. Por este motivo ele não se realiza nunca de uma vez por todas. Induz e promove a maturidade principalmente o crescimento na liberdade, um dos dons que somente os seres humanos possuem e que os torna únicos em decidir o próprio destino. Por natureza eles são conscientes e livres, chamados a crescer no conhecimento que leva ao senhorio de si e a viver uma vida responsável. Qualquer processo formativo é eficaz na medida em que favorece a liberdade interior de cada qual.
- 166. [Efeitos dos limites à liberdade]** Apesar de a liberdade ser um direito natural da pessoa, os limites da liberdade se manifestam de vários modos. Ambientes pouco adequados – por exemplo, uma família desorganizada – podem obstaculizar o crescimento da liberdade interior em maneira significativa. Os conflitos emotivos inconscientes, como já vimos, podem levar à desorganização das estruturas da personalidade. A falta de liberdade, muitas vezes, conduz a tendências egoístas e narcisistas, que, na pessoa, limitam a possibilidade de comprometer-se com generosidade no cumprimento das próprias responsabilidades vocacionais. O egoísta procura afeto, segurança, serenidade e liberdade imaginária, satisfação pessoal e social e está ansiosamente preocupado em procurar dominar os outros. O crescimento se verifica quando a pessoa começa a renunciar ao próprio egoísmo de modo realista. A educação para a liberdade dá à pessoa a possibilidade de doar-se a si mesma para o serviço eclesial⁸¹.
- 167. [A formação da consciência]** A formação para a liberdade responsável comporta necessariamente a formação da consciência. A Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis* sustenta que a maturidade humana do padre “deve incluir, de maneira especial, a formação da

⁸⁰ Cfr. o n° 71 desta *Ratio*.

⁸¹ Cfr. *LG*, n° 24.

consciência”⁸². Isto significa ajudar um candidato a construir uma perseverante disposição para tudo que é verdadeiro e bom, porque a consciência, lei escrita por Deus no coração humano, o exorta a fazer sempre o bem⁸³. A formação da consciência de um sacerdote deve estar de acordo com o seu apostolado. Os padres sinodais escrevem: “[...] a fim de que possa desempenhar fielmente as suas obrigações para com Deus e para com a Igreja e para que possa guiar sabiamente a consciência dos fiéis, (o padre) deve habituar-se a escutar a voz de Deus, que lhe fala no coração, e a aderir com amor e firmeza à sua vontade”⁸⁴. A formação da consciência moral implica a aquisição da perseverança, da autodisciplina, da mortificação e da renúncia ao supérfluo⁸⁵; implica também o cultivo de bons pensamentos, a valorização do estudo, o hábito da reflexão, a contemplação e a capacidade de silêncio na presença de Deus. A formação é essencialmente um processo de interiorização dos valores do evangelho.

168. [A maturidade afetiva] Um fator decisivo e significativo na formação dos candidatos é o compromisso pela maturidade afetiva, como resultado da educação ao amor verdadeiro e responsável⁸⁶. Falar de maturidade afetiva exige que se precise o conceito de amor. Os padres sinodais, cientes do problema, afirmam: “Trata-se de um amor que envolve a pessoa toda, nas suas dimensões e componentes físicos, psíquicos e espirituais, e que se exprime no ‘significado espousal’ do corpo humano, graças ao qual a pessoa doa-se a si mesma a outra e a acolhe”⁸⁷. Tal amor comporta sempre doação de si e é por isso autotranscendente. A autêntica doação de si realiza-se unicamente nas pessoas maduras e bem integradas.

169. [A formação para o celibato] A maturidade afetiva se alcança através de uma eficaz formação para a castidade, “qual virtude que

⁸² PDV, n° 44.

⁸³ Cfr. GS, n° 16.

⁸⁴ PDV, n° 44.

⁸⁵ Cfr. o n° 40 desta *Ratio*.

⁸⁶ Cfr. PDV, n° 43.

⁸⁷ *Ibidem*, n° 44.

desenvolve a autêntica maturidade da pessoa”⁸⁸. A integração do sexo e da existência pressupõe um sadio projeto de vida, uma sadia avaliação da sexualidade e a disposição de discipliná-la em função do projeto com o qual estamos comprometidos. A integração da sexualidade no celibato, vivido de forma satisfatória, é um dos desafios a serem enfrentados e que algumas características do nosso tempo não tornam mais fácil. O questionamento dos últimos anos deixou valores menos claros para muitos, que, por isso, se tornaram mais vulneráveis em relação aos próprios desejos. Isto, às vezes, se torna mais complicado pelos métodos formativos, que passaram da repressão das emoções à sua aceitação e à sua aberta manifestação, sem o devido discernimento. Nem todas as manifestações emocionais são oportunas e o não discerni-las de forma adequada pode causar ao celibato óbvios problemas. As culturas que favorecem a repressão – *não perguntar, não dizer* – ou que, na sexualidade humana, não vêm senão o sentido reprodutivo ou hedonista, formam pessoas imaturas, impedindo o crescimento pessoal. Algumas dificuldades da formação consistem no fato de encontrar-se diante de pessoas que, nos anos juvenis, entram em comunidades religiosas antes de ter adquirido uma consolidada identidade sexual. Outros problemas, derivam de uma série de desordens familiares e pessoais, inclusive a confusão ou patologias relacionadas com a identidade sexual ou com o comportamento. Há também os conflitos internos que levam ao senso de culpa, à vergonha, à ansiedade ou às fixações. A integração sexual e uma vida fecunda de celibato consagrado, por outro lado, são um processo que dura toda a vida e que leva a viver alegremente a vida consagrada no dom total de si ao amor absoluto⁸⁹. É geralmente admitido que o aspecto psico-sexual-afetivo celibatário precisa de maior consideração do que se lhe tem dado nos programas de formação religiosa. No passado, mas também hoje, a preparação intelectual do candidato é muito cuidada, ao passo que a sua preparação para a vida religiosa e para o sacerdócio é avaliada no todo pelo desempenho e pelos resultados acadêmicos. De qualquer forma, hoje, levando em conta o esfacelamento familiar e os problemas

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ Cfr. *VC*, n° 88.

personais não resolvidos, a maturidade afetiva, que permite à pessoa a adquirir um senso do seu eu sexual-corpóreo no crescimento em direção a uma verdadeira auto-estima e ao amor para com Deus e para com os outros – todos elementos essenciais para uma vida autêntica e casta – é uma dimensão crítica da formação para o celibato. A maturidade afetiva pertence à própria essência da formação religiosa e da vida consagrada enquanto unida com o testemunho do supremo mandamento do amor em plena liberdade. “Amarás o Senhor teu Deus com todo teu coração, com toda tua alma e com toda tua mente [...]. Amarás o próximo como a ti mesmo”⁹⁰. Com efeito, o novo mandamento do amor é a lei fundamental da perfeição⁹¹.

170. [É completo o modelo antropológico palotino] A antropologia palotina oferece os elementos essenciais para uma visão completa e idônea de si mesmo. Todo ser humano tem necessidade de possuir um conceito positivo, realista e sólido da própria identidade. O conhecimento de si, a auto-aceitação e a auto-estima são passos importantes para chegar à auto-identidade. O conhecimento de si, iluminado pela fé, conduz à auto-aceitação, preciosa, mesmo se limitada. A antropologia palotina nos recorda que a auto-estima deveria estar baseada, em definitivo, numa realidade mais fundamentalmente ontológica e teológica, isto é, sobre aquilo que foi criado à imagem e semelhança de Deus e, por isso, é honroso, precioso e amável⁹². Ao mesmo tempo este ‘si’ – o ‘eu’ – é limitado. Por isso não se nos prefixa nunca de criar uma idéia de si totalmente positiva e, por isso, não realista, ou totalmente negativa. Cada uma destas aproximações é igualmente parcial. Estes dois opostos se reconciliam e se integram em Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Somente ‘um eu’ maduro permitirá morrer para si mesmo, porque somente podemos perder-nos a nós mesmos quando nos tenhamos encontrado a nós mesmos, como diz o Senhor Jesus: “Quem não tomar a cruz e me seguir, não é digno de mim. Quem procurar a sua vida, há de perdê-la; e quem esquecer a sua vida por

⁹⁰ Mt 22,37-39.

⁹¹ Cfr. G.S, n° 38.

⁹² Cfr. Is 43,4. Veja também o n° 63 desta *Ratio*.

amor de mim, há de encontrá-la”⁹³. E encontrar a si mesmos, criados à imagem e semelhança de Deus, requer uma estreitíssima colaboração entre graça e natureza. Descobrir e também ajudar a ser conforme à imagem e à semelhança de Deus é um importante objetivo da formação palotina.

171. [A transformação interior: o núcleo das dinâmicas formativas]

Na pedagogia palotina, pois, o acento se põe em *transformar interiormente* a pessoa na imagem e semelhança de Deus enquanto ela é livre para amar a Deus, aos outros e a si mesma. O Espírito Santo é a força de tal transformação e o Cenáculo proporciona a adequada atmosfera da oração incessante: “Os Apóstolos e Eu, lá no Cenáculo, segundo as respectivas disposições, fomos repletos do Espírito Consolador, mas nos dispusemos com a oração assídua: [...] Eu, ó filho, quero ver-te rico, e muito rico dos tesouros da Divindade; quero ver-te *todo transformado em Deus*, para tornar-te Ministro do Evangelho, mais útil às almas, e para procurares mais eficazmente os interesses da glória do Pai celeste: ama a Oração, portanto, seja ela, digamos, a tua comida, a tua bebida, o teu repouso”⁹⁴.

172. [O amor: medida do crescimento]

O nível de crescimento dos membros e dos candidatos na formação é a vida de caridade. Um verdadeiro palotino deveria aspirar a transformar as inclinações egocêntricas na capacidade de amar e de doar. Impelido interiormente pelo amor, ele é levado a agir para a glória infinita de Deus e para a maior santificação própria e do próximo. “Quem quer que venha viver em algum destes santos Retiros, deve, antes de tudo, ser movido por um princípio de amor para com Deus, que tanto nos ama, que nos deu o seu unigênito. Mas deve ser também movido por um princípio de verdadeiro amor pelo próximo, que devemos amar tanto quanto Jesus Cristo nos amou”⁹⁵.

173. [O amor fundamento de toda dimensão formativa] Quando Vicente Pallotti diz que o amor é o “*substancial constitutivo* da pia

⁹³ Mt 10,38-39.

⁹⁴ OOCC XIII, pp. 440-441. Veja também o n° 91 desta *Ratio*.

⁹⁵ OOCC II, pp. 5-6.

Sociedade”⁹⁶, anuncia e deseja promover o amor vivido em comunhão divina, em solidariedade com as pessoas e com todo o gênero humano. O chamado de todos os cristãos ao apostolado decorre deste preceito do amor, de vez que o principal motivo e objetivo de toda atividade apostólica e também a essência da comunhão eclesial é a caridade. “Se esta viesse a faltar não existiria mais nela o Apostolado Católico”⁹⁷. Assim, o amor será sempre a base daquele corpo chamado *Apostolado Católico*. “De vez que a pia Sociedade se funda e organiza na Caridade, e para promover em todos os fiéis de todo estado, tipo, situação, sexo e condição o mais perfeito e acabado exercício das obras de caridade e da misericórdia para a maior glória de Deus,[...] assim todos devem estar sempre animados do verdadeiro espírito da mais perfeita caridade”⁹⁸. Portanto, o objetivo último da formação palotina é ajudar os membros e os candidatos a crescerem no amor de Cristo, raiz de toda dimensão formativa.

174. [O modelo de integração formativa] Tudo isto se torna possível por uma formação integrada, que ajude os nossos membros a viverem a sua identidade espiritual e humana. O objetivo primário é preparar as pessoas para o dom total de si “assumindo pessoalmente o dinamismo do crescimento vocacional”⁹⁹. A formação, portanto, deve influir sobre toda a pessoa, não só através dos instrumentos de instrução acadêmica e doutrinal, mas também através de uma ajuda abrangente que leve à integração dos valores de Cristo com a identidade humana. O modelo de integração formativa considera insubstituível a ação da graça para iniciar e manter a vocação e oferece aos indivíduos em formação uma ajuda pessoal profunda para o autoconhecimento, de modo a conduzi-los a uma mudança estrutural das dinâmicas pessoais. Além disso, como base teórica, o modelo possui uma adequada e completa antropologia cristã e tem o objetivo de ajudar a pessoa a assimilar, interiorizar e integrar na própria personalidade, de forma aprofundada, os valores de Cristo.

⁹⁶ OCCC III, pp. 137-138.

⁹⁷ Ibidem, p.138.

⁹⁸ OCCC I, pp.105-106. Cfr. VC, n° 75.

⁹⁹ VC, n° 65.

175. [Formadores bem preparados] Este tipo de formação requer novos educadores, bem preparados e capazes de caminhar compassivamente com os que estão em formação, capazes de orientá-los para a descoberta de si e movê-los no sentido dos valores de Cristo¹⁰⁰. Os formadores mesmos devem estar em condições de oferecer uma ajuda aprofundada para o autoconhecimento e integração pessoal, de forma a levar a termo uma autêntica mudança estrutural nas dinâmicas interiores da pessoa a eles confiada. Na escolha dos formadores devem considerar-se por isso três elementos importantes: **a.** Devem eles ter reconhecido e ajudado a integrar nas próprias personalidades os aspetos psicológicos, com as dimensões espirituais e sobrenaturais, a fim de evitarem de transferir a outros os próprios problemas e, assim, transmitir de modo subjetivo e parcial a mensagem cristã. **b.** Devem ser pessoas profissionalmente capazes de identificar as dificuldades individuais e de oferecer uma válida ajuda nas diversas fases da vida ou, ao menos, de saber valer-se de sérios profissionais, em caso de necessidade. **c.** Devem ter uma boa experiência pastoral. A válida ajuda, de que falamos aqui, consiste no processo de “discernimento dos espíritos”, que comporta reflexão sobre a Palavra de Deus¹⁰¹, oração e encontros freqüentes com os formadores. A reflexão devota e silenciosa sobre a Palavra de Deus e a partilha completa das experiências de vida com os formadores podem fazer aflorar os elementos inconscientes úteis para a integração psicoespiritual. Esta intensa viagem interior pode realizar uma mudança estrutural durável na pessoa, conduzindo-a a maior maturidade humana e vocacional.

CONCLUSÃO

176. [Crescimento integral da pessoa] A pessoa, na vocação cristã, é chamada com a totalidade do seu ser. É uma criatura com componentes físicos, sociais, psicológicos e espirituais; é, ao mesmo tempo, consciente e racional, com emoções e afetos, sujeita a

¹⁰⁰ Veja também o n° 54 desta *Ratio*.

¹⁰¹ “porque, a palavra de Deus é viva, eficaz e mais cortante do que uma espada de dois gumes[...] É capaz de julgar os pensamentos e as intenções do coração” (Hb 4,12).

influências inconscientes. É irredutivelmente única e não repetível na sua resposta ao chamado. Por isso que a graça constrói e aperfeiçoa a natureza, ou seja, Deus trabalha com respeito da natureza humana; o dom gratuito da vocação, para se conservar, é oferecido à predisposição da vontade de quem o recebe e esta condição permanente de graça está sempre sujeita à liberdade. Portanto, o desenvolvimento integral da pessoa é um pré-requisito para o crescimento vocacional e para a eficácia da vida apostólica¹⁰². O exame do processo evolutivo do indivíduo, a correção dos mecanismos defeituosos e a promoção das energias interiores para o desenvolvimento são uma parte importante de todo programa formativo. “Vivendo segundo a verdade e na caridade, cresceremos em tudo, achegando-nos àquele que é nossa cabeça, Cristo”¹⁰³. A formação palotina deve ser uma viagem em busca da verdade sobre Deus, sobre os outros e sobre nós mesmos, mas uma viagem sempre animada pelo amor. A tal modelo formativo a antropologia palotina fornece uma base idônea e acabada.

¹⁰² Veja também o n° 17 desta *Ratio*.

¹⁰³ Ef 4,15.

CAPÍTULO IV

A CONSAGRAÇÃO PALOTINA

O CONTEÚDO TEOLÓGICO E JURÍDICO DA CONSAGRAÇÃO

177. **[A vida consagrada: dom de Deus]** “A vida consagrada, profundamente enraizada nos exemplos e nos ensinamentos de Cristo Senhor, é um dom de Deus Pai à sua Igreja, por meio do Espírito Santo”¹. Com efeito, “a profissão dos conselhos evangélicos torna visíveis no meio do mundo os traços característicos de Jesus casto, pobre e obediente, faz com que eles adquiram uma típica e permanente estabilidade e volta sempre de novo a chamar a atenção dos crentes para o Reino de Deus, já presente e operante, mas que ainda aguarda a sua plenitude e o seu complemento”².
178. **[O chamado à vida consagrada]** Jesus convidou todos a acolherem o Reino de Deus, a alguns, porém, chamou “para colocarem a própria existência a serviço desta causa, deixando tudo e imitando de perto a sua forma de vida”³. Ao jovem rico disse: “Só te falta uma coisa: vai, vende tudo que tens, distribui pelos pobres e terás um tesouro no céu; então vem e segue-me”⁴. Pois, ao passo que, “com esta linguagem, o jovem entristeceu e foi embora abatido”⁵, homens e mulheres, desde sempre, na história da Igreja, como os Apóstolos, deixando tudo para dedicar-se ao serviço de Deus e dos irmãos, escolhem este seguimento de Cristo como um dos caminhos para realizar a sua consagração batismal⁶.

¹ *V/C*, n° 1.

² “Renovação SAC 2000” [2], *Vita Consacrata Pallottina*, n° 1; cfr. João Paulo II, Exortação apostólica *Redemptionis donum*, 1984, n° 1.

³ *V/C*, n° 14. Veja também OCCC III, pp. 34-39.

⁴ Mc 10,21.

⁵ Mc 10,22.

⁶ Cfr. *Vita consacrata Pallottina*, n° 2; cfr. *RD*, nn. 3-5.

179. [O sentido teológico da consagração] “A consagração em sentido teológico é um ato que põe uma pessoa ou uma coisa em especial relação com Deus. Pelo que diz respeito à consagração de pessoas, distinguem-se: a *consagração da iniciação cristã*, realizada pelo Batismo e pela Confirmação; a *consagração de devoção*, com a qual um fiel ratifica e desenvolve privadamente a sua vocação; a *consagração de incorporação*, mediante a qual um cristão é tornado membro de uma associação privada ou pública dos conselhos evangélicos; a *consagração canônica*, realizada com a profissão pública dos conselhos evangélicos; a *consagração para um ofício*, como o sacramental conferido aos abades e às abadessas, no dia da sua investidura; a *consagração sacramental da ordenação*, com a qual os fiéis se tornam habilitados para o desempenho, na pessoa de Cristo cabeça, das funções de ensinar, santificar e governar e, assim, de congregar o povo de Deus”⁷.

UM LANCE DE OLHOS SOBRE A CONSAGRAÇÃO PALOTINA

180. [A importância da consagração] Apesar de a Sociedade do Apostolado Católico não pertencer aos Institutos de vida consagrada, contudo a consagração, como atitude fundamental interior de dedicação total a Deus e como profissão pública, ocupou um lugar central na espiritualidade palotina desde o verão de 1839, isto é, desde o tempo da oração apostólica em que o Fundador expressou a importância da dedicação total da vida a Deus mediante a consagração⁸.

181. [Dom total a Deus] “Pela nossa consagração doamo-nos totalmente a Deus e decidimos seguir Cristo, de acordo com a forma de vida estabelecida pelo Direito da Sociedade. Por isso prometemos à mesma: castidade, pobreza, obediência, perseverança, comunhão de bens e espírito de serviço. Respondemos assim à vocação que nos foi participada, isto é, de viver para Deus e

⁷ CG, nº 229. Veja também Hubert Socha SAC, “La natura fondamentale e le caratteristiche di una Società di Vita Apostolica con particolare riferimento ai suoi tre tipi, *ASAC*, XVIII, pp. 543-600.

⁸ H. Socha SAC, *Commentario*, cit., nn. 224 e 225; OCCC II, pp. 303-304.

dedicarmo-nos, em comunhão fraterna, ao serviço dos homens e do mundo”⁹.

- 182. [Estar nas mãos de Deus]** Na consagração reconhecemos estar totalmente nas mãos de Deus e depender dele. Esta autêntica doação de si mesmos a Deus deve brotar de decisão livre, de fé viva e de amor magnânimo; deve, sem reservas para o presente e para o futuro, compreender todos os aspectos da pessoa, mas constitui só um começo a ser, a cada dia, aprofundado, ratificado e tornado próprio¹⁰.
- 183. [Seguimento de Cristo]** “Na consagração decidimos também seguir a Cristo. O dom de Deus e a decisão do seguimento não constituem dois atos separados ou unidos só externamente, porém, sim, um único ato; o dom a Deus se concretiza na decisão pela seqüela de Cristo, Apóstolo do Eterno Pai, e tal decisão é inspirada e interiormente impregnada pela relação com Deus, porque Deus, em Cristo, se aproximou de nós uma vez para sempre e de modo insuperável”¹¹.
- 184. [União com a Igreja]** “A nossa consagração decorre da vocação cristã fundamental e tem suas raízes no relacionamento ontológico com o Deus trinitário e o seu povo, causado pelos sacramentos da iniciação cristã”¹². Ela nos associa de forma nova e especial à missão da Igreja¹³. “Ontologicamente a consagração na Sociedade não acrescenta nada. A sua *força de expressão mais perfeita*, o seu *modo novo e especial* se referem à realização vital em relação ao caminho, aos meios e à modalidade específica do compromisso”¹⁴.
- 185. [A consagração na SAC]** A consagração na Sociedade do Apostolado Católico entra no grupo da consagração *para a*

⁹ LSAC, n° 18; OCCC II, p. 290.

¹⁰ Cfr. CG, n° 231; OCCC II, p. 55; pp. 290-291; pp. 303-305; OCCC VII, p. 61.

¹¹ CG, n° 232.

¹² Ibidem, n° 259; VC, n° 30.

¹³ Cfr. LSAC, n° 19; RD, n° 14.

¹⁴ CG, n° 260.

*incorporação*¹⁵. De acordo com a definição descritiva, a consagração implica: o ato do dom a Deus, a resolução de seguir a Cristo na Sociedade; a emissão das promessas; a resposta à vocação apostólica. Pela consagração, nos entregamos, doamos e oferecemos a Deus Pai, por meio de Cristo, no Espírito Santo. Praticamos um ato de culto a Deus (*religio*), para o qual fomos habilitados no batismo, e professamos a obrigação, decorrente da nossa condição de criaturas e da incorporação na Igreja, de “viver sempre em Deus, de operar sempre por Deus, de pensar, de falar e de fazer uso dos sentidos do corpo e das potências da Alma e das coisas criadas para a maior glória de Deus, e para a maior santificação nossa, e dos nossos próximos”¹⁶.

- 186. [As promessas]** Como a entrega de si mesmos a Deus se explica no propósito do seguimento, assim o ato de incorporação à Sociedade se efetua mediante as promessas. De acordo com a nossa lei, com as promessas nos ligamos, mediante um contrato, à comunidade dos irmãos que seguem a Jesus, Apóstolo do Pai, e assumimos uma responsabilidade moral e jurídica na Sociedade, parte integrante da União do Apostolado Católico¹⁷. “A emissão das promessas é motivada pelo amor a Deus e às suas criaturas, e é a expressão da nossa decisão de estar com Jesus e de viver como Ele em favor dos homens. O destinatário imediato das promessas, porém, é a Sociedade. Portanto não se trata de votos, que obrigariam pela virtude da religião. De outra parte, as promessas não estão fora da decisão de doar-se a Deus e de seguir Jesus, mas constituem uma parte integral e essencial da nossa consagração”¹⁸.

O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO DE S. VICENTE PALLOTTI QUANTO À CONSAGRAÇÃO

- 187. [A oração apostólica]** “A fórmula de consagração da nossa Sociedade, num primeiro tempo, teve a forma de uma oração

¹⁵ Cfr. *Ibidem*, n° 229.

¹⁶ OOC VII, pp. 283-284; cfr. OOC II, p. 290; OOC III, pp. 217-219.

¹⁷ Cfr. *CG*, n° 235.

¹⁸ *Ibidem*, n° 236; cfr. OOC VI, p. 461.

apostólica, que Pallotti compôs no outono de 1839, para os membros dos SS. Retiros da Pia Sociedade e que conservou, com pequenas modificações, para a Congregação dos padres e irmãos, até o ano de 1846”¹⁹. Eis o texto original: “Onipotente meu Deus, Pai das Misericórdias, e Deus de todas as consolações, agradeço-vos que, por vos terdes dignado de criar-nos à vossa imagem e semelhança, nos tendes formado como vivas imagens da Caridade por essência e dotados do dom do livre arbítrio. Assim, por natureza de criação, somos obrigados a tirar proveito disso para aperfeiçoar-nos a nós mesmos, enquanto imagens de vós Caridade por essência. E como vós vos destes todo a nós, assim nós somos obrigados a doar-nos a nós mesmos totalmente a vós, com tudo que é nosso, para vossa maior glória e para a maior santificação da nossa Alma e da dos nossos próximos. Desde que vos tendes doado todo a todos, obrigastes-nos a imitar-vos também nisto, aproveitando de todos os vossos dons de natureza e de graça, para finalidade digna de vós: mas, para nos tornar mais claramente conhecidas as nossas obrigações, nos amastes até morrer sobre uma Cruz por nós. Por isso, eu NN., ajudado pela vossa graça onipotente, que espero alcançar pela vossa infinita misericórdia, e pelos vossos méritos infinitos, e pelos méritos e intercessão da Imaculada Rainha dos Apóstolos Maria SS., e de todos os Anjos e Santos, consagro-me todo a vós, e resolvo tratar de imitar para sempre a vossa Vida santíssima, referida nos vossos sacrossantos Evangelhos, segundo as Regras do S. Instituto dos SS. Retiros da pia Sociedade do Apostolado Católico. E, para tal fim, resolvo empenhar-me, em todos os dias da minha vida, em aproveitar de todos os vossos dons de natureza e de graça, para a vossa maior glória e para a maior santificação da minha alma e da de todos os meus próximos. Isto estou resolvido a fazer, mesmo que para tal fim devesse morrer como vós, ó Jesus meu, que morrestes por nós no Altar da Cruz”²⁰.

188. [Dilema dos votos] Em outubro/novembro de 1846, quando os Padres e Irmãos da União Apostolado Católico se tornaram uma

¹⁹ Cfr. CG, n° 238.

²⁰ OOC II, pp. 303-304; cfr. OOC III, pp. 217-219. É interessante notar que os primeiros a fazer as promessas, a 4 de outubro de 1846, foram Vicente Pallotti e Francesco Vaccari.

Sociedade de vida comum, a Pallotti se apresentou o dilema dos votos. Como a União tinha nascido à base da isenção de qualquer voto ou juramento, assim também, para pertencer à Sociedade, Pallotti pediu só um contrato, que regulasse a pertença à Sociedade: “[...] os Sacerdotes, Clérigos e Irmãos Coadjuutores, depois do Noviciado, escreve Vicente, fazem o Ato formal da Consagração solene de si mesmos a Deus, não por compromisso de voto, mas por vínculo de solene Contrato, com o qual se obrigam a viver até a Morte na Congregação, de acordo com as SS. Regras e Constituições”²¹. Deus lhe fez compreender isto no Convento de S. Francisco dos Montes (S.Francesco ai Monti), em outubro de 1846, pelo que ele entoou o *Te Deum*²². Assim, Pallotti, para o ato de consagração, num primeiro tempo, usou a oração apostólica de 1839, substituindo só a expressão *Instituto dos SS Retiro*. Assim: “[...] eu me consagro todo a vós, e resolvo esforçar-me para imitar sempre a vossa Vida santíssima como referida nos vossos sacrossantos Evangelhos, segundo as Regras da Congregação dos Padres e Irmãos Coadjuutores da pia Sociedade do Apostolado Católico”²³.

- 189. [Conselhos evangélicos]** No ano de 1847 a oração de consagração foi ampliada com a promessa dos conselhos evangélicos: “[...] consagro-me todo a vós e resolvo empenhar-me sempre em imitar a vossa Vida santíssima referida nos vossos sacrossantos Evangelhos, segundo as Regras da Congregação dos Padres, que promove o Instituto da Pia Sociedade do Apostolado Católico, e, para tal fim, prometo à mesma Congregação e a seus Superiores, atuais e futuros, perseverar nela até a Morte, vivendo em Obediência, Pobreza e Castidade”²⁴.

²¹ OOCX IX, pp. 25-26.

²² Cfr. *Vita Consacrata Pallottina*, nº 7.

²³ OOCX II, p. 304.

²⁴ OOCX IX, pp. 21-22. Cfr. CG, nº 240. Pouco depois, em janeiro/fevereiro de 1847, a forma de oração foi substituída pela seguinte declaração: “Para a maior glória de Deus, [...] consagro-me todo a Deus e resolvo para sempre querer imitar N.S.J.C. segundo as regras da Congregação dos Padres do Apostolado Católico que promove Pia Sociedade instituída para o aumento, defesa e propagação da Piedade e da Fé Católica, e para tal fim prometo à mesma Congregação

190. **[Perseverança]** O Fundador, apesar de não ter querido impor o vínculo dos votos, sentiu a necessidade de acrescentar à solene consagração a Deus um preciso *compromisso de perseverança*²⁵, a fim de que a Sociedade tivesse um adequado título de coesão interna e de estabilidade para suas obras²⁶. “A partir do momento [...] em que os Sacerdotes, Clérigos e Irmãos Coadjutores [...] fazem o Ato formal da Consagração solene de si mesmos a Deus, não por compromisso de voto, mas por vínculo de solene Contrato, obrigam-se a viver até a Morte na Congregação”²⁷. Notamos também que Pallotti recomendou insistentemente a oração constante para alcançar o dom da fidelidade a Deus e à Sociedade²⁸.
191. **[Outras duas promessas]** “E contemporaneamente, sempre em 1847, para maior unidade dos membros entre si e maior disponibilidade para com as almas a serem conduzidas a Cristo, pediu a eles outras duas *promessas* ou *compromissos*: a vida comum perfeita e não aceitar qualquer dignidade eclesiástica sem a autorização do próprio superior. Estas promessas, depois, foram chamadas *vida em comunhão dos bens* e *em espírito de serviço*. Elas têm especial relevância e incidência na atividade e na eficácia apostólica da Sociedade. Estão postas aí justamente como garantia de que o Apostolado Católico seja realmente apostolado de Jesus Cristo e apostolado universal”²⁹.
192. **[A vida comum perfeita]** A promessa de *vida comum perfeita* tem o sentido de tornar os membros da Sociedade um só organismo sólido, robusto, compacto, harmônico, sem descontinuidades ou desigualdades, sem privilégios pessoais a defender, e com o único objetivo comum de promover a maior glória de Deus e a maior santificação do próximo, “no sentido de corresponder ao

e seus Superiores atuais e futuros perseverar na mesma até a morte, vivendo em Obediência, Pobreza e Castidade, e na observância das SS. Regras” (OOCC IX, p. 15, nota 1).

²⁵ Cfr. Renovação SAC 2000 [6], *A promessa de Perseverança*, Roma 2004.

²⁶ Cfr. *Vita Consacrata Pallottina*, n° 9.

²⁷ OOCC IX, pp. 25-26; OOCC X, p. 97; pp.734-737.

²⁸ Cfr. OOCC, VIII, pp. 27-28; OOCC X, p. 97; pp. 734-737.

²⁹ *Vita Consacrata Pallottina*, n° 9.

sublimíssimo fim da vocação deles, [isto é], de seguir mais de perto os exemplos de N.S.J.C.”³⁰. A nossa comunhão dos bens motiva-se principalmente pelo apostolado da Sociedade, porque está a serviço da nossa missão³¹. Com efeito, “a *vida comum perfeita* tem um peso apostólico imenso, porquanto cada indivíduo da Sociedade fala e age com a autoridade e a força de todos os coirmãos, que compartilham a própria vida e santidade. É evidente que, quanto mais for compacta uma comunidade, mais definidos e duradouros serão os seus resultados apostólicos”³².

193. [O espírito de serviço] “Para Pallotti, desde o começo, era muito claro que todos os membros de toda a sua fundação deveriam ter uma atitude de total disponibilidade para o serviço desinteressado”³³. Porém, a fórmula originária limitava-se a pedir ao clérigo somente de “não aceitar qualquer dignidade, a menos que fosse obrigado pela legítima autoridade”³⁴. A atual denominação de *espírito de serviço* tem já a vantagem de envolver também os Irmãos e pede a todos de arrancar desde o nascedouro qualquer germe de orgulho e desejo de superioridade. “O *espírito de serviço* é o espírito do verdadeiro apóstolo e deveria ser a bandeira do Apostolado Católico. O Filho de Deus, para tornar-se Salvador do mundo, despojou-se de sua divindade, *assumindo a condição de servo*³⁵, e o apóstolo Paulo disse de si mesmo: *Fiz-me escravo de todos para ganhar a todos*³⁶ e depois ainda, *Nós somos servos vossos por amor de Jesus*³⁷. E o Fundador recordou expressamente que Jesus Cristo se fez modelo de uma vida humilde, pobre, laboriosa e desprezada e que declarou não ter vindo para ser servido, mas para servir”³⁸.

³⁰ Cfr. *Ibidem*; OCCC VIII, p. 248.

³¹ Cfr. CG, n° 512; OCCC VIII, p. 75; pp. 85-88; Ludwig Münz, *La nostra povertà*, Roma 1981, pp. 15-20.

³² *Vita consacrata pallottina*, n° 9; OCCC VIII, p. 284.

³³ CG, n° 543.

³⁴ OCCC VIII, p. 254 e OCCC IX, pp. 97-98. Cfr CG, n° 543-546.

³⁵ Fl 2,7.

³⁶ 1Cor 9,19.

³⁷ 2Cor 4,5.

³⁸ *Vita consacrata pallottina*, n° 9. Veja também OCCC VII, p.289.

194. **[O sentido da consagração]** “A finalidade estabelecida a cada candidato, para toda a sua vida, é a maior glória de Deus e a maior santificação da própria alma e da do próximo³⁹. Objeto da Consagração é a pessoa total com todas as suas coisas. A ação dos três verbos – *entrego, dou e ofereço* – indica o valor do dom feito a Deus; a ação do quarto verbo – *resolvo seguir sempre a nosso Senhor Jesus Cristo* – qualifica a Sociedade como comprometida solenemente em seguir, livremente e conscientemente, sem exceções, a nosso Senhor Jesus Cristo⁴⁰. Esta primeira parte da consagração junta dois desejos e dois compromissos: dar-se totalmente a Deus e fazer reviver, na própria pessoa, a Jesus Cristo”⁴¹.

195. **[Um portanto]** A segunda parte da fórmula de Consagração, escrita pelo Fundador em 1846, para os membros da sua Congregação⁴², “descreve os compromissos concretos e jurídicos. Mas há um *portanto*, que se insere na primeira parte, como fruto da doação a Deus e da imitação de Jesus Cristo. Quer dizer que as obrigações jurídicas estão enraizadas e crescem na profundidade do amor e do progresso espiritual. As promessas são, assim, o fiel reflexo do amor e da adesão a Jesus Cristo, ao passo que a fidelidade à regra é a medida da profundidade, da seriedade e da totalidade da doação a Ele. Quanto mais a fidelidade aumenta, mais se desenvolve nos membros a extensão apostólica das promessas. Enquanto elas iluminam e sustentam aquele amor, aquela doação de si e aquela adesão, há contentamento em permanecer na Sociedade. Está aqui a genuinidade e a originalidade da grande ascética palotina”⁴³.

NO SENTIDO DA CAMINHADA FORMATIVA

196. **[A especificidade das três promessas]** As três promessas especificam o estilo do nosso empenho apostólico, a nossa

³⁹ Cfr. OCCC IX, p. 14.

⁴⁰ Cfr. Ibidem, p. 15.

⁴¹ *Vita consacrata pallottina*, n° 10.

⁴² Cfr. OCCC IX, p. 14.

⁴³ *Vita consacrata pallottina*, n° 11.

fidelidade a Deus e a fidelidade de uns com os outros⁴⁴. Com efeito, trata-se de um forte vínculo fraterno a que nos obriga a perseverança⁴⁵. O espírito de serviço desinteressado, a exemplo de Cristo, que não veio para ser servido mas para servir⁴⁶, e a profunda união na comunidade, realizada através da partição com os membros de todos os bens recebidos de Deus ou adquiridos com sua ajuda⁴⁷, levam a uma ação apostólica muito mais eficaz. Estas promessas, entretanto, apesar de “tipicamente constitutivas da comunidade SAC, não estão livres de crises. A *perseverança* é considerada, por vezes, como um compromisso a prazo [...]; a *comunhão dos bens* [...] é tida ou como um obstáculo ao apostolado ou como um seu mero instrumento funcional [...]; contra o *espírito de serviço*, a sociedade secularizada vê no trabalho ou no ofício o simples exercício de uma arte ou de uma profissão a ser administrada com critérios exclusivamente de carreira, de poder, de riquezas ou de honrarias, não com critérios de missão evangélica”⁴⁸.

197. [Sempre, partir de Cristo] A Sociedade do Apostolado Católico, como a Igreja inteira, deve *sempre partir de Cristo*, com o olhar fixo nele e, mergulhados no seu mistério, comprometidos em ser para todos “a casa e a escola da comunhão”⁴⁹ e da operosa caridade. Pallotti, viu na vida de Jesus, principalmente em sua obra de amor e de misericórdia, a regra fundamental da sua fundação⁵⁰. Com efeito, “quanto maior é o amor, tanto mais profundas são a união da Sociedade e a eficácia do compromisso apostólico”⁵¹. Este fato, visto à luz do carisma palotino, nos compromete a orientar a nossa formação para a finalidade apostólica. Qual o apostolado tal a formação.

⁴⁴ Cfr. o n° 72 desta *Ratio*.

⁴⁵ Cfr. *LSAC*, n° 35.

⁴⁶ Cfr. *ibidem*, n° 40.

⁴⁷ Cfr. *ibidem*, n° 37. Veja também: Sociedade do Apostolado Católico, *Directive per la formazione sacerdotale*, Roma 1989, pp. 28-29.

⁴⁸ *Vita consacrata pallottina*, n° 16.

⁴⁹ *NMI*, n° 43.

⁵⁰ Cfr. *Memória e profecia da União do Apostolado Católico*, n° 14.

⁵¹ *CG*, n° 513.

SEGUNDA PARTE

AS ETAPAS DA FORMAÇÃO PALOTINA

CAPÍTULO V

O DISCERNIMENTO DA VOCAÇÃO

198. [A vocação cristã: um chamado e uma resposta] A vocação cristã é um chamado e uma resposta. Por isso, é preciso que haja um período de discernimento na vida de quem, como pessoa e como cristão, procura a própria vocação. Antes de tudo, há uma vocação comum a todos os batizados, a vocação à santidade, como vem expressa pelos Padres do Concílio Vaticano II na Constituição Pastoral “*Gaudium et spes*”. No nº 11 do documento lemos: “Movido pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que enche o orbe da terra, o Povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nosso tempo, em que participa com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus”. Com efeito, “o verbo *dokimázein*, usado no Novo Testamento, exprime o significado basilar de discernimento, isto é, o de experimentar, provar, examinar”¹.
199. [“Vem e segue-me”] O cristão compreende o sentido da pessoa humana no contexto da sua vocação. Na origem dela há um chamado de Deus, um dom livre nascido do amor e ligado à sua origem e ao seu destino. O chamado é pessoal e único: “Então Jesus, fitando-o, amou-o e lhe disse: *uma só coisa te falta: vai, vende o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me*”(Mc 10,21). Portanto a vocação cristã ou religiosa é um apelo à pessoa humana na sua totalidade, um apelo que convoca toda a sua existência; é a descoberta do sentido único da vida dado por Deus,

¹ “O discernimento dos *espíritos*” ou das *inspirações* se reencontra em todo o NT, especialmente em Paulo. Além da explícita menção da *diakrisis pneumatou*, do ‘discernimento dos espíritos’ (1Cor 12,10), é usado o verbo *dokimázein* e termos aparentados, *krino/kerisis* – cfr. *Nuovo Dizionario di Spiritualità*, Stefano De Fores e Tullo Goffi, Edizioni Paoline, Roma, 1982, p. 421. Para indicar a operação de “discernimento” os textos bíblicos recorrem também aos verbos *diakriain* e *dokimázein*. O primeiro significa: separar, joeirar, avaliar, selecionar; o segundo: investigar, examinar, aprovar – cfr. *Dizionario di Pastorale Vocazionale*, Centro Internazionale Vocazionale Rogate, Roma, 2002, p. 420.

sentido que, se aceito, torna-se princípio da unidade e da integração com a vida do Filho de Deus no centro².

200. [Um chamado à liberdade] O chamado, expressão do amor redentor de Deus, requer um *sim* pessoal. A graça divina constrói sobre a natureza humana e a aperfeiçoa, por isso exige a participação ativa da pessoa. A graça respeita e age com a liberdade humana, que é uma condição para a ação da graça e para o crescimento do homem na liberdade. Assim, o papel desempenhado pelo homem no diálogo vocacional começa com a escolha fundamental que realiza. É a sua resposta à percepção da graça que trabalha na sua natureza e tal resposta é uma expressão da motivação para dar-se totalmente a Deus. De fato a pessoa que faz a escolha fundamental de Deus no diálogo vocacional inicia o caminho no sentido do dom total de si mesma na liberdade e na alegria. O amor chamou-a e impele-a a uma resposta e se torna o fim último deste chamado. Portanto, diz-se a verdade quando se afirma que a vocação cristã é um chamado à liberdade, para o amor teocêntrico, como escreve o apóstolo Paulo: “Vós irmãos fostes chamados à liberdade. Não abuseis, porém, da liberdade, usando-a como pretexto para servirdes à carne. Ao contrário, fazei-vos servos uns dos outros pela caridade” (Gl 5,13). Isto quer dizer amar como Jesus amou. “Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como eu vos tenho amado” (Jo 15,12).

201. [Quem chama?] No mundo de hoje são muitas as vozes que lutam por chamar a atenção da pessoa. É preciso desenvolver sensibilidade para a voz de Deus, a fim de tornar-se capaz de descobrir a verdadeira vocação. Um meio muito importante é o discernimento: “A exigência do discernimento espiritual nasce da experiência que o cristão faz da própria vida de fé em Cristo, na Igreja e no mundo. A complexidade das situações em que é chamado a viver e agir, para pôr em ação o projeto de Deus sobre si e sobre os outros, lhe impõem uma consideração atenta dos

² Cfr. Pontificia Opera per le Vocazioni Ecclesiastiche, *Nuove vocazioni per una nuova Europa*, Roma, 1997, n° 13a

impulsos e das motivações que o levam a efetuar determinadas opções. Deus chama cada homem e cada grupo de pessoas reunidas em seu nome, com uma vocação especial, que se insere no contexto da missão que ele confia ao povo que escolheu para si”³.

202. [A origem da prática do discernimento] A prática do discernimento nasce no Antigo Testamento e se recomenda no Novo Testamento, principalmente em S. Paulo e S. João. O apóstolo João, na sua primeira carta, põe em guarda os cristãos no sentido de que adquiram uma atitude crítica diante das inspirações: “Caríssimos, não acrediteis em qualquer espírito. Examinai primeiro se os espíritos são de Deus” (1Jo 4,1). Nas cartas de S. Paulo encontra-se todo um processo de discernimento da vocação: **a.** Deus dá a certeza da vocação divina: “Quando aprovou àquele que me reservou desde o seio de minha mãe e me chamou por sua graça, para revelar seu Filho em minha pessoa” (Gl 1,15); **b.** tal chamado deve ser verificado pela comunidade eclesial e pelos seus responsáveis: “Três anos depois, subi a Jerusalém para conhecer Cefas e fiquei com ele quinze dias” (Gl 1,18). Portanto, dentre os critérios, mediante os quais pode-se ter certeza de que uma determinada inspiração provém realmente de Deus, há “o imediatismo de Deus na docilidade eclesial”⁴ e “a escuta de Deus na vida pessoal passa necessariamente através da mediação da igreja, na leitura dos sinais dos tempos da sociedade em que se vive”⁵. Aliás, S. Paulo encoraja os Efésios: “Não sejais imprudentes, mas procurai compreender qual seja a vontade de Deus” (Ef 5,17). Entre os sinais que confirmam a vontade de Deus temos a experiência: da assim chamada *consolação* na oração, de um *gosto* ou então de uma *inclinação* para as coisas de Deus, e de um *desejo* de servi-lo na Igreja de Jesus Cristo.

203. [O sentido da palavra *discernimento*] Se a palavra *discernimento* significa “provar”, “experimentar”, “examinar”, ela nos introduz

³ *Nuovo Dizionario di Spiritualità*, p. 419.

⁴ *Ibidem*, p. 423.

⁵ *Ibidem*, p. 424, cfr. também *Nuove vocazioni per una nuova Europa*, n° 25b

na natureza deste período da formação palotina. É preciso um tempo para provar, experimentar ou examinar o candidato à Sociedade: **a.** a ver se, nele, vêm à tona os sinais de uma vocação à vida consagrada na Sociedade do Apostolado Católico; **b.** se existem as condições fundamentais de saúde, capacidade intelectual, espiritual e moral, necessárias para seguir na vida consagrada; **c.** se e quais sejam as circunstâncias que possam tornar difícil o processo; **d.** Se ele é chamado a seguir Jesus, o Apóstolo do Eterno Pai, na Sociedade e na União; **e.** se e qual ajuda a Sociedade possa oferecer ao jovem para ele entender o sentido de sua vida e descobrir a sua vocação de filho de Deus.

204. [A verdadeira vocação segundo Pallotti] A vocação é um dom de Deus, mas é também um compromisso da pessoa. Pallotti gostava de falar de *correspondência à vocação*⁶. Pedia perdão a Deus por sua “pouquíssima correspondência à vocação”⁷. Julgava que para ser padre era preciso ter uma vocação⁸. Ele falava também do “espírito de sacrifício”, que pertence à vocação⁹, enumerando os autênticos sinais dela: “verdadeiro talento, índole admiravelmente antecedida pela graça, inclinação decidida pelo Santuário, e... todas as outras qualidades virtuosas e favoráveis, de que se adornam os que dão fundada esperança de poder chegar a ser ótimos operários evangélicos”¹⁰.

205. [A inclinação para a formação] Os responsáveis pelas vocações devem estar muito atentos e ter uma visão clara para discernir os sinais de verdadeira vocação nas pessoas que vêm a nós. Devem assegurar-se de que os candidatos façam progressos, tanto nos

⁶ “Corresponder com humildade e gratidão ao divino chamado” – OOCC X, p. 584.

⁷ “Peço perdão pela pouquíssima correspondência à Vocação” – OOCC X, p. 582.

⁸ “Vou implorar ao Senhor que não permita que eu, ou outros, entrem para o Ministério Eclesiástico se não são chamados, e que aos que nele já estão os santifique, e que torne chamados aos não chamados, e santifique e faça com que correspondam à vocação os verdadeiramente chamados” – OOCC X, p. 562.

⁹ “E, como Nosso Senhor Jesus Cristo entrou no mundo, viveu e morreu com o espírito de sacrifício, assim, com maior perfeição que os leigos devem entrar no Santuário com o espírito de sacrifício” – OOXX I, pp. 157-158.

¹⁰ OOCC I, pp. 153-154. Veja também os n° 20-22 desta *Ratio*.

estudos como no espírito, de acordo com as circunstâncias de tempo e de lugar. Aos jovens que batem à porta da nossa Sociedade, sejam seminaristas ou estudantes de escolas, Pallotti propunha algumas atitudes para se disporem ao sacerdócio¹¹: **a.** “[...] ter íntima persuasão da própria indignidade de possuir o dom da Vocação ao Santuário, ter a graça para corresponder à Vocação e manter-se sempre fiéis a Deus”¹²; **b.** “[...] com grande confiança e profunda humildade [...] pedir a Deus tais dons, favores e graças”¹³; **c.** “Não devem aspirar a outra coisa, que não a ser Sacerdotes para a exclusiva glória de Deus e proveito das pessoas e de todas as Almas, sem espírito de interesse e de ambição”¹⁴; **d.** “Se a Vida de todos deve ser uma imitação da Vida de N.S.J.C., devem meditar freqüentemente com quanto maior perfeição devem imitá-lo aqueles que, chegando a ser Sacerdotes, devem fazer as vezes de J.C.”¹⁵; **e.** “[...] devem entrar no Santuário com o espírito de sacrifício [...] deve resplandecer em todos a mais perfeita mortificação das paixões”¹⁶.

206. [A importância do *discernimento* na vocação religiosa] O documento *A vida fraterna em comunidade* insiste: “Durante o tempo

¹¹ Cfr. OCCC I, pp. 157-158.

¹² Isto exige um conhecimento verdadeiro e profundo de si mesmo, conhecimento que se pode alcançar pela oração e pela reflexão sobre a palavra de Deus.

¹³ Guiando o candidato nos métodos de oração para assegurar o desenvolvimento na criatura de uma atitude de dependência da graça divina, “...pois absolutamente inútil seria qualquer outra providência, se faltasse o dom de Deus...” – OCCC I, p. 153.

¹⁴ A purificação das motivações do candidato é um objetivo do período de discernimento. Outro objetivo de uma vocação na Sociedade é abrir-se à verdadeira natureza espiritual e ao compromisso apostólico.

¹⁵ Um meio para provar a autenticidade de uma vocação é a reflexão na oração sobre a Vida de Jesus, a fim de introduzir-se na dinâmica da vida cristã que, segundo o Apóstolo S. Paulo, é: “Não sou eu que vivo mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,19-20), e “ter a mentalidade de Cristo” (Fl 2,5).

¹⁶ Aceitando a disciplina implicitamente exigida para a vivência cristã do processo de discernimento, como vem expresso no documento *A vida fraterna em comunidade*, nº 24: “Uma vida comum fraterna e partilhada tem um natural atrativo para os jovens, mas, depois, a perseverança nas condições concretas de vida pode tornar-se um fardo pesado. A formação inicial deve, então, conduzir a uma tomada de consciência dos sacrifícios exigidos pela vida em comunidade; a uma aceitação deles, em favor de uma relação alegre e realmente fraterna; e a todas as outras atitudes típicas do homem interiormente livre. Porque quando a gente se perde pelos irmãos, então é que se encontra a si mesmo”.

de formação, pode acontecer que, não obstante a boa vontade, se torne impossível fazer convergirem os dons pessoais de uma pessoa consagrada para a fraternidade e para a missão comum. É o caso então de pôr-se a pergunta: ‘Os dons de Deus nesta pessoa [...] produzem unidade e aprofundam a comunhão?’ Se a resposta for ‘sim’, os candidatos podem ser bem acolhidos. Em caso contrário, conquanto possam apresentar-se como bons em si mesmos, conquanto possam parecer aceitáveis para alguns membros, eles não são adequados para este determinado instituto. Não é conveniente, com efeito, tolerar linhas de desenvolvimento muito divergentes que não ofereçam sólido fundamento de unidade no instituto”¹⁷. A experiência ensina que os candidatos são atraídos a procurar conhecer a vocação religiosa, mas, ao mesmo tempo, as motivações que atuam neles não são transparentes e, mesmo, nem de todo coerentes. Cabe ao processo de discernimento “ler os sinais” com o candidato, aceitando que Deus possa atrair as pessoas a si por vias indiretas e, mesmo, através de mediações humanas e mundanas. No discernimento procura-se o esclarecimento e um juízo razoável sobre as capacidades¹⁸. Notemos aqui que o *Período de discernimento* se divide, na nossa *Ratio*, em duas etapas: discernimento na pastoral vocacional e discernimento no postulado.

A PASTORAL VOCACIONAL

O OBJETIVO E OS DESAFIOS

207. [O mandato é de Cristo] Toda atividade pastoral é uma resposta ao mandato de Cristo de edificar a sua Igreja, como instrumento de salvação aqui na terra: “Vós não me escolhestes a mim, eu vos escolhi a vós e vos destinei para irdes dar fruto; e para que vosso

¹⁷ *A vida fraterna em comunidade*, n° 40.

¹⁸ “[...] o significado da expressão *discernimento vocacional*: procurar e individualizar o projeto que o Pai tem sobre cada um de seus filhos e que, assim, globalmente promove e integralmente realiza” – *Dizionario di Pastorale Vocazionale*, p. 421.

fruto permaneça” (Jo 15,16)¹⁹. A pastoral vocacional é uma participação no plano de Deus para a salvação da humanidade. “[...] E não teremos nunca um bom Clero santo, sábio, capaz e ativo, para exercer o Santo Ministério, se Deus não o concede à sua Igreja”, escrevia São Vicente Pallotti²⁰. Deus se apresenta à pessoa e a convida a seguir a Cristo. O objetivo deste período é o de acompanhar os cristãos no descobrimento de como Deus se manifesta na vida deles e de discernir com eles a vocação específica a que são chamados. A pastoral vocacional, neste processo, é uma forma de acompanhamento da pessoa, até que ela encontre o seu caminho ou a sua vocação na União do Apostolado Católico: sacerdote, consagrado, consagrada, cristão leigo²¹.

208. [Os desafios] Os desafios, nesta etapa, são numerosos, muito variados e diferentes, conforme o contexto e as circunstâncias, mas podemos enumerar os principais: **a.1.** “Quis Deus em sua bondade e sabedoria revelar-se pessoalmente e manifestar o mistério da sua vontade”²²: o desafio de despertar a consciência de um Deus pessoal, ativo na sua comunicação com as criaturas humanas. **a.2.** “Deus se torna conhecido como o Deus-que-salva”²³: na comunicação de Deus há um aspecto de revelação; aqui está o desafio: conduzir a pessoa ao reconhecimento da atividade reveladora de Deus. **a.3.** “Deus age em ordem à salvação conforme o seu plano salvífico”²⁴: descobrir junto com o candidato quais sinais da atividade divina o estejam conduzindo a encontrar a sua vocação e a progredir na linha da salvação. **b.1.** O mundo de hoje se caracteriza por um alto nível de barulho e de alarido; é um desafio criar condições de escutar Deus. Não é necessário rejeitar o

¹⁹ “Todo o poder me foi dado no céu e na terra; ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos” (Mt 28,18-19); “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

²⁰ OCCC I, p.153.

²¹ Cfr. *Estatuto Geral da UAC*, n° 22-33.

²² *DV*, n° 2.

²³ Charles André Bernard, *Teologia Spirituale*, Paoline, 2001, p.32.

²⁴ Cfr. *ibidem*, p.321; “Deus, que cria e conserva todas as coisas por meio do Verbo (cfr. Jo 1,3), oferece aos homens, nas coisas criadas, um perene testemunho de si (cfr. Rm 1, 19-20); “além disso, no intuito de abrir o caminho de uma salvação superior, manifestou-se a si mesmo desde os primórdios a nossos primeiros pais” – *DV*, n° 3.

mundo e nem abandoná-lo, mas é imprescindível sensibilizar a pessoa para a presença de Deus no mundo. **b.2.** No mundo de hoje há uma cultura do instante, da atividade imediata, das respostas e dos resultados instantâneos; por isso pode tornar-se difícil desenvolver a capacidade de escutar Deus, de “esperar o Senhor”. O desafio é de encorajar a paciência e a disciplina de uma vida espiritual ordenada e de regrá-la seguindo um tipo de exercícios espirituais. **c.** Vivemos num mundo que se chama “pós-moderno” e nem a Igreja está isenta das conseqüências. Os candidatos que se apresentam a nós vêm de uma cultura em mutação constante, de ambientes familiares diferentes por formação religiosa, por vida cultural, educativa e catequética. Em algumas regiões da Sociedade, os candidatos não são mais *juvencos*, são pessoas de idade madura, que viveram a experiência do trabalho ou do exercício de uma profissão²⁵. O desafio é acompanhar cada candidato na realidade em que se encontra, para procurar os sinais de uma vocação quando os sinais *clássicos* não são visíveis de imediato.

O CONCEITO, O CONTEÚDO E A PEDAGOGIA DA ETAPA

209. [A vocação é um dom de Deus] Em nossa Sociedade, pastoral vocacional é toda atividade desenvolvida com a finalidade de despertar a vocação. Mas o primeiro trabalho pelas vocações começa com a oração²⁶. Pallotti considera a oração um meio infalível para alcançar as verdadeiras vocações²⁷. Por isso, a primeira atividade da Sociedade na pastoral vocacional é a oração pessoal e comunitária pelas vocações. A responsabilidade de organizar tal iniciativa cabe aos reitores com os membros de suas comunidades.

²⁵ Cfr. *Nuove vocazioni per una nuova Europa*. n.º 13b-c.

²⁶ “O primeiro compromisso da pastoral vocacional permanece sempre a oração” – *RdC*, n.º 16. Cfr. também o capítulo primeiro desta *Ratio*, n.º 20.

²⁷ Assinalamos que, nesta intenção, Pallotti compôs belíssimas orações pelas vocações. Ver, por exemplo, as ladainhas “Mandai operários para a vossa messe” – (OCC XI, pp. 400-410), ou aquela “Para alcançar operários” – (OCC IV, pp. 39-42).

- 210. [“Tudo tem seu tempo, há um momento oportuno para cada empreendimento debaixo do céu” (Ecl 3,1)]** Os evangelhos mostram que, do contato inicial com Jesus e do estar em sua presença, desperta-se o desejo de uma visão nova, que muda o modo com que a pessoa se vê, com que vê os outros e com que vê a Deus. De fato, no evangelho de João lemos: “Os discípulos seguiram a Jesus. Jesus então voltou-se e, vendo que o seguiam, disse: *a quem procurais?* Responderam-lhe: *Rabbi* (que significa mestre), *onde moras?* Disse a eles: *vinde e vereis*. Eles foram e viram onde morava, permanecendo com ele aquele dia” (Jo 1,37-39). É claro que os discípulos, seguindo a curiosidade inicial, estavam dispostos para ir com Jesus e para permanecer na sua presença e aí, na sua presença, foram transformados. O uso dos verbos, “vinde, vereis, foram, viram, permanecendo”, indica que a resposta devia ser ativa e participativa. Neste texto, o apóstolo faz “escola” sobre as vocações. A pastoral vocacional inclui um plano concreto de atividade para apresentar Jesus Cristo aos outros, à maneira de João Batista, que conduz para a experiência pessoal do Cristo vivente.
- 211. [O Espírito Santo se move]** O desafio desta etapa é de despertar a pessoa do candidato para a ação do Espírito de Deus, no sentido de ajudá-la a sentir o Deus que comunica e a tornar-se consciente da sua graça ativa²⁸. Um desafio a mais é apresentar, como resposta válida e relevante a Deus, as vocações ao ministério ordenado e à vida consagrada na Sociedade.
- 212. [Cada vocação é importante e distinta]** A Sociedade se apresenta como um caminho especial para viver a vocação cristã e Pallotti deu aos seus membros o exemplo de seu empenho apostólico na pastoral juvenil²⁹. Guiados por esta atitude e

²⁸ Cfr. *Nuove vocazioni per una nuova Europa*, n° 16.

²⁹ Cfr. John Santos Gaynor, *The Life of Saint Vincent Pallotti*, Cork, 1962, pp 46-49. Tinha Pallotti um grande amor pelas escolas noturnas e freqüentava as confrarias e os sodalícios. Notável também o seu empenho com a obra de Ponteroto: “O seu trabalho visava dar formação catequética, dar conferências e também pregar os retiros às crianças em preparação à Comunhão. Trabalhava também com as aulas noturnas, instituídas para cuidar da formação intelectual dos jovens. Desta forma Pallotti fez do bem espiritual dos jovens uma prioridade

atividade de Pallotti, os membros da Sociedade dão muito valor ao trabalho de formação dos jovens, porque o consideram um meio necessário para a sua santificação, mas, ao mesmo tempo, um acompanhamento para fazer com que na sua vida se abram para a vocação³⁰.

A PESSOA CHAMADA

213. [“A Sociedade viverá e será abençoada por Deus”³¹] Todo cristão batizado é chamado a entrar para o mistério de salvação por entre as numerosas vocações da Igreja. Dentre elas há as do ministério ordenado como as da vida consagrada. Porém, cada qual é chamado a descobrir a vocação pessoal que Deus guarda no próprio coração para ele³². Foi Deus que chamou as pessoas para a Sociedade, desde o seu começo. Chamou homens tomados de zelo pelo evangelho e decididos a seguir a visão apostólica e o exemplo de Pallotti. E Deus continua a chamar os jovens para a Sociedade. Entretanto é preciso reconhecer que hoje eles topam com várias dificuldades³³. Demonstrem antes de tudo serem “frágeis” na sua

³⁰ Cfr. Mário Pollio, “Pastoral juvenil um desafio para os seguidores de Pallotti” e Giulio Verzaglia, “Vincenzo Pallotti e le scuole serali a Roma”, *Apostolato Universale*, nº 2, 1999, pp. 41-45.

³¹ Cfr. John Santos Gaynor, *The Life of Saint Vincent Pallotti*, p. 157.

³² Veja, por exemplo.: Gr 3,14; 29,11-14; 32, 36-44 ou Ez 3,4.

³³ A assim chamada civilização moderna enveredou numa corrida de autodestruição no que diz respeito ao bem-estar psicológico e espiritual. O desmantelamento da estrutura familiar, tão importante para um sadio e normal crescimento da pessoa humana, é o resultado do cenário cultural moderno e o fator central de múltiplos problemas. As notáveis inseguranças psicológicas e sociais e as tensões decorrentes, para os filhos, do divórcio, da falta de cuidados dos pais, dos abusos físicos e sexuais, da violência, da alienação, do alcoolismo, etc., têm um impacto realmente desumanizador e traumático sobre eles. O resultado final será a criação de uma sociedade de seres humanos intrinsecamente frágeis e feridos. Tudo isto já se evidenciou numa série de sintomas e de comportamentos patológicos e anti-sociais, como violência, homicídios, furtos, fácil tendência à depressão, intolerância ao estresse e, por isso, necessidade exigente de gratificações físicas e emocionais, impossibilidade de assumir compromissos duradouros (nas relações, no matrimônio, na vida sacerdotal ou consagrada), explosão de perversões sexuais como homossexualidade, promiscuidade e pedofilia, dependência das drogas, do álcool, do sexo, etc. Estes são só alguns efeitos negativos da cultura moderna. Outras partes do mundo, ainda não influenciadas pelas tendências culturais contemporâneas, como, por exemplo, algumas regiões da África, da Ásia, da América do Sul, da Europa Oriental, têm certamente a sua parte de problemas e desafios. Também pobreza, preconceitos raciais e de casta, guerras, subdesenvolvimento, injustiças, violência, etc., deixam a sua marca na pessoa humana sob a forma de agressividade reprimida, cobiça de riqueza, de prestígio e de poder, falta de formação na fé, carência no desenvolvimento

identidade e no seu contato com o mundo. Alguns encontram dificuldade para tomar uma decisão que obrigue por toda a vida. Fala-se também de uma idade adulta que chega sempre mais em atraso com o adiamento de decisões definitivas. Ao mesmo tempo muitos buscam uma experiência de Deus, mas buscam-na em experiências chamadas “místicas”. Muitos outros estão inseridos em grupos de Igreja ou estão comprometidos em movimentos eclesiais modernos de vida comunitária e apostólica.

OS FORMADORES E O AMBIENTE EDUCATIVO

214. [Os responsáveis pela formação] Todos os membros da Sociedade são formadores e responsáveis por esta atividade apostólica da formação, nas suas diferentes etapas. A nossa Lei diz: “Todos os membros da Sociedade tenham uma singular solicitude em promover as vocações e em suscitar a colaboração das famílias cristãs nesta obra”³⁴. Todos os membros dão testemunho de Cristo e todos são instrumentos da sua graça. Todos também “recordem que o caminho mais eficaz para tal fim é o testemunho da vida e a satisfação em viver a própria vocação”³⁵. Não obstante isso, é preciso nomear membros precisos, de acordo com seu carisma e seus dons, incumbidos de uma responsabilidade especial para esta atividade, como o diretor da pastoral vocacional de cada jurisdição. Estes trabalharão com os outros membros da equipe de formação, sob a direção do Reitor Provincial ou Regional.

215. [O clima que faz crescer a vocação] É preciso criar um clima ou um ambiente no qual se realize o discernimento vocacional. Isto requer: **a.** contatos pessoais com um diretor espiritual. Tais contatos devem ser regulares, programados e conduzidos em clima

da personalidade e na instrução etc. Todos os fatores negativos supramencionados deixam o indivíduo frágil e vulnerável no que diz respeito ao crescimento humano e ao compromisso religioso, à perseverança e à eficácia apostólica. É verdade também que a pessoa humana, criada *à imagem e semelhança* de Deus, possui também todos os dons de natureza e de graça. O objetivo da formação é o de livrar as potencialidades existentes na *imagem e semelhança* de Deus, que é o verdadeiro ser humano.

³⁴ LSAC, n° 281

³⁵ Ibidem.

de franqueza e de confiança. Neles o candidato pode descobrir e escutar a voz de Deus. **b.** Diálogo contínuo com o pessoal encarregado, mas também com outros membros da Sociedade, para ajudar o candidato a crescer no próprio conhecimento e no próprio carisma. **c.** Participação nos exercícios de piedade. De fato, a experiência confirma que as ocasiões especiais de oração e de reflexão, como retiros dirigidos, de uma tarde, de um dia ou de um fim-de-semana. Eles são de grande utilidade para os candidatos. Neste contexto os membros compartilham com os candidatos a riqueza espiritual da Igreja e também da Sociedade. **d.** Encontros com outros jovens. A nossa Sociedade se baseia no apostolado e na comunidade: “Na S. Família de Nazaré e na primeira comunidade de Jerusalém encontramos o modelo segundo o qual devemos viver unidos na caridade e dedicar-nos juntos ao desempenho do nosso apostolado”³⁶. Portanto, desde o primeiro instante, o discernimento é mais bem conduzido num contexto em que outros candidatos estão juntos e onde é possível estabelecer intercâmbio de experiências. **e.** Sessões de oração e grupos de reflexão sobre a Palavra de Deus, para promover a vocação de cada pessoa. De feito, é bom oferecer aos candidatos a oportunidade de refletir sobre a Palavra de Deus no contexto da própria experiência de vida e de trabalho³⁷.

- 216. [O ambiente que faz as vocações crescerem]** O responsável pelas vocações manterá contatos com a família do jovem, para conhecer melhor o ambiente. O candidato freqüentará outras expressões criativas da atividade e da espiritualidade palotina e, onde for possível, será essencial que tenha uma experiência UAC. Recomenda-se com insistência que este processo inclua pelo menos passar um período breve numa comunidade palotina. A vantagem será o conhecimento recíproco entre os membros e o candidato e, vivida desde o início, a experiência numa comunidade da Sociedade. Dentre os candidatos que vêm a nós, alguns participaram de diversos movimentos eclesiais ou então se

³⁶ Ibidem, nº 13.

³⁷ Cfr. *Nuove vocazioni per una nuova Europa*, nº 27b.

empenharam fortemente na vida e no apostolado da Igreja. Isto é bom e pode ser um sinal positivo da presença de vocação autêntica para a nossa Sociedade, que é uma comunidade apostólica, baseada sobre a vida em comunhão.

OS MÉTODOS E OS MEIOS

217. [Os métodos mais eficazes] O método mais importante é a convicção pessoal dos membros vivida no trabalho apostólico e comunitário. A convicção, mais o entusiasmo e o amor pela vida consagrada, ajudará a outros a discernir a própria vocação. Pallotti ainda insistia muito sobre a oração pela vocação. Por isso as primeiras atividades da Sociedade no plano pastoral vocacional são a convicção e o exemplo pessoal dos membros, juntamente com a oração individual e comunitária pelas vocações³⁸. A responsabilidade de organizar a oração pelas vocações com os membros da comunidade cabe aos reitores.

218. [Outros meios] Na pastoral vocacional, outros meios são: a experiência de vida segundo o carisma de Pallotti, principalmente no ambiente da União do Apostolado Católico; o trabalho apostólico nas escolas, nas paróquias, nas comunidades, nos movimentos eclesiais e nas famílias católicas para promover as vocações religiosas; atividades como exercícios espirituais, discernimento na oração, uso dos meios de comunicação, visitas às escolas, encontros de discernimento vocacional e distribuição de literatura adequada. Onde seja possível, os membros da Sociedade devem colaborar na pastoral vocacional da Igreja e nas Conferências de Religiosos do país, no sentido de pôr em ação o objetivo de S.Vicente de que os membros da Sociedade promovam ativamente a vocação cristã de cada qual³⁹. Nas regiões em que estejam presentes as Congregações de Irmãs que compartilham o nosso carisma palotino, a pastoral vocacional deverá ser realizada em colaboração com elas. Assinalamos, enfim, que, antes de

³⁸ Cf. *RdC*, n° 16. Veja também o n° 209 deste capítulo.

³⁹ Cf. *Estatuto Geral da UAC*, nn 12-13.

admitir o candidato à segunda etapa do período de discernimento, isto é, ao Postulado, é preciso ter o parecer favorável do pároco, do diretor espiritual, do membro da Sociedade que o acompanhou e da equipe de formação.

O POSTULADO

O OBJETIVO E OS DESAFIOS

219. [Tempo para dar amparo à vocação] A etapa do Postulado serve para provar melhor a vocação do candidato e a sua capacidade de viver em comunidade, capacidade que já teve alguma verificação na vida de grupo sob autoridade, ao dedicar-se aos estudos e encaminhar-se à vida consagrada. Neste período se examinará e se experimentará a maturidade dos candidatos em todos os níveis. Os seus dons, a sua habilidade, as suas capacidades e as suas virtudes serão verificadas e confirmadas. Os seus conflitos, as suas fraquezas e as áreas falhas de maturidade serão identificadas e se projetará uma “estratégia” adequada para combatê-las e resolvê-las⁴⁰. Não se exige que o candidato esteja em condições de assumir imediatamente todas as obrigações da vida consagrada, mas deve ele ser julgado capaz de chegar a isso progressivamente. Para poder julgar sobre tal capacidade avaliem-se o tempo e os meios⁴¹. Estes são, pois, o objetivo e os desafios do nosso Postulado: **a.** formar um juízo sobre as atitudes e sobre a vocação do candidato; **b.** verificar e completar a sua cultura religiosa e intelectual necessária para o Período Introdutório⁴².

O CONCEITO, O CONTEÚDO E A PEDAGOGIA DA ETAPA

220. [Um tempo de preparação] Na nossa Sociedade existem diversas maneiras de realizar o Postulado. Em algumas regiões, os períodos são mais longos e ele se desenvolve juntamente com os estudos de

⁴⁰ Veja, por exemplo, os nn. 26-27 desta *Ratio*.

⁴¹ Cfr *PI*, n° 42.

⁴² Cfr *ibidem*, n° 42. Veja também *CG*, n° 849.

filosofia. A respeito, a nossa Lei declara: “Compete aos Estatutos Provinciais decidir sobre a necessidade, a natureza e a duração do postulado”⁴³.

221. [A preparação para o Período Introdutório e para a vida consagrada] Com a entrada no Postulado o candidato começa a sua preparação formal para a vida consagrada e por isso a dimensão humana e afetiva se torna central. O Postulado é um período para o postulante desenvolver-se e para ele crescer na maturidade pessoal, afetiva, espiritual e intelectual: “A gradativa orientação pessoal dos jovens para a aceitação consciente dos deveres inerentes à consagração e à aquisição da própria identidade como membros da Sociedade, na Igreja e no mundo, há de realizar-se na comunidade e mediante a colaboração ativa dos próprios jovens na sua vida e no seu apostolado”⁴⁴. O Postulado começa quando o candidato é oficialmente aceito no programa de formação da respectiva jurisdição palotina e continua até a entrada no ano canônico do Período Introdutório. Será feito um programa de estudos que dê uma introdução gradual à vida espiritual, um conhecimento da pessoa e da vida de S. Vicente Pallotti, uma introdução ao carisma e à vida na Sociedade, parte integrante da União do Apostolado Católico. Recomenda-se que este período seja pelo menos de três meses. Nas jurisdições da Sociedade onde o ano espiritual precede os estudos filosóficos, recomenda-se que o Postulado seja de seis a doze meses, para preparar o candidato para entrar no ano espiritual⁴⁵. Em todas as outras comunidades todo o período antes do ano espiritual pertence ao Postulado.

A PESSOA CHAMADA

222. [“Antes poucos, cheios de espírito”⁴⁶] O candidato admitido ao Postulado deverá manifestar sinais positivos de vocação à vida consagrada na Sociedade. Receberá direção e acompanhamento

⁴³ *LSAC*, n° 288.

⁴⁴ *Ibidem*, n° 283.

⁴⁵ Cfr. *CG*, nn. 859.861. Veja também o n° 240 desta *Ratio*.

⁴⁶ *OCC III*, p. 327. Veja também o n° 28 desta *Ratio*.

por parte dos membros da Sociedade, porá em experiência a própria idoneidade, progredirá na oração, aprenderá a conviver com os outros, purificará as suas motivações e buscará maior clareza sobre a graça de Deus, que está presente nele e o convida para a vida consagrada. Núcleo central de todo o processo de discernimento, neste período, é a análise das motivações. Trata-se aqui principalmente de individualizar e desenvolver as motivações, processo que se orienta não apenas para a verificação da idoneidade vocacional, mas também para o crescimento da pessoa, a fim de que, mediante uma caminhada de progressivo conhecimento de si e das próprias motivações, possa realizar um processo de purificação das motivações que a conduza à unificação de si e da própria existência em torno do único motivo central e da razão predominante do próprio agir. Esta é que dá sentido pleno à sua vida. Durante este período, o postulante, com a ajuda dos formadores, se esforçará por verificar se o próprio caráter, as próprias disposições e as próprias qualidades correspondem ao fim e ao desenvolvimento das obras da SAC. Cada jurisdição decidirá a idade para a aceitação dos candidatos.

OS FORMADORES E O AMBIENTE EDUCATIVO

223. [Os responsáveis pelo Postulado] Cada jurisdição nomeará um coirmão como responsável desta etapa. Ele trabalhará com os outros membros que formam a equipe de formação. Os formadores deverão ser preparados: “Eles sejam bem preparados em pedagogia”⁴⁷. Tenham conhecimento das teorias do desenvolvimento humano. Tenham também alguma experiência no campo da pastoral, principalmente no da pastoral juvenil. “Além disso, antes ou depois da sua formação especializada, dediquem algum tempo à ação pastoral”⁴⁸.

224. [Os modelos para a comunidade de formação] O ambiente educativo para esta etapa da formação será uma comunidade

⁴⁷ LSAC, n° 285.

⁴⁸ *Ibidem*.

palotina ou um local de vida apostólica onde se respire o carisma e o espírito palotino. De importância especial neste período será a introdução do candidato na dinâmica de vida conforme os modelos evangélicos mais caros ao Fundador. Com efeito, ele descreve a comunidade de formação como “a casa de Belém”⁴⁹ e como “a Casa de Nazaré”⁵⁰. Uma vez que a nossa Sociedade é “uma comunidade fraterna à qual Deus confiou, por meio do Fundador, uma especial missão apostólica, queremos realizá-la em comunhão de vida e de trabalho, a exemplo da primeira comunidade de Jerusalém”⁵¹.

225. [A formação para a União do Apostolado Católico]⁵² “A nossa Sociedade é a comunidade central da União do Apostolado Católico. Como tal tem uma responsabilidade especial pela eficiência apostólica e pela espiritualidade de toda a União”⁵³. Portanto é essencial que os candidatos admitidos ao Postulado sejam introduzidos desde o começo à cooperação no seio da União do Apostolado Católico e que se usem todos “os meios espirituais e temporais necessários e oportunos”⁵⁴ a fim de prepará-los para esta vida.

O MÉTODO E OS MEIOS

226. [A atividade do postulado] O diretor do Postulado deverá preparar um programa para facilitar a vida comunitária. É

⁴⁹ Cfr. OCCC II, pp. 15-16. Veja também os nn. 30, 37 e 99 desta *Ratio*.

⁵⁰ “A Casa de Nazaré deve ser considerada como norma das Casas ou seja dos SS. Retiros da nossa mínima Congregação” – OCCC VII, p. 111. Veja também os nn. 37 e 100 desta *Ratio*.

⁵¹ *LSAC*, n° 48. Veja também o n° 101 desta *Ratio*.

⁵² “O carisma de São Vicente Pallotti é herança da União do Apostolado Católico” – *Preâmbulo*. À União pertencem, desde a sua fundação, a Comunidade dos Padres e Irmãos conhecida com o nome de Sociedade do Apostolado Católico, a Congregação das Irmãs do Apostolado Católico e a Congregação das Irmãs Missionárias do Apostolado Católico. A elas, com a devida aprovação, se associaram as outras Comunidades de diversas denominações que se professam igualmente inspiradas pelos ideais de S. Vicente Pallotti. Tais institutos, fundados por S. Vicente Pallotti ou constituídos mais recentemente, em ocasiões diferentes, se dedicam totalmente à realização dos objetivos da União” – *Preâmbulo g; Estatuto Geral da UAC*, n° 77. Veja também os nn. 104-109 desta *Ratio*.

⁵³ *LSAC*, n° 4

⁵⁴ Cfr. OCCC XI, pp. 19, 23 e 234.

necessário edificar uma comunidade com os postulantes, desde o começo, porque “A Sociedade do Apostolado Católico é uma comunidade de sacerdotes e de Irmãos”⁵⁵. A vida comunitária é a base da nossa vida e do nosso apostolado. Na comunidade do Postulado o candidato terá tempo e espaço para: estudar, ler, ser instruído na vida espiritual, na vida e no espírito da Sociedade. Ele deverá ter acompanhamento pessoal, encontros entre postulantes e com postulantes de outras famílias religiosas, atividade apostólica e pastoral orientada, oração pessoal e comunitária, trabalho manual e recreação comum.

227. [A cooperação] S. Vicente Pallotti escreve “Ninguém, porém, vai querer fazer uso dos meios, se lhe faltar a mais viva, generosa e perfeita disposição de *cooperar* em tudo e sempre para a maior glória de Deus e para a salvação das almas”⁵⁶. Com efeito, a cooperação é uma *palavra-chave* nos escritos do nosso Fundador e o *coração palpitante* da sua proposta formativa⁵⁷. Assim, é necessário formar os postulantes no espírito de cooperação com Deus e com os outros. Porque hoje mais que nunca se verifica a urgência de ter-se uma adequada formação para a colaboração⁵⁸. Nas regiões onde se façam presentes outras expressões da realidade palotina, far-se-á um programa de formação no espírito de colaboração. Para este fim pode servir a introdução do candidato no trabalho coordenado por um Conselho de Coordenação local da União⁵⁹. Se o candidato não for ainda “membro” e por isso não puder fazer parte de um Conselho de Coordenação Local, poderá, assim mesmo, participar das obras que tal Conselho coordena.

⁵⁵ LSAC, n° 1.

⁵⁶ OCCC II, p. 16.

⁵⁷ Cfr. OCCC XI, pp. 234-260; OCCC VII, p. 259; OCCC III, p. 83; OCCC IX, p. 26; OCCC VI, p. 281; OCCC II, pp. 286-287.

⁵⁸ Cfr. Séamus Freeman, “The culture of collaboration from the time of St. Vincent Pallotti”, *Apostolato Universale*, n° 8, 2002, p. 77. De acordo com o autor, uma tal colaboração: **1.** baseia-se principalmente no diálogo. O diálogo deve ter uma triplíce dimensão, porque, sem Deus, não pode haver nenhuma autêntica colaboração; **2.** a colaboração é encorajamento recíproco; **3.** a colaboração requer perseverança; **4.** a colaboração exige modelos que promovam e garantam uma cultura espiritual e apostólica; **5.** a colaboração encontra a sua autêntica expressão na celebração eucarística.

⁵⁹ Cfr. *Estatuto Geral da UAC*, nn. 41-45.

AS APLICAÇÃO PRÁTICAS

228. [Algumas aplicações práticas]

1. O candidato ao postulado apresentará os seguintes documentos: carta pedindo admissão; certidões de batismo e de crisma; recomendação do pároco ou de outro sacerdote; recomendação do diretor da Pastoral Vocacional; os resultados de um exame médico geral.
2. Recomenda-se também um exame psicológico com testes de inteligência e de personalidade do candidato, elaborados por um profissional na matéria muito bem escolhido.
3. O início formal do Postulado terá lugar com uma celebração litúrgica.
4. Se necessário, o candidato receberá também uma instrução sobre a doutrina católica e sacramental.
5. Recomenda-se que haja o cuidado de preparar o candidato para os estudos necessários, conforme as exigências de cada país.
6. É preciso ter cautela e prudência com os candidatos que tenham estado em outro Instituto de vida consagrada ou em outra Sociedade de vida apostólica ou então em seminário diocesano⁶⁰.
7. É preciso observar quanto diz a nossa Lei: “Antes da admissão os candidatos, para atestar a sua idoneidade física e moral, devem apresentar os documentos requeridos pelos Estatutos Provinciais ou, em casos particulares, pelo Conselho Provincial. Os candidatos, além disso, devem declarar por escrito: se é de livre e espontânea vontade, que estão pedindo para ser admitidos; se lhes consta da existência de doenças hereditárias na família; se presumem estar delas imunes; se, finalmente, estão cientes de que todo silêncio consciente a respeito de tais doenças é passível de demissão, também após a

⁶⁰ Isto é recomendado também pelo *Código de Direito Canônico*, cân. 241, §2, que fala de admissão de candidatos ao seminário provenientes de outro seminário ou instituto religioso. O cân. 645 fala da documentação e de outras informações e estabelece, no §2, que o responsável, antes de aceitar um candidato, deve exigir “o atestado emitido respectivamente pelo Ordinário do lugar ou pelo Superior maior do instituto ou da sociedade, ou então pelo Reitor do seminário”. O §4 diz: “Os superiores, se lhes parecer necessário, podem buscar outras informações, também sob segredo”. Os comentários do Código acham que a medida é necessária e que é uma norma de segurança.

consagração perpétua”⁶¹. Aqui se fala das condições para entrar no Período Introdutório, mas onde a entrada acontecer mais tarde, por exemplo depois do período do Postulado ou depois dos estudos filosóficos, estes documentos se exigem quando o candidato entrar oficialmente no programa de formação de uma jurisdição da Sociedade.

8. Comumente para ser aceitos no Postulado, os candidatos devem ter completado 18 anos e não ter mais de 35. O processo formativo se propõe “formar e educar a pessoa”, e, por isso, supõe uma capacidade de deixar-se transformar. Porém, adverte-se, e a psicologia o demonstra, quanto seja difícil para a pessoa mudar ou modificar-se em idade mais madura.

⁶¹ LSAC, n° 290.

CAPÍTULO VI

O PERÍODO INTRODUTÓRIO E A PREPARAÇÃO PARA A PRIMEIRA CONSAGRAÇÃO

O OBJETIVO E OS DESAFIOS

229. [O cuidado na formação inicial] O período introdutório constitui uma fase formativa fundamental e delicada. Ela requer em cada instituto um acompanhamento personalizado e atento ao crescimento de cada candidato, um clima formativo evangélico, sereno, rico de valores, sustentado pelo testemunho alegre dos formadores e da comunidade, alimentado pela experiência autêntica e profunda do carisma da fundação¹. Porque, “o noviciado, com o qual se inicia a vida no instituto, é destinado a fazer com que os candidatos possam da melhor forma tomar consciência da vocação divina, qual é própria do instituto, experimentar o seu estilo de vida, formar a própria mente e coração segundo o seu espírito; e, ao mesmo tempo, se verifiquem as intenções do candidato e a sua idoneidade”². Em outros termos, poder-se-ia definir o sentido do Período Introdutório como um tempo de iniciação integral à forma de vida que o Filho de Deus abraçou e nos propôs no Evangelho. Com efeito, a partir do momento em que o fim da vida consagrada consiste em assemelhar-nos ao Senhor Jesus [...], é principalmente a isto que deve aspirar a formação. Trata-se de uma caminhada de progressiva assimilação dos sentimentos de Cristo para com o Pai”³.

230. [O sentido do Período Introdutório da SAC] O Período Introdutório deve preparar os candidatos para o seu ingresso na Sociedade e dar a eles a formação espiritual fundamental. O programa do Período Introdutório deve suscitar o interesse pelos ideais da

¹ Cfr. RC, n° 4; PI, n° 45

² Cfr. PI, n° 45.

³ Cfr. VC, n° 65.

nossa Sociedade, de forma que os candidatos, ao fazerem a sua primeira consagração, se sintam convencidos da própria vocação, conscientes de pertencerem à Sociedade e à União e dispostos a empenhar-se nos seus encargos apostólicos⁴. Além disso, é preciso verificar se os candidatos têm propensão para dedicar-se aos trabalhos da Sociedade⁵.

231. [O desafio fundamental] “O candidato que é acolhido na comunidade palotina precisa ser acompanhado como pessoa humana, como cristão e como futuro palotino”⁶. O desafio fundamental deste período de formação se situa, pois, num processo dinâmico que abrange todos os aspetos da vida, num movimento que se desenvolve não só em sentido horizontal mas também vertical e profundo. Isto exige dos seguidores de Pallotti que esteja viva neles a condição de serem criados à imagem de Deus e também de serem chamados a reconstituir esta semelhança com Ele, através das opções concretas da existência diária⁷. Em outras palavras, trata-se da abertura para a formação integral como caminhada de crescimento, evidenciando-se os aspetos tipicamente palotinos. É desejável, enfim, que nos candidatos se forme o propósito de continuarem a própria formação por toda a vida⁸.

232. [Da formação inicial à formação permanente] A disponibilidade e o desejo de viver em permanente estado de formação, por toda a existência, é não só desafio e o objetivo da formação inicial, mas sobretudo condição de acesso à formação permanente. Este constante estado interior de liberdade de aprender na vida e da vida é justamente o ponto de chegada da formação inicial⁹. Com efeito, a formação inicial deve “abrir” para a permanente e associar-se a ela; deve despertar, orientar corretamente e também “provocar” corajosamente algumas disposições interiores para “deixar-se formar”

⁴ Cfr. *LSAC*, n° 75; Veja também *Direttive Generali della Formazione nel Periodo Introduttorio (DG)*, nn.7-9, *ACTA SAC*, vol. XII, pp. 437-469.

⁵ Cfr. *CG*, nn. 857-873. Veja também os nn. 205-206 desta *Ratio*.

⁶ *DG*, n° 7.

⁷ Veja os nn. 3 e 127 desta *Ratio*.

⁸ Cfr. o n° 35 desta *Ratio*.

⁹ Cfr. *RdC*, n° 15.

por toda a vida. Em cada caso, a experiência confirma que só uma autêntica formação inicial abre para a formação permanente por toda a vida. E ela, de alguma forma, não só: a faz nascer, ela a exige e a torna indispensável. Ao contrário, uma formação inicial fraca - fraca porque vaga e insegura na definição da forma ou incapaz de uni-la à norma - não poderá senão criar pessoas inseguras e instáveis, em contínua busca da identidade perdida ou na pretensão errada de uma liberdade impossível. Se durante o Período Introdutório não se torna real esta liberdade de “deixar-se educar-formar-acompanhar” na vida e pela vida, será muito difícil que o sujeito esteja disponível para aprender ou receber nas fases sucessivas da sua existência; ou, então, não haverá qualquer formação permanente ou ela será sentida como um peso ou uma imposição. Ter “aprendido a aprender”, o que torna a vida consagrada palotina uma peregrinação¹⁰, é, pois, o desafio da primeira formação e a condição de acesso à formação permanente.

O CONTEÚDO E A PEDAGOGIA

233. [Indicações Gerais] Para realizar o objetivo e os desafios do Período Introdutório é preciso: **a.** ter claro o conceito desta etapa; **b.** preparar o programa que leve em conta as condições dos candidatos, da época e do lugar; **c.** preparar bem os formadores e o ambiente educativo; **d.** pôr em prática uma acertada pedagogia, que se valha das ciências humanas da psicologia ou da pedagogia, sem esquecer, porém, que “só os meios psicopedagógicos não poderão substituir uma autêntica direção espiritual”¹¹.

234. [O estilo palotino] De vez que “o candidato, acolhido na comunidade palotina tem necessidade de ser *acompanhado* como

¹⁰ Cfr. os nn. 74 e 126 desta *Ratio*. É preciso sublinhar aqui que a Vicente Pallotti agradava descrever a sua vida como uma romaria. Eis o trecho da oração final do seu Testamento espiritual: “Deus meu, eu não sei dizer mais, mas se vos agrada mais, fazei-o Vós por vosso amor infinito, fazei-o também com a condição de eu não perder nunca o vosso santo amor, apesar de eu ser dele infinitamente indigno, e com a condição de *permanecer sempre no estado de Viador* [...] sem chegar nunca à visão intuitiva de Vós mesmo na manifestação da vossa glória” (OCC III, p. 33).

¹¹ *PI*, n° 52.

pessoa humana, como cristão e como futuro palotino”¹², e por que “a formação no Período Introdutório deve *auxiliar* o candidato no desenvolvimento de sua personalidade e na consolidação de sua vocação palotina”¹³, o estilo adequado à realização de tal itinerário, que é também o adequado à eclesiologia de comunhão e de cooperação, é o acompanhamento, ou seja o caminhar de todos e de cada qual de nós, apóstolos do Pai, na direção deste, atrás de Jesus. De fato, este modo de ver as coisas e de fazer o caminho de formação transforma a comunidade em que vivemos em uma *Sociedade*, isto é, em um lugar onde cada qual dá e recebe tudo aquilo que é e que tem¹⁴.

O CONCEITO DA ETAPA

235. [A admissão] Para a admissão ao Período Introdutório serão observadas as disposições canônicas de liceidade e de validade. Isto permite evitar muitas dificuldades para o futuro¹⁵. Deve-se dar sempre também muita atenção ao contexto sócio-eclesial e moral da família do candidato, às suas predisposições para a vida comunitária e apostólica e para o serviço da Sociedade na União do Apostolado Católico e na Igreja universal.

236. [A duração] “O Período Introdutório tem a duração de dois anos. Por graves motivos, o Reitor Geral, com o consentimento dos seus Consultores, pode dispensar os candidatos de um ano; o Reitor Provincial, igualmente, com o consentimento dos seus Consultores, de seis meses”¹⁶. Este período “inicia com uma celebração, precedida por alguns dias de retiro”¹⁷. A sua organização geral “compreende duas partes: uma, chamada também de Ano espiritual, reservada à introdução na vida consagrada da Sociedade; a outra, dedicada à

¹² DG, n° 7.

¹³ Ibidem, n° 8.

¹⁴ Cfr. LSAC, n° 37-39.

¹⁵ Cfr. PI, n° 49; CIC, cân. 597, § 1-2 e cân. 641-645; CG, n° 874-893; DG, n° 10-15.

¹⁶ LSAC, n° 76.

¹⁷ Ibidem, n° 77.

formação espiritual e juntamente ao estudo ou à preparação profissional”¹⁸.

- 237. [A fase do Ano Espiritual]** O período reservado à introdução dos candidatos na vida consagrada em nossa Sociedade, para sua validade, deve ser cumprido em uma casa regularmente designada para a finalidade e deve compreender doze meses. Não é necessário que os doze sejam contínuos. Este período pode ser cumprido em qualquer época do período introdutório¹⁹, mas é estritamente obrigatório e não admite dispensas, salva a faculdade do Reitor Provincial de permitir que a primeira consagração seja antecipada, porém não além de quinze dias²⁰. “Além disso o Reitor Provincial pode permitir que o grupo dos candidatos, por determinados períodos de tempo, more em outra casa da Sociedade, por ele mesmo designada”²¹.
- 238. [A fase depois do Ano Espiritual]** A organização prática desta parte do Período Introdutório é diversa conforme se ela vem antes ou depois do Ano Espiritual. Se vem antes, ela tem um caráter de iniciação; se vem depois, é um aprofundamento e um complemento. Esta parte do Período Introdutório pode ser cumprida fora da casa em que se desenvolve o Ano Espiritual. Neste caso, cabe ao Reitor Provincial designar um formador em condições de acompanhar os candidatos e de propor a eles um programa conveniente para esta etapa de formação. Por graves motivos o Reitor Geral, com o consentimento dos Consultores, pode dispensar o candidato do ano inteiro e o Reitor Provincial, também com o consentimento dos Consultores, de um período de seis meses²².
- 239. [Uma visão integral]** A formação no Período Introdutório deve ajudar o candidato no desenvolvimento da sua personalidade e na consolidação da vocação palotina, a fim de que, emitindo a

¹⁸ DG, n° 66.

¹⁹ Cfr. LSAC, n° 289 e DG, n° 67; CG, n° 890.

²⁰ Cfr. LSAC, nn. 76, 295 e 298; DG, n° 68.

²¹ DG, n° 68.

²² Cfr. Ibidem, nn. 71-74. Veja também *Documenti del Capitolo Generale XII, Straordinario, “Noviziato”, n° 2*

consagração, esteja, com o empenho requerido pelo Fundador²³, em condições de ser participante e responsável, pelo carisma, pela espiritualidade e pelas obras da Sociedade, “parte integrante da União do Apostolado Católico”²⁴.

240. **[Encargos principais]** Para este fim a Lei Fundamental da Sociedade, na formação do candidato, distingue três objetivos principais: **a.** a formação para a maturidade humana; **b.** o desenvolvimento da vida espiritual; **c.** a preparação para a vida e para os encargos da Sociedade e da União do Apostolado Católico. Para o candidato, estes objetivos vão se realizando com a consolidação da vocação, com a introdução no carisma do Fundador e na vida comunitária, e com a gradual preparação para a realização das atividades apostólicas²⁵.

A PESSOA CHAMADA

241. **[Em livre e ativa cooperação]** O primeiro responsável pela formação é o candidato que, chegado, orientado e acompanhado no caminho da maturidade humana, do desenvolvimento da vida espiritual e da vida consagrada, comunitária e apostólica própria da Sociedade, enfrenta, dia após dia, o caminho do dom da vocação em livre e ativa cooperação com os formadores. Para tal fim, ele deve ter grande docilidade a Jesus Cristo, que é o primeiro formador. “Esta cooperação requer do candidato que ele torne próprios os objetivos e o programa do Período Introdutório e se esforce pela sua realização [...], que se integre na comunidade do Período Introdutório e que procure formar com os outros uma verdadeira comunidade, baseada na fraternidade e na confiança”²⁶. Isto será possível realizar num clima de fé, num ambiente de oração, numa atitude e numa situação efetiva de diálogo sereno, aberto, leal, confiante e disponível. Em outras palavras, trata-se de adquirir, por parte do candidato e de quem o orienta, a arte de acolher a graça e, por parte do formador, o cuidado

²³ Cfr. *LSAC*, nn. 67, 69 e 75; *DG*, n° 8.

²⁴ *LSAC*, n° 1.

²⁵ Cfr. *ibidem*, nn. 67, 69 e 75; *DG*, n° 9.

²⁶ *DG*, n° 57.

de acompanhar o candidato, não de tomar-lhe a frente nem de vir-lhe atrás²⁷.

242. [A diversidade dos candidatos] Os candidatos não entram no Período Introdutório todos com a mesma idade, cultura humana e cristã. Alguns já transcorreram não poucos anos na Sociedade, completando antes os estudos filosóficos. Por isso, é preciso prestar uma atenção toda especial a cada pessoa, para caminhar no seu passo e adaptar-lhe o conteúdo e a pedagogia da formação que lhe é proposta²⁸. A respeito disso, é preciso admitir que não há normas rígidas de formação, uma vez que ela deve ser fortemente personalizada, atualizando-se tempos e modos para cada um dos candidatos. Tal fato, está a sublinhar, para o candidato, para os formadores e para toda a Sociedade, a liberdade responsável, o respeito leal da vocação recebida e o não ceder à tentação da passividade e da repetitividade estéril.

OS FORMADORES E O AMBIENTE EDUCATIVO

243. [Normas gerais para a direção] A direção dos candidatos é confiada ao Diretor do Período Introdutório, que responde por este diretamente ao Reitor Provincial. O Diretor deve ficar livre de todos os outros compromissos que o impediriam de cumprir plenamente o seu encargo de educar. Se o número dos candidatos ou outra causa justa o exigirem, o Reitor Provincial designará um padre ou um irmão de consagração perpétua, para colaborar com o Diretor como seu sócio. Em todo o caso, todos os colaboradores dependem do Diretor, no que se refere ao programa e à direção desta etapa de formação. Eles têm com ele uma parte importante no discernimento e nas decisões²⁹. Na verdade, o trabalho educativo desenvolvido por uma equipe de formadores, que se compreendam bem, tem resultado melhor e é mais frutuoso.

²⁷ Cfr. *ibidem*, n° 57; *PI*, n° 29. Veja também nn. 55-62 deste *Ratio*.

²⁸ Cfr. *PI*, n° 51.

²⁹ Cfr. *PI*, n° 52; *CIC*, cân. 650-652, § 1; *DG*, n° 63.

244. [O Diretor do Período Introdutório] O Diretor do Período Introdutório “é nomeado por um triênio pelo Conselho Provincial, sendo previamente consultado o Reitor Geral”³⁰. Sendo o que acompanha a todos e a cada um dos candidatos, o Diretor tem a tarefa de: **a.** orientar os candidatos para uma vida de intensa união com Deus, para o conhecimento da obra e da espiritualidade palotina e para a prática da vida comunitária; **b.** manter, portanto, um relacionamento de confiança e de diálogo com os candidatos e de examinar com eles o processo de sua formação, encontrando-se periodicamente com cada um, para verificar o progresso na caminhada da vocação. Isto pressupõe então que a formação não seja pensada e vivida como um *doutrinação*, mas como um *acompanhamento* fraterno e exigente³¹. Ao mesmo tempo o Diretor estimule os candidatos para uma participação ativa e responsável e para a construção de uma verdadeira comunidade fraterna e os encoraje a valerem-se da direção espiritual individual. Ele periodicamente trate com os seus colaboradores das questões da formação e fique aberto para valer-se da ajuda de especialistas nos diversos campos. Participe também das reuniões do Conselho Provincial, sem direito a voto, quando se trate dos candidatos do Período Introdutório³².

245. [As qualidades do Diretor] O Diretor do Período Introdutório, além de um bom conhecimento da dimensão humana e da capacidade empática, possua as outras qualidades adequadas para assumir a responsabilidade formativa: capacidades humanas de intuição e de acolhimento; experiência desenvolvida de Deus e da oração; sabedoria derivada da atenta e prolongada escuta da palavra de Deus; amor pela liturgia e compreensão do seu papel na educação espiritual e eclesial; competência cultural necessária; conhecimento da Obra do Fundador, da espiritualidade palotina e da história da fundação toda; experiência de vida a serviço da Província, da Sociedade e da União; disponibilidade de tempo e boa vontade para dedicar-se “dia e noite” ao cuidado, não somente do grupo, mas de cada um dos candidatos

³⁰ LSAC, n° 77.

³¹ Veja o n° 54 desta *Ratio*.

³² Cfr. LSAC, n° 292; DG, n° 62.

pessoalmente³³; serenidade interior, amabilidade, disponibilidade, paciência, compreensão e verdadeiro afeto por aqueles que foram confiados à sua responsabilidade³⁴.

246. [O Reitor Provincial] Uma responsabilidade toda especial pela formação dos candidatos do Período Introdutório recai sobre o Reitor Provincial e os seus Consultores. A eles cabe, com efeito, prover ao cumprimento do que estabelece a Lei da Sociedade para um regular desenvolvimento do Período Introdutório. Os encargos principais do Reitor Provincial são: **a.** preparar os formadores aos quais confiar as diversas tarefas; **b.** escolher como Diretor do Período Introdutório um sacerdote competente, que tenha assimilado profundamente o espírito palotino, que conheça e aceite de coração as diretivas da Igreja e da Sociedade; **c.** designar membros idôneos para a comunidade do Período Introdutório, tendo em conta seus objetivos especiais; **d.** manter contato regular com formadores e candidatos³⁵.

247. [O Diretor Espiritual] O Diretor Espiritual do Período Introdutório tem a tarefa de estar à disposição dos candidatos para aconselhá-los e orientá-los na vida espiritual e para ouvi-los de confissão sacramental. A par disso, mediante contatos pessoais e apropriadas instruções, ele deve “iluminar, regradar, santificar, aperfeiçoar”³⁶, isto é, ajudar os candidatos a discernir os caminhos do progresso espiritual e fazer com que progridam no conhecimento e no amor para com o Fundador e a sua Obra³⁷.

248. [A comunidade Local] Uma presença importante, mesmo que não constitutiva, é a da Comunidade Local – de todos os membros e de cada um deles, portanto – que se constitui como o ambiente natural, para que todos os elementos relativos à vocação da Sociedade sejam

³³ Veja o n° 54 desta *Ratio*

³⁴ Cfr. ibidem; veja também: Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e para as Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA), Roma 1981, *Dimensione contemplativa della vita religiosa*, n° 20; *PI*, n° 31; *DG*, n° 61.

³⁵ Cfr. *LSAC*, nn. 77 e 291; *DG*, nn. 59-60.

³⁶ Cfr. os nn. 35-36 desta *Ratio*.

³⁷ Cfr. *LSAC*, n° 286; *DG*, n° 64.

concretamente acolhidos com fé e vividos. Todos os membros da Comunidade Local têm uma grande influência sobre a formação dos candidatos, não só e não tanto no modo de pensar e de falar, mas na concretude da vida cotidiana. Todos são responsáveis em relação ao ideal do Fundador, mediante uma atitude de fidelidade total, viva e alegre³⁸, sem pretensões de doutrinação, mas com a consciência de estarem todos comprometidos, ao lado dos ensinamentos do Diretor e do empenho dos candidatos, na credibilidade da vocação. Têm influência de modo especial: **a.** o testemunho comunitário de fé e de oração; **b.** a orientação para uma efetiva e concorde cooperação no âmbito da vida comum e do apostolado; **c.** a benevolência e o respeito recíproco nas conversações e nas diversas expressões da vida cotidiana; **d.** a disponibilidade para ajudar os candidatos no aprofundamento da vida e do apostolado da Sociedade; **e.** o amor e a prática da pobreza num estilo de vida simples³⁹.

249. **[O local]** O Período Introdutório deve realizar-se num local apropriado, numa casa regularmente designada⁴⁰, para criar as condições adequadas ao aprofundamento da vocação. Assim, o tempo e o local do Período Introdutório deverão organizar-se de modo tal que os candidatos possam encontrar nele o clima adequado para a inserção em profundidade na vida com Cristo⁴¹. Porque “é desaconselhável que o noviciado transcorra em lugar estranho à cultura e à língua de origem dos noviços, são preferíveis pequenos noviciados, desde que radicados na respectiva cultura. O motivo essencial é o de não multiplicar os problemas no correr de uma etapa de formação em que os equilíbrios fundamentais da pessoa precisam ser postos em seu lugar, em que um clima de clareza entre mestre e discípulos, com todas as esfumaturas de uma caminhada espiritual inicial intensa, deve ser fácil e sem estorvos. Além disso, a transferência para outra cultura, nesse tempo, comporta o risco de acolher falsas vocações e de não se perceberem eventuais falsas

³⁸ Veja o n° 75 desta *Ratio*

³⁹ Cfr. *DG*, n° 65.

⁴⁰ Cfr. *DG*, n° 67.

⁴¹ Cfr. *PI*, n° 50.

motivações”⁴². É então aconselhável que o Período Introdutório transcorra no país, na cultura e na língua de origem dos candidatos.

OS MÉTODOS E OS MEIOS

250. [O programa] A nossa formação tem o seu fundamento nos princípios comuns de toda formação cristã, porém, desde o seu início, assume caráter específico, conforme a finalidade, a natureza, as tradições e o direito da nossa Sociedade e da União do Apostolado Católico. O programa da formação, assim, deve ajudar todo candidato a desenvolver os seus dotes, a cultivar o senso de responsabilidade pessoal e de pertença à Sociedade, de forma que ele saiba identificar-se com os seus interesses e empenhar-se em realizá-los. A formação deve prestar atenção à dimensão humana, espiritual, comunitária, intelectual, apostólica e palotina, e ajudar os nossos candidatos a integrar estes diversos aspectos a serviço da finalidade apostólica⁴³. Porque, para o crescimento de uma personalidade cristã na sua plenitude, a gente se move na unidade. A formação é um processo unitário que se desenrola ao interior da realidade da vocação à vida consagrada em sentido dinâmico-relacional, tornando-se o princípio que unifica a pessoa toda e harmoniza todas as dimensões do seu ser⁴⁴.

A dimensão humana

251. [Os meios que favorecem a maturação humana] A formação à maturidade humana visa o desenvolvimento da personalidade do candidato, o qual lhe permita assumir as tarefas decorrentes da vocação recebida, de forma totalmente livre e responsável. Esta finalidade se realiza mediante um processo gradual e contínuo. Porque para a formação da personalidade madura e integrada concorrem diversos aspectos da dimensão humana. No Período Introdutório é preciso prestar especial atenção aos seguintes

⁴² Cfr. *PI*, n° 47.

⁴³ Cfr. *LSAC*, n° 68 e n° 69.

⁴⁴ Cfr. os nn. 2-3 desta *Ratio*.

elementos centrais: a maturidade afetiva, a formação social, a formação da vontade e o desenvolvimento intelectual⁴⁵.

252. [A maturidade afetiva] Na caminhada em direção à maturidade afetiva é importante orientar e integrar a vida afetiva, desenvolvendo principalmente os sentimentos de benevolência, de justiça e de sensibilidade ao belo. O candidato, com a ajuda dos formadores, deve procurar integrar a sua sexualidade com as exigências da vocação e adquirir a capacidade de manter o celibato enquanto dom de Deus e valor positivo livremente escolhido⁴⁶. É preciso sublinhar que o aspecto psico-sexual-afetivo celibatário precisa ser tratado mais amplamente do que o está sendo nos programas de formação religiosa⁴⁷. As dificuldades da formação, neste campo, consistem em encontrar-se, de um lado, diante de pessoas que entram na comunidade nos anos de juventude, antes de terem adquirido uma consolidada identidade sexual, de outro lado, diante de problemas que decorrem de uma série de desordens familiares e pessoais, inclusive confusão e patologias relacionadas com a identidade sexual. De grande ajuda aos candidatos, no processo de integração da vida afetiva, serão as sessões de formação organizadas pelo Diretor do Período Introdutório, com a colaboração de especialistas.

253. [A presença das virtudes sociais] A vida comunitária na Sociedade exige dos membros a presença das virtudes sociais, principalmente o respeito mútuo, a compreensão, a fidelidade, a gratidão, a humildade, a justiça, o altruísmo, a amizade e a atenção ao bem comum. Os candidatos, pois, devem: **a.** desenvolver atitudes de abertura aos problemas da comunidade, da Igreja e do mundo; **b.** ser capazes de ser tolerantes, entrando em diálogo com os outros, procurando resolver de modo positivo os conflitos; **c.** aprender a cooperar com os outros, dispostos a retificar, quando necessário, as próprias atitudes; **d.** ter confiança e respeito para com os leigos e gostar de trabalhar com eles⁴⁸.

⁴⁵ Cfr. DG, nn. 17-18; veja também o n° 163 desta *Ratio*.

⁴⁶ Cfr. *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*, n° 48. Veja também os nn. 53-54 desta *Ratio*.

⁴⁷ Cfr. os nn. 168-169 desta *Ratio*.

⁴⁸ Cfr. DG, nn. 25-26.

254. [A cotidianidade] O candidato, no dia a dia, deve empenhar-se na formação do próprio caráter e adquirir, entre outras as seguintes capacidades: domínio de si mesmo, constância no agir, respeito à vontade alheia e à ordem estabelecida, atitude de servir livremente e prontamente a Deus e aos homens, laboriosidade, atitudes conscienciosas, magnanimidade, prudência, coragem e perseverança⁴⁹ O nó por excelência está e permanece aqui, a *cotidianidade*, isto é, a vida de todos os dias. O cotidiano implica tornar grandes as coisas pequenas, não por que se exagerem as pequenezas da “margem” da vida – características desta etapa da formação – mas por que se encaram com o olho inteligente e sábio de quem vive o dia a dia com responsabilidade.

255. [O desenvolvimento intelectual] Trata-se de compreender que peso dar durante este período de formação ao estudo nos seus diversos aspectos e o tempo que ele deva ocupar. Principalmente é preciso refletir sobre o modo como a gente se volta para o estudo e a atitude com que se o enfrenta: estuda-se não para realizar-se a si mesmo, mas para servir aos irmãos. O estudo, então, poderá realmente ser um meio para conhecer e amar, para pôr-se em condição de criar relacionamento entre ele e a vida. Isto acontece, entre outras coisas, mediante a pesquisa pessoal da parte dos candidatos, as conferências, os cursos, os grupos de leitura, as sessões, as discussões comuns, o uso dos meios de comunicação social e os *hobby* pessoais⁵⁰.

A dimensão espiritual

256. [A iniciação ao conhecimento vivo e profundo de Cristo] Esta iniciação é a dimensão fundamental e característica do Período Introdutório. O candidato é acompanhado no caminho de assemelhar-se a Cristo, *Apóstolo do Eterno Pai*, que ele descobre presente em Vicente Pallotti, que dedicou a sua vida ao apostolado. O candidato entra em *um processo de seqüela da vida de Jesus*, uma vida

⁴⁹ Cfr. *ibidem*, nº 23.

⁵⁰ Cfr. *ibidem*, nn. 19-20.

humilde, obediente, laboriosa, pobre, casta e fiel, que cresce nele em sintonia com o carisma palotino⁵¹. Com a graça do Espírito, cada candidato deve pôr-se na busca de uma verdadeira e própria identificação com Cristo. “Não esqueçamos que vós, de modo especialíssimo, podeis e deveis dizer não só que sois de Cristo, mas que vos *tornastes Cristo*”⁵². Isto quer dizer que a pessoa do candidato termina sendo assumida na sua totalidade num processo de conversão e de transformação evangélica⁵³.

257. [A interioridade] O caminho da formação inicial deve estar especialmente vigilante e atento à interioridade. “Para imitar a N.S.J.C., escreve Pallotti, temos sobretudo necessidade de ter o seu espírito, ou seja, é preciso que todas as operações internas da nossa alma sejam semelhantes às do mesmo N.S.J.C., a fim de que o imitemos sinceramente também nas ações externas, que devem ser a verdadeira expressão das internas”⁵⁴. Para isto, será indispensável saber dar e guardar o espaço de silêncio e de solidão com Deus, de reflexão e de oração pessoal. Será necessário ensinar os candidatos a viverem com *atenção*, isto é, em atitude de *tensão em relação à santidade*, de modo que não escape nada daquilo que acompanha a caminhada deles⁵⁵.

258. [Os meios que favorecem a vida espiritual] O desenvolvimento da vida espiritual acontece através dos vários modos de estar em relação com Deus. Durante o Período Introdutório os candidatos são educados: **a.** a amar e meditar diariamente a *Palavra de Deus*, a pôr-se à escuta dela e a introduzir-se na prática da partilha da Palavra⁵⁶; **b.** a compreender e a amar a *Liturgia das Horas*, enquanto oração de Cristo e da Igreja e caminho espiritual⁵⁷; **c.** a viver a *Eucaristia* como ato central diário da vida e da comunidade palotina⁵⁸; **d.** a celebrar com

⁵¹ Cfr. ibidem nn. 30-31; *PI*, n° 47; veja também os nn. 31 e 87-89 desta *Ratio*

⁵² *VC*, n° 109.

⁵³ Cfr. *RdC*, n° 18; *PI*, n° 47.

⁵⁴ OCCC III, p. 38.

⁵⁵ Cfr. ibidem, p. 44.

⁵⁶ Cfr. *RdC*, n° 24.

⁵⁷ Cfr. *DG*, n° 37; *SC*, n° 99.

⁵⁸ Cfr. *LSAC*, n° 45; *RdC*, n° 26.

regularidade e profundidade o *Sacramento da Reconciliação*. A prática da Igreja demonstra que o nível espiritual e apostólico da vida depende da freqüência deste sacramento⁵⁹; e. a exercitar-se na *oração pessoal* segundo o espírito e o caráter apostólico da nossa fundação e experimentar-lhe a necessidade como uma autêntica respiração da alma; f. a que não faltem as tradicionais formas de oração recomendadas pela Igreja, como a adoração do SS. Sacramento, a Via Sacra, o Rosário, etc. Ao formar para o espírito de oração, é preciso seguir “o exemplo e o ensinamento do Santo Fundador, que, na própria vida, aliou a união com Deus e o ardor apostólico”⁶⁰. É necessário crescer na relação com a Virgem Maria, porque *Maria Rainha dos Apóstolos* é também “mestra da vida espiritual”⁶¹ e modelo de união perfeita com Jesus Cristo⁶². Vicente Pallotti, com o exemplo e com o ensinamento recomenda também dar importância à *direção espiritual*, um dos meios mais importantes do discernimento, neste período: o “freqüente encontro com o Diretor espiritual oferece maior garantia de estar na estrada certa e de perceber melhor o chamado de Deus”⁶³. Aprender a caminhar pessoalmente na vida espiritual supõe a iniciação à *revisão diária da vida*, confrontando-se especialmente com a Palavra de Deus e com a prática do amor fraterno; supõe a iniciação também “ao hábito e ao gosto de abordar os grandes autores da tradição espiritual da Igreja, sem limitar-se a leituras espirituais da moda”⁶⁴, isto é, iniciação a uma *leitura espiritual* acompanhada, adaptada aos fins apostólicos e ao crescimento pessoal de cada candidato.

A dimensão comunitária

259. [A fraternidade como vida] A nossa Sociedade tem para modelo da vida comunitária *Belém, Nazaré* e o *Cenáculo*. Pallotti nos convida a estar nestes lugares de modo inseparável e contínuo⁶⁵. O Período

⁵⁹ Cfr. João Paulo II, Exortação Apostólica *Reconciliatio et Paenitentia*, 1984, n° 31.

⁶⁰ *LSAC*, n° 42.

⁶¹ Cfr. o n° 65 desta *Ratio*

⁶² Cfr. *DG*, n° 32 e os nn.97-103 desta *Ratio*.

⁶³ Cfr. *DG*, n° 38; veja também *OOCC* III, p. 47 e o n° 60 desta *Ratio*.

⁶⁴ *PI*, n° 47.

⁶⁵ Cfr. *LSAC*, n° 13; veja também os nn. 99-101 desta *Ratio*.

Introdutório deve ajudar os candidatos a disporem-se a adquirir e desenvolver a vida fraterna evangélica, isto é, a fraternidade e a amizade. Com efeito, “a fé se aprofunda e se torna comunhão na comunidade, e a caridade encontra as suas múltiplas manifestações na concretude da vida diária⁶⁶. Na realidade trata-se de uma iniciação à fadiga e à alegria de viver, de caminhar, de servir e de formar-se juntos, isto é, de realizar uma passagem *do ser protagonista ao ser irmão*, através das pequenas virtudes: a escuta, o desejo e a busca efetiva do diálogo, a consciência de si, a disponibilidade para acolher a originalidade dos outros, para o olhar benévolo, para a gratuidade, para a abertura de um ao outro e às tarefas ordinárias que se realizam em comum nos diversos âmbitos⁶⁷. Porque é importante levar os candidatos a compreenderem que a comunidade não existe para si mesma, mas se forma em função de um objetivo, de uma responsabilidade comum para toda a Obra de S. Vicente Pallotti. Cria-se a comunidade com a disponibilidade de pôr voluntariamente em ação as próprias forças e capacidades para o próprio desenvolvimento. A partir dela surge o comportamento responsável no que diz respeito aos bens materiais da Sociedade e ao empenho efetivo e criativo na comunidade local⁶⁸.

260. [A participação na vida comunitária] A experiência demonstra que aquele que se limita a ser observador não compartilha a formação da vida da comunidade. Por isso, no Período Introdutório é preciso ter grande cuidado com as várias expressões da vida comum, quais a elaboração comum dos diversos programas e do plano geral das várias ocupações, com a atenção voltada para o emprego de meios simples⁶⁹; a participação nas orações e nas festas comuns, nas celebrações de aniversários, onomásticos e jubileus; a participação nos tempos comuns de repouso, de esporte e de recreação; o diálogo sobre temas do apostolado e da vida comum; o trabalho em pequenos grupos nos diversos planos, como o estudo, o serviço apostólico, a

⁶⁶ PI, n° 47.

⁶⁷ Cfr. *La vita fraterna in comunità*, nn. 35-43.

⁶⁸ Cfr. DG, nn° 47-48.

⁶⁹ Cfr. Ludwig Münz, *La nostra povertà*, Roma, 1980, nn. 10-12; *LSAC*, nn.28 e 227-228.

preparação da liturgia, o discernimento comunitário e os serviços domésticos⁷⁰.

261. [As atitudes da vida comunitária] No sentido de formar o espírito comunitário, é necessário o exercício prático das seguintes atitudes ou posições: **a.** Saber escutar os outros e dialogar com eles. **b.** Amar a comunidade com os seus sucessos, as suas dificuldades e as suas limitações. Não sonhar uma comunidade ideal e irreal. **c.** Aceitar as pessoas de cultura e mentalidade diferente. **d.** Aprender a perdoar sempre e a pedir perdão. **e.** Ser benévolos com todos os coirmãos. **f.** Valorizar seus esforços a alegrar-se com os seus sucessos. **g.** Abrir-se e aderir às disposições dos superiores. **h.** Mostrar contínuo interesse pelo trabalho apostólico e pelos principais acontecimentos da Província, da Sociedade e da União. **i.** Abrir-se ao pluralismo cultural⁷¹.

A dimensão apostólica

262. [As atitudes apostólicas] “A vida comunitária deve, desde a primeira formação, mostrar a intrínseca dimensão missionária da consagração. Por isso, durante o período da formação inicial, [...] será útil proceder a experiências concretas e prudentemente monitoradas pelo formador [...], para exercitar, em diálogo com a cultura ambiente, *as atitudes apostólicas*, as capacidades de adaptação, o espírito de iniciativa”⁷². Por outro lado, a Lei da SAC ensina que todos os membros da Sociedade, por sua decisão de seguir Jesus Cristo, *Apóstolo do Eterno Pai*, “devem estar cientes de que a sua mesma vida, apesar da diversidade de trabalhos confiados a cada um e das condições de saúde e idade, deve ser um verdadeiro apostolado e uma contribuição aos fins da Sociedade”⁷³. Para promover tal consciência é necessário que a formação durante o Período Introdutório ponha em grande relevo a dimensão apostólica da vida palotina⁷⁴. Por que, se, de

⁷⁰ Cfr. *LSAC*, nn. 52-53, 69 e 258; *DG*, n° 50.

⁷¹ Cfr. *DG*, n° 51; *LSAC*, n° 213.

⁷² *VC*, n° 67.

⁷³ *LSAC*, n° 215.

⁷⁴ Cfr. *Documenti del Capitolo Generale XII Straordinario*, “Noviziato”, n° 6.

um lado, é importante que o palotino progressivamente se forme uma consciência evangelicamente crítica em relação aos valores e desvalores da cultura própria e da que encontrará no futuro campo do seu trabalho apostólico, de outro lado, deve exercitar-se na difícil arte da unidade de vida, da mútua compenetração da caridade para com Deus, para com os irmãos e irmãs, experimentando que a oração é a alma do apostolado, mas também que o apostolado vivifica e estimula a oração⁷⁵.

263. [Os meios para a formação apostólica] Pelo que diz respeito à dimensão apostólica, durante o Período Introdutório, é preciso formar os candidatos para uma abertura apostólica em relação a todas as pessoas, e à cultura de cooperação com todos os membros da UAC⁷⁶. Para esta formação podem ser úteis, entre outros, os seguintes meios: **a.** Dar a devida importância às exposições dos fins apostólicos que se propunha o Fundador e à realização deles na história da União e da Sociedade do Apostolado Católico, como também à sua atualidade, à luz das necessidades da Igreja do nosso tempo. **b.** Apresentar a vida de Jesus Cristo, Apóstolo do Pai, da Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos, e de S. Vicente Pallotti sob o aspecto do cumprimento da missão recebida de Deus. **c.** Introduzir algumas atividades apostólicas a serem desenvolvidas também fora da comunidade, porém bem preparadas, acompanhadas e avaliadas⁷⁷. **d.** Mostrar aos candidatos a importância do reto uso dos *mass media*⁷⁸. Em tudo, será preciso conseguir encontrar equilíbrio e graduação, de forma que prossiga a maturação na consciência de ser “enviado”, de ser tornado *colaborador de Deus*⁷⁹. Principalmente se exige o caminho da interiorização, que consiste em passar do “fazer apostolado” ao “ser apóstolo”.

⁷⁵ Cfr. VC, n° 67; *Documenti del Capitolo Generale XII Straordinario*, “Esercizi di Pietà”, nn. 3-4; Società dell’Apostolato Cattolico, *L’Apostolato della Società oggi, Sviluppo e sfide*, nn. 7-11.

⁷⁶ Cfr. *Estatuto Geral da UAC*, nn. 12-13; DG, n° 52-53.

⁷⁷ Cfr. DG, n° 74; PI, n° 47.

⁷⁸ Cfr. DG, n° 54.

⁷⁹ Cfr. 1Cor 3,9 e 2Cor 6,1; Veja também São Vicente Pallotti, *Lettere latine*, p.126 e p. 190.

A dimensão carismática

264. **[A dimensão carismática]** A dimensão carismática quer principalmente fazer com que as pessoas amadureçam enquanto criadas à imagem de Deus e fazê-las crescer na imitação de Cristo, Apóstolo do Eterno Pai. Ela quer suscitar em todo candidato um *espírito palotino*, isto é, um espírito apostólico, aberto em relação a todos e animado por uma caridade concreta e vivida no dia a dia⁸⁰. A assimilação gradual destes valores e destas obrigações, inerentes à vocação e à consagração palotina, deve acontecer na comunidade do Período Introdutório, em cooperação com a fundação toda de Pallotti e com a ativa colaboração dos próprios candidatos à vida e à missão desta fase da formação. Só assim os candidatos podem adquirir a sua verdadeira identidade como membros da Sociedade a serviço da UAC⁸¹.

265. **[Os meios que favorecem a dimensão carismática]** Os candidatos, mediante aulas, diálogo e estudo pessoal do carisma, aprendem a conhecer: a pessoa e a vida de Vicente Pallotti, os seus ideais e o seu trabalho apostólico; a história e o desenvolvimento da sua fundação; a sua espiritualidade, o caráter e os pontos fundamentais da sua regra; a Lei da Sociedade com os Estatutos Provinciais; o Estatuto Geral da UAC; o significado da consagração como vinculação com Deus e com a Sociedade, no contexto da teologia da vida consagrada; a história da SAC e da UAC, e o estado atual da Obra de Vicente Pallotti⁸². É importante que, durante esta etapa da formação, os candidatos levem a efeito também algumas pesquisas pessoais sobre “assuntos palotinos”⁸³, por exemplo: *Vida e Obra do Fundador; aspetos fundamentais da espiritualidade palotina; desenvolvimento da UAC; apostolado palotino hoje*. É preciso também pôr em relevo algumas datas importantes da nossa história: o dia 9 de janeiro ou o 4 de abril, e as festas próprias da Sociedade e da UAC,

⁸⁰ Cfr. LSAC, nn. 10-17; *Estatuto Geral da União do Apostolado Católico*, nn. 14-21.

⁸¹ Cfr. *ibidem*, n° 283.

⁸² Cfr. DG, nn. 44-45.

⁸³ Esta pesquisa pode ser realizada, por exemplo, em forma de carta dirigida a uma pessoa com quem o candidato partilha a sua descoberta do Fundador ou da espiritualidade palotina.

isto é, a *Epifania do Senhor*, a festa da *Rainha dos Apóstolos* e a de *S. Vicente Pallott*⁸⁴.

266. [O Novinpal] Tendo em vista que a *Sociedade do Apostolado Católico* é parte integrante da *União do Apostolado Católico*, e que ela tem em comum com toda a Fundação a espiritualidade e a finalidade apostólica⁸⁵, é preciso, durante a formação inicial, promover diversas formas de cooperação entre as suas várias entidades. Para este fim, propõe-se: manter contato epistolar entre os diversos noviciados da realidade palotina no mundo inteiro e, onde as circunstâncias o permitam, desenvolver um programa *Novinpal* entre os diversos noviciados das Províncias da SAC e das Irmãs Palotinas residentes no mesmo país⁸⁶. Na realidade, uma tal cooperação pode concorrer para uma adequada formação daqueles que começam uma caminhada palotina, de forma a ajudá-los a definirem-se a si mesmos como membros da *Igreja mistério de comunhão e de missão*, e a procederem como tais, desenvolvendo, no confronto e no intercâmbio, atitudes de coresponsabilidade para a eficiência apostólica e para a espiritualidade de toda a União⁸⁷.

267. [A colaboração entre institutos] As iniciativas de colaboração no terreno da formação religiosa dizem respeito também à fase da formação inicial. Durante esta etapa há que favorecer, por exemplo, o conhecimento dos respectivos institutos religiosos, dos Fundadores e das Fundadoras e das diversas espiritualidades. É preciso, porém, ressaltar que a “colaboração entre institutos, na fase do noviciado, permanece na linha dos *serviços complementares*”⁸⁸. No caso, os

⁸⁴ Cfr. *LSAC*, n° 254.

⁸⁵ Cfr. *ibidem*, n° 1.

⁸⁶ O programa pode oferecer alguns cursos comuns sobre diversos assuntos palotinos: a espiritualidade e a identidade palotina, o Fundador, a sua Obra, etc. Podem organizar-se além disso retiros mensais comuns, exercícios espirituais ou ainda celebrar juntos as solenidades próprias da UAC. É preciso salientar que este programa diz respeito não só aos candidatos palotinos ou às candidatas palotinas, mas também aos seus formadores e formadoras. Muito importante, de fato, é a participação de todos os membros – padres, irmãos, irmãs e leigos – no processo de formação de uma equipe responsável, na qual todos sintam a exigência de “se formar juntos”.

⁸⁷ Cfr. *LSAC*, n° 4. *Estatuto Geral da UAC*, nn. 31-33.

⁸⁸ *Collaborazione inter-istituti per la formazione*, n° 15.

documentos da Igreja ensinam que “pode falar-se de cursos intercongregacionais para noviços e para noviças, separados entre si, mas não se pode falar de Noviciado intercongregacional”⁸⁹. Ao organizarem-se tais “serviços complementares” é preciso, além disso, oferecer um programa bem estruturado e harmônico, que deve abranger elementos fundamentais de Sagrada Escritura, de teologia espiritual, de liturgia e de vida consagrada, em especial, de cada um dos conselhos evangélicos. O programa deve também incluir “conceitos fundamentais de antropologia e de psicologia que ofereçam ao sujeito, no começo de sua caminhada formativa, a possibilidade de conhecer-se melhor”⁹⁰. Em todo caso, todos os temas serão aprofundados em função da formação. Dada a natureza desta etapa inicial, caracterizada pelo processo de maturação psicológica e de identificação carismática dos candidatos, os programas de colaboração devem prever também, nos limites do possível, encontros de formadores e formadoras para tratar temas pedagógicos específicos, que serão depois aprofundados nos respectivos noviciados. Entre estes temas, o desenvolvimento psicofisiológico, a maturidade afetivo-sexual e outros aspectos da maturação humana⁹¹.

AS APLICAÇÕES PRÁTICAS

268. [As condições para a admissão] A admissão ao Período Introdutório depende de condições que são fixadas pelo Direito comum da Igreja e pela Lei da nossa Sociedade⁹². Os pontos que se põem em relevo são os seguintes: **a.** *O grau de maturidade humana e cristã* requerido para que se possa iniciar o Período Introdutório sem precisar retroceder de um curso de formação para um curso geral de base ou para um simples curso de catequese⁹³; **b.** *A cultura geral de base*, que deve corresponder àquela que geralmente se espera de um jovem

⁸⁹ Ibidem, n° 14.

⁹⁰ Ibidem, n° 15.

⁹¹ Cfr. *PI*, n° 13 e nn. 39-41; *Collaborazione inter-istituti per la formazione*, n° 16.

⁹² Cfr. *CIC*, cân. 641-645; *LSAC*, n° 65; *DG*, nn. 10-15.

⁹³ Cfr. *PI*, n° 42-43. Quanto a este problema o documento diz: “Acontece, com efeito, que os candidatos que se apresentam não tenham todos concluído a sua iniciação cristã (sacramental, doutrinal e moral) e estejam em falta de alguns elementos de uma vida cristã ordinária” (n° 43).

que tenha terminado o currículo escolar normal em sua região. Principalmente é preciso que os candidatos estejam familiarizados com a língua em uso durante o Período Introdutório. Tratando-se da cultura de base, será conveniente todavia ter em conta a situação de certos países ou ambientes sociais, onde o nível de escolarização é relativamente baixo e onde, apesar de tudo, o Senhor chama candidatos à vida religiosa⁹⁴; **c.** *O equilíbrio afetivo*, especialmente o equilíbrio sexual, que supõe a aceitação do outro, homem ou mulher, no respeito de sua diferença. Será bom recorrer a um exame psicológico, respeitando o direito de cada um de preservar a própria intimidade⁹⁵; **d.** *A capacidade de viver numa comunidade apostólica sob a autoridade dos superiores*. Tal capacidade certamente se verificará melhor no correr do Período Introdutório, mas a questão deve ser posta antes. Os candidatos devem especialmente saber que existem outras vias para doar toda a própria vida ao Senhor, além de entrar para um instituto religioso⁹⁶.

269. [A admissão à consagração] “Terminado o Período Introdutório os candidatos são admitidos à primeira consagração, se o pedirem e se forem julgados idôneos”⁹⁷. A admissão à consagração pressupõe que o candidato: apresente ao Superior Maior requerimento por escrito; que seja, com certeza moral, considerado idêneo para pertencer à Sociedade, considerados a idade e o grau de formação⁹⁸. Na avaliação da idoneidade do candidato é preciso prestar atenção aos seguintes aspetos: nível da integração humana (afetiva e social); capacidade de viver e de cooperar na comunidade; conhecimento da espiritualidade e da obra palotina. No interesse do candidato e da comunidade, para a admissão à primeira consagração, requerem-se ainda circunspeção e prudência, mais que para a admissão ao Período Introdutório⁹⁹.

⁹⁴ Cfr. *PI*, n° 43.

⁹⁵ Cfr. *ibidem*; veja também os nn. 168-169 desta *Ratio*.

⁹⁶ *PI*, n° 43.

⁹⁷ *LSAC*, n° 78.

⁹⁸ Cfr. *CG*, n° 911; *LSAC*, n° 297.

⁹⁹ Cfr. *CG*, nn. 913 e 877; *LSAC*, n° 297.

CAPÍTULO VII

A PREPARAÇÃO PARA O MINISTÉRIO ORDENADO E PARA A CONSAGRAÇÃO PERPÉTUA

270. [Preâmbulo] S. Vicente Pallotti achava que, muitas vezes, depois da primeira consagração, havia quem voltasse atrás. Por isso insistia em que “para viver sempre na mais perfeita imitação da Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, [...] era preciso [...] andar *sempre para a frente* e crescer sempre na santidade e na perfeição evangélica”¹. E procurava promover inseparavelmente a “cultura espiritual, científica e ministerial”². De seu lado, tratando da formação dos professos temporários, a Igreja ensina que “a formação mediante a fusão harmônica dos vários elementos, deve acontecer de forma tal que contribua para a unidade de vida dos próprios religiosos”³, e prescreve também que “em cada instituto, depois da primeira profissão, seja continuada a formação de todos os membros para que possam levar integralmente a vida própria do instituto e tornar-se mais idôneos para realizar a sua missão”⁴.
271. [Os documentos anteriores] Este capítulo da *Ratio* não pretende substituir as *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia* (Diretivas para a formação sacerdotal dos estudantes de filosofia e teologia)⁵, nem os documentos sobre os Irmãos da nossa Sociedade⁶. Quer antes retomar o conteúdo e acrescentar novos aspetos para constituir um *todo único e harmonicamente integrado*. Assim

¹ OOC VII, pp. 63-64. Veja também o n° 36 desta *Ratio*.

² OOC I, pp. 171-177. Veja também o n° 17 desta *Ratio*.

³ PC, n° 18.

⁴ PI, n° 58.

⁵ Società dell’Apostolato Cattolico, *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, Roma 1989.

⁶ Società dell’Apostolato Cattolico, *I Fratelli della Società dell’Apostolato Cattolico (Os Irmãos da Sociedade do Apostolado Católico)*, Roma, 1995. Chamamos a atenção também para a carta do Reitor Geral Ludwig Münz, dirigida a todos os membros da Sociedade do Apostolado Católico sobre *Os Irmãos na nossa Sociedade*, Roma, 15 de outubro de 1982.

não se propõem dois capítulos diversos para a formação dos Padres e dos Irmãos da nossa Sociedade, porém, ao interior de cada parágrafo se distinguem as estruturas e os conteúdos que são diferentes.

O OBJETIVO E OS DESAFIOS

272. [Harmonia] A nossa Lei prevê que “As Províncias, ao aplicarem às próprias situações os princípios e as normas da Lei Fundamental, tenham o cuidado de que as diversas dimensões da formação – humana, intelectual, espiritual, comunitária, apostólica e carismática – alcancem a sua integração mediante um processo evolutivo, que comprometa toda a pessoa dos jovens e cada aspecto da sua vida”⁷. Assim, o objetivo e os desafios desta etapa da formação palotina consistem em desenvolver o crescimento nos conhecimentos científicos, nas aptidões pastorais e profissionais, na maturidade pessoal e na vida espiritual, de tal forma que todos estes aspectos fiquem relacionados entre si na maior harmonia possível. Trata-se principalmente de viver responsabilmente na comunidade e de participar plenamente no desempenho dos próprios encargos apostólicos⁸. Com efeito, a Igreja estabelece que todas as dimensões da formação sejam dirigidas para o objetivo pastoral com total harmonia⁹.

273. [Os desafios novos] Muitas vezes durante este período se manifestam problemas e desafios que até agora tinham ficado escondidos ou eram conhecidos mas não resolvidos. “Assim, por exemplo, ao passo que na sociedade ocidental, tentada pelo individualismo, a comunidade religiosa é chamada a ser um sinal profético da possibilidade de realizar, em Cristo, a fraternidade e a solidariedade. Nas culturas, tentadas pelo autoritarismo ou pelo

⁷ *LSAC*, n° 282.

⁸ *CG*, n° 954. Veja também: “La nostra formazione in genere” (“A nossa formação em geral”), *Documenti del Capitolo Generale XII Straordinario della SAC*, n° 4. Salientamos que Pallotti, desde o começo, procurava estabelecer, em todos os níveis da formação, uma ligação estreita e íntima entre a cultura espiritual, as ciências eclesiásticas e as experiências apostólicas. A respeito veja o n° 38 desta *Ratio*.

⁹ Cfr. *OT*, n° 4; *PDV*, n° 57.

comunitarismo a comunidade religiosa é chamada a ser um sinal de respeito e de promoção da pessoa humana”¹⁰. Num clima diverso, é preciso continuar este processo de formação integral, harmonizando os diversos aspectos da preparação humana, espiritual, intelectual e apostólica.

274. [As diferenças de idade e de nível] Mesmo que todos quisessem tornar-se membros da Sociedade, nem todos entrariam nela com o mesmo nível de cultura humana e cristã ou com a mesma idade. Assim, deve-se prestar uma atenção toda especial em cada pessoa, especialmente naquelas que, por sua idade, encontram mais dificuldades para estudar. É preciso acertar o passo com eles.

275. [Os desafios de um compromisso perpétuo] O período de que tratamos conduz à consagração perpétua. Assim os coirmãos devem caminhar em um estado de vida sempre *ad experimentum* (em experiência) em direção de uma decisão “para toda a vida”. O contexto em que vivemos hoje não favorece tal decisão. É um contexto em contínua evolução, que põe à prova todos: jovens e velhos, namorados, casados e membros de consagração religiosa. Em alguns contextos culturais, marcados por histórias de separação familiar e por número decrescente de membros das comunidades religiosas, o compromisso por toda a vida não é fácil e demanda confiança. Na verdade, a “sociedade de hoje, à estabilidade, à espera paciente e ao compromisso por toda a vida, prefere a mobilidade, a velocidade das relações humanas breves, que despertam sensações de superficialidade e de aceleração contínua e comunicam um senso de temporalidade”¹¹. É uma necessidade indispensável chegar a uma maturidade suficiente para tomar as próprias decisões responsabilmente e “por toda a vida”.

276. [Duração do período] O segundo período da formação, iniciado com a primeira consagração, termina, para os candidatos ao ministério ordenado, com a ordenação sacerdotal, e, para os Irmãos,

¹⁰ *La vita fraterna in comunità*, nº 52.

¹¹ VII Congresso Consultivo dos Superiores Maiores da SAC, Konstancin, 1-10 de outubro de 2002, p.17.

com a consagração perpétua. “As normas fundamentais da formação são idênticas para toda a Sociedade”¹², porém algumas Províncias prevêem, antes da profissão perpétua, um período de preparação mais intensa, excluindo as ocupações habituais. Esta prática merece ser encorajada e ampliada¹³. Sempre de acordo com os estatutos de cada Província, que nos diversos contextos culturais desenvolveram as suas normas próprias de formação teológica, intelectual, pastoral e profissional, deve-se reservar um espaço de tempo suficientemente amplo, para fazer da formação um processo evolutivo que passa pelos graus da maturação pessoal: do grau humano e espiritual ao teológico e pastoral¹⁴. De acordo com *Diretivas para a formação sacerdotal dos estudantes de filosofia e teologia*, os estudos filosóficos duram pelo menos dois anos e os estudos teológicos, pelo menos quatro anos¹⁵.

O CONCEITO, O CONTEÚDO E A PEDAGOGIA DA ETAPA

277. [As casas e as escolas da comunhão] Depois do Período Introdutório e da primeira consagração os nossos coirmãos estão já mergulhados na vida comunitária, nas suas regras e nas experiências da vida espiritual. Num clima diferente, é preciso contudo continuar este processo, harmonizando os diversos aspectos da preparação humana, espiritual, intelectual e apostólica, pondo toda a atenção por que seja favorecida a *integração harmônica* dos diversos aspectos. Por que a nossa formação se desenvolve sobre o fundo de uma eclesiologia e de uma espiritualidade de comunhão¹⁶, devemos considerar a ambas como um dom aos nossos tempos por parte do Fundador e do Concílio Vaticano II e como o *ninbo quente* no qual os nossos candidatos devem ser formados. Por este motivo é importante formar “os nossos” no espírito da União do Apostolado

¹² Cfr. *LSAC*, nn. 68, 71 e 80. Há diversas estruturas do postulado, do noviciado, dos estudos de filosofia, de teologia e de outras matérias na Índia, na África, na Europa e nas Américas.

¹³ Cfr. *PI*, n° 64.

¹⁴ Cfr.; *VC*, n° 65.

¹⁵ Cfr. nn.57 e 61.

¹⁶ Cfr. *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, op. cit., n° 7; *VC*, nn. 46-54; *RdC*, nn.28-31; *NMI*, n° 43. Veja também nn. 107-108 desta *Ratio*.

Católico, fazendo das nossas comunidades de formação *as casas e as escolas da comunhão*¹⁷.

- 278. [Na União, com a União e pela União]** Elemento essencial da nossa formação, nesta etapa, é a inserção e envolvimento, mediante experiências comunitárias, na *União do Apostolado Católico*. O programa da formação deve levar em conta estas experiências e favorecer a abertura dos membros em formação a todos os fiéis da Igreja. Na medida do possível, o programa formativo da UAC deverá ser adaptado à formação dos nossos membros. Conseqüentemente, na vida diária, na comunidade de estudo, nas experiências pastorais e profissionais e nas relações com Deus e com os outros, os nossos membros se formarão para uma cultura e para uma atitude de colaboração e de partilha no seio da Igreja. Assim eles serão ajudados a compreender e a viver em profundidade o carisma da nossa comunidade para melhor servir a Igreja e a humanidade toda.
- 279. [As exigências dos estudos]** Neste período trata-se de recolher os frutos das etapas anteriores e de prosseguir no próprio crescimento humano e espiritual com a prática corajosa daquilo para o que a pessoa se comprometeu. A manutenção do impulso espiritual dado no curso do Período Introdutório, é tanto mais necessária quanto a passagem aos estudos e à preparação profissional exigem uma colaboração estreita entre todas as dimensões da formação. Trata-se, por exemplo, de seguir o percurso acadêmico em conformidade com as exigências do instituto onde se fazem os estudos. “Tais estudos sejam programados, não como se fossem quase uma realização de si mal entendida, destinada a alcançar finalidades individuais, mas a fim de que sejam capazes de responder às exigências de projetos apostólicos da própria família religiosa, em harmonia com as necessidades da Igreja”¹⁸. Em locais em que “os nossos” freqüentem institutos que não nos pertencem, depende da

¹⁷ Cfr. *NMI*, n° 43 e *RdC*, n° 28.

¹⁸ *PI*, n° 65.

comunidade palotina local a organização da formação, que continue a introdução à espiritualidade e à identidade palotina.

280. [A unidade da vida] Os grandes desafios da Igreja e do mundo de hoje devem tornar-se o coração palpitante dos membros da SAC. Desta assimilação tem origem uma tensão inevitável e uma cruz a ser carregada: reconciliar em si o carisma pessoal e o da comunidade. A vocação é, ao mesmo tempo, chamado pessoal e chamado para uma comunidade. A comunidade deve ajudar a encontrar e realizar o carisma de cada membro, do qual exige, porém, disponibilidade para as próprias tarefas. A fim de preparar-se para elas, o membro deve desenvolver em si uma atitude equilibrada entre ação e contemplação; entre santidade e apostolado; entre universal e particular; entre quantidade e qualidade; entre compromisso individual e cooperação com todos, etc.¹⁹. Assim se tende para a unidade da vida: em fidelidade a Cristo e ao Evangelho, à Igreja e à sua missão no mundo, à vida religiosa e ao nosso carisma, ao homem e ao nosso tempo²⁰.

281. [A pedagogia universal] Em toda a caminhada formativa palotina é importante e necessário praticar uma pedagogia universal. Porque, de fato, Pallotti elogia a universalidade dos métodos e dos meios. A sua pedagogia não se liga com exclusividade a nenhuma escola espiritual, método ou fórmula. É uma pedagogia aberta, inclusiva e universal, ao serviço da unidade dos carismas no seio da Igreja. Por conseguinte, a pedagogia palotina deverá levar à cooperação de todos os métodos, de todas as escolas, de todos os meios *necessários e oportunos*, capazes de formar, para um apostolado universal exercido nas pegadas de *Cristo Apóstolo*²¹.

A PESSOA CHAMADA

282. [O indivíduo chamado] Depois do Período Introdutório os coirmãos de consagração temporária devem compreender que são

¹⁹ Veja, por exemplo, o n.º 73 desta *Ratio*.

²⁰ Cfr. *PI*, n.º 18.

²¹ Cfr. nn. 70-71 desta *Ratio*.

os primeiros responsáveis pela própria formação. “O (indivíduo) chamado [...] é incessantemente convidado a dar uma resposta atenta, nova e responsável”²². Em outras palavras, “a responsabilidade pelo desenvolvimento da vocação recai principalmente sobre a própria pessoa chamada. [...] A sua resposta deverá ser sempre um novo e contínuo ‘sim’, também quando a situação se torne diversa ou surjam outras dificuldades”²³. Assim, durante os anos de estudo e de formação profissional, a pessoa chamada deve continuar a formar-se no plano humano, espiritual e apostólico, desenvolvendo, juntamente com seus formadores, um programa de formação personalizada. Isto é necessário principalmente para superar problemas ainda não resolvidos de história familiar e dificuldades de integrar-se na comunidade como pessoa chamada.

283. [Os candidatos ao ministério ordenado] Ao estabelecer as disposições para o segundo período da formação dos membros que aspiram às sagradas ordens, as Províncias devem ter em conta as normas da Igreja universal²⁴. “A formação dos membros que se preparam para receber as sagradas ordens se regula pelo direito universal e pelo plano de estudos próprio do instituto”²⁵. As normas do direito comum da Igreja encontram a sua aplicação nas respectivas disposições da Conferência dos Bispos, as quais vinculam também os membros da Sociedade²⁶. Apesar da formulação de cada programa, deve-se “ter presente a unidade interna do ensino e a harmonização das diversas disciplinas. Os religiosos devem ter consciência de que não são diversas ciências, mas uma só a que devem aprender: a ciência da fé e do evangelho.

²² Cfr. PI, n° 29.

²³ *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, op. cit., n° 86.

²⁴ Assinalamos que se trata principalmente dos textos do Concílio Vaticano II: *Perfectae Caritatis* e *Optatam totius*; de duas Exortações Apostólicas de João Paulo II: *Pastores dabo vobis* (1992) e *Vita consecrata* (1994); de dois documentos da Congregação para a Educação Católica: *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis* (1985) e *Direttive per la preparazione degli educatori nei seminari* (1993); de três textos da Congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica: *Potissimum institutioni* (1990), *La collaborazione inter-istituti per la formazione* (1999) e *Partir de Cristo*, um renovado compromisso da Vida Consagrada no terceiro milênio (2002).

²⁵ PI, n° 103. Quanto a nós, trata-se aqui das *Direttive per la formazione sacerdotale* da SAC.

²⁶ Cfr. CG, n° 959.

Neste sentido, é preciso evitar de colocar juntos demasiadas disciplinas e cursos”²⁷.

284. [Enriquecimento recíproco] Principalmente para os candidatos ao sacerdócio, deve-se esclarecer o papel do presbiterado para a própria pessoa e na UAC. A missão própria do presbiterado, a finalidade apostólica da UAC e o carisma individual do palotino presbítero devem crescer num único projeto pessoal. O membro aprenderá a nutrir-se da espiritualidade da comunidade palotina e, ao mesmo tempo, da espiritualidade presbiteral: anunciar a Palavra, acompanhar a comunidade e celebrar os sacramentos. Como sacerdote, na comunidade deve adquirir uma especial disponibilidade para o serviço da UAC e da Igreja universal. Ao mesmo tempo, a comunidade requer a sua disponibilidade para os serviços internos, espirituais e administrativos: reitor, ecônomo, secretário, etc. O ideal seria não justapor a vida religiosa e o exercício da ordem sacra, mas fundir os dois elementos numa entidade única e original. Por que a consagração presbiteral é assumida, qualificada e vivificada pelo espírito e pela missão própria da consagração palotina e, vice-versa, ela assegura, enriquece e torna fecunda a identidade pastoral da vocação palotina²⁸.

285. [Os irmãos] Os princípios de uma formação comum para todos os membros da Sociedade estão bem estabelecidos²⁹. Porém enquanto o papel pastoral do sacerdote aparece bem definido, o papel e a missão do irmão exigem um empenho de maior aprofundamento da parte dos formadores, dos membros e dos mesmos candidatos”. A Lei da Sociedade dá grande incentivo à formação espiritual,

²⁷ *PI*, n° 61.

²⁸ *Ibidem*, nn. 102-109. “A formação do religioso presbítero deve ter em conta a sua futura inserção no presbitério de uma igreja particular, sobretudo se deve aí exercer algum ministério, tendo presentes todavia as características de cada instituto” (n° 109).

²⁹ Cfr. *LSAC*, nn. 67-71. Antes de falar das diversas dimensões da nossa formação, deve-se sublinhar o desafio especial para as nossas comunidades de dar uma adequada formação aos Irmãos. O papel dos irmãos mudou muito nos últimos anos, de acordo com os ambientes nacionais e culturais. É preciso levar em conta o seu número descendente e, em consequência, a sua situação de minoria.

profissional, cultural e teológica do irmão”³⁰. De acordo com o documento sobre os irmãos, todos eles “devem receber uma formação em filosofia e teologia, sem serem necessariamente ligados ao sistema de preparação dos candidatos ao sacerdócio. Na verdade, trata-se de uma exigência dos nossos dias e das pessoas comprometidas com Deus e com a humanidade”³¹. Em outras palavras, é necessário oferecer ao irmão o mesmo direito de formação, também especializada, como a todos os membros da Sociedade. Isto vale também para a formação pastoral. Para realizar este direito, os superiores devem dar espaço e tempo aos Irmãos, depois da primeira consagração, sem logo estabelecer para eles tarefas que excluam uma ulterior formação³².

286. [Elementos comuns e elementos próprios] Parece importantíssimo na formação sublinhar os elementos comuns para todos os membros da Sociedade: a alimentação da vida de consagração a Deus, o espírito apostólico universal, o espírito de serviço e de abertura, o amor, a comunhão e a colaboração eclesial, etc. De outro lado, é necessário oferecer aos Irmãos elementos especiais de formação, porquanto a escolha da sua vocação na nossa comunidade não se funda sobre a incapacidade de ter êxito nos estudos e chegar a ser presbítero, mas sobre a sua vocação e carisma pessoal de querer contribuir para as obras do apostolado. Para este efeito se orientam, ao lado da sólida formação profissional, a formação teológica e pastoral, a fim de que possam ser capazes de prestar um serviço nos diversos campos do apostolado e estejam ao par dos problemas atuais da vida e da fé³³. Especialmente nos nossos institutos de teologia põe-se a questão de uma formação comum dos seminaristas e dos Irmãos. Isto favoreceria um enriquecimento recíproco, desde que somos uma comunidade de Irmãos e de Sacerdotes. De acordo com as circunstâncias, os dois grupos podem passar um período de tempo juntos, sem descuidar a formação

³⁰ *I Fratelli della SAC*, n° 23.

³¹ *Ibidem*.

³² *Cfr. ibidem*, nn. 22-36.

³³ *Cfr. I Fratelli della SAC*, nn. 29-32.

especial do Irmão, deixando bem claro o respectivo papel e a importância da dimensão laical da nossa comunidade.

OS FORMADORES E O AMBIENTE EDUCATIVO

287. [Os protagonistas da formação] Toda a Sociedade tem a graça e a responsabilidade de acompanhar quantos o Senhor chamar a se tornarem Sacerdotes e Irmãos na nossa comunidade³⁴. Uma responsabilidade especial recai, porém, sobre o Conselho Geral, ajudado pelo Secretariado Geral para a Formação, e sobre os Conselhos Provinciais³⁵. Por sua vez, cada Província deve ter o cuidado de preparar um suficiente número de membros qualificados para a formação e para o ensino; para estabelecer conteúdos, para orientar a organização e a duração da formação; para providenciar no sentido de se observarem as normas do direito comum, a fim de que se ponha em relevo o carisma da Sociedade, se tenha em conta o ambiente sócio-cultural e se salvguarde, em toda a Sociedade, a unidade fundamental da formação³⁶.

288. [Os formadores] O responsável primário da formação no seminário ou na casa de formação, é a *comunidade que educa*, à qual é confiada a formação humana, espiritual, intelectual, pastoral, comunitária e palotina dos candidatos. Esta comunidade se articula em torno de diversos formadores: o reitor, o diretor espiritual, o prefeito dos estudantes e os professores. De acordo com longa experiência da Igreja universal, faz-se a separação na formação entre *foro externo e foro interno*, a fim de oferecer espaço para abrir-se profundamente³⁷. De acordo com as diversas competências em

³⁴ Cfr. *LSAC*, n° 70.

³⁵ Cfr. *ibidem*, nn. 71-73. *Regolamento per il servizio e la collaborazione del Segretariato per la Formazione con il Consiglio Generale*, n° 1.

³⁶ Cfr. *CG*, n° 955. Veja também *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, nn. 87-88; *I Fratelli della SAC*, n° 28.

³⁷ Cfr. *PDV*, nn. 61 e 66; *CG*, n° 840; *Direttive per la preparazione degli educatori nei Seminari*, nn. 44 e 61. Na Igreja se distinguem diversos campos da sua operosidade e poder de governo, isto é, o *foro externo* (forum externum) e o *foro interno* (forum internum) que se divide por sua vez no *foro interno sacramental* e *foro interno não sacramental*. Para esta distinção entre *foro externo* e *interno*, veja: *CG*, nn. 176-180.

pedagogia, psicologia, cultura e outras ciências humanas, revela-se importante envolver também outras pessoas na obra formativa dos futuros Sacerdotes e Irmãos da nossa Sociedade: fiéis leigos, homens e mulheres, Irmãs, os Sacerdotes diocesanos e os membros da UAC e dos diversos institutos religiosos³⁸.

289. [Formação dos formadores] O futuro da preparação dos nossos candidatos está na escolha e na formação dos formadores. Já o Concílio Vaticano II tinha falado da importância dos formadores e da sua preparação³⁹. Escolher os coirmãos idôneos para a obra educativa é responsabilidade do Provincial e do seu Conselho, juntos⁴⁰. Para este ministério devem ser escolhidos Sacerdotes e Irmãos de vida exemplar, capazes de tornar-se constantemente *sempre mais* idôneos pela posse de sempre melhores qualidades, para o encargo a eles confiado. Assim: a experiência pastoral, a competência profissional, um amor vivo por nosso Fundador, a consciência vivida da identidade palotina, o espírito de comunhão e de colaboração, o conhecimento dos modos de construir a comunidade, a prontidão para ouvir, a maturidade humana, a abertura à cultura, a experiência em buscar e encontrar Deus na oração e nos homens, a arte do discernimento dos espíritos, um profundo espírito de fé e de amor pela Igreja⁴¹. De sua parte, Pallotti se prometia da parte de um formador que fosse, antes de tudo, um ‘homem de Deus’ e que se entregasse à sua missão ‘dia e noite’⁴².

290. [A comunidade como espaço de formação] Os coirmãos em formação são chamados a edificar uma comunidade em que todo membro possa sentir-se em casa. Nela “cada qual aprende a viver com aquele que Deus pôs a seu lado, aceitando-lhe as características positivas e, juntamente, as diversidades e os limites”⁴³. É o que vem

³⁸ Cfr. PDV, n° 66.

³⁹ Cfr. OT, n° 5.

⁴⁰ Cfr. *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, nn. 88; Veja também *Documento finale della XVIII Assemblea Generale*, n° 7. 1.

⁴¹ Cfr. PDV, nn. 66-67; VC, n° 66; *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, nn. 89-90.

⁴² Cfr. o n° 54 desta *Ratio*.

⁴³ *Ibidem*.

ao encontro das expectativas de muitos jovens de hoje, que buscam a vida de comunidade. Nossa tarefa é a de ajudá-los a edificar um espaço eclesial mediante celebrações e orações comunitárias, diálogo, abertura recíproca, reconciliação e hospitalidade, sem mascarar os problemas que existem. Para ir de encontro à execução desta tarefa, é imprescindível que, durante todo o período desta etapa, os formadores ensinem a ajudar a pôr em ação este processo de edificação da comunidade⁴⁴. Mas, no tempo de formação, é também necessário prosseguir no justo equilíbrio, não sempre fácil de alcançar, entre o respeito da pessoa e o bem comum, entre as exigências e as necessidades de cada qual e as da comunidade formativa, entre os carismas pessoais e o projeto apostólico da comunidade, e equilíbrio “igualmente afastado do individualismo desagregante quanto do comunitarismo nivelador”⁴⁵. É necessário que os formadores levem os nossos candidatos a experimentar que a comunidade religiosa é o espaço onde acontece a cotidiana paciente passagem do *eu* ao *nós*, do meu compromisso ao compromisso confiado à comunidade, da busca das *minhas coisas* à busca das *coisas de Cristo*⁴⁶.

291. [A exigência de “formar-se juntos”] Um outro espaço privilegiado para a formação palotina é uma comunidade formada por Sacerdotes, Irmãos, Irmãs e leigos qual expressão visível da experiência peculiar de vida eclesial que se funda na comunhão. Para isto, no processo de formação dos nossos candidatos, é muito importante a participação e a colaboração de todos os membros da União⁴⁷. Recomenda-se, pois, que se dê espaço a experiências de “formação palotina com a recíproca colaboração entre a SAC e as outras entidades da UAC, procurando a possível maior compreensão e clareza da nossa identidade e do nosso carisma”⁴⁸. Esta colaboração para a formação, no plano UAC, deve efetuar-se nos diversos campos, da pastoral vocacional à formação

⁴⁴ Cfr. *La vita fraterna in comunità*, nn. 11-43.

⁴⁵ *La vita fraterna in comunità*, n° 39.

⁴⁶ Cfr. *ibidem*.

⁴⁷ Cfr. *Memoria e profezia dell'Unione dell'Apostolato Cattolico*, n° 36.

⁴⁸ *Documento finale della XVIII Assemblea Generale*, n° 7.1.

permanente, passando pela formação dos jovens professos e professoras e pela formação dos formadores⁴⁹.

OS MÉTODOS E OS MEIOS

A dimensão humana

292. [No sentido da maturidade humana]⁵⁰ Entre os temas importantes para uma vida de contínua busca de Deus está o do crescimento humano. Durante esta etapa da formação, trata-se principalmente de descobrir e desenvolver os próprios talentos e potencialidades, e de estar consciente das próprias fraquezas e dos próprios limites. Desenvolver a capacidade de trabalhar junto com os outros, de aprender a empregar bem o tempo livre, de adaptar-se a novas condições de vida e a mentalidades diferentes, de perseverar na oração, não obstante compromissos de trabalho. No correr do progressivo autoconhecimento, devem perceber-se com clareza as dependências erradas e perigosas – pessoas, costumes, televisão, *mass media*, álcool, etc. – e lutar contra elas. Uma vez que a vida religiosa em comunidade conhece períodos “de deserto”, é importante não separar-se dela nesses tempos difíceis. É também importante valorizar bem a ajuda dos meios formativos da psicologia, que favorecem o autoconhecimento da pessoa no que diz respeito às questões a que dar resposta e aos problemas a serem resolvidos. Fazendo uso dos meios da psicologia, será preciso sempre estar atentos ao conceito do homem e da vida religiosa precedente⁵¹.

293. [A maturação afetiva] De especial importância é a capacidade de relacionamento com os outros, elemento verdadeiramente essencial para quem é chamado a tornar-se pessoa de cooperação e de comunhão⁵². Neste contexto se insere a importância da formação

⁴⁹ Ibidem, n° 7.3.

⁵⁰ Cfr. *OT*, n° 11; *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, nn. 22-29. Veja também o capítulo III desta *Ratio*, nn. 163-167.

⁵¹ Veja os nn. 118-121 nesta *Ratio*.

⁵² Cfr. *PDV*, n° 43 e o n° 107 desta *Ratio*.

para a maturação afetiva, isto é, para uma educação ao amor responsável, que envolva toda a pessoa nas suas dimensões e componentes físicas, psíquicas e espirituais; para uma educação à sexualidade, que abra espaço para a estima do celibato e da castidade vivida na fidelidade e na alegria; para uma educação da consciência moral para uma liberdade responsável madura, que se configure como obediência convicta e cordial no dom sincero de si⁵³. Sem a devida atenção a esta dimensão humana, toda a formação palotina ao ministério ordenado e à vida consagrada ficaria privada do indispensável fundamento.

A dimensão espiritual

294. [A manutenção do impulso espiritual] A dimensão espiritual constitui um elemento de máxima importância na educação palotina. Sem ela, a dimensão apostólica ficaria sem fundamento. Por isso que a manutenção do impulso espiritual, dado pelo Período Introdutório, é tanto mais necessária quanto, na nossa Sociedade, dedicada ao *apostolado universal*, a passagem a um estilo de vida mais aberto e a atividades demasiado comprometedoras comporta, muitas vezes, riscos de desorientação e de aridez⁵⁴. Esta dimensão deve constituir o *coração* que unifica e vivifica o *ser* e o *fazer* do Sacerdote e do Irmão palotino. Além dos elementos propriamente palotinos, é preciso assinalar as regras que valem para quantos se dedicam seriamente à vida espiritual e religiosa. A esta cabe, além do mais, o crescimento na escolha de Deus como o Todo da própria vida e o ritmo de constante participação da liturgia e da oração comunitária. À vida espiritual e religiosa cabe a descoberta do valor do silêncio exterior e interior, cabe conceder-se espaços e tempos para permanecer a sós com Deus. Cabe imitar a Maria, Rainha dos Apóstolos, modelo de fé e de zelo apostólico, cabe conhecer e amar a Igreja⁵⁵. Da mesma forma que todo homem tem necessidade de ajuda para chegar a uma autoconsciência mais profunda de si

⁵³ Cfr. *ibidem*, nn. 44 e 50. Veja também *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, nn. 26-29; *VC*, nn. 88 e os nn. 168-169 desta *Ratio*.

⁵⁴ *PI*, n.º 59.

⁵⁵ Cfr. o capítulo II desta *Ratio*.

mesmo, é indispensável encontrar um acompanhador espiritual e permanecer-lhe fiel⁵⁶.

295. [A conformação com Cristo] A iniciação à *sequela Christi* – seguimento, seqüela de Cristo – deve ser a preocupação central de toda a formação palotina, porquanto “a vida de N.S.J.C. é a regra fundamental da nossa mínima Congregação”⁵⁷. De fato Vicente Pallotti concebe a caminhada formativa como um aprendizado para imitar Cristo, *enviado pelo Pai*, imitação que consiste em cooperar com Deus e com os irmãos para a salvação da humanidade. De acordo com nosso Fundador, aqueles que cooperam para a salvação das almas, são os mais perfeitos imitadores de Jesus Cristo, que veio a esta terra para realizar a obra da redenção das almas, para a glória do Pai celeste⁵⁸. Trata-se acima de tudo de fazer crescer as atitudes relacionadas por Pallotti na “Memória prática quotidiana”: a confiança em Deus, o não buscar a própria glória mas, em vez, o amor infinito da glória do Pai e da salvação das almas, a mansidão do coração de Jesus, a alegria, o espírito de sacrifício, de serviço, de simplicidade, de sobriedade, de zelo apostólico e de misericórdia⁵⁹. Somente na perspectiva da conformação com Cristo podem também viver-se, com satisfação e como sinal compreensível, os conselhos evangélicos. O fundamento desta conformidade com Cristo continua sendo a fiel meditação da Palavra de Deus, que deve ser elemento essencial da dimensão espiritual, durante a caminhada formativa toda⁶⁰. É preciso conhecer e aprofundar o modo de ler e de rezar com a Bíblia, individualmente e em comunidade; participar da liturgia e principalmente da Eucaristia diária, praticar a revisão de vida, a *lectio divina* (leitura espiritual), a Liturgia das Horas, etc.⁶¹.

⁵⁶ Cfr. *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, nn. 45-51.

⁵⁷ OOCC III, p. 42. Veja também os nn.31 e 85-90 desta *Ratio*.

⁵⁸ Cfr. OOCC XI, p. 256. Veja também os nn. 42 e 64 desta *Ratio*.

⁵⁹ Cfr. OOCC III, pp. 34-39. Veja também o n° 89 desta *Ratio*.

⁶⁰ Cfr. PDV, n° 47; *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, n° 48; *I Fratelli della Società dell'Apostolato Cattolico*, n° 47.

⁶¹ Cfr. PI, nn, 61 e 76. *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, n° 46-51; *I Fratelli della Società dell'Apostolato Cattolico*, nn. 46-49; *Enciclica sull'Eucaristia* (2003). Congregazione per l'Educazione Cattolica, *Istruzione sulla formazione liturgica nei Seminari*, Roma, 1979.

296. [A vida de oração e o valor do silêncio] “A primeira e fundamental forma de resposta à Palavra de Deus é a oração, que constitui, sem nenhuma dúvida, um valor e uma exigência primária da formação espiritual”⁶². Cultivando o espírito de oração pessoal e comunitária “seguimos o exemplo e o ensinamento do S. Fundador, que juntou na própria vida a união com Deus e o entusiasmo apostólico e soube dar à mesma oração um caráter apostólico”⁶³. Com efeito, “oração e apostolado são essencialmente inseparáveis. Sem a união com Deus na oração, o nosso trabalho apostólico fica sem fruto. Por isso, o nosso apostolado deve ter começo na oração, voltar à oração e tornar-se ele mesmo oração”⁶⁴. No contexto de agitação e de barulho como o da nossa sociedade, uma educação para o valor religioso do silêncio e da solidão é necessária. O santo silêncio nos dispõe para a santa oração – escreve Pallotti; e a s. oração e o s. silêncio nos levam à íntima união com Deus. Quem não ama o silêncio e a oração, com isto, não quer a íntima união com Deus”⁶⁵.

297. [A direção espiritual] Seguindo a tradição dos primeiros padres do deserto, dos fundadores das famílias religiosas e do nosso santo Fundador, em assunto de disposições para a direção espiritual⁶⁶, cada casa de formação, principalmente as que reúnem um número grande de professores temporários, deverá designar, para os jovens, nesta etapa da formação pelo menos uma pessoa, como guia e diretor espiritual. Esta direção espiritual, que “não poderá ser substituída por descobertas psicopedagógicas”⁶⁷, deverá ser favorecida com a disponibilidade de pessoas competentes e qualificadas. As principais responsabilidades da direção são: discernir a ação de Deus; acompanhar os candidatos nos caminhos de Deus; nutrir a vida deles com sólida doutrina e prática da oração;

⁶² PDV, n° 47

⁶³ LSAC, n° 42.

⁶⁴ *Documenti del Capitolo Generale XII Straordinario*, “Esercizi di pietà”, n° 4.

⁶⁵ OOCC III, p. 44.

⁶⁶ Veja os nn. 55-60 desta *Ratio*.

⁶⁷ PI, n° 63.

ajudar a avaliar o caminho percorrido; tornar conhecido e amado o carisma palotino e levar a redescobrir a beleza e a paz do Sacramento da Penitência⁶⁸.

298. [A vida de consagração] A formação para a vida de consagração consiste em aprofundar a consciência do dom da consagração e em assumir um estilo de vida que seja expressão de uma total doação a Deus e ao próximo⁶⁹. Tanto os candidatos ao ministério ordenado como os Irmãos serão motivados pela profunda certeza de que consagrar-se a Deus quer dizer servir aos homens, e servir aos homens quer dizer consagrar-se a Deus⁷⁰. Na perspectiva da caridade de Cristo, que “é o motivo da nossa consagração por toda a vida e [...], a cada dia, dá nova força”⁷¹, encontra o seu lugar na formação espiritual do futuro Sacerdote ou Irmão palotino a educação à castidade, à pobreza e à comunhão dos bens, à obediência, ao espírito de serviço e à perseverança⁷².

A dimensão intelectual

299. [O crescimento intelectual] O atual fenômeno do pluralismo no âmbito, não só da sociedade humana mas também da comunidade eclesial, requer uma especial atitude de discernimento crítico e revela a necessidade de uma formação intelectual séria⁷³. Segundo Pallotti “não basta que o clero seja santo, deve ser também douto”⁷⁴. De fato, o compromisso com o estudo não pode ser um componente exterior e secundário do crescimento humano, cristão, espiritual e vocacional do futuro Sacerdote ou Irmão palotino. Mediante o estudo da filosofia e das ciências modernas, que têm como objeto o

⁶⁸ PI, n° 63; *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, n° 50; *I fratelli della Società dell'Apostolato Cattolico*, n° 53.

⁶⁹ Cfr. LSAC, nn. 18-19. Veja também o capítulo IV desta *Ratio*.

⁷⁰ Cfr. *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, n° 37; *I Fratelli della Società dell'Apostolato Cattolico*, n° 25.

⁷¹ *Documenti del Capitolo Generale XII Straordinario*, “La consacrazione nostra”, n° 6.

⁷² Cfr. LSAC, nn. 18-41 e nn. 218-247; *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, nn. 39-44; *I Fratelli della Società dell'Apostolato Cattolico*, nn. 33-35

⁷³ Cfr. PDV, n° 51.

⁷⁴ OCCC I, p. 171; Veja também o n° 43 desta *Ratio*.

mundo, o homem e a cultura, e, principalmente, através do estudo da teologia, ele cresce na sua vida humana e espiritual e se dispõe a cumprir a sua missão apostólica.

300. [A formação filosófica] É preciso estar atentos no sentido de proporcionar, de forma adequada, uma formação filosófica de base, que permita adquirir um conhecimento de Deus e uma visão cristã do mundo, do homem e da cultura, em estreita conexão com as questões discutidas em nosso tempo, de modo especial, com as que têm relação com o carisma palotino⁷⁵. Na prática, isto significa acentuar “uma adequada e completa antropologia interdisciplinar cristã”⁷⁶, que sublinhe a beleza do cosmo, o valor infinito do homem criado à imagem e semelhança de Deus, a sua capacidade de comunicação, de diálogo e de cooperação, a sensibilidade para com os marginalizados e com os que não têm o necessário. O estudo da filosofia deve também despertar nos estudantes o desejo de buscar a verdade, de guardá-la e de afirmá-la, tendo em conta os limites do saber humano. Aparelhados com os instrumentos que os tornem capazes de confrontar-se com as correntes ideológicas, dotados de convicções próprias, disporão de uma reflexão baseada na razão, sem renegar a fé.

301. [Os estudos teológicos] No programa de estudos deverá pôr-se em primeiro lugar a teologia bíblica, dogmática, moral, pastoral e espiritual, com especial aprofundamento doutrinal da vida consagrada, em sintonia com o carisma da nossa Sociedade. Para isso, se acentuará a eclesiologia e a espiritualidade de comunhão, a teologia ecumênica e o diálogo inter-religioso, a teologia do apostolado e a missiologia⁷⁷. Seguindo a intuição do Fundador e o ensinamento da Igreja, é preciso lembrar-se também que a “formação intelectual teológica e a vida espiritual, em especial a vida de oração, se encontram e se reforçam reciprocamente, sem nada subtrair nem à seriedade da pesquisa, nem ao sabor espiritual da

⁷⁵ PI, n° 61; *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, nn. 55-57.

⁷⁶ Veja o n° 115 desta *Ratio*.

⁷⁷ Cfr. OT, 16; *Direttive per la formazione degli studenti di filosofia e teologia*, n° 61.

oração”⁷⁸. Além disso, deve-se encorajar um diálogo vivo entre professores e estudantes, para buscar uma encarnação mais vital dos estudos no contexto da vida, para refletir sobre os questionamentos atuais e, assim, dedicar-se ao desenvolvimento de uma teologia contextual.

302. [Os institutos de filosofia e de teologia] Na nossa realidade palotina temos Províncias e Regiões que têm institutos próprios de filosofia e de teologia e situações onde os nossos estudantes freqüentam faculdades oficiais ou centros inter-institutos de formação. No primeiro caso é nossa obrigação estar alertas à completude das matérias filosóficas e teológicas e a que se ofereçam os conteúdos de modo didaticamente adequado. Assim, cada um de nossos institutos se esforçará por acrescentar, ao programa de base, os elementos correspondentes ao nosso carisma⁷⁹. Se isto não acontecer nos cursos de outros institutos, será preciso completá-los com cursos específicos, conforme o nosso projeto de estudos e de formação. Em todo o caso, a preparação intelectual nos centros inter-institutos exige uma especial valorização dos aspectos comuns a todos, mas também o respeito e a valorização das diversidades. Se assim não fosse, os centros contribuiriam para o nivelamento, com o risco de uma uniformidade espiritual e pastoral nociva também à identidade específica palotina⁸⁰.

303. [A colaboração entre as diversas entidades da SAC e da UAC] Para assegurar aos estudos um nível correspondente às exigências dos tempos atuais e do nosso carisma, é preciso ter muito cuidado com a boa preparação dos educadores e dos professores. Tal objetivo pode ser alcançado orientando os Sacerdotes e os Irmãos aos estudos especializados, cuidando da preparação didática dos professores e, sobretudo, criando vários centros de formação e de estudos palotinos, em colaboração entre as diversas entidades da

⁷⁸ PDV, n° 53; cfr. OOCC I, pp.173-174.

⁷⁹ Cfr, OT, nn. 13-17; *La Collaborazione inter-istituti per la formazione*, n° 22; *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, nn. 54-64.

⁸⁰ Cfr. *La collaborazione inter-istituti per la formazione*, n° 9.

UAC⁸¹. De fato, “nas nossas comunidades palotinas, há questões e problemas que podem ser resolvidos só em conjunto”⁸². Conseqüentemente, durante esta fase da formação é preciso desenvolver a colaboração entre as entidades palotinas. Alguns temas e questões, que interessam a todos os membros da União, devem ser tratados conjuntamente, em semanas de estudos ou de congressos em comum, ou em pequenos grupos organizados pelas diversas comunidades.

304. [A colaboração inter-institutos no plano da formação] A colaboração entre os institutos, no âmbito da formação, surgiu da necessidade de dar uma resposta aos desafios postos pelas situações concretas e por determinadas exigências pedagógicas. Porque diversas circunstâncias, em todos os continentes, obrigaram numerosos institutos a pôr em comum os próprios recursos de formação, tanto os de pessoal como as instituições, no intuito de colaborar nesta obra tão importante, tornada impossível de ser cumprida por eles sozinhos⁸³. São muitos os motivos para esta colaboração: a aspiração a maior unidade e comunhão eclesial, a criação de um válido estilo de formação, a valorização dos carismas específicos e o seu intercâmbio, o desenvolvimento da comunhão e da consciência da complementaridade na fraternidade, a abertura aos horizontes da caridade, na Igreja local e na Igreja universal⁸⁴. Todas estas razões coincidem de tal forma com o pensamento do Fundador e com a dinâmica do nosso carisma, que favorecer a colaboração inter-institutos para a formação deveria tornar-se a nossa paixão, no seio da Igreja local e universal⁸⁵.

305. [A comunidade formadora e o centro inter-institutos] Em toda forma de colaboração inter-institutos é preciso pôr em campo a devida distinção entre o centro inter-institutos e a comunidade

⁸¹ Cfr. Documento finale della XVIII Assemblea Generale, nn. 7.2. e 7.3.; *Directive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, n° 63.

⁸² Congresso Consultivo dei Superiori Maggiori, *Il Carisma e il Dono della collaborazione*, p. 17.

⁸³ Cfr. *La collaborazione inter-istituti per la formazione*, n° 3-7; *RdC*, n° 30.

⁸⁴ Cfr. *La collaborazione inter-istituti per la formazione*, nn. 3-7; *RdC*, n° 30.

⁸⁵ Cfr. os nn. 107-108 desta *Ratio*.

formadora palotina. A comunidade formadora é a instância primária de referência, que nenhum centro pode substituir, e constitui o âmbito no qual cresce e amadurece, no espírito palotino e na tradição da Sociedade, a identidade pessoal de cada um e a sua resposta à vocação recebida. Esta comunidade, então, permanece sempre o espaço da síntese vital da experiência formativa⁸⁶.

A dimensão apostólica

306. [Um compromisso apostólico] A verdadeira maturação de um palotino requer um comprometimento apostólico e uma participação progressiva de experiências eclesiais e sociais, na linha do nosso carisma, sem deixar de levar em conta atitudes e aspirações pessoais⁸⁷. Desde que esta dimensão da formação não é um “acréscimo”, mas integra-se com os estudos e com a vida de comunidade e de oração⁸⁸, serão de grande utilidade cursos de teologia pastoral e prática, de catequética e de liturgia, de pedagogia e de sociologia, de doutrina social da Igreja e de ciência das comunicações sociais⁸⁹. Quanto à dimensão apostólica, ela se realiza principalmente através da prática pastoral, a ser desenvolvida tanto no curso dos estudos, como em períodos de férias, durante um *tempo especial*, estabelecido e elaborado conforme as exigências e as possibilidades de cada Província ou Região⁹⁰.

307. [A necessidade de uma coordenação] Durante esta segunda fase da formação, é preciso estar atentos no sentido de harmonizar os estudos e as experiências práticas. Com efeito, os documentos da Igreja insistem sobre uma profunda coordenação, que deve existir, por um lado, entre os diferentes aspectos da formação humana,

⁸⁶ Cfr. *La collaborazione inter-istituti per la formazione*, nº 10; PI, nº 99.

⁸⁷ Cfr. PI, nº 62.

⁸⁸ Cfr. os nn. 17 e 44 desta Ratio

⁸⁹ Cfr. *Directive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, nº 73.

⁹⁰ Trata-se de experiências pastorais, que podem confluir num verdadeiro e próprio ‘tirocínio pastoral’, que pode durar mais ou menos tempo antes ou depois da ordenação sacerdotal. Por exemplo, o *Período de Aprofundamento* introduzido em Ruanda, em Camarões e na Tanzânia, ou o *Instituto Pastoral Palotino* na Alemanha, para os palotinos de cultura alemã (Pastoraltheologisches Institut der Pallottiner – Friedberg)

espiritual, intelectual e, por outro, sobre a sua específica finalização apostólica. Neste sentido o fim apostólico assegura à dimensão humana, espiritual, comunitária, intelectual e palotina determinados conteúdos e precisas características. Os compromissos nos diferentes campos de trabalho – social, nos hospitais, com os marginalizados, com a juventude, na cura d'almas – devem, pois, ser selecionados no sentido de oferecer aos membros em formação a possibilidade de encontrar-se diante de problemas especiais de seu futuro ministério apostólico, e de ter contato com realidades ainda desconhecidas. As experiências apostólicas também devem ser preparadas e ulteriormente avaliadas, mediante o debate e o estudo⁹¹. Enfim, é preciso preocupar-se em dar aos estudantes a possibilidade de compartilhar as experiências tanto entre si, como com o próprio orientador⁹². Somente deste modo podem formar-se atitudes e hábitos apostólicos quais: o espírito de iniciativa, a arte da cooperação, a capacidade de unir, na própria vida, a oração e o apostolado, o amor a Deus e ao próximo⁹³.

308. [A formação e a finalidade apostólica] A formação por si não tem sentido se não for orientada para o fim apostólico da nossa Sociedade. Qual formação, tal apostolado⁹⁴. A União do Apostolado Católico, da qual a Sociedade do Apostolado Católico é *comunidade central e parte integrante*, se compreende “como um modo de ser Igreja”⁹⁵, e redescobre a comunhão e a cooperação como seu princípio constitucional. O palotino, pois, deve ser formado para viver consciente de ter recebido um mandato para cooperar na salvação da humanidade, amadurecendo a sua sensibilidade e a sua disponibilidade para *o apostolado universal e comunitário*, em cordial cooperação com os outros sujeitos eclesiais: os padres diocesanos, os religiosos e as religiosas, os homens e as mulheres leigos. Os empenhos apostólicos da SAC requerem também o conhecimento

⁹¹ Cfr. OT, nn. 19-21. *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, nn. 68-77.

⁹² *Direttive per la formazione sacerdotale degli studenti di filosofia e teologia*, n° 74.

⁹³ Cfr. PI, n° 17; VC, n° 67.

⁹⁴ Cfr. o n° 33 desta *Ratio*.

⁹⁵ Cfr. LSAC, n° 4; Documento finale della XVI Assemblea Generale, *Camminare e servire insieme*, n° 1

mais aprofundado de alguns temas, como as iniciativas ecumênicas, a *missio ad gentes*, o diálogo inter-religioso, o apostolado no âmbito social e no das comunicações sociais⁹⁶. À preparação para o apostolado, enfim, pertence o conhecimento profundo das condições em que as pessoas vivem. Em outras palavras, trata-se de dizer como São Paulo: “Fiz-me tudo para todos” (1Cor 9,22b). Isto requer uma sensibilidade crescente para com a pobreza material e espiritual, para com os sofrimentos, a violência, as doenças e as urgências humanas⁹⁷.

A dimensão comunitária

309. [Caminhar e servir juntos] “Desde que a formação deve ser também *comunitária*, o espaço privilegiado, para os Institutos de vida religiosa e as Sociedades de vida apostólica, é a comunidade”⁹⁸. De fato, a preparação para a total consagração de si a Deus na nossa Sociedade se compreende e se realiza na vida comunitária segundo os conselhos evangélicos⁹⁹. Trata-se de uma iniciação à fadiga e à alegria de viver juntos, de rezar e trabalhar juntos, de entrar juntos num processo de discernimento comunitário apostólico, e de pôr ao serviço do apostolado tudo o que somos e temos¹⁰⁰. Neste contexto, as três promessas palotinas da *perseverança*, da *comunhão dos bens* e do *espírito de serviço*, especificam o nosso estilo de “caminhar e servir juntos”. Em conseqüência, a formação palotina nesta etapa deve cuidar de formar não só os peritos colaboradores externos, mas antes de tudo os do interior da comunidade, onde se constrói a reciprocidade, a cultura da cooperação e da própria identidade na

⁹⁶ Cfr. Congregação para a Educação Católica, *Orientazioni per la formazione dei futuri sacerdoti circa gli strumenti della comunicazione sociale*, nn 205-210; Società dell’Apostolato Cattolico, *L’Apostolato della Società oggi. Sviluppo e sfide*, n° 49.

⁹⁷ Cfr. Ludwig Münz, *La Nostra Povertà. Il Rettore Generale a tutti i membri della SAC*, Roma 1981, nn. 3-5.

⁹⁸ *VC*, n° 67.

⁹⁹ Veja o capítulo IV desta *Ratio*.

¹⁰⁰ Cfr. os nn. 53 e 76 desta *Ratio*.

fidelidade criativa, em direção à comunidade. Todos estes aspectos devem ser considerados como caminhada a ser empreendida¹⁰¹.

310. [Uma casa de formação aberta e missionária] Durante esta etapa, as tarefas da formação à vida comunitária se realizam, como no Período Introdutório, mediante uma participação na vida comum e mediante o exercício das atitudes que lhe favoreçam o desenvolvimento. Dentre estas atitudes recordamos: a participação nas orações, nas festas, nos tempos de recreação e nos diversos encontros da comunidade; a participação na elaboração comum dos vários programas; na benevolência para com todos os coirmãos, principalmente os doente e os idosos; no contínuo interesse pelos principais acontecimentos da SAC e da UAC. Mas a verdadeira comunidade se constitui não somente quando um grupo de pessoas se sente bem junto, mas quando as pessoas estão unidas por um carisma comum, dado pelo Senhor, para a missão comum na Igreja. A comunidade não deve, pois, buscar o próprio “sentir-se bem” mas, ao contrário, deve demonstrar o aspecto missionário e apostólico da nossa consagração. Para isto serve a prática da virtude da hospitalidade. Principalmente nos países ocidentais, uma comunidade religiosa com membros jovens é um forte sinal que atrai os jovens, que oferece um espaço de reflexão e oração e se torna um lugar para descobrir a própria vocação. Para evitar que a formação se feche em si mesma, muito importantes são os serviços apostólicos e o intercâmbio que vem depois das experiências realizadas nas diversas realidades humanas.

A dimensão carismática

311. [Descobrir a riqueza do carisma] Nesta etapa se aprofundam e se ampliam os temas palotinos do Período Introdutório. Com o progresso nos estudos crescerá também a compreensão da riqueza do nosso carisma. Sem exigir uma completude dos temas, é útil relacionar as matérias principais a serem expostas nos anos de

¹⁰¹ Cfr. Documenti del Capitolo Generale XII Straordinario, “La vita in comunità”, nn. 1-6; veja também os nn.72 e 76 desta *Ratio*.

formação. De vez que a nossa é uma comunidade apostólica ativa em campos pastorais diversos, somos continuamente tentados a esquecer mais facilmente as condições interiores do apostolado. A fidelidade ao próprio carisma tem necessidade de ser aprofundada no conhecimento, a cada dia mais vasto, da história da Sociedade e da União, da sua missão específica e do espírito do Fundador, no esforço concomitante de encarná-lo na vida pessoal e comunitária¹⁰².

312. [A formação para a União] “Se todo membro da União já deve comportar-se como se fosse dela o fundador, isto vale de maneira eminente para a comunidade dos Padres e Irmãos, a qual remonta ao próprio Pallotti”¹⁰³. A especial co-responsabilidade da Sociedade pela eficácia apostólica e a espiritualidade da obra toda implica, pois, na solicitude pelo sustento da União mediante a formação espiritual e apostólica dos seus membros. Para ela, em primeiro lugar são determinantes as diretrizes contidas nesta *Ratio*, mas complementares e subsidiários são também o Manual da União *Chiamati per nome* (Chamados pelo nome) (Roma, 1989); *Le linee guida della formazione per l’UAC* (As linhas guias da formação para a UAC) (Roma, 2003). A formação durante esta etapa deve, pois, tornar os futuros Sacerdotes e Irmãos palotinos capazes de entrar no espírito e na dinâmica da União, para viver plenamente a vocação palotina. Um lugar especial deve ser dado aos escritos de S. Vicente Pallotti, aos estudos sobre o Fundador e à sua espiritualidade palotina. Merecem principalmente serem encorajados o trabalho em pequenos grupos de leitura dos textos palotinos, as discussões de estudo e os debates bem como as pesquisas científicas sob a orientação de um professor.

¹⁰² Os temas a serem aprofundados, por exemplo, são o significado de 1835 na fundação palotina; a tensão entre a visão global da Obra do Apostolado Universal e a sua realização no Fundador; a UAC como fundação original e não conforme às concepções tradicionais; o primado da caridade sobre as estruturas; a acentuação missionária; a perda e a recuperação do nome original da fundação; as casas de Londres e da Abadia de Mâsio como lugares fecundos de vocações; o empenho na pastoral dos emigrantes e na missão *ad gentes*; a inspiração do Movimento de Schoenstatt e a sua problemática; a expansão da comunidade e o desenvolvimento das Províncias; a história das outras comunidades da UAC; o Concílio Vaticano II e o nosso carisma; o Capítulo Extraordinário de 1968/69; os jubileus de 1985 e de 1995; a elaboração e a aprovação do Estatuto Geral da UAC.

¹⁰³ CG, n° 105; veja também OCCC III, pp. 28-29.

APLICAÇÕES PRÁTICAS

313. [Um campo de cooperação] Durante esta etapa da formação, para concluir estudos e efetivar ‘palotividade’, são oportunos os seguintes setores de colaboração: **a.** a fundação de centros continentais coligados para os estudos palotinos e para a formação dos formadores; **b.** a colaboração entre as diversas entidades palotinas e com outros institutos, no campo da formação; **c.** o intercâmbio de estudantes e docentes entre os Seminários Maiores da SAC; **d.** o desenvolvimento de uma parte dos estudos em outra comunidade palotina, no exterior, para alargar o horizonte palotino e para se aprenderem línguas, face ao caráter internacional da nossa comunidade e da UAC.

CAPÍTULO VIII

A FORMAÇÃO PERMANENTE

INTRODUÇÃO

314. **[Uma visão redutiva]** A vida se nutre sempre continuamente e os anos da primeira formação não devem ser interpretados como um tempo em que se conseguiu tudo quanto era necessário para viver e que, assim, depois falte só dar-lhe aplicação. Desta forma, num modo de ver redutivo, a formação seria principalmente a formação ordinária, a que prepara a pessoa para a escolha definitiva e para adquirir maturidade, requisitos e instrumentos capazes de enfrentar as situações da vida. No caso, a formação ordinária, enquanto pertencente ao tempo do crescimento e do entusiasmo, não entraria mais em questão depois, em época posterior. Este tipo de interpretação é provavelmente responsável por atitudes de auto-suficiência dos consagrados que, depois da profissão perpétua, praticamente decidem não ter mais necessidade de qualquer formação.
315. **[O princípio causal]** Vale a pena lembrar, também aqui, o princípio causal que liga a formação inicial e a permanente¹. Só uma autêntica formação inicial abre para a formação sucessiva de toda a vida e, não só, mas de alguma forma lhe dá origem, a exige e a torna indispensável. A formação permanente, pois, não é o que vem depois da formação inicial, mas – por paradoxal que possa parecer – é aquilo que a precede e a torna possível; é a idéia-mãe ou o seio gerador, que a guarda e lhe dá identidade. Com efeito, se a formação inicial prepara para a consagração palotina, a formação permanente forma o palotino consagrado². O ministério, a vida comum, o apostolado, o dia a dia, a cooperação com Deus e com os homens, etc., são o espaço primário e pertinente da formação.

¹ Cfr. o nº 231 desta *Ratio*.

² Recordemos que, neste capítulo, quando se fala de 'palotinos', se fala sempre dos Irmãos e dos Padres. A este propósito, veja *CG*, nn. 716-721.

316. [Vinculações naturais] O cuidado pelas vocações é uma tarefa crucial para o futuro da nossa Sociedade. Mas pelo fato de que a Sociedade é “parte integrante da União do Apostolado católico”³, a promoção das vocações não pode ser delegada de forma exclusiva a alguns ‘especialistas’, ‘separados’ de toda a Família palotina ou de uma verdadeira e própria formação permanente. Cada comunidade, cujos membros pertençam *de direito* à União⁴, é chamada, pois, a suscitar e liberar as perguntas profundas dos jovens, como também, acompanhando a sua caminhada vocacional, a fazer com que eles mesmos descubram a plenitude da identidade palotina. Em outras palavras, todo palotino, criativamente fiel à sua vocação e identidade, é também, por sua natureza, animador vocacional de toda a União. De feito, quem é ‘chamado’ não pode não tornar-se ‘chamador’, e quem é palotino da SAC, não pode não ser palotino da UAC. Existe, pois, uma ligação natural entre a pertença à Sociedade e à União, como, aliás, entre a formação permanente e a animação vocacional⁵.

317. [Formação *em si mesma* permanente] De acordo com Pallotti, a vida consagrada consiste em “andar *sempre pra frente* e crescer *sempre* na santidade e na perfeição evangélica”⁶. Em outras palavras, a formação é *em si mesma* permanente. Somente a partir desta acepção é possível subdividir-lhe as épocas em períodos, cada qual com as próprias características. Na verdade, “é a mesma vida consagrada que exige, por sua natureza, uma disponibilidade constante naqueles que a ela são chamados. Se, de fato, a vida consagrada é, em si mesma, uma *progressiva assimilação dos sentimentos de Cristo*, parece evidente que tal caminho não poderá não durar toda a vida, para envolver *toda* a pessoa – coração, mente e forças (cfr. Mt 22,37) – e torná-la semelhante ao Filho, que se doa ao Pai pela humanidade. Assim concebida, a formação não é mais somente uma época pedagógica de preparação para os votos, mas representa um modo *teológico* de pensar a mesma vida consagrada, que é em si formação

³ LSAC, n° 1.

⁴ Cfr. *Estatutos Gerais da UAC*, n° 77.

⁵ RdC, n° 16. Veja também o n° 17 da mesma instrução.

⁶ OCCC VII, p. 64; Veja também os nn. 36 e 45 desta *Ratio*.

nunca terminada, participação na ação do Pai que, mediante o Espírito, plasma no coração [...] os sentimentos do Filho⁷.

- 318. [Fidelidade criativa]** A nossa vida de consagração na SAC, como a vida humana, é por sua natureza contínua e mudável⁸. A maturação e o desenvolvimento humano dependem, por isso, da harmonização destes dois elementos e implicam tanto a adesão constante aos aspetos e aos valores permanentes⁹, como o esforço da sua encarnação nas diversas circunstâncias e etapas da vida palotina. Entendida nesta dinâmica, a formação permanente ajuda a integrar a criatividade na fidelidade, ajuda a viver as mudanças na continuidade e a continuidade nas mudanças. A formação permanente é, pois, uma exigência da nossa fidelidade criativa ao carisma e à identidade palotina¹⁰.
- 319. [A formação segundo a LSAC]** A Lei da nossa Sociedade contempla três períodos de formação, tendentes a confluir juntos numa formação para todo o arco da vida¹¹. Assim, no sentido mais verdadeiro da palavra, ‘permanente’ não se refere somente à terceira época do programa formativo, porque nunca a Sociedade entendeu reservar a formação para algumas épocas da vida dos membros, mas antes a tem proposto como constante dimensão e expressão da sua vida de fé¹².
- 320. [Um projeto de formação permanente]** O documento *Vita consecrata* oferece uma indicação de norma acerca das fases salientes da vida, merecedoras de atenção especial num programa de

⁷ RdC, n° 15; VC, nn. 65-66.

⁸ Cfr. VC, n° 37.

⁹ Veja o capítulo II desta *Ratio*.

¹⁰ Cfr. VC, nn.37 e 70. A mesma exigência vem sublinhada na Instrução RdC, n° 18: “Numa época de profundas transformações, a formação deverá estar atenta em arraigar no coração dos jovens consagrados os valores humanos, espirituais e carismáticos necessários para torná-los idôneos a porem em ação uma *fidelidade criativa*, no sulco da tradição espiritual e apostólica do Instituto”. Veja também: Séamus Freeman, *In un dinamismo di fedeltà*, Roma 1996, n° 2; Peter-Hans Kolvenbach, *La formazione permanente come fedeltà creativa*, Roma, 2002, n° 2.

¹¹ Cfr. LSAC, nn. 74-81.

¹² Cfr. *Linee-Guida per la formazione permanente nella Società dell’Apostolato Cattolico*, n° 12, ASAC,XIX, p.72. Veja também CG, nn. 805-806, 809 e 822-823.

formação permanente¹³. À base dessas indicações genéricas, todo instituto é convidado a propor um tipo de instrumento que não se contente em repetir a dimensão espiritual ou a teologia do carisma religioso, mas indique também o caminho, os percursos concretos e específicos que levem a elas, ao longo das fases da vida. Torna-se, então, decisivo, também para a nossa Sociedade, definir com cuidado um projeto de formação permanente, cujo objetivo primário será o de “propor um método rico de sabedoria espiritual e pedagógica”¹⁴, para conduzir progressivamente a viver o carisma da nossa consagração.

- 321. [As pistas pedagógicas]** Se a característica fundamental da formação permanente é a ‘totalidade’¹⁵, num sentido ‘total’ deve ser entendida também a caminhada de maturação contínua, ou seja, segundo a tríplice articulação pedagógica clássica implícita de educar-formar-acompanhar. Em outras palavras, as pistas pedagógicas da formação permanente são em substância as mesmas da formação inicial, isto é, das dimensões humana, intelectual, espiritual, comunitária, apostólica e carismática. Trata-se, pois, de tornar permanentes, de acordo com as fases do crescimento, os processos fundamentais da maturação, por que eles não se interrompam em alguma ocasião da vida, principalmente quando termina a fase inicial do itinerário formativo¹⁶.

OS PRIMEIROS ANOS

O OBJETIVO E OS DESAFIOS

- 322. [A formação permanente e os jovens palotinos]** Formação permanente é uma expressão que entrou na linguagem comum e corrente. Para os jovens palotinos a formação permanente não constitui novidade no plano teórico. Por isso, o desafio desta etapa

¹³ Cfr. *VC*, nn. 69-71.

¹⁴ *VC*, n° 68.

¹⁵ Cfr. *RdC*, n° 15.

¹⁶ Cfr. o n° 36 desta *Ratio*.

consiste não tanto em convencê-los da necessidade e da importância da formação permanente, mas sobretudo em implicá-los na realização dela, isto é, na elaboração de um projeto envolvente, na organização dela a nível teórico e prático com caráter unificante e unitário.

323. [O objetivo e o pressuposto] O objetivo desta etapa dos primeiros anos deriva do objetivo da formação como tal, que é a configuração ao Senhor Jesus e o desenvolvimento integral da personalidade palotina. “Os membros devem estar em condições de exercer, por toda a vida e em situações mutáveis, a tarefa assumida com a consagração na Sociedade, em favor dos homens do seu tempo”¹⁷. Evidentemente, um tal itinerário pressupõe que a formação ordinária tenha criado no jovem palotino a disponibilidade para deixar-se formar em cada dia da vida¹⁸. Levando em conta este pressuposto, os objetivos desta etapa podem ser assim resumidos: **a.** redescobrir uma nova fidelidade ao carisma palotino que ocupe o lugar dos egocêntricos entusiasmos iniciais e que leve a perseverar no dom de si da consagração¹⁹; **b.** reler a vida à luz de Cristo, *Apóstolo do Pai*, como forma integrante do desejo, por vezes inconsciente, de estima e de reconhecimento social, como uma dedicação sincera pela maior glória de Deus; **c.** encontrar o justo equilíbrio entre os aspetos relevantes da vida; entre o trabalho e o repouso, entre a atividade e a interioridade, entre as pessoas a serem seguidas e o Mestre a ser escutado, entre o ‘dia útil’ e o ‘dia de festa’, entre o apostolado e a vida espiritual, entre o estudo pessoal e as atividades a serem organizadas, entre o compromisso individual e a cooperação com todos, entre a quantidade e a qualidade, entre o entusiasmo e a aridez²⁰.

¹⁷ CG, nº 980. Esta etapa continua o compromisso da formação inicial que consiste em “uma caminhada de progressiva assimilação, da parte do jovem, dos sentimentos de Cristo para com o Pai” – VC, nº 65.

¹⁸ Cfr. VC, nº 69.

¹⁹ Cfr. ‘Rinnovamento SAC 2000’ [6]. *La promessa di perseveranza*, Roma 2004.

²⁰ Cfr. o nº 73 desta *Ratio*.

O CONTEÚDO, A PEDAGOGIA E O CONCEITO DA ETAPA

324. **[A característica]** A característica própria deste período é a passagem do consagrado da formação ordinária à permanente, de uma casa de formação à Comunidade Local, inserindo-se nesta, para assumir, em geral, uma responsabilidade ministerial ou educativa ou de serviço comunitário. Esta *passagem* constitui um momento significativo, porque, se bem feita, cria e aprofunda no palotino a “disponibilidade para deixar-se formar a todo dia da vida”²¹, “a toda idade e ocasião, em todo ambiente e contexto humano, por toda pessoa e por toda cultura, [...] por qualquer fragmento de verdade e de beleza que encontre em torno de si”²².
325. **[Um processo global]** A formação contínua é um processo global de renovação, que se estende a todos os aspetos da pessoa do palotino, tanto Sacerdote como Irmão, e à totalidade da nossa Sociedade e da União. Ela deve desenvolver-se levando em conta que seus diversos aspetos são inseparáveis e se influenciam mutuamente na vida de cada palotino e de cada comunidade. Deverão ser lembrados os seguintes aspetos: o aprofundamento da fé e do senso da consagração palotina; a participação na vida da Igreja, segundo o carisma palotino e em cooperação com os outros agentes da pastoral local; a atualização doutrinal e profissional; um melhor conhecimento das culturas das regiões em que se vive e se trabalha; e, se necessária, a nova qualificação profissional e técnica; a fidelidade ao próprio carisma, com um sempre melhor conhecimento do Fundador, do seu espírito, da história da Sociedade e da União do Apostolado Católico, do desenvolvimento e da missão delas²³.

²¹ VC, n° 69.

²² RdC, n° 15.

²³ Cfr. PI, n° 68.

A PESSOA CHAMADA

326. **[Os primeiros passos]** Determinante é a passagem da ‘formação ordinária’²⁴ para a primeira experiência de vida mais autônoma, em que o palotino, Sacerdote ou Irmão, deve descobrir novo modo de ser fiel a Deus. Por que “os primeiros anos da plena inserção na atividade apostólica representam uma fase por si mesma crítica, marcada pela passagem de uma vida sob direção para uma situação de *plena responsabilidade operativa*”²⁵. A formação do Período Introdutório e pós-introdutório deve, pois, habilitar o jovem palotino a entrar na plenitude de uma responsabilidade e de um caminho de *discipulado*, e a tornar-se capaz de crescer ali onde o projeto de Deus o colocou e continua a proporcionar-lhe os seus dons.
327. **[A duração]** A duração desta fase se refere aproximativamente aos primeiros cinco anos após a consagração perpétua ou após a ordenação sacerdotal²⁶.

OS FORMADORES E O AMBIENTE EDUCATIVO

328. **[A vida cotidiana]** No dia a dia da vida, na sua debilidade até, e na sua imprevisibilidade, ‘realiza-se’ a formação permanente. Concretamente, trata-se de deixar-se educar e formar na vida e nos relacionamentos diários. O espaço da formação permanente é, assim, a vida comum, mas também o ministério, o serviço dos pobres, os dias úteis e as atividades ordinárias, em resumo, o próprio apostolado com suas fadigas e desilusões, suas surpresas e seus encontros. Mas ocasiões de formação permanente são também as iniciativas extraordinárias, organizadas *desde o centro*, principalmente durante esta fase de formação. Em outras palavras, a formação permanente pode e deve ser concebida em vários níveis de intervenção: nível institucional-geral, nível institucional-particular

²⁴ Cfr. *LSAC*, n° 81.

²⁵ *VC*, n° 70.; cfr. *RdC*, n° 15.

²⁶ Cfr. VII Congresso Consultivo dos Superiores Maiores, Konstancin-Polônia, 2002, p. 19.

(provincial ou regional), nível comunitário-local, e nível pessoal-individual²⁷.

329. [O nível central] A Sociedade do Apostolado Católico no seu todo, isto é, em cooperação com toda a União e os seus órgãos institucionais, é um ambiente formativo de grande importância para os jovens Sacerdotes e Irmãos palotinos. A participação efetiva nas iniciativas organizadas pelos Conselhos de coordenação e nos grupos da UAC já constituídos, deve ser prevista no programa de formação permanente²⁸. É preciso sublinhar que toda a Sociedade, com os seus órgãos institucionais, deveria pôr-se numa lógica de formação permanente, no plano dos valores ou do objetivo de fundo, como no plano da prática e do objetivo específico. Cabe antes de tudo ao Reitor Geral da Sociedade, com os seus Consultores, promover uma mentalidade e solicitar uma prática de formação mediante os instrumentos de que dispõe: contatos pessoais, cartas circulares, nomeação de membros do Secretariado Geral para a Formação, proposta de temas gerais para toda a Sociedade, programação de itinerários formativos por um tempo encarado a nível geral ou inter-provincial, etc., sempre na convicção de que investir hoje na formação permanente de todos significa investir no presente e no futuro da Sociedade²⁹.

330. [O nível provincial] As indicações do governo central, necessariamente gerais, se tornarão, no plano provincial, mais bem concretizadas, para se tornarem efetivamente praticáveis e se poderem adaptar aos vários contextos locais, regionais, provinciais ou nacionais. Com efeito, “o Reitor Provincial/Regional, com os seus Consultores e, após consulta aos Reitores locais, estabeleça alguns tempos fortes ou ocasiões privilegiadas de formação permanente. Assim, os exercícios anuais para todos os irmãos da Província/Região; assim, outros encontros em circunstâncias especiais: visita do Reitor Geral, o 25º ou 50º aniversário de

²⁷ Cfr. *Fedeli al futuro*, Documento finale della XVIII Assemblea Generale, n° 6.2.2.

²⁸ Cfr. *Estatuto Geral da UAC*, nn. 41-62.

²⁹ Cfr. *Fedeli al futuro*, Documento final da XVIII Assembléia Geral, n° 6.2.2.

consagração ou de ordenação, etc.”³⁰. Concretamente cabe a este escalão de governo a definição verdadeira e própria de um projeto de formação permanente para os primeiros anos depois da consagração perpétua. Assim, a organização de atividades extraordinárias, a proposta de iniciativas periódicas, ou os estudos especializados em linha com o programa geral da Sociedade, interpretado segundo as exigências e possibilidades locais.

331. [O nível local] A formação permanente atribui à Comunidade Local o seu papel natural educativo e formativo, e requer do seu principal responsável que dedique toda a atenção para que a comunidade interprete este papel com o total envolvimento de todos os seus membros. “Toda Comunidade Local pode tornar-se um eficaz espaço de enriquecimento recíproco, de progresso e de aperfeiçoamento, oferecendo a possibilidade – abrindo-se também aos outros membros da União – de rezarem juntos, de partilharem experiências espirituais e apostólicas e de discutirem sobre as numerosas questões atuais”³¹. Papel do superior será o de promover e de ativar todos os instrumentos e momentos comunitários, através dos quais uma comunidade pratica de fato a formação permanente, como a programação, a atuação e a revisão comunitária das iniciativas apostólicas, a partilha dos dons espirituais, o discernimento comunitário e a correção fraterna. Em todo caso é importante que, durante estes primeiros anos de vida mais autónoma, os jovens palotinos descubram as Comunidades Locais como células vivas de inspiração e de atividades palotinas; que precisamente através delas a Sociedade renove incessantemente a sua vida espiritual; que os membros se ajudem uns aos outros e todos juntos se tornem responsáveis pelas tarefas apostólicas; que as comunidades, como centros dinâmicos, desenvolvam tais iniciativas, como se cada membro delas fosse o fundador da Sociedade³².

332. [O nível individual] A formação permanente é *direito e dever* de cada palotino em particular. Nada pode substituir o empenho

³⁰ Ibidem, nº 6.2.2.

³¹ CG, nº 987.

³² Cfr. LSAC, nº 85.

responsável de cada qual, assim como ninguém poderá nunca percorrer por ele o itinerário do crescimento e da renovação. Concretamente, cabe ao imediatamente interessado buscar os auxílios necessários para levar adiante esta caminhada pessoal. Contudo é “importante que as jovens pessoas consagradas sejam apoiadas e acompanhadas por um irmão ou uma irmã, que as ajude a viver em plenitude a juventude do seu amor e do seu entusiasmo por Cristo”³³. Seria, pois, ótimo se cada Província pudesse dispor de um coirmão mais maduro, para acompanhar, nos primeiros anos de vida comunitária e apostólica, os jovens palotinos, depois da consagração perpétua ou da ordenação presbiteral, para comunicar e transmitir a eles a experiência de vida e de apostolado³⁴.

333. [Os outros ambientes educativos] A programação da Sociedade não pretende ser a única possibilidade de formação permanente para os jovens palotinos, os Sacerdotes e os Irmãos. O Sacerdote, comprometido na paróquia, poderá oportunamente, por exemplo, seguir os cursos formativos propostos para os presbíteros diocesanos, porém, sempre recordando que a Sociedade é o espaço normal e natural da sua formação, porquanto ali está ‘escondida’ a sua identidade e ali o Pai continua a prodigalizar-lhe os seus dons. Acontece que boa parte da formação permanente se desenvolve também em centros de formação intercongregacionais³⁵. Com especial atenção poderão também ser seguidas as iniciativas de

³³ V.G, n° 70.

³⁴ Cfr. VII Congresso Consultivo dos Superiores Maiores, Konstancin, Polónia, 2002, pp.18-19. O mesmo documento evidenciou que o jovem palotino, na fase dos primeiros anos, sofre muitas vezes de solidão, entendida como falta de comunicação e de relações transparentes com os membros da comunidade; que esta lhe parece uma prisão da qual só quereria fugir. É claro, não se pode dar toda a culpa à comunidade. Esta corajosa tomada de consciência dos Superiores Maiores não pode ser subestimada, mas deve ser encarada com igualmente corajosa busca de remédios. O jovem palotino tem necessidade de ser acompanhado pessoalmente e um coirmão mais maduro pode ajudá-lo a superar as suas dificuldades e a transformá-las numa oportunidade de amadurecimento humano e espiritual. Mas é também preciso repetir aqui aquilo que diz a carta apostólica *Novo Milenio Ineunte* sobre a antiga sabedoria dos fundadores de comunidades monásticas: “Significativo é aquilo que recorda São Bento ao Abade do mosteiro, ao convidá-lo a consultar também os mais jovens: “*muitas vezes a alguém mais jovem o Senhor inspira um parecer melhor*”.E São Paulino de Nola exorta: “*Pendemos da boca de todos os fiéis, porque em todo fiel sopra o Espírito de Deus*” (n° 45).

³⁵ Cfr. PI, n° 69.

formação em diversos níveis da União do Apostolado Católico, organizadas pelo Conselho de Coordenação Geral ou pelos Conselhos Locais e Nacionais³⁶. Para “uma associação internacional de fiéis de todo estado e vocação”³⁷, como a nossa, é, de fato, muito importante, durante estes primeiros anos da formação permanente, procurar, unidos, o caminho a percorrer, *formando-se juntos*.

OS MÉTODOS E OS MEIOS

334. [Começos da atividade pastoral] Os ordenandos da Sociedade têm necessidade de um programa especial de formação permanente, para dar continuidade à formação ordinária e “serem ajudados a dar bem os primeiros passos em direção ao autônomo serviço pastoral, nos diversos campos de atividade da nossa Sociedade”³⁸. Eles precisam também ser introduzidos pouco a pouco na compreensão e na riqueza vivida do dom de Deus: o sacerdócio ministerial³⁹. Cabe aos Conselhos Provinciais e Regionais elaborar o programa e o plano cronológico da primeira atividade pastoral e nomear um responsável pela realização deste programa⁴⁰. Participando dele, os ordenandos poderão ajudar-se mutuamente, com o intercâmbio de experiências e de reflexão sobre a realização concreta do ideal ministerial, assimilado nos anos de formação ordinária⁴¹.

335. [Os primeiros anos dos Irmãos] A formação dos Irmãos não para com a consagração perpétua. Isto quer dizer que no programa de formação deve estar incluído o acompanhamento dos primeiros passos dos Irmãos, com adequados planos periódicos de formação permanente⁴². Além do mais, a renovação contínua da identidade e a total integração dos Irmãos na SAC é uma resposta positiva ao desafio da diminuição de suas vocações, porquanto “há [...] uma

³⁶ Cfr. o Estatuto Geral da UAC, nn. 41-62.

³⁷ Ibidem, n° 8.

³⁸ *Direttive per la formazione sacerdotale*, n° 76.

³⁹ Cfr. PDV, n° 76.

⁴⁰ Cfr. *Direttive per la formazione sacerdotale*, n° 76.

⁴¹ Cfr. PDV, n° 76; *Linee-Guida per la formazione permanente*, n° 63.

⁴² Cfr. *I Fratelli della Società dell'Apostolato Cattolico*, n° 36.

ligação natural entre formação permanente e animação vocacional⁴³.

336. [Os instrumentos e os agentes diários] Se a *docilitas* – docilidade – é desafio e objetivo da primeira formação⁴⁴, ela se torna, agora principalmente, a condição de acesso à formação permanente. Trata-se, concretamente, da disponibilidade constante de aprender, a partir das mediações mais humildes e ordinárias às mais explicitamente formativas. Mediações: o relacionamento com Deus e com os irmãos, a Palavra-do-dia e as palavras de todo dia, a paróquia e o ambiente de trabalho, a Comunidade Local e as pessoas de todo dia, os acontecimentos e até os incidentes, os superiores e a gente humilde, os sinais dos tempos e o carisma da Sociedade, o cotidiano mais ordinário e os próprios imprevistos. Tudo pode tornar-se instrumento providencial, mediante o qual o Pai forma no palotino os sentimentos de seu Filho e o palotino se deixa formar pelo Pai e por suas mediações. A formação inicial é, pois, um processo e um caminho que continua no tempo. Eis por que a formação permanente envolve as diversas dimensões da existência: da dimensão espiritual, humana, comunitária, apostólica, intelectual, cultural e profissional à dimensão relacional e interpessoal. Uma semelhante aproximação integral diz respeito a todas as fases da vida, por isso os elementos aqui enumerados têm o objetivo de inspirar não só os primeiros anos da primeira inserção na atividade apostólica do palotino, mas também as fases sucessivas da meia-idade e da idade avançada.

337. [A dimensão humana] A formação permanente, para alcançar a dimensão humana do palotino, propõe-se: ajudá-lo a chegar à plena consciência dos dons recebidos de Deus e a reconhecer os próprios limites, evitando tanto o entusiasmo alienante como a desconfiança de si mesmo; acompanhar a sua maturação, vivendo as decisões definitivas com suas conseqüências; cuidar do seu físico (alimentação, equilíbrio trabalho-repouso); dar atenção às

⁴³ RdC, n° 16.

⁴⁴ Cfr. o n° 74 desta *Ratio*.

necessidades psicológicas e à maturação afetiva; incentivar o desenvolvimento humano, tendo em vista uma compreensão realística de si, da realidade e dos outros; integrar a auto-realização e a autotranscendência; aprender a administrar a complexidade da vida, para encontrar o equilíbrio tanto a nível pessoal, como na multiplicidade das relações, como na relação com homens e mulheres⁴⁵. “Especialmente importantes, no contexto hodierno, são a liberdade interior da pessoa consagrada, a sua integração afetiva, a capacidade de comunicar-se com todos, principalmente na própria comunidade; a serenidade do espírito e a sensibilidade com quem sofre; o amor pela verdade; a coerência linear entre o dizer e o fazer”⁴⁶.

338. [A dimensão intelectual] O período dos primeiros anos é oportuno para um redescobrimto desta dimensão e da sua integração vital com as outras dimensões. Neste sentido a dimensão intelectual assegura aos jovens palotinos uma síntese mais madura dos diversos elementos da vida espiritual, cultural e apostólica⁴⁷; informa e intensifica a dimensão espiritual, agindo como estímulo para a contemplação e a oração; dá impulso à dimensão humano-relacional, incentivando o diálogo e a colaboração; enriquece a dimensão pastoral, melhorando o conceito sobre o valor e a adequação dos novos meios e métodos de ação apostólica; abre a mente e o coração aos novos desafios da história e aos novos apelos que o Espírito dirige à Igreja; significa integração pessoal da verdade, ou seja, não se limita a uma comunicação de conteúdos mas implica e requer serem pessoalmente envolvidos com o Evangelho⁴⁸. Para tal objetivo podem servir: os encontros de estudo, de reflexão comum e de atualização cultural⁴⁹; o estudo pessoal que não se limita ao pragmatismo pastoral, mas encaminha para a verdadeira sabedoria cristã; os estudos especializados das diversas

⁴⁵ Cfr. os nn. 151-155 e 164-169 desta *Ratio*. Veja também *Linee-Guida per la formazione permanente*, nn.14-20.

⁴⁶ *V/C*, n° 71.

⁴⁷ Cfr. *PDV*, n° 80.

⁴⁸ Cfr. *Linee-Guida per la formazione permanente*, nn.39-46.

⁴⁹ Cfr. os nn. 49 e 52 desta *Ratio*.

áreas do saber: filosofia, teologia, ciências modernas, arte, etc. Em todo o caso, a dimensão intelectual, como compromisso de amor apostólico e de criatividade, deve corresponder à situação de constante evolução do mundo e da Igreja, e exige o cultivo do estudo como expressão da infinita fome e sede de Deus e como forma de combater a superficialidade e um senso de inoportunidade do empenho apostólico.

339. [A dimensão espiritual] A dimensão espiritual aponta para algumas escolhas concretas a fim de assegurar o crescimento integral do jovem palotino: o redescobrimto da oração pessoal, comunitária e litúrgica como fonte do empenho apostólico; a integração responsável da ação apostólica na vida de oração; o aprendizado contínuo da fidelidade à intimidade com Jesus, no meio das urgências cotidianas; a continuação e o desenvolvimento da prática das devoções pessoais; a aquisição da capacidade de encontrar o adequado ritmo mensal, anual, sazonal, graças às experiências especiais do Ano litúrgico, do retiro espiritual mensal ou dos exercícios espirituais anuais⁵⁰. Estes momentos não são somente um espaço pedagógico para verificar o processo de crescimento, mas, principalmente, são ocasião para uma oração mais prolongada e calma, a fim de reencontrar renovação de motivações para a fidelidade e para o impulso apostólico. Um lugar privilegiado cabe ao *Ano litúrgico*, enquanto experiência de identificação progressiva e articulada com o mistério do Filho. Porque o Ano litúrgico, lugar e espaço de conformação da identidade do palotino com a de Cristo, Apóstolo do Pai, torna-se um verdadeiro e próprio mestre de formação, um tempo providencial da formação permanente⁵¹. Assinalamos, enfim, a prática da *direção espiritual*. É um meio clássico, que nada perdeu da sua importância, “um meio pedagógico muito delicado, mas de muito grande valor. É arte pedagógica e psicologia de grave responsabilidade em quem as exerce; é exercício espiritual de humildade e de confiança em quem delas é alvo⁵²”.

⁵⁰ Cfr os nn. 48 e 50 desta *Ratio*.

⁵¹ Cfr. *LSAC*, nn. 42-47; *CG*, n° 707; *RdC*, n° 15.

⁵² *PDV*, n° 81. Veja também *Linee-Guida per la formazione permanente*, nn. 31-38.

340. [A dimensão comunitária] A passagem de uma vida de seminário à plena inserção na Comunidade Local implica: o conhecimento dos membros de outras idades e o reconhecimento realista dos seus valores, dos seus limites e da necessidade de um diálogo recíproco; o estabelecimento de relacionamentos genuínos com os coirmãos e a superação de atitudes de tipo meramente contratual e de fechamento narcisístico, que limitam a doação de si e a plena pertença à comunidade; a atenção aos numerosos níveis de relação, com os superiores, com os irmãos e as irmãs da UAC, com os leigos, principalmente se colaboradores no apostolado; atenção aos níveis de relação com aqueles que estão confiados aos nossos cuidados apostólicos e pastorais; o equilíbrio nas nossas comunidades entre intimidade e abertura, na prática do acolhimento e da hospitalidade⁵³.

341. [A dimensão apostólica] A formação permanente neste período inclui algumas prioridades: fornecer aos jovens palotinos os meios apropriados para a sua plena inserção na atividade apostólica, ajudando-os a integrar na prática a formação recebida; a lógica da encarnação e da inculturação, que ajudam a frear as pretensões de comodidade em alojamento e alimentação, assumindo, assim, de forma solidária, a situação socioeconômica do povo onde se desenvolve o apostolado; a superação do ‘fazer’ em favor do ‘ser apóstolo’, evitando o desdobramento de personalidade que separa a vida do apostolado⁵⁴ (não se pode fazer apostolado ‘part-time’); a paixão pela comunhão que se exprime concretamente em projetar e trabalhar junto com os outros coirmãos e membros da UAC; a capacidade de integrar na própria vida apostólica a Cruz, sabendo que o apostolado não é sempre gratificante, o que não quer dizer que não tenha valor salvífico. Na prática, isto significará a atualização dos métodos e objetivos das atividades apostólicas, a

⁵³ Cfr. *Linee-Guida per la formazione permanente*, nn. 21-30. Veja também: *La vita fraterna in comunità*, nº 43.

⁵⁴ A necessária união entre a vida e o apostolado torna-se claramente evidente na vocação dos primeiros apóstolos: “Depois subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis. E foram ter com ele. Escolheu doze dentre eles para ficarem em sua companhia e para enviá-los a pregar, com o poder de expulsar os demônios” (Mc 3,13-15)

fidelidade ao espírito e à finalidade do Fundador, com constante atenção às mudadas condições históricas e culturais, gerais e locais, do ambiente em que se trabalha⁵⁵.

342. [A dimensão carismática] “Na dimensão do carisma, enfim, encontram-se reunidas todas as exigências das outras dimensões, como numa síntese, que está a requerer um contínuo aprofundamento da própria especial consagração, nos seus vários componentes, não só no apostólico, mas também no ascético e místico. Isto, para cada membro, comporta um estudo assíduo do espírito do Instituto a que pertence, da sua história e da sua missão, a fim de melhorar a assimilação pessoal e comunitária”⁵⁶. Um programa de formação permanente dos jovens palotinos exige, pois: o redescobrimento do carisma palotino e implica o aprofundamento do significado da consagração, como resposta pessoal à vocação e à realidade na qual se vive e se desenvolve o apostolado; a tomada de consciência dos aspetos não suficientemente aprofundados, quanto ao carisma, à espiritualidade, à história da SAC e da UAC, e ao estudo deles como resposta aos desafios da realidade em que se vive e se trabalha; o exercício da leitura atenta dos sinais dos tempos confrontados com a identidade palotina.

A MEIA-IDADE

O OBJETIVO E OS DESAFIOS

343. [O fenômeno da *metade da vida*] A meia-idade, situada, mais ou menos, entre os 35/40 e os 45/50 anos, chamada também ‘segunda idade’, pode ser considerada, em geral, como ‘etapa’ de maturidade e de crescimento ou como ‘crise’ no desenvolvimento da pessoa. Entrar para a meia-idade significa, por um lado, sentir já como um pouco afastados os anos da formação e das primeiras empolgantes experiências apostólicas e, por outro, verificar que se está arriscando

⁵⁵ Cfr. VC, n° 71; veja também n° 53 desta *Ratio*.

⁵⁶ VC, n° 71; PI, n° 68.

de cair na rotina, na repetição de gestos e de palavras já bem conhecidos. Não é raro que pessoas consagradas, nesta fase, enfrentem a assim chamada *crise da meia-idade*, que pode sobrevir sob o influxo de fatores externos, como, por exemplo, mudanças de atividade apostólica ou de lugar, insucesso, experiência de esforços inúteis, influxo da diferença entre o ideal e suas realizações concretas, da incompreensão ou do sentimento de marginalização, dos problemas de relacionamentos interpessoais difíceis ou ainda de fatores mais diretamente pessoais, quais a aridez espiritual, as fortes tentações, a crise de fé ou a crise sentimental ou ambas juntas⁵⁷.

- 344. [O objetivo]** A fase da idade madura, juntamente com o crescimento pessoal, pode comportar o perigo do desenvolvimento do individualismo, principalmente nos temperamentos fortes e eficientes. Este individualismo pode vir acompanhado tanto do temor de não estar adequado aos tempos como de fenômenos de enrijecimento, de fechamento e de relaxamento. O objetivo da formação permanente aqui tem o intuito de ajudar, não só a recuperar um tônus mais alto de vida espiritual e apostólica, mas a descobrir também a peculiaridade de tal fase existencial. Nela, de fato, purificados alguns aspetos da personalidade, o oferecimento de si sobe a Deus com maior pureza e generosidade, e recai sobre irmãos e irmãs mais pacato e discreto e, ao mesmo tempo, mais transparente e rico de graça. É o dom e a experiência da paternidade e da maternidade espiritual⁵⁸. É necessário, pois, ajudar o palotino de meia-idade a suportar os momentos de forte crise de fé positivamente, isto é, à luz do Evangelho e da inspiração carismática⁵⁹.

O CONTEÚDO, A PEDAGOGIA E O CONCEITO DA ETAPA

- 345. [A purificação e a renovação]** Também no meio das inevitáveis crises, cada fase da vida vem marcada pelo fato de estar levando

⁵⁷ Cfr. *PI*, n° 70; *VC*, n° 70.

⁵⁸ Cfr. *PI*, n° 70 e *VC*, n° 70.

⁵⁹ Cfr. nn. 5-53 desta *Ratio*.

adiante uma tarefa⁶⁰. O palotino pode viver esta quadra da existência como busca do essencial. Esta fase da vida é propícia para a purificação de aspetos da personalidade, com vistas a um renovado aprofundamento do dom de si a Deus e aos irmãos. Esta purificação, de um lado, significa a consecução do equilíbrio, da estabilidade interior e da inserção social, que provêm da assimilação dos valores; de outro lado, o membro maduro pode começar a experimentar uma angústia existencial pela não realização dos seus ideais de juventude. Este é o momento propício para uma revisão dos projetos pessoais, para uma segunda conversão, para seleccionar as prioridades e abandonar as velhas atitudes, por amor à missão da SAC⁶¹.

346. [Os sintomas] As transformações físicas trazem também transformações psíquicas. Os ‘sintomas’ que revelam o problema ou a crise, de forma acumulada, são: desgosto, perda de interesse, senso de inutilidade, tédio, insatisfação, dúvidas diante da validade das renúncias feitas ou dos compromissos assumidos, aumento da insegurança, ansiedade e instabilidade emocional, depressão como resposta à sensação de ‘perda’. Um fenómeno muito comum, neste período de vida, é a ‘lamentação’, que, porém, representa também um processo de restabelecimento. Na experiência de crise do adulto podem notar-se três fases distintas: o início, a duração e a solução. A crise pode sobrevir gradualmente ou de improviso. A perda repentina de uma pessoa querida pode fazer o coirmão entrar traumáticamente em crise, mas também a crise, que se desenrola de maneira mais gradual, pode levar a uma experiência igualmente profunda de sofrimento.

347. [As soluções da crise] Os resultados da crise podem ser diversos: **a.** a *solução criativa*, que leva a concentrar-se no essencial; **b.** a *solução dita do pânico*, gerada pela consciência que ‘já foge’ da possibilidade

⁶⁰ Neste sentido o Papa afirma: “É uma juventude do espírito que permanece no tempo: ela se alia com o fato de que o indivíduo busca e encontra, em cada ciclo vital, uma tarefa diferente para desenvolver, um modo específico de ser, de servir, de amar” (VC, n° 70).

⁶¹ Neste sentido PDV, no n° 77, se refere aos sacerdotes de meia-idade, mas pode também ser aplicado aos Irmãos. Veja também *Linee-Guida per la formazione permanente*, n° 9.

de nova expressão vital, que leva a mudar de trabalho, de amizades, de estilo de vida e de vocação. Sinal deste pânico, justamente nesta idade, é o número elevado dos divórcios, do abandono do sacerdócio ou da vida religiosa; **c.** a *solução resignada*, que leva, por exemplo, a tornar sempre mais evidente a perda do gosto pela vida; **d.** a *solução hipócrita*, em que os sujeitos não se põem nunca em crise, pelo contrário, negam-na, por que, como pessoas que jogam um papel, a vivem mascarados atrás de um personagem.

348. [Nova fidelidade ao carisma] A formação permanente oferece aos membros adultos a oportunidade de formar-se para um novo encontro e uma nova fidelidade ao carisma palotino. Nesta fase não são mais suficientes aspetos que pareciam fascinantes, porém se manifesta a necessidade de motivações autênticas e que compreendam todos os valores fundamentais do espírito do Fundador. Nesta fase da vida também, o apostolado deverá ser aprofundado, redescoberto e realizado de modo mais coerente. A vida palotina será, então, tanto mais apostólica quanto mais íntima for a dedicação ao Senhor Jesus, quanto mais fraterna a forma comunitária de existência, quanto mais ardente o envolvimento na missão específica de toda a fundação de S. Vicente Pallotti.

349. [As características positivas da meia-idade] Se cada idade da vida é chamada a sustentar as outras idades, da meia-idade a gente espera: maior agilidade e simplicidade; pacatez e humorismo; um mínimo de auto-ironia e de paz interior; amorosa penetração dos corações, fruto da sabedoria prática, da experiência e do dom do espírito; capacidade de mostrar que, com um pouco de confiança na Providência e de abandono em Deus, se encontra o caminho certo também nas situações que pareciam bloqueadas; capacidade de conviver com novidades e diversidades; capacidade de acolher com sobriedade o valor de todas as pequenas coisas cotidianas, de valorizar com simplicidade todas as relações do ministério e de rezar também nas ocasiões de aridez. A meia-idade vivida assim tem o valor de exemplo coletivo e, assim, de mensagem providencial, para

a nossa sociedade, confusa e extraviada, na qual a crise da meia-idade se torna pretexto para romper as maiores fidelidades da vida⁶².

A PESSOA CHAMADA

- 350. [Um constante chamado]** A formação permanente é precisamente um permanente chamado a evitar a tentação de considerar-se ‘adulto’ e auto-suficiente, com a presunção de não ter mais necessidade de continuar o caminho de identificação com Cristo. Em verdade, “ninguém pode eximir-se de aplicar-se ao próprio crescimento humano e religioso; [...] Nenhuma fase da vida pode considerar-se tão segura e fervorosa que exclua a oportunidade de específicos cuidados para garantir a perseverança na fidelidade”⁶³.
- 351. [Vigor e enfraquecimento]** A meia-idade é considerada como o ‘ponto alto da vida’ de cada palotino⁶⁴. No começo desta situação ele, de fato, se encontra no pleno vigor psicofísico, o que lhe permite assumir encargos e responsabilidades de forma crescente. Em outras palavras, a meia-idade é normalmente um tempo de plena saúde física, isto é, uma idade em que os adultos sofrem pouquíssimas doenças agudas. Mas por que este período é normalmente longo, a pessoa faz também a experiência da diminuição do vigor juvenil e das energias físicas. Este é o tempo em que se fala com mais freqüência e preocupação da saúde. O declínio físico adverte que alguma coisa muda no nosso ritmo vital, que a vida começa a colocar-se no horizonte da morte. De fato, a meia-idade é um tempo em que a pessoa se põe ‘pela primeira vez’ diante da possibilidade da própria morte.
- 352. [Os dois campos]** Na ‘viagem’ da pessoa toda em direção a uma “*remotivação* na metade da vida” dois campos são importantes e reciprocamente entrançados: o da psicologia e o da espiritualidade. Dentre as tarefas importantes deste período temos as seguintes: **a.** aceitar o passado, assumindo realisticamente o futuro, e fazer uso

⁶² Cfr. Card. Carlo Maria Martini, *L'età media del clero*, Milão, 1996.

⁶³ VC, n° 69; cfr. também, Rinnovamento SAC 2000 [6], *La promessa di Perseveranza*, Roma 2004.

⁶⁴ Cfr. CG, n° 983.

das próprias capacidades e limitações; **b.** dar um sentido aos limites e ao pecado, relendo a própria história como ‘história de salvação’; **c.** enfrentar a inveja, a rivalidade e o poder, suprimindo o ‘mecanismo comparativo’ com os outros, muito intenso na metade da vida; **d.** integrar as forças opostas do interior de si mesmo, isto é, reequilibrar na vida as seguintes ‘polaridades da personalidade’: jovem/velho, destruição/criação, masculino/feminino, ambiente exterior/mundo interior; **e.** enfrentar o próprio ‘mundo real’ com fidelidade, isto é, ser aquilo que se diz ser; **f.** reavaliar a própria estrutura de vida, isto é, apanhar o fio condutor da próprias vida e desmontar esquemas, idéias, estereótipos, problemas não resolvidos, para viver o essencial; **g.** enfrentar a perda, a dor e a morte, isto é, descobrir a dimensão pascal da própria vida e do próprio compromisso; **h.** canalizar a própria energia e criatividade, isto é, sair do centro de si mesmo para o bem dos outros, para ser capaz de atenção para com os outros, sem assumir funções de controle; **i.** adquirir sabedoria e flexibilidade, isto é, viver sempre mais do que vem de dentro; **j.** ‘nascer de novo’, ou seja, descobrir no processo da formação o predomínio da fé e a necessidade de considerar que ‘tudo é graça’.

OS FORMADORES E O AMBIENTE EDUCATIVO

353. [A comunidade local] O espaço privilegiado da formação permanente é a vida comunitária. Na realidade, em cada fase da vida palotina, “as Comunidades Locais são células vivas de inspiração e de atividade palotina”⁶⁵, e os membros encontram nelas a base para uma incessante renovação da vida. “A comunidade religiosa é a sede e o ambiente natural do processo de crescimento de todos, aí cada qual se torna co-responsável pelo crescimento do outro”⁶⁶.

354. [O Ano litúrgico] A formação permanente se estende ao longo de todo o tempo da nossa peregrinação em direção à pátria do céu. Pois, a celebração do mistério do Ano litúrgico assume todas as

⁶⁵ Cfr. *LSAC*, n° 85.

⁶⁶ *La vita fraterna in comunità*, n° 43.

fases da vida, cada mês, semana ou dia, como tempo assinalado pela ação salvífica de Deus. Os ritmos do Ano litúrgico, os quais articulam no tempo a totalidade do mistério de Cristo, são, para o palotino, um convite permanente para a conformidade com Cristo. Eles têm uma correspondência profunda com a vida apostólica e os fatos que a acompanham: a espera, o desejo e a realização do Advento, a purificação, o drama da paixão, morte e ressurreição para a vida nova da Páscoa, a missão de Pentecostes. O palotino pode conformar-se a Cristo justamente porque nada de sua vida é deixado à margem da encarnação. “As pessoas em formação contínua apropriam-se novamente do tempo, não o suportam, acolhem-no como dom e entram com sabedoria nos vários ritmos – cotidiano, semanal, mensal e anual – da própria vida, buscando a sintonia entre eles e o ritmo fixado por Deus imutável e eterno, o qual marca *os dias, os séculos e o tempo*”⁶⁷.

355. [A direção espiritual] A direção espiritual não é exclusiva da idade juvenil, mas é instrumento precioso de crescimento e de sustentação, principalmente em ocasiões de crise. Quando a fidelidade se torna mais difícil, é preciso oferecer à pessoa o amparo de uma confiança maior e de um mais intenso amor, tanto a nível pessoal como comunitário. Este amparo se verifica com a vizinhança afetuosa do superior e a ajuda qualificada de um diretor espiritual, que poderá levar a redescobrir o senso da aliança, que Deus, por primeiro, estabeleceu e não pretende desmentir⁶⁸.

356. [A formação dos formadores] Para um indispensável salto de qualidade, preconizado pela situação hodierna, é urgente apostar na qualidade das pessoas que são chamadas a desenvolver o serviço formativo: os superiores maiores e as pessoas comprometidas na formação a todos os níveis⁶⁹. A escolha e a preparação dos

⁶⁷ *RdC*, n° 15. Sobre a dimensão eucarística da vida de consagração veja *ibidem*, n° 26.

⁶⁸ Cfr. *VC*, n° 70.

⁶⁹ “Diante de tarefas tão delicadas, revela-se verdadeiramente importante a formação de formadores idôneos, que, em seu serviço, assegurem uma grande sintonia com a caminhada de toda a Igreja. Será oportuno criar adequadas estruturas para a *formação de formadores*, possivelmente em lugares onde seja possível o contato com a cultura em que será exercido depois o próprio serviço pastoral. Nesta obra formadora, os Institutos já mais bem arraigados

formadores e da *equipe* dos formadores constituem para os superiores maiores uma tarefa prioritária, porque justamente os formadores serão os primeiros responsáveis pela transmissão do espírito do Fundador e, assim, da UAC e da SAC às novas gerações, que devem e querem tornar próprio o carisma palotino. Além disso também a formação dos formadores nas diversas áreas das ciências humanas é uma urgência “para garantir uma ajuda profissional aos coirmãos em crise”⁷⁰.

357. [O apostolado] O apostolado tem uma potencialidade intrinsecamente formativa porque é escola de serviço e de caridade. No fim das contas o apostolado é um dom que cresce e amadurece somente se e quando é exercido. O empenho apostólico, porém, não se confunde com o ativismo, a concorrência e o narcisismo produtivo. “Enquanto o apostolado imprime especialmente a imagem externa da Sociedade, o amor descrito na 1Cor 13, é a alma que tudo penetra e deve [...] caracterizar a vida e a atividade dos membros, como também a estrutura e o governo da Sociedade”⁷¹.

OS MÉTODOS E OS MEIOS

358. [O diretório]⁷² Ao final de cerca de dez anos de profissão perpétua, quando aparece o risco da vida habitudinária e o desaparecimento de todo elã, nessa altura aparece necessário um período prolongado em que tomar distâncias em relação à vida ordinária, para revê-la à

dêem uma ajuda aos Institutos de mais recente fundação, graças à contribuição de alguns de seus membros melhores” – VC, nº 66.

⁷⁰ VII Congresso Consultivo dos Superiores Maiores SAC, p. 19. O documento continua: “O formador porém é só um acompanhador; o testemunho da comunidade e o papel do superior são complementares”.

⁷¹ CG, nº 211. Veja também *Estatuto Geral da UAC*, nº 14 e 88 desta *Ratio*.

⁷² Pallotti descreve assim o *espírito* desta formação: “Todos ao voltarem ao Diretório não o farão por formalidade mas por verdadeiro espírito de aproveitar dele. Não podendo alguém presumir de ser perfeito nos caminhos de Deus, mas antes devendo cada qual considerar-se como criança. Poderia dizer-se também: considerando-se menos que crianças, todos entrarão para o Diretório como os últimos dos Postulantes, e como os últimos na casa do Senhor, e todos, como crianças, se sujeitarão a todos os regulamentos do Diretório; e todos, como se fossem os mais ignorantes e os mais despreparados, se farão instruir” – OCCC VII, pp. 67-68.

luz do evangelho e do pensamento do Fundador”⁷³. Com efeito, para manter viva a disponibilidade de ‘instruir-se sem trégua’⁷⁴, é necessário oferecer a todos os membros da Sociedade este tempo de aprofundamento e a possibilidade de encontrar-se periodicamente a nível provincial, regional ou geral a cada cinco anos, por exemplo, para um mês ao menos de formação permanente⁷⁵. O programa deste *Diretório* será uma atualização não só pastoral mas também espiritual, palotino, intelectual, cultural e de vida comunitária⁷⁶.

359. [Os encontros regulares] Espaços de formação permanente deveriam ser também os encontros dos coirmãos que operam em áreas apostólicas semelhantes. Formadores, pregadores de retiros, professores, membros envolvidos em obras apostólicas de editoria ou de comunicações sociais, animadores vocacionais, párocos e outros grupos de operadores pastorais deveriam ter a oportunidade de reunir-se, a intervalos regulares, para intercâmbio de experiências, de idéias e de informações. No mesmo espírito, também os Superiores Maiores da Sociedade deveriam considerar os seus encontros como um tempo de formação permanente⁷⁷.

360. [O período sabático] Também os períodos sabáticos servem de meios para a formação permanente e para a renovação pessoal. O seu objetivo é de reforçar a vida espiritual e apostólica do membro, com um programa especialmente intensivo. Estes períodos, entretanto, não podem considerar-se como um direito dos membros e nem como férias⁷⁸. Uma habitual harmonia entre o membro, que apresenta o pedido, e o Conselho Provincial, que o acolhe, ajuda a manter o caráter de formação permanente dos períodos sabáticos. Isto garante o crescimento e o desenvolvimento de cada qual e o

⁷³ *PI*, n° 70.

⁷⁴ Cfr. n° 45 desta *Ratio*.

⁷⁵ Cfr. n° 51 desta *Ratio*. Com efeito, Vicente Pallotti propôs aos membros da sua Congregação um *Diretório* de um mês a cada cinco anos. Os missionários deviam fazê-lo a cada três anos, durante quinze dias e aqueles que não pudessem viajar freqüentemente, desde que chagados ao próprio país, o fariam por três meses; cfr. OCCC VII, pp.63-68.

⁷⁶ Cfr. *VII Congresso Consultivo dos Superiores Maiores*, p. 10.

⁷⁷ Cfr. *Linee-Guida per la formazione permanente*, n° 64.

⁷⁸ Cfr. *ibidem*.

direito da comunidade de instigar o membro a um maior crescimento, para além das preferências pessoais⁷⁹.

361. [Os exercícios espirituais] Também os exercícios espirituais anuais e os dias de retiro mensal são importantes ocasiões de formação permanente e não deveriam ser trocados por tempos de atualização teológica e pastoral e tão-pouco deveriam servir, em primeiro lugar, para oferecer oportunidade de socialização e de melhoria de vida comunitária⁸⁰. A sua função primária é a de intensificar a formação espiritual dos membros. Os assuntos deveriam ser escolhidos com cuidado, de forma a desenvolver os temas da vida consagrada e da vida palotina. Para aproveitar deles ao máximo, Pallotti aconselhava retirar-se para uma casa adequada a este gênero de exercícios e de fazê-los a 'portas fechadas'⁸¹. Especiais retiros sobre o pensamento e os ideais de Vicente Pallotti, como também especiais cursos espirituais sobre os mais importantes escritos do Fundador, deveriam ser oferecidos a todos os membros⁸².

362. [Os outros meios] “Em cada instituto será designado pelos superiores um responsável pela formação permanente”⁸³. Todo Superior Maior da SAC deve, pois, delegar a uma pessoa, a uma comissão ou a um secretariado o encargo de preparar, promover e dar impulso a um programa de formação permanente na própria jurisdição. É atribuição de cada Província prover, por si ou em colaboração com outras, às iniciativas para a formação permanente dos membros e dar jeito para que estes possam valer-se também das várias oportunidades que se oferecem fora da Sociedade”⁸⁴. Na verdade, as iniciativas, que oferecem meios muito válidos de

⁷⁹ Cfr. *ibidem*.

⁸⁰ Cfr. n° 50 desta *Ratio*.

⁸¹ Cfr. *ibidem*.

⁸² Cfr. *Linee-Guida per la formazione permanente*, n° 64.

⁸³ *PI*, n° 71.

⁸⁴ *LSAC*, n° 308.

formação permanente nas nossas Províncias e Regiões, são muitas⁸⁵. No plano central é preciso que o Secretariado Geral para a Formação, com a ajuda do Secretariado para o Apostolado e do Instituto São Vicente Pallotti de Roma, se encarregue de dar vida a iniciativas de formação permanente para toda a Sociedade. Devem favorecer-se tais iniciativas com toda a União do Apostolado Católico⁸⁶.

363. [Os meios à nossa disposição] “Todos, com certeza, somos fracos, admito-o, mas o Senhor Deus põe à nossa disposição meios tais que, se quisermos, podemos com eles fazer muito. Sem eles, porém, não será possível garantir o compromisso da própria vocação. Tomemos o caso de um Sacerdote que reconheça de fato precisar ser temperante, precisar dar exemplo de hábitos sérios e santos, mas que, depois, rejeita toda mortificação, não jejue, não reze, ame conversações e familiaridades pouco edificantes: como poderá ele estar à altura do seu ofício?”⁸⁷. O único poder do homem é utilizar ou não utilizar os meios que o Senhor põe à sua disposição. Por isso, Pallotti preza muito “os meios que Deus nos sugere”⁸⁸.

A IDADE AVANÇADA

O OBJETIVO E OS DESAFIOS

364. [A preparação] “É oportuno que também as pessoas consagradas, de longe, se preparem para envelhecer e para prolongar o seu tempo *ativo*, aprendendo a descobrir a sua nova forma de construir comunidade e de colaborar para a missão comum, mediante a capacidade de responder positivamente aos desafios próprios da idade, com a vivacidade espiritual e cultural, com a oração e com a

⁸⁵ Por exemplo, os cursos dados nas diversas jurisdições da SAC, como o *Pastoraltheologisches Institut der Pallottiner*, em Friedberg e o *Instituto Superior de Estudos Palotinos (ISER)*, em Santa Maria – Brasil.

⁸⁶ Cfr. *Fedeli al futuro*, Documento final da XVIII Assembléia Geral, nº 6.2.2.

⁸⁷ De um discurso de S. Carlos Borromeo, *Acta Ecclesiae Mediolanensis*, Milão, 1599, p. 1177.

⁸⁸ Cfr. OOCC X, p. 605; veja também o nº 70 desta *Ratio*.

permanência no setor do trabalho até quando seja possível prestar o seu serviço, também se limitado”⁸⁹.

365. [Os desafios] “Nenhuma fase da vida pode considerar-se tão segura e fervorosa que exclua a oportunidade de específicos cuidados para garantir a perseverança na fidelidade, assim como não existe idade que possa ver exaurida a maturação da pessoa”⁹⁰. A formação permanente deve, pois, interessar também àqueles coirmãos palotinos que, pela idade avançada, são apontados como *anciãos*⁹¹ e que em algumas Províncias e Regiões são a parte mais numerosa da Sociedade. Como todas as fases da vida, também a idade avançada suscita problemas novos e enfrenta tentações próprias. As dificuldades podem ser: as doenças e o progressivo depercimento orgânico, a fadiga moral, o afastamento dos encargos e da atividade apostólica, o refugiar-se nas nostalgias, a melancolia da saudade, a solidão e o senso de aparente inutilidade.

366. [O objetivo] A formação permanente tem o objetivo de compreender e viver em plenitude a ancianidade na comunidade, com o envolvimento não só do membro ancião. Não se trata só de ajudar o palotino a aceitar a lei inexorável do tempo e da ancianidade, mas de viver esta passagem espiritualmente e apostolicamente como um *evento de graça* e uma experiência livremente acolhida no plano psicológico⁹². Outro objetivo é o de ajudar o ancião a continuar o serviço para com a Igreja e a Sociedade, de modo fecundo e frutuoso. A formação permanente ajudará a manter viva a convicção de continuar a ser membros ativos no Apostolado Católico e na edificação da Igreja,

⁸⁹ *La vita fraterna in comunità*, n° 68.

⁹⁰ *VC*, n° 69.

⁹¹ Muitos termos designam esta fase da vida como: velhice, velho, senilidade, etc. As expressões ‘ancião’, ‘ancianidade’, ‘terceira idade’, ‘idade avançada’, são usadas para evitar as conotações ligadas ao que é decadente e ao que é patológico. O Papa João Paulo II se dirige a estas pessoas com a mesma palavra: “aos meus irmãos e irmãs anciãos” – *Carta do Santo Padre aos Anciãos*, 1° de outubro de 1999, *Enchiridion Vaticanum* 18, EDB, Roma.

⁹² Um exemplo eloqüente de experiência altamente formativa da *ancianidade*, vivida como ser “mergulhado num Mar imenso de divinas Misericórdias, pode encontrar-se no Testamento espiritual do Fundador: *Na minha morte*, OCCC III, pp. 23-33.

principalmente com a oração e a união com Cristo: “Em minha carne supro, pela Igreja, seu corpo, o que falta às tribulações de Cristo” (Cl 1,24). O ancião palotino não está privado nem de presente nem de futuro⁹³. O seu presente e o seu futuro consistem num amadurecido testemunho de sabedoria, entendida como visão global da vida humana e espiritual.

- 367. [O ritmo da espera do Senhor]** A vocação do palotino na Igreja, como a de todo consagrado, tem a grave tarefa de trazer continuamente à memória “aquele dia tremendo e glorioso”, que é certo, mesmo se da parte de Deus, foram escondidas sua data e hora. A formação permanente torna seu também o ritmo da espera daquele dia. Somente se tem raízes bem fixas naquele futuro da margem divina, o palotino, como a árvore da visão profética, dará frutos em cada estação do ano. Só a espera do encontro com Ele liberta o tempo do medo da morte, gera os santos e os mártires do cotidiano. O tempo se completará definitivamente quando for acontecer o encontro. É claro, a vizinhança da morte não caracteriza com exclusividade esta quadra da vida, porque a morte está presente em todas as etapas do processo de formação permanente. De qualquer forma, a morte não é somente a meta para a qual a nossa vida está orientada, mas é também um fator de formação. Em outras palavras, a formação permanente tem intrinsecamente o ritmo da espera do Senhor, mas isto será possível somente se as raízes da esperança forem aprofundadas durante todas as fases da vida.

O CONTEÚDO, A PEDAGOGIA E O CONCEITO DA ETAPA

- 368. [O dom total de si]** A idade avançada tem, como específico, o senso global da vida, enquanto, na lógica ensinada por Jesus Cristo, a vida é dom recebido gratuitamente e gratuitamente doado: “Gratuitamente recebestes, gratuitamente dai” (Mt 10,8). Ele foi o primeiro a pô-lo em prática, vivendo sua vida como dom recebido e transformado em bem doado; afinal toda a sua vida terrena foi um

⁹³ “A vivência humana, apesar de sujeita ao tempo, é colocada por Cristo no horizonte da imortalidade” – *Carta aos anciãos*, nº 2.

progressivo entregar-se ao Pai e aos outros, até a morte de cruz. Assim esta fase permite ao palotino chegar à participação do dom total de si.

369. [A configuração a Cristo] “A idade avançada trás problemas novos, que devem ser enfrentados preventivamente, com um cauto programa de sustentação espiritual. O afastamento progressivo da ação, em alguns casos, a doença e a forçada inatividade, constituem uma experiência que pode tornar-se altamente formativa. Experiência muitas vezes dolorosa, ela, contudo, oferece à pessoa consagrada anciã a oportunidade de deixar-se plasmar pela experiência pascal, configurando-se a Cristo crucificado, que cumpre em tudo a vontade do Pai e se abandona em suas mãos até entregá-lhe o espírito. Tal configuração é um modo novo de viver a consagração, que não está ligado à eficiência de uma tarefa de governo ou de trabalho apostólico”⁹⁴.

370. [O termo e a plenitude] A ancianidade pode ser vivida pelo palotino como o período que lhe oferece ainda mais a possibilidade de configurar-se a Cristo, que deu a sua vida; pode ser o tempo do amor puro e perenemente jovem. É também o tempo da espera do Senhor. Neste sentido o ancião pode ajudar muito aos membros da comunidade a prepararem-se, para viverem esta fase da vida como *termo* e *plenitude* do misterioso processo de formação. Apesar disso este período da vida não é dominado pela morte e pela sua aproximação. A vida consagrada palotina verdadeira é sempre vital comunicação com Deus e com os irmãos, porque orientada no sentido da total configuração com Jesus Cristo na vida eterna.

A PESSOA CHAMADA

371. [A última fase da vida] A idade avançada é a última fase existencial e vai dos 60 ou 65 anos para cima, dos anos ativos, nos quais se desenvolve oficialmente uma atividade ou se desempenha uma responsabilidade, até a retirada progressiva e, depois, até a morte. É

⁹⁴ VC, n° 70.

preciso que, durante esta ‘última fase’, o palotino ancião sinta novamente e profundamente em seu ser a experiência que o apóstolo Paulo descreveu em sua caminhada para a ressurreição: “É por isso que não desfalecemos. Ainda que nosso homem exterior se decomponha, nosso homem interior se renova de dia a dia” (2Cor 4,16)⁹⁵.

372. [O ancião como sujeito] Todo membro da Sociedade é responsável pela formação permanente própria como pela dos outros membros. Se cada membro é chamado a comportar-se como se fosse o fundador da Sociedade, é de importância vital que ele imite o zelo do próprio Pallotti, em todos os âmbitos de vida da formação permanente, para a infinita glória de Deus⁹⁶. O ancião, neste sentido, permanece o sujeito da própria formação e contribui ativamente para a formação dos outros. Ele não é simplesmente acompanhado, sustentado, compadecido ou suportado, ele é chamado a testemunhar o primado do ser sobre o operar, da substância sobre a técnica e da graça sobre a eficiência exterior⁹⁷. Com efeito, a ancianidade constitui, tanto para o palotino que atingiu esta idade, como para os mais jovens, “uma experiência que pode tornar-se altamente formativa”⁹⁸.

OS FORMADORES E O AMBIENTE EDUCATIVO

373. [O apostolado] O afastamento da atividade ou uma diminuição dela não implica necessariamente o fim do compromisso apostólico, por que ele não consiste no fazer mas no ser apóstolo. De qualquer forma é necessário e importante que o afastamento da atividade não seja total e que o ancião esteja comprometido, o quanto possível, com um mínimo de serviços apostólicos⁹⁹. O programa de formação

⁹⁵ Cfr. *PI*, n° 70.

⁹⁶ Cfr. *Línea-Guida per la formazione permanente*, n° 65.

⁹⁷ Cfr. *ibidem*, n° 12.

⁹⁸ *VC*, n° 70.

⁹⁹ O Papa lembra como os anciãos podem desenvolver o apostolado: “Muitos são, pois, os modos com que os anciãos são chamados a viver a sua vocação: a oração assídua, a paciente aceitação da própria condição, a disponibilidade para o serviço de diretor espiritual, de confessor, de orientador na oração” – *VC*, n° 44.

permanente para o palotino ancião terá presente, pois, a distinção e o fato de que nem todos se retiraram do trabalho. Há membros anciãos que estão ainda empenhados nas atividades apostólicas e desempenham encargos importantes e cheios de responsabilidade. A formação permanente, por um lado, os ajudará a continuar esta dedicação e serviço à Igreja e à Sociedade e, por outro lado, os ajudará, no momento oportuno, a fazerem-se substituir, a não fazer as obras dependerem da própria pessoa e a não tornarem-se indispensáveis e insubstituíveis.

374. [A comunidade local] É preciso evitar a criação de um ambiente artificial, que gere somente solidão nos membros anciãos e isolamento deles em relação aos mais jovens e vice-versa. A presença do ancião na comunidade tem um valor formativo em si mesmo: é um forte apelo a maior coerência de fé e constitui uma energia vitalizadora para a vida comunitária. A presença de pessoas idosas nas comunidades pode ser, pois, muito positiva. Um palotino idoso que não se deixe vencer pelos achaques e pelos limites da idade, que mantenha viva a alegria, o amor e a esperança, é um sustentáculo de incalculável valor para os jovens. O seu testemunho, a sua sabedoria e a sua oração constituem um encorajamento permanente na caminhada espiritual e apostólica dos jovens. De outra parte, um palotino jovem, que se preocupe dos próprios coirmãos anciãos, confere credibilidade evangélica à Sociedade como verdadeira família convocada em nome do Senhor¹⁰⁰. De fato, a comunidade pode assumir um papel significativo e realmente formativo quando mantém o coirmão ancião efetivamente integrado na realidade da dinâmica comunitária, apelando para os seus recursos de testemunho e de oração e valorizando a sabedoria e a experiência.

OS MÉTODOS E OS MEIOS

375. [Estender as mãos] O Apóstolo Pedro, depois de ter recebido a tarefa imensa de apascentar o rebanho do Senhor, ouviu as palavras:

¹⁰⁰ Cfr. *La vita fraterna in comunità*, n° 68.

“Quando envelheceres estenderás as mãos e será outro que as amarrará e te levará aonde não queres” (Jo 21,15). O palotino ancião precisa viver estas ocasiões como uma oportunidade única para manter viva a convicção de deixar-se formar em todo o curso da vida e especialmente em força da sua união com Jesus Cristo sofredor e ressuscitado, para reviver a experiência espiritual do apóstolo Paulo, que dizia: “Agora me alegro com os sofrimentos suportados por vós. Em minha carne supro, pela Igreja, seu corpo, o que falta às tribulações de Cristo” (Cl 1,24).

376. [O programa] A formação permanente para os membros anciãos não comportará tanto compromissos de estudo, de atualização e de debate cultural, como se aplicará à confirmação serena e asseguradora do papel que eles são ainda chamados a desempenhar no apostolado e na vida comunitária. A comunidade deverá providenciar, com grande atenção, que os palotinos anciãos se sintam inseridos na vida da Sociedade, participantes da sua missão, envolvidos no seu dinamismo apostólico de forma nova e eficaz. “A sua fecundidade, mesmo que invisível, não é inferior a das comunidades mais ativas. Até, estas tomam forças e fecundidade na oração, no sofrimento e na aparente não influência das menos ativas”¹⁰¹.

377. [A doença] Para que ninguém se sinta só neste momento decisivo e difícil de unir-se à hora suprema da paixão do Senhor, a assistência material e espiritual a quem está seriamente doente é uma das tarefas mais delicadas e que mais exprimem o vínculo de fraternidade da comunidade, antes, é mediação preciosa nesta fase da formação permanente¹⁰².

¹⁰¹ *La vita fraterna in comunità*, n° 68.

¹⁰² “O cuidado dos anciãos e dos doentes tem uma parte relevante na vida fraterna, principalmente numa ocasião como esta, em que, em algumas regiões do mundo, aumenta o número das pessoas consagradas que já estão avançadas em idade. A solícita atenção que elas merecem não corresponde só a um preciso dever de caridade e de gratidão, mas é também expressão da consciência de que o testemunho delas aproveita muito à Igreja e aos Institutos e que a missão delas continua válida e meritória, também quando, por motivos de idade e de enfermidade, tenham se obrigado a abandonar a sua atividade específica. *Elas têm certamente muito a dar* à comunidade, em sabedoria e experiência, se esta souber ficar vizinha delas com

378. [Morte como conformação máxima] A morte é a conclusão de todo o processo formativo, porque é a ocasião da máxima conformação à vida e à morte de Jesus Cristo, na esperança da vida nova da sua ressurreição. A morte representa o momento vocacional por excelência, condensa todos os precedentes chamados e encerra a verdade da pessoa. A formação permanente, neste caso, significa acompanhamento de fé e de caridade, de oração e de presença dos coirmãos, para que a morte não nos colha despreparados, mas antes assinale o sublime ponto mais alto da caminhada da formação permanente, isto é, o momento em que cada qual possa finalmente exclamar: “Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

atenção e capacidade de escuta. Na realidade a missão apostólica, antes que na ação, consiste no testemunho da própria dedicação total à vontade salvífica do Senhor, uma dedicação que se alimenta nas fontes da oração e da penitência” – *VC*, nº 44.

DOCUMENTOS ECLESIAIS E PALOTINOS SOBRE A FORMAÇÃO

Relacionam-se aqui os principais documentos eclesiais e palotinos recentes que podem ser de especial interesse para a formação.

Supõe-se a referência aos documentos do Concílio Vaticano II, ao Código de Direito Canônico, aos documentos dos Sínodos dos Bispos e às exortações pós-sinodais.

Pelo que diz respeito aos documentos palotinos, supõe-se a referência à documentação palotina fundamental e oficial, às Assembléias Gerais recentes, às intervenções dos Reitores Gerais com os seus Conselhos, que interessem direta ou indiretamente à formação.

1. DOCUMENTOS ECLESIAIS

João Paulo II

- Constituição apostólica *Sapientia Christiana* sobre as Universidades e Faculdades eclesiásticas, 1979
- Exortação apostólica *Redemptionis Donum*, 1984
- Exortação apostólica *Christifideles Laici*, 1998
- Carta apostólica *Mulieris Dignitatem*, 1998
- Exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis*, 1992
- Exortação apostólica *Vita Consecrata*, 1996
- Carta encíclica *Fides et Ratio*, 1998.

Congregação para a Educação Católica

- *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, 1985
- Carta circular sobre o ensino da filosofia nos seminários, 1972
- Orientações educativas para a formação para o celibato sacerdotal, 1974
- Carta circular sobre o estudo do Direito canônico, 1975
- Documento sobre a formação teológica dos futuros sacerdotes, 1976

- Normas para a aplicação da Constituição apostólica *Sapientia Christiana*, 1979
- Instrução sobre a formação litúrgica nos seminários, 1979
- Carta circular sobre a formação espiritual nos seminários, 1980
- Orientações educativas sobre o amor humano, 1983
- A pastoral da mobilidade humana na formação dos futuros sacerdotes, 1986
- Orientações para a formação dos futuros sacerdotes sobre os instrumentos da comunicação social, 1986
- A admissão no seminário de candidatos provenientes de outros seminários ou famílias religiosas, 1986
- Algumas diretrizes sobre a formação nos Seminários maiores, carta circular, 1987
- A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual, 1988
- Orientações para o estudo e o ensino da doutrina social da Igreja na formação sacerdotal, 1988
- Instrução sobre o estudo dos Padres da Igreja na formação sacerdotal, 1989
- Diretrizes sobre a preparação dos educadores nos seminários, 1993
- Formação dos seminaristas sobre matrimônio e família, 1995
- Novas vocações para uma nova Europa, 1997 (com a Pontifícia Obra para as Vocações eclesásticas)
- Normas fundamentais para a formação dos diáconos permanentes, 1998
- O período propedêutico (documento informativo), 1998

Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica

- Instrução *Renovationis causam*, 1969
- Critérios diretivos sobre relações entre os Bispos e os Religiosos na Igreja *Mutuae relationes*, 1978 (com a Congregação para os Bispos)
- Religiosos e promoção humana, 1980
- A dimensão contemplativa da vida religiosa, 1980
- Os elementos essenciais do ensino da Igreja sobre a vida religiosa, 1983

- Diretrizes sobre a formação nos institutos religiosos *Potissimum Institutioni*, 1990
- A vida fraterna em comunidade, 1994
- A colaboração inter-institutos para a formação, 1999
- Partir de Cristo (Ripartire da Cristo), 2002

Congregação para a Doutrina da Fé

- Fé e inculturação, 1988
- Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo, 1990

Congregação para a Evangelização dos Povos

- Carta circular sobre a dimensão missionária da formação sacerdotal, 1970
- A formação nos seminários maiores, 1987

Congregação para o Culto Divino

- Instrução *Professionis ritus*, 1970
- Instrução *Ritus pro collatione ministeriorum*, 1972
- Carta “Os escrutínios sobre a idoneidade dos candidatos às ordens”, 1997

Congregação para o Clero

- Carta sobre “a Instrução e a formação permanente do clero” *Inter ea*, 1969
- Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros, 1994
- Normas fundamentais para a formação dos diáconos permanentes. Diretório para o ministério e a vida dos diáconos permanentes, 1998
- O presbítero, ministro da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio cristão, 1999

Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos

- O Ecumenismo no ensino da teologia, 1986
- A dimensão ecumênica na formação de quem se dedica ao ministério pastoral, 1995

Pontifício Conselho para a Família

- Sexualidade humana: verdade e significado, 1995

2. ESCRITOS DO FUNDADOR

Pallotti, Vincenzo. *Opere Complete* (Obras Completas), Don Francesco Moccia (org.), vol. I-XIII, Roma, 1964-1997.

Pallotti, Vincenzo. *Lettere. Anni 1816-1844* (Cartas. Anos 1816-1844), Bruno Bayer (org.), Vol. I-IV, Roma 1995-2002.

Pallotti, Vincenzo. *Lettere Latine* (Cartas Latinas), Francesco Moccia (org.), Roma 1998.

3. DOCUMENTOS PALOTINOS

Sociedade do Apostolado Católico, *Ratio Educandi Societatis Apostolatus Catholici*, Roma 1963.

—, *Documentos do Capítulo Geral XII Extraordinário 1968/69*, Roma 1969.

—, *Diretrizes Gerais da Formação no Período Introdutório* in: ACTA SAC, vol XII, pp. 437-469. Roma 1987.

—, *O Apostolado da Sociedade hoje. Desenvolvimento e desafios*, Roma 1989.

—, *Diretrizes para a formação sacerdotal dos estudantes de filosofia e teologia* Roma 1989.

—, *Caminhar e servir juntos. Documento final da XVI Assembléia Geral*, Roma 1990.

—, *Na União para evangelizar. Documento final da XVII Assembléia Geral*, Roma 1992.

—, *Os Irmãos da Sociedade do Apostolado Católico*, Roma 1995.

—, Congresso Consultivo dos Superiores Maiores (Carranza, 3 a 10 de outubro de 1996). *O Carisma e o dom da Colaboração*, Roma 1996.

—, *Fiéis ao futuro. Documento final da XVIII Assembléia Geral*, Roma 1999.

—, *Lei da Sociedade do Apostolado Católico*, Roma 2001.

—, *Comentário jurídico à lei da Sociedade do Apostolado Católico*, preparado por Socha Hubert., Roma 2002.

- , Congresso Consultivo dos Superiores Maiores (Konstancin, 1 a 10 de outubro de 2002). *Preparação à XIX Assembléia Geral*) Roma 2002.

Conselho Geral, Renovação SAC 2000 [1]. *Mensagem do Jubileu 2000*, Roma 2000.

- , Renovação SAC 2000 [2]. *Vida Consagrada Palotina*, Roma 2000.
- , Renovação SAC 2000 [3]. *Castidade Palotina*, Roma 2001.
- , Renovação SAC 2000 [4]. *Pobreza Palotina*, Roma 2002.
- , Renovação SAC 2000 [5]. *Obediência Palotina*, Roma 2002.
- , Renovação SAC 2000 [6]. *Perseverança Palotina*, Roma 2004.
- , Renovação SAC 2000 [7]. *Comunhão dos bens Palotina*, Roma 2004.
- , Renovação SAC 2000 [8]. *Espírito de serviço Palotino*, Roma 2004.

Secretariado Geral para o Apostolado, *Linhas-Guias para a formação permanente na Sociedade do Apostolado Católico*, in: ACTA SAC, vol. XIX, pp. 56-140, Roma 1998.

União do Apostolado Católico, *Chamados pelo nome. Manual de Formação*, Roma 1989.

- , *Memória e Profecia da União do Apostolado Católico*, Roma 1993.
- , *Estatuto Geral da União do Apostolado Católico*, Roma 2003.

Freeman, Séamus, *Num dinamismo de fidelidade. Carta do Reitor Geral a todos os membros da Sociedade do Apostolado Católico*, ACTA SAC XVIII, Roma 1996, pp. 77-137.

Münz, Ludwig, *De formatione in novitiatu (Sobre a formação no noviciado)*, ACTA SAC, X, pp. 27-30.

- , *Os Irmãos na nossa Sociedade*. Carta do Reitor Geral a todos os membros da Sociedade do Apostolado Católico, Roma 1982.

ÍNDICE ANALÍTICO

Acolhimento

- dos novos membros, 20, 221, 228.

Acompanhamento

- Pallotti, acompanhante acompanhado, 57.
- escolha dos acompanhadores, 175;
- personalizado, 226, 229, 234;
- dos candidatos, 231,239;
- formação como acompanhamento, 244, 321;
- para discernir a vocação, 207, 212;
- na formação permanente, 332, 335;
- por ocasião da doença, 377;
- na hora da morte, 378.

Admissão

- ao postulado, 218, 221, 228;
- ao Período Introdutório, 228, 235, 268;
- à primeira consagração, 269;
- à consagração perpétua, 275-276.

Ambiente formativo

- na pastoral vocacional, 215-216;
- no Período Introdutório, 233;
- favorável ao desenvolvimento vocacional, 248;
- na formação permanente, 333.

Amor – veja também caridade

- alma da Congregação, 66;
- pela Igreja, 67;
- ‘recursos amorosos’, 113;
- incapacidade de amar, 129;
- Jesus, fogo de amor, 136;

- Chamado, como resposta ao amor divino, 142;
- medida do crescimento, 172;
- fundamento de toda dimensão formativa, 173;
- o mandamento do amor, 200;
- para com o Fundador, 247;
- para com a comunidade, 261.
- perenemente jovem, 370.

Antropologia

- cristã e palotina, 10, 115;
- critérios de a. palotina, 63, 170;
- o homem segundo Pallotti, 78;
- interdisciplinar, 115;
- e o mistério da encarnação, 121;
- *homo viator (homem viador)*, 126;
- imagem viva de Deus, 127;
- ‘nada e pecado’, 128.

Apostolado

- qual o apostolado tal a formação, 33;
- universal, exercido nas pegadas de Cristo Apóstolo, 68, 70;
- caridade como fonte do apostolado, 88, 92;
- e santidade, 93;
- e Igreja, 105-106;
- como serviço ao mundo, 110-114;
- universal e procuradorias, 112;
- pela justiça, 113;
- como missão redentora, 139, 207;
- eficácia da vida apostólica, 176;
- e oração, 296, 308, 339;
- experiências pastorais durante o tempo dos estudos, 306-308;
- requer um conhecimento profundo, 308;

- nos primeiros anos, 341;
- na idade madura, 348;
- potencialidade formativa do apostolado, 357;
- na terceira idade, 373-376.

Batismo

- e a consagração, 178-179;
- viver sempre em Deus, 185;
- e vocação cristã, 198, 213;

Belém

- acolhimento dos novos membros, 30;
- berço do nosso carisma, 99;
- Maria em Belém, 99.
- Belém, modelo para a casa de formação, 224;
- Modelo da vida comunitária, 259.

Candidato

- todo c. é um dom de Deus, 30;
- e crescimento, 205, 215, 219, 221, 222, 228;
- e o discernimento, 206, 211, 215-218, 222, 228;
- diversidade dos candidatos, 208, 222, 228, 242, 274;
- e a comunidade, 224-228;
- introdução na UAC, 225, 227;
- e acompanhamento, 231, 239;
- primeiro responsável pela formação, 241, 254;
- aberto à cooperação, 227, 263.

Caridade

- Substancial constitutivo, 8, 66;
- *Caritas Christi urget nos*, 88, 138;
- fonte do apostolado, 88, 92;

- espírito de caridade, 92;
- ‘nova fantasia da caridade’, 114;
- homem imagem da caridade..., 137, 187.

Carisma

- originário, 8-9;
- pessoal e da comunidade, 215, 280, 311;
- da fundação, 229;
- e formação permanente, 320;
- fidelidade ao carisma, 323, 348.

Castidade

- valor fundamental, 145;
- formação para o celibato, 169;
- expressão da nossa doação a Deus, 181;
- na consagração, 189.

Cenáculo

- Maria no Cenáculo, 101, 103;
- modelo da vida comunitária, 259.

Colaboração – v. também Comunhão

- na UAC, para a formação, 7, 278, 303, 313;
- entre membros da comunidade e outras pessoas na formação, 218, 227, 288;
- formação para a colaboração, 227, 278;
- inter-institutos p. a formação, 266, 267, 304-305, 313.

Comunhão

- eclesiologia de comunhão, 8, 108, 177;

- espiritualidade de comunhão, 71, 277;
- Deus se comunica a si mesmo, 82, 91, 208;
- o Espírito Santo, comunicação com os humanos, 91;
- co-responsabilidade de todos os batizados, 108;
- com os outros, 119, 341;
- de bens, 181, 191, 196.

Comunidade

- reciprocidade na comunidade, 76;
- modelos para a nossa c.: Belém, Nazaré, Jerusalém, 37, 215, 224, 259;
- atitudes de vida comunitária, 192, 261;
- a comunidade e os candidatos, 215-216;
- capacidade de viver em comunidade, 219;
- formação para a vida comunitária, 226, 259-261, 290, 309-310;
- vida comunitária como sinal profético, 273;
- comunidade e indivíduo, 284, 290.

Comunidade local

- papel formativo, 216, 331, 353, 374, 376;
- ambiente natural de formação, 224, 248, 290, 309;
- palotina, 231;
- e objetivo apostólico, 310;
- inserção na comunidade local, 340;
- e os membros anciãos, 366, 374;
- abertura aos membros da UAC, 331, 340.

Consagração – veja também **promessas**

- Dispor-se para a vida consagrada, 23, 211;
- Três promessas específicas, 72;
- Resposta ao amor, 92;
- Conselhos evangélicos, 177;
- Dom de Deus, 177, 181-183;
- batismal, 178;
- senso teológico, 179;
- união com a Igreja, 184;
- na SAC, 184-186, 190;
- no pensamento de V. Pallotti, 187-191;
- objetivo, 194-195;
- preparação para a consagração, 219, 221-222;
- primeira consagração, 230;
- e espírito de serviço, 298;
- promessas, 298, 309;
- e formação permanente, 315, 318, 325, 342, 369.

Conselhos evangélicos – v. **Promessas**

Contrato- v. também **Consagração**

- pertença à Sociedade, 188;
- solene, 188, 190;
- vínculo de voto, 188, 190.

Cooperação – v. também **Colaboração**

- iniciação à cooperação, 32;
- contínua, 34;
- oração e c., 61;
- ‘coração palpitante’ da formação, 64, 227;
- c. entre as Confrarias e Terceiras Ordens, 71;

- arte da c., 71
- e reciprocidade, 76;
- santa c., 77;
- eclesiologia da c., 107;
- c. desde o início, 107;
- na família palotina, 225, 227;
- c. do candidato com os formadores, 241;
- Novinpal, 266.

Cristo Jesus

- imitação de Jesus C. e formação, 4, 5, 64, 195;
- o Apóstolo do Eterno Pai, 5, 64, 85, 87, 88, 90, 108, 113, 183, 203, 323, 339;
- imitar Jesus C., 25, 86;
- seqüela de C., 31, 178, 210;
- na espiritualidade de V. Pallotti, 85-90;
- dimensão apostólica de sua vida e morte, 85;
- “Memória prática cotidiana”, 89;
- presente no amor, 92;
- novo homem, 121;
- milagre do amor de Deus, 131;
- imagem do Deus invisível, 132;
- modelo divino de perfeição, 133, 163;
- primogênito entre muitos irmãos, 134;
- transformação completa em C., 86, 135, 378;
- amigo supremo, 162;
- modelo de formação integradora, 174;
- modelo de vida humilde, pobre, 193;
- amar como J.C., 200;
- o mandato para edificar a sua Igreja, 207;

- conformação com C., 295, 317, 354, 368-370, 375-378;
- espera do Senhor, 367, 370.

Crítérios – veja também **Admissão**

- Para a formação palotina, 63-77;
- Crítérios p. uma verdadeira vocação, 202, 222.

Cultura

- espiritual, científica e ministerial, 17;
- e a pessoa, 156;
- necessidade de uma formação inculturada, 157, 341;
- cenário cultural de hoje, 158-160;
- c. geral de base, 268.

Desenvolvimento humano – veja também **Maturidade**

- processo do desenvolvimento, 45, 150-155, 176, 234, 251, 270;
- um mistério, 115;
- situações evolutivas e maturidade, 154-155;
- progresso e regressão, 155.

Deus

- amor infinito e misericordioso, 62, 81, 124, 125, 131, 133;
- experiência de Deus como Trindade, 80;
- infinitamente comunicável, 82, 91;
- glória de Deus, 83, 172, 185, 187, 205, 323, 372;
- Jesus imagem do Pai, 172;
- imitação de Deus, com todos os dons de natureza, 187.

Dinâmica espiritual

- dinâmica espiritual transformativa, 3, 171;

- compromisso e fervor, 69;
- sede do infinito, 78-84, 338;
- kenosis como dinâmica esp., 140;
- autotranscendência para Deus, 145;
- dom total de si mesmo, 182-183, 200;
- interioridade, 257.

Direção espiritual

- responsabilidades e qualidades do diretor esp., 54, 243-245;
- importância da direção e., 56;
- epistolar, 58;
- na pastoral vocacional, 215;
- meio mais importante da formação, segundo Pallotti, 258;
- na segunda fase da formação, 297;
- na formação permanente, 339, 355.

Diretor do Período Introdutório

- formação confiada ao Diretor, 243-244;
- as qualidades do Diretor, 245.

Diretório

- regulamento do Diretório, 51;
- encontro de formação permanente, 358.

Discernimento

- discernimento e fim da Congregação, 27;
- discernir juntos, 53
- formação para o discernimento esp., 60;
- os sinais de uma verdadeira vocação, 148;
- acompanhamento como discernimento dos esp., 175, 201-202, 206, 208;

- significado no NT, 198;
- dos sinais dos tempos e da presença de Deus, 198, 206-208, 211;
- origem da prática no NT, 202;
- na pastoral vocacional, 205-207, 218;
- no postulado, 206, 215, 219;
- no Período Introdutório, 257;
- comunitário, 260;
- na decisão por toda a vida, 275.

Disponibilidade

- *Docibilitas* para deixar-se formar, 35, 74, 232, 323, 336;
- disponibilidade constante, 317.

Doença

- e admissão, 228;
- dificuldades da idade avançada, 365;
- experiência pascal, 369;
- assistência ao doente, 377.

Duração

- do Postulado, 220-221;
- do Período Introdutório, 236;
- do segundo período da formação, 276;
- segundo Províncias e contextos culturais, 276;
- dos primeiros anos na formação permanente, 327;
- da fase “meia-idade”, 351;
- da fase “terceira idade”, 371.

Espírito de serviço

- uma das três promessas específicas, 72, 196;
- bandeira do Apostolado Católico, 114, 280;
- atitude de plena disponibilidade, 193;

– e consagração, 298.

Espírito Santo

- e alegria, 75, 95;
- na espiritualidade de V. Pallotti, 90-96;
- “eterna comunicação” em Deus, 91;
- e santidade, 93, 198;
- e unidade, 94;
- formador, 96;
- o homem, viva imagem do Esp. Santo, 127;
- e vida consagrada, 177, 185;
- ação do Esp. Santo, 200, 208, 211, 215, 222, 227;
- abertura ao Esp. Santo, 338.

Espiritualidade veja também **Exercícios espirituais, oração, e Vida espiritual**

- espiritualid. de comunhão, 71, 108, 277;
- de V.Pallotti, 78-114;
- sacerdotal, 167.

Estudos

- estudos e clero douto, 43;
- conferências de estudo, 49;
- no Postulado, 219, 221, 226, 228;
- no Período Introdutório, 255, 265;
- e impulso espiritual, 279, 294;
- e as finalidades da comunidade, 279;
- unidade das disciplinas, 283;
- e crescimento humano, 299;
- filosóficos, 300;
- teológicos, 301;
- tarefas dos nossos institutos de formação, 302.

Eucaristia

- participação diária, 258, 295.

Exercícios espirituais

- Método dos exercícios espirituais, 50;
- na promoção vocacional, 215, 218;
- anuais, 339;
- na formação permanente, 361.

FFormação

- integral, 1-2, 221, 272;
- processo gradual, 3;
- objetivo final, 4-5;
- história da formação na SAC, 6, 8;
- ação formadora de Pallotti, 16, 212;
- de acordo com um projeto, 19;
- espiritual, 42, 215, 221, 230, 259;
- intelectual, estudos, 43, 221,250, 299-308;
- pastoral, 44,263;
- para todos, 46;
- cultural, 52;
- necessidade de uma formação inculturada, 156-157;
- palotina, em resposta às necessidades dos tempos, 162, 203,250;
- humana, como fundamento, 163, 250;
- da consciência, 167;
- para o celibato, 169;
- afetiva, 169;
- dos jovens, 212;
- modelos para as comunidades de formação, 224;
- em comunidade, 224, 250;
- para a UAC, 225;
- formação inicial, 229, 257;
- autêntica, 232;

- interdependência entre f. inicial e permanente, 232, 315, 323, 324, 326, 336;
- tarefas principais no Período Introdutório, 240;
- meios para a formação humana, 251;
- meios para a formação espiritual, 258;
- meios para a formação apostólica, 268.

Formador/es

- formação dos formadores, 7, 223, 288, 303, 336, 356;
- Pallotti, modelo de formador, 18
- formadores segundo Pallotti, 54;
- Pallotti, formador do clero, 55;
- o Espírito Santo como formador, 96;
- necessidade de formadores preparados, 175;
- nomeação dos responsáveis pela formação, 214, 223, 243-244;
- todos os membros são formadores, 214;
- equipe, 214, 244;
- testemunho alegre dos formadores, 217, 229, 241-242;
- qualidades exigidas, 223, 245, 289;
- no Período Introdutório, 243-247.

Idade

- diferença de idade na formação, 208, 242, 274;
- admissão dos candidatos, 222, 228.

Identidade

- palotina, 7-9, 14, 221;
- sexual, 169, 251;

- integração dos valores de Cristo na identidade humana, 174.

Igreja

- eclesiologia de cooperação e comunhão, 8, 107-1087, 278;
- amor pela Igreja, 67;
- a UAC, como modo de ser Igreja, 105;
- e apostolado, 105-106, 216, 218;
- união com a Igreja, 184;
- Igreja e vocações, 201-202, 207, 215-216, 221;
- direito da Igreja e formação para o sacerdócio, 268, 283.

Imagem

- homem, imagem de Deus, 116, 118, 137;
- Jesus, imagem do Deus invisível, 132;
- homem, imagem da caridade, 137.

Irmãos da SAC

- Irmãos e candidatos ao ministério ordenado, 271, 284-286;
- aspectos específicos da formação para os Irmãos, 285-286;
- papel dos Irmãos na comunidade, 285;
- Irmãos na formação permanente, 335.

Liberdade

- e pecado, 120;
- para amar, 143;
- limites da liberdade, 166;
- vocação como chamado à liberdade, 200;
- liberdade para deixar-se formar, 232.

Maria, Rainha dos Apóstolos

- modelo de doação a Deus, 65;
- na espiritualidade de V. Pallotti, 97-103, 258, 263;
- Mãe, 97;
- Esposa, 97-98;
- em Belém, 99;
- em Nazaré, 100;
- no Cenáculo, 101;
- sacerdócio real, 102.

Maturidade – veja desenvolvimento humano

- caminho para a maturidade humana, 1, 3, 151, 160, 164, 208;
- integrar os sofrimentos, 40;
- limites e fragilidade, 117, 162;
- o objetivo principal da formação humana, 165;
- afetiva, 168-169, 213, 252, 293, 337;
- formação da vontade, 251;
- sexual, 267, 268;
- cristã, 268;
- crescimento no autoconhecimento, 292;
- perigo da auto-suficiência, 314, 350, 364.

Meia-idade

- etapa da formação permanente, 343-363;
- crise da meia-idade, 343-347;
- e purificação, 345;
- características positivas, 349;
- ponto alto da vida, 351;
- diretório, 358;
- encontros regulares, 359.

Ministério

- preparação para o ministério ordenado, 36-44, 211;
- espiritualidade do sacerdócio e da comunidade, 284.

Morte

- a vida no horizonte da morte, 351-352;
- como espera do Senhor, 367;
- termo e plenitude, 370-371;
- máxima conformação, 378.

Mundo

- olhar para o mundo para servi-lo, 110, 221;
- necessidades do mundo, 111;
- santificação do mundo, 111-112;
- atual cenário cultural, 158-161.

Nazaré

- pedagogia de Nazaré, 37;
- espaço de formação, 100, 215, 224;
- Maria em Nazaré, 100;
- modelo de vida comunitária, 259.

Noviciado – veja Período Introdutório

Obediência

- valor fundamental, 145;
- expressão da nossa doação a Deus, 181;
- e consagração, 189.

Oração

- exercícios espirituais, oração e silêncio, 50;
- e cooperação, 61;

- apostólica, 180, 187-188;
- consolação na oração, 202;
- oração pelas vocações, 209;
- meio para discernir a vocação, 215;
- para o crescimento da própria vocação, 215, 217-218;
- pessoal, 258;
- e apostolado, 296, 366, 376;
- e formação intelectual, 338;
- redescobrimto da oração, 339;
- na terceira idade, 364;
- suporte da oração, 174, 378.

Pallotti

- trinômio palotino, 17;
- modelo de formador, 18, 212;
- e a oração pelas vocações, 20, 209, 217;
- formador do clero, 55;
- confessor de todos, 56;
- acompanhante acompanhado, 57;
- instrumento da divina misericórdia, 62;
- psicólogo penetrante, 63;
- espiritualidade de Pallotti, 78-114;
- experiência mística, 79;
- matrimônio espiritual, 91, 98;
- projeto das Procuradorias, 112;
- concepção da pessoa, 122-140;
- desejo de transformação em Cristo, 135;
- “Retiros” da Pia Sociedade, 187;
- regras da “Congregação dos Padres e Irmãos Coadjuutores”, 188-189;
- e a verdadeira vocação, 204-207, 227;
- e os seus seguidores, 231.

Pastoral

- formação pastoral, 2, 44;

- experiências apostólicas, 17;
- servir o mundo como compromisso da UAC, 110-114;
- experiências pastorais durante o tempo dos estudos, 306-308;
- finalidade pastoral da formação, 307-308.

Pastoral vocacional

- segundo Pallotti, 20-24;
- como forma de acompanhamento, 207-208;
- e oração, 209;
- e experiência pessoal de Jesus, 210;
- pastoral vocacional com juventude e Pallotti, 212;
- pastoral da juventude e past. vocacional, 212, 223;
- colaboração na Igreja e na UAC, 216, 218, 227;
- métodos e meios, 218.

Pecado

- a realidade do pecado, 117, 120;
- “nada e pecado”, 128;
- consciência de pecado e desejo de perfeição, 130.

Pedagogia

- pedagogia de Nazaré, 37;
- pedagogia do equilíbrio, “nem demais e nem de menos”, 71, 73;
- palotina, 171;
- mudança nas estruturas pessoais, 174-175;
- acertada da formação, 233, 242;
- harmonia entre os diversos elementos da formação, 270-272, 277;
- aberta, inclusiva e universal, 281;

– da formação permanente, 321.

Perfeição

– Jesus modelo divino de perfeição, 5, 133;
– o homem reflexo da perfeição divina, 127;
– desejo de perfeição, 130;
– amor, lei fundamental da perfeição, 169.

Período Introdutório

– Formação, durante o P. I., segundo Pallotti, 30-35;
– meios para a formação no P.I., 41;
– preparação para o P.I., 219, 221, 228;
– compromisso da formação inicial, 229;
– desafios e objetivo, 230-231;
– indicações gerais, 233;
– admissão, 235;
– duração, 236;
– Ano Espiritual, 237-238;
– fase além do Ano Espiritual, 238;
– visão integral, 239;
– programa, 241, 250;
– diversidade dos candidatos, 242;
– local, 249.

Permanente, formação

– formação para o sempre mais, 36;
– segundo Pallotti, 45-54, 317;
– meios para a formação Permanente, 47;
– interdependência entre f. inicial e f.p., 232, 315, 323, 336;
– perigo de uma visão reducionista, 314;
– e a UAC, 316, 329;

– f. p. e animação vocacional, 316, 335;
– um modo teológico da vida consagrada, 317;
– fidelidade criativa, 318;
– segundo a LSAC, 319;
– projeto de f.p., 320, 342;
– objetivo primário, 320;
– pedagogia, 321;
– primeiros anos, 322-342;
– passagem da formação inicial à f. p., 324, 326;
– processo global de renovação, 325, 336, 338, 339;
– duração da primeira etapa, 327;
– níveis da f. p. 328;
– responsáveis pela f. p., 328-332;
– e a vida cotidiana, 328, 336;
– a nível geral, 329, 362;
– responsabilidade da
Província/Região, 330, 334, 362;
– a nível local, 331;
– direito e dever, 332
– responsabilidade pessoal, 332, 372;
– cursos diocesanos de f. p., 333;
– intercongregacional, 333;
– e início do apostolado, 334;
– os primeiros passos dos Irmãos, 335;
– dimensão humana, 337;
– dimensão intelectual, 338;
– dimensão espiritual, 339;
– ano litúrgico, como espaço da f. p., 339, 354;
– dimensão comunitária, 340, 353, 374;
– dimensão apostólica, 341, 357, 373;
– dimensão palotina, 342;
– e purificação, 345, 348, 352, 354.

Perseverança

- dom da perseverança, 72;
- e formação da consciência, 167;
- expressão da nossa doação a Deus, 181;
- Pallotti introduz a perseverança no ato da consagração, 189-190;
- e formação permanente, 250, 365;
- no dom de si, 323.

Pobreza

- valor fundamental, 145;
- expressão da nossa doação a Deus, 181;
- e consagração, 189.

Postulado

- segundo Pallotti, 25-29;
- tempo de preparação, 220-221;
- duração, 220;
- entrada, 221, 228;
- atividades do p., 226;
- idade dos candidatos, 228;
- admissão, 228.

Promessas

- três promessas específicas, 72, 190-193, 196;
- promessas e votos, 92, 188, 190;
- destinatário, 186;
- adesão a Cristo, 195.

Psicologia

- fatores psicossociais, 146-147;
- inconsciente, 147, 149, 169, 206, 219;
- problemas psicológicos, 166, 169;
- exame psicológico, 228;
- importância da psicologia na formação, 233;
- valor e limites da p., 292.

Rainha dos Apóstolos – veja Maria

***Ratio Institutionis* SAC**

- convite da *Vita Consecrata*, 6;
- tarefa do Secretariado para a Formação, 6;
- XVIII e XIX Assembléia Geral da SAC, 6-7, 9;
- e o Conselho Geral da SAC, 6, 13;
- perfil palotino, 7, 14;
- as duas partes, 10-11;
- para toda a SAC, 12;
- programas formativos das Províncias/Regiões, 12;
- garantia da unidade, 13.

Reitor

- Reitor local, 54, 209, 217, 331;
- Provincial, 214, 236-238, 243, 246, 330, 362;
- Geral, 236, 244, 329.

Relações interpessoais

- reciprocidade na comunidade, 76;
- chamado para a comunhão com os outros, 119, 216;
- necessidade de desenvolver as r.i., 253.

Responsabilidade

- moral e jurídica para com SAC, 186;
- de todos para a formação, 214, 223, 246, 287, 289;
- pela formação dos formadores, 223, 246, 287, 289;
- da pessoa chamada para a formação, 241, 282;
- do Diretor do Período Introdutório, 245;

- dos Superiores Maiores pela formação, 246, 330, 329, 362;
- pela segunda fase da formação, 287;
- da comunidade educativa, 288;
- do Reitor local, 331.

Sacerdócio – veja **Ministério ordenado**

Santidade

- santidade, sabedoria e saúde, 38
- imperfeições e santidade desejada, 59, 130;
- e Espírito Santo, 93;
- e apostolado, 93, 280, 296;
- chamado à santidade, 198;
- salvação e vocação, 208;
- maior santificação da alma, 212, 172, 187.

Sexualidade – veja também **Castidade, Celibato e Maturidade**

- desvios, 160;
- identidade sexual, 169;
- integrar a s. nas exigências da vocação, 252;
- equilíbrio sexual, 268.

Sinais dos tempos – veja também **Discernimento**

- ver e ler os sinais dos t., 111, 342;
- formação palotina em resposta aos s., 162.

Tercera idade

- desafios, 365, 369;
- objetivos da formação dos anciãos, 366;

- período de espera, 367, 370;
- palotino ancião como sujeito da formação, 371, 372;
- ancião na comunidade, 374, 376.

União do Apostolado Católico (UAC)

- princípio unificador, 7-8;
- Estatuto Geral, 8-9, 265, 312;
- visão originária, 8, 104;
- “clarim evangélico”, 68;
- espiritualidade da UAC, 104-109, 263-266;
- e Igreja, 105-106, 109;
- “Corpo auxiliar da Igreja”, 105;
- vocação do leigo na UAC, 207;
- experiência da UAC, 216, 218, 221, 227, 278, 291;
- formação para a UAC, 225, 227, 278, 308, 312;
- colaboração da UAC para a formação, 303;
- e formação permanente, 316, 325, 329, 331, 333, 340-341, 348, 362.

Unidade – veja também **Cooperação e comunhão**

- e Espírito Santo, 94;
- um só rebanho e um só pastor, 106;
- unidade apostólica, 108;
- UAC instrumento de u., 109.

Universalidade – veja também **Apostolado**

- apostolado universal, u. dos métodos, 70;
- pedagogia, 281.

Valores

- fundamentais e terminais, 145;
- enfraquecimento dos v. religiosos, 161;
- virtudes sociais, 253.

Vida espiritual

- conferências espirituais, 48;
- retiro espiritual, 50;
- ação da graça na v. e. , 200, 208, 211, 215, 222, 227;
- disciplina e v. e. ordinária, 208;
- meditação sobre a Palavra de Deus, 215, 258, 295;
- leitura espiritual, 215, 258;
- silêncio, 257, 296;
- Liturgia das Horas, 258;
- sacramento da reconciliação, 258;
- elementos essenciais, 294.

Vocação – veja também **pastoral vocacional**

- dom de Deus, 20, 209;
- empenho humano, 21;

- sinais da verdadeira vocação, 22, 202-203, 222, 228;
- ilusões e falsos sinais da vocação, 26;
- qualidade e não quantidade, 28;
- à comunhão com os outros, 119;
- à missão redentora, 139;
- cristã, 141-145, 184;
- chamado e resposta, 141-142, 198-201, 204, 207-208, 211-212, 222, 227;
- como chamado à liberdade, 143, 201;
- à vida consagrada, 177;
- apostólica, 185;
- à santidade, 198,
- sentido da vida humana, 199, 203, 213;
- sinais de uma vocação segundo Pallotti, 204-205;
- dificuldades nas pessoas chamadas, 213;
- meios e ambiente que fazem crescer a vocação, 215, 216, 219, 222;
- a morte, momento vocacional, 378.